

PRÁTICAS INSPIRADAS NO DUA

RELATOS DE EXPERIÊNCIAS
DE PROFESSORES
DA EDUCAÇÃO BÁSICA



Claudete da Silva Lima Martins
Cristiano Corrêa Ferreira
Organizadores



Universidade Federal do Pampa

PRÁTICAS INSPIRADAS NO DUA

**Relatos de experiências de professores
da Educação Básica**

PRÁTICAS INSPIRADAS NO DUA

**Relatos de experiências de professores
da Educação Básica**

CLAUDETE DA SILVA LIMA MARTINS
CRISTIANO CORRÊA FERREIRA

ORGANIZADORES

© Copyright by Universidade Federal do Pampa. Todos os direitos reservados.

LIVRO PRÁTICAS INSPIRADAS NO DUA

CRÉDITOS

Reitor da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA)

Roberlaine Ribeiro Jorge

Pró-Reitor de Extensão e Cultura

Paulo Rodinei Soares Lopes

Pró-Reitor Adjunto de Extensão e Cultura

Franck Maciel Peçanha

Coordenadora do Programa de Extensão Tertúlias Inclusivas do Pampa e do Curso de Extensão em Produção de Recursos Pedagógicos Acessíveis para estudantes com deficiência

Claudete da Silva Lima Martins

Professor Pesquisador e Gestor do Curso De Extensão

“Desenho Universal para Aprendizagem com foco no público da educação especial e na perspectiva inclusiva”

Cristiano Corrêa Ferreira

Professoras Formadoras

Laureane Marília de Lima Costa

Rosângela Kittel

Solange Cristina da Silva

Colaboradora e palestrante convidada

Simone De Mamann Ferreira

Equipe do Curso De Extensão “Desenho Universal Para Aprendizagem Com Foco No Público Da Educação Especial E Na Perspectiva Inclusiva”

Pesquisadoras

Jóse Storniolo Nunes Brasil

Cristiane Bueno da Rosa de Azambuja

Secretária

Jéssica Corrales da Silva Brandli

Designer Gráfico e Educacional

Augustho da Costa Soares

Editor de Vídeos para Acessibilidade

Marcelo Rodrigues Barboza Duarte

Revisora de Língua Portuguesa

Larissa do Prado Martins

Comunicadora Social

Simôni Costa Monteiro Gervasio

Tradutores e Intérpretes de Libras

Ringo Bez de Jesus

Alini Mariot

Audiodescritora

Giovana Brizolla Algarve Santos

Supervisor

Ricardo Costa Brião

Tutores/as

Adriana Martins da Silva

Débora Barros de Moraes

Dienuza da Silva Costa.

Ederson Rodrigues Ripardo

Emanuelle Aguiar de Araujo

Fernanda de Lima Pinheiro

Fernando Ramires de Carvalho

Francine Carvalho Madruga

Gabrielle Coggo

Iracema Barbosa Pinheiro

Lenice Rodrigues Antunes

Lília Jurema Monteiro Masson

Luciana Moraes Soares

Mariléia Corrêa Camargo Rocha

Mary Anny da Silva Machado Moraes

Michela Lemos Silveira

Mireille Mabel Machado Dworakowski

Roseli de Fátima da Silva Feitosa Galvão

Samara de Oliveira Pereira

Tais Granato Nogueira

Tamara Campos Vaz

Tatiana Ritta Bianchi

Tenely Cristina Froehlich

Thainá Pedroso Machado

Ticiane da Rosa Osório

Uilson Tuiuti de Vargas Gonçalves

Vinicius Freitas de Menezes

Yuri Freitas Mastroiano

Obra financiada pela Secretaria de Modalidades Especializadas de Educação (SEMESP-MEC)

Observação:

O conteúdo dos textos publicados neste livro é de inteira responsabilidade dos respectivos autores que os encaminharam para publicação.

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP) (CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO, SP, BRASIL)

Práticas inspiradas no DUA [livro eletrônico] :
relatos de experiências de professores da
educação básica / organização Claudete da Silva
Lima Martins , Cristiano Corrêa Ferreira. --
Bagé, RS : UNIPAMPA, 2024.
PDF

Vários autores.
Bibliografia.
ISBN 978-65-83164-01-8

1. Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA)
2. Educação inclusiva 3. Professores - Relatos
I. Martins, Claudete da Silva Lima. II. Ferreira,
Cristiano Corrêa.

24-215602

CDD-370.115

Índices para catálogo sistemático:

1. Educação inclusiva 370.115

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129



Universidade Federal do Pampa

SUMÁRIO

Prefácio	8
<i>Alini Mariot</i>	
DUA e BNCC: um olhar voltado à concepção de formação integral do aluno	14
<i>Jéssica Cenci Gasperin</i>	
O DUA na sala de recursos multifuncionais: uma ferramenta disparadora para a aquisição dos conhecimentos	23
<i>Letícia Gabriela da Silva Oliveira</i>	
Contribuições do Desenho Universal para Aprendizagem no ensino da matemática no Projeto de Apoio Pedagógico - PAP	28
<i>Valguenia Ferné de Souza Torres</i>	
Desenho universal para a aprendizagem nos contextos da educação básica e da universidade: relatos de experiência	36
<i>Paula Pereira Scherre / Giovana Bittencourt Falkenback Picolo Juvenice Fernandes Vieira Rocha</i>	
Ensino-aprendizagem com pessoas com deficiência visual através do desenho universal para a aprendizagem (DUA): algumas proposições	44
<i>Marcos Bittencourt Laporta / Inês Berlanda Seidler</i>	
Desenhando as práticas pedagógicas através do DUA	57
<i>Eliziane Limongi da Silva / Ivany Balena Roseni Martins Florisbal / Gabrielle Coggo</i>	
Como acontece o ensino da língua inglesa para estudantes imigrantes na Ebias?	62
<i>Stéfani Rafaela Pintos da Rocha / Bianca Prates Santana</i>	
Desenho universal para aprendizagem: um esperarçar inclusivo	71
<i>Leoncio Edgar Carvalho Madruga / Andrea Cardona Santa Helena Andreia Collin / Elisabeth Silveira da Silveira Elizene Alencastro Barbosa / Liliane Maier Moscope Valquiria Alves da Silva</i>	

Desenho universal para aprendizagem: um olhar aplicado à aprendizagem de matemática 78

Flávia Santos Rodrigues

Contribuições do desenho universal para aprendizagem na construção de práticas inclusivas 87

*Ana Maria de Moura Carvalho / Chris de Azevedo Ramil
Ires Milena Koster / Leonice Hahn Kuss
Rita de Cassia Brasil de Aquino*

Contextos de ressignificação educacional inclusiva: relatos e vivências da perspectiva do DUA 98

*Andrea da Silva Santos / Angela Terezinha Soares Teixeira
Luiza Cristina Campos / Maria Carolina Macedo Carvalho*

Relato a respeito do desenho universal da aprendizagem: planejando estratégias para uma educação inclusiva 106

*Claudia Escalante Medeiros / Rosilene Maria da Silva
Ticiane da Rosa Osório*

Uma experiência com o hiperfoco e o autismo na sala de aula 112

Elisângela Rodrigues Vargas / Viviane da Rocha Gomes Barreto

Os espaços temáticos potentes para as diferentes estilos de aprendizagens no maternal 119

*Cátia Cilene Saraiva Avero / Pâmela Oliveira de Castro
Patricia Medianeira Vieira Martins*

DUA e o uso de modelos tridimensionais em química 124

Fabio Luiz Paranhos Costa / Leidiane Borges de Andrade

Formação continuada e inclusão: contribuições do desenho universal da aprendizagem para a prática docente 129

*Gerusa Romana Leal da Silva / Edilania Reginaldo Alves
Eliane da Silva Moraes dos Santos / Ivanilza Maria do Nascimento
Fernanda de Lima Pinheiro / Samara de Oliveira Pereira*

Prática pedagógica com aluno TEA: possibilidades e desafios no cotidiano escolar 138

*Sirlei Batista Franco Carvalho / Lisandra Almeida da Silva
Lea Veras / Mônica Josiane Goulart Soares
Fernanda de Lima Pinheiro / Samara de Oliveira Pereira*

**O DUA e a construção de práticas pedagógicas
inclusivas: relatos e experiências** **146**

*Eliana Raquel de Oliveira Farias dos Santos
Greisilainy Santos Matos / Mireille Mabel Machado Dworakowski*

**Aproximações entre a educação inclusiva e o desenho universal
para a aprendizagem (DUA)** **151**

Diolinda Franciele Winterhalter / Emanuelle Aguiar de Araujo

**Cinema poético: amor ao próximo - na perspectiva do
desenho universal para a aprendizagem (D.U.A)** **162**

Júlio César Santana De Maria

A importância do DUA nas práticas pedagógicas **168**

*Roquelene Almeida de Jesus / Alcimara Matta de Souza
Edenilson Fernando Catarina / Elma Rejane Fontinelles da Silva
Taís Granato Nogueira*

**Como o desenho universal para a aprendizagem – DUA
transformou minha prática pedagógica:** **177**

Tarcila Berr Perez

DUA: Aproximando saberes e ampliando possibilidades **185**

*Mary Anny da Silva Machado Moraes
Janayne Tayane Pereira Darolt / Margareth Marquetti
Maria De Lourdes Ribeiro Soares Skeff*

**DUA: possibilidades de aprendizagens, tertulizando
sem fronteiras** **192**

*Mary Anny da Silva Machado Moraes
Carmelinda Message Brandalise / Fabiani Ortiz Portella
Roberta Früh Vieira / Rosângela Nunes Fagundes Fioravanti Carpes*

Prefácio

Alini Mariot

O mundo gira e, nestas voltas, vai mudando, e nestas mutações, ora extraordinários, ora nem tanto assim, vamos aprendendo, vivenciando o novo, construindo conhecimentos que nos possibilita enxergar além, aprender com o diferente e expandir a diferença.

Nessa expansão há, contudo, os mais visionários, os que estão de prontidão, para sonhar, inovar e dar os primeiros passos. Esses e essas sentinelas do mundo, sonhadores e sonhadoras com a inclusão de fato, são pioneiros do saber inclusivo. São sentinelas do Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA), onde através desta escrita, entrelaçaram um conjunto de princípios, estratégias e ações que visam tornar o ensino acessível e funcional, um ensino que considera as individualidades de todos/todas e potencializa as possibilidades.

Este livro de trata de PRÁTICAS INSPIRADAS NO DUA: RELATOS DE EXPERIÊNCIAS DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA, são escritos de carinho, de motivação de amor pelo saber que se entrelaçaram e construíram este livro, que traz uma leitura fluida e necessária.

Se toma posse do tema a partir das individualidades, somos todas/todas diversos, e percebe-se que esta individualidade por vezes foi negada advinda de um ideal tecnicista, onde uma visão homogênea permanece, como forma muitas vezes de padronizar estudantes, estes que possuem suas diferenças e diferentes contextos cotidianos. Esta diversidade dos estudantes em sua essência está relacionada ao respeito à individualidade, respeito à forma que estes indivíduos se reconhecem. Todo(a) docente de certo modo tem responsabilidade de liderar este processo de uma educação mais diversa para incluir de fato. Cabendo entender a inclusão desta diversidade como princípio importante para a obtenção de sucesso, dos seus estudantes e desta forma criando ambientes mais empáticos que irão refletir em seu meio social com mais responsabilidade.

A escola que traz fortemente a empatia, conceito trabalhado fortemente no DUA, que se trata de uma palavra tão interessante e ao mesmo tempo tão complexa que hoje ainda causa determinados questionamentos, pelo grande uso que a mesma vem tendo. Ela se trata de um substantivo feminino que de acordo com o Dicionário Aurélio, empatia significa "A capacidade psicológica

para se identificar com o eu do outro, conseguindo sentir o mesmo que este nas situações e circunstâncias por esse outro vivenciadas. Ato de se colocar no lugar do outro”. Mas o DUA vai muito além de se colocar no lugar do outro, ele vai ao encontro das necessidades do outro, dos anseios, respeitando suas escolhas e sem julgamento das suas necessidades, pois aprender significa explorar as mais diversas formas, seja elas emocionais, psiquiátricas e até mesmo espaços. Uma questão empática foram os encontros síncronos ah os encontros, eles eram de pura empatia de uma energia inclusiva, onde todos e todas aguardavam ansiosamente sua vez para relatar suas aulas, seus métodos e suas formas de incluir seus estudantes.

Mas claro, socializar as emoções é de extrema importância, pois a partir das experiências afetivas aprende-se a lidar com os sentimentos e também expressá-los (EISENBERG et al., 1991). Garner, Jones e Miner (1994) referem que o apoio dos pais diante das emoções negativas dos filhos facilita a regulação da emoção e o reconhecimento das emoções de outros em diferentes contextos, ou seja, acaba sendo de extrema importância o auxílio dos pais nesta caminhada inicial das crianças para se tornar um adulto mais empático. As crianças tendem a se comportar de uma maneira construtiva e demonstrar competência social quando elas aprendem a regular suas emoções e assim facilitando até a construção de vínculos e amizades. (EISENBERG; FABES; MURPHY, 1996).

A empatia tem um grande poder de revolução, não uma mera revolução de leis, de políticas públicas ou de formas de governanças, mas sim de uma revolução nas relações humanas, sabe aquela famosa frase? “Faça para os outros o que gostaria que fizessem para você”. Isso não é empatia, isso são desejos seus que você supõe que coincidem com o desejo do próximo e pessoas tem gostos diferentes, tem formas de relações diferentes e empatia é saber valorizar estas diferenças. Empatia é enxergar o próximo com as lentes dele, com as formas dele, caso contrário pode se misturar com sentimentos de piedade e até mesmo egoísmo. Sentimentos estes que o DUA mostrou que não incluiu, pois uma escola de fato empática e que tem como base o DUA, acaba sendo uma construção com inúmeras mãos que possuem responsabilidade social.

Uma escola que possui empatia e responsabilidade social, acaba que por ser considerada uma escola de todos/todas e para todos/todas. E será que as escolas são de fatos inclusivas? Esta foi uma das grandes reflexões no curso.

A Política Nacional de Educação, na Perspectiva da Educação Inclusiva (2010), veio justamente trazer sua contribuição no sentido de democratizar mais ainda a escola que se diz de todos e para todos, mas que ainda segrega e exclui. No âmbito da inclusão, o que se percebe é a necessidade de sair

do segregacionismo e efetivar, de alguma forma, a inclusão dos alunos na rede regular de ensino, oportunizando a interação e integração educacional, emocional, cognitiva e física. As escolas oportunizam o acesso, mas esquecem que a inclusão, para ser realizada, precisa da participação e da permanência desses alunos. Sendo assim, a inclusão demanda políticas efetivas, a reestruturação da organização do ensino e da cultura das instituições, a reformulação dos currículos dos cursos de formação docente, o que corrobora Oliveira (2006), quando afirma que:

além da garantia do acesso escolar a todos os alunos, é primordial que os sistemas de ensino sejam reformulados com vistas a ampliar a qualificação do processo pedagógico, apontando a formação docente como fundamental nesse processo de qualificação do ensino e a implementação efetiva da educação inclusiva. (p.55).

Um aspecto não menos importante é de discutir e se entender porque esta inclusão precisa ser realizada pela escola e na escola. Para se entender esta função é fundamental que se entenda que a função desta escola é de formar cidadãos que tenham liberdade e competência para proceder as escolhas que vão determinar o funcionamento da sociedade e, em segundo lugar, a própria escola precisa criar condições para que seja indivíduos que possam ter autonomia econômica, política e social. O primeiro aspecto está relacionado como a "cidadania" e o segundo está relacionado com a "autonomia".

A escola, quando consegue cumprir este seu duplo papel, cria condições para o afrontamento do "bem comum" (cidadania). Dito isto, pode-se considera a escola, junto com a família, funcionaria como porta de entrada do sujeito na sociedade. A escola é e funciona como uma oportunidade de socialização de forma adequada e suficiente a sua cidadania e a sua autonomia. Para isto, a escola precisa ser pensada como escola inclusiva, onde a antiga norma seja substituída pela nova norma de aprender a conviver com o diferente, explorando suas potencialidades e características, em outras palavras a escola necessita de metodologias que vão ao encontro de todas/todos, que consigam ir além dos velhos padrões estabelecidos. E os capítulos deste livro encantador, ressaltam os novos padrões que devem ser compartilhados e estabelecidos, não se tem uma receita pronta, mas o ingrediente principal é a vontade de incluir, de dar autonomia.

A escola inclusiva, proporciona um ambiente melhor não só para os estudantes considerados deficientes, mas sim para todos/todas, pois é com os diferentes e com o convívio com os diferentes que se consegue os maiores saltos de qualidade social.

Uma vez incluídos no ambiente escolar, os indivíduos passam a interagir com elementos fundamentais, que é a inclusão social plena. O processo de

incluir, este pode ser considerado como o processo sequencial, em que a escola funciona como a grande trampolim para que todos/todas deficientes ou não, consigam se incluir na sociedade de forma plena. Esta forma plena é: Cidadania e Autonomia. Percebe-se aqui que a escola possui um papel de extrema importância assim como seus agentes educadores.

Um dos grandes obstáculos ainda da escola ser inclusiva é o fantasma do preconceito, que existente pela falta de conhecimento sobre determinados temas. Este fantasma não necessariamente acaba sendo um obstáculo, mas sim um ponto chave para refletir sobre determinados conceitos que englobam a inclusão. No momento que se transita pelo conceito de inclusão, automaticamente se discorre sobre integração, são conceitos que se divergem quando se fala na inclusão eficaz de indivíduos com necessidade específicas. Integração seria o momento em que um indivíduo com alguma deficiência precisa se adaptar ao meio que está tentando se inserir e no momento que este meio já é modificado para todos/todas sem a necessidade de adaptação é quando de fato este ambiente é inclusivo, por exemplo uma escola que já é inclusiva se modifica para que todos/todas aprendam juntos. O processo de integração por meados traduz-se de forma parcial, pois na maioria das vezes os espaços fazem atuações segmentadas de forma a ir adaptando a colocação do sujeito naquele espaço que alcance os objetivos da normalização. (MANTOAN, 2003, p. 114).

Integrar muitas vezes vai depender da própria capacidade do sujeito, se tratando de uma alternativa em que tudo se mantém, nada se questiona do esquema em vigor. (Mantoan, 2004, p. 1). Quando se pensa em inclusão se parte do princípio que seja algo para todos/todas, onde todos tenham o alcance de seus objetivos com inúmeras possibilidades que se encaixem perante suas necessidades específicas, inclusão se encontra com o princípio de equidade, tudo muda, todos mudam, de forma a crescer juntos, quando o ambiente é múltiplo e rico em diversidade, todos acabam desenvolvendo suas potencialidades.

Voltando ao termo preconceito, conforme a pesquisa de Crochík (2004) o preconceito não tem relação direta e imediata com a pessoa que sofre o preconceito, mas sim, com os sentimentos que se manifestam com quem não consegue segurar seu ódio, dirigindo-se para grupos sociais que o mesmo considera inferior, de forma preconceituosa, muitas vezes até com indiferença sendo que a indiferença muitas vezes é responsável por determinados processos inclusivos não acontecerem, ou seja me preocupo até onde minhas necessidades irão, girando em torno do egoísmo próprio e formando destas forma inúmeras barreiras. Segundo Mariot (2022):

O preconceito é contrário à inclusão, em um meio social contraditório, pode ocasionar muitas vezes o preconceito quando se discorre sobre inclusão e dependendo da forma que se faz a inclusão pode se levar ao preconceito, pela falta de informação e pela forma que a conscientização desta inclusão é feita.

Cabe uma pequena reflexão que se convive diariamente nas mídias sociais a seguinte concepção 'seja você mesmo' é repetida incessantemente. Mas se só somos por meio dos outros, das construções sociais isso não significa negar quem se é? talvez isso gere um não reconhecimento de sentidos e da própria identidade na qual se deseja assumir. O indivíduo que ainda tentar nutrir esperanças neste meio social, acaba que por trair os princípios de uma sociedade que explora, neste sentido a inclusão, deve continuar a ser defendida, acaba encontrando seus limites. Todos estão a margem de algum espaço que não são incluídos, mas cabe salientar se esta sociedade é de todos/todas, se há reconhecimento nela, ou se apenas existe a tentativa espelhamento de imagens, a tentativa de se encontrar. Entretanto vivemos nesta dúvida, estabelecer a experiência por negar a certeza do preconceito.

Desta forma, as escritas destes alunos e alunas despontam os diferentes âmbitos das atividades humanas e que começam a transgredir, alcançando novas formas de incluir, novas possibilidades de se viver em espaços com menos preconceito, com mais empatia social, pois se faz necessário a organização de cenários educacionais novos, livres de padrões antigos, aulas com novos costumes, são formas de estar sempre agindo, pensando, propondo, refazendo, aprimorando, retificando, excluindo o velho jeito de educar e ampliando o certo e a palavra mais elencadas por este sentinelas do DUA ressignificar.

Toda mudança de pensamento é chamada de revolução, este livro nos ressalta a importância de revolucionar de ser revolucionário. De se abrir para o novo, suscitar pela mudança que é bastante difícil, pois é necessário se pensar junto e refletir junto.

Um trabalho que se originou no curso de extensão com foco no DUA da Universidade Federal do Pampa (Unipampa), sendo o mesmo um ponto chave para mudanças sociais e gerados de práticas educativas inclusivas, pois como refletido em inúmeras práticas, falar de DUA é falar de engajamento, envolvimento é proporcionar modos múltiplos de ação e expressão, é conhecer melhor os modos de como se aprende, é perceber a necessidade de diversificar a forma de ensinar. Se trata de ESPERANÇAR uma educação mais inclusiva.

Ser interprete deste curso e ter a honrar de escrever este prefácio é representar inúmeras mãos que se fazem presente nesta ressignificação do incluir.

Referências

BRASIL, Presidência da República. **Decreto 5.626/05 – Língua Brasileira de Sinais - LIBRA**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em: 20 jun. 2015.

BRASIL, Presidência da República. **Lei Federal 10.436 de 24 de abril de 2002 – Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/L10436.htm. Acesso em: 20 jun. 2015.

BRASIL, Presidência da República. **Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica**. Brasília: MEC/SEESP, 2001. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/diretrizes.pdf>. Acesso em: 20 set. 2015.

CROCHÍK, J. L. Atitudes a respeito da educação inclusiva. **Movimento**. Niterói: , v.1, p.19 – 38, 2003.

CROCHÍK, J.L. Preconceito e formação. In: **Valores, Preconceito e Práticas Educativas**. 1 ed. São Paulo: Editora Casa do Psicólogo, 2005, v.1, p. 17-4 ISBN 978-85-240-4074- 0.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário da língua portuguesa**. 1995.

EISENBERG, N.; FABES, R. A.; GUTHRIE, I. K.; MURPHY, B. C.; MASZK, P.; HOLMGREN, R.; SUH, K. The relations of regulation and emotionality to problem behavior in elementary school children. **Development and Psychopathology**, 8, 141–162, 1996.

MANTOAN, Maria Tereza E. **Ser ou estar: eis a questão**. Explicando o déficit intelectual. Rio de Janeiro, WVA, 1997.

Mariot, Alini. **Guia de terminologias sobre os principais temas de políticas afirmativas para entender o preconceito e combater o mesmo**. Editora Vecchio, 2022.

DUA e BNCC: um olhar voltado à concepção de formação integral do aluno

Jéssica Cenci Gasperin¹

Introdução

De acordo com os criadores Meyer, Rose & Gordon (2014), o Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA) pode ser definido como um conjunto de princípios, estratégias e ações que visam tornar o ensino acessível e funcional a todas as pessoas, considerando suas individualidades e possibilidades.

Em relação à inclusão, na perspectiva do DUA, o mesmo surge como uma alternativa aos modelos que pensam a inclusão a partir do diagnóstico da deficiência, rompendo com a ideia de um planejamento para a turma e outro para o estudante com deficiência. O DUA amplia o entendimento para os processos pelos quais os estudantes acessam o conhecimento, não somente vislumbrando recursos que eliminem barreiras, mas pensando e projetando cursos e currículos adequados, e, dessa maneira, não cabe falar de adaptação curricular (BOCK et al., 2018).

¹ Professora de atendimento Educacional Especializado; Prefeitura de Veranópolis/RS.

Tendo como parâmetro a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), sabe-se que ela tem como objetivo orientar a formulação dos currículos dos sistemas e das redes escolares do país, assegurando a qualidade da educação, ao mesmo tempo em que contempla a equidade de ensino, sendo este um documento normativo (BRASIL, 2018).

Nesse sentido, o questionamento que surge e é a base dessa pesquisa é o seguinte: De que forma o DUA e a BNCC podem se relacionar? Assim, este trabalho tem como objetivo realizar uma reflexão acerca do texto da BNCC e do DUA, de modo a compreender como ambos se interseccionam. Mais do que isso, pretende apontar similaridades e/ou diferenças presentes em seus princípios e competências gerais. Além disso, tal pesquisa baseia-se em estudo documental e bibliográfico, de modo tornar possível a análise de ambos os textos, e, assim, observar divergências ou proximidades entre os mesmos.

Cabe destacar que este trabalho foi desenvolvido a partir do conhecimento apresentado no curso de extensão com foco no DUA da Universidade Federal do Pampa (Unipampa), sendo o mesmo de grande valia para a formação continuada, e aliada a práticas educativas inclusivas.

Procedimentos Metodológicos

A pesquisa de caráter qualitativa terá como metodologia a revisão bibliográfica e documental, tomando por base a BNCC e os autores que discorreram sobre o DUA, de modo a apresentar seus princípios e em paralelo, observar pontos em comum ou em contraste, analisando, dessa maneira, como ambos podem se interrelacionar.

Sobre a pesquisa bibliográfica, a mesma busca o levantamento e análise crítica dos documentos publicados sobre o tema a ser pesquisado com intuito de atualizar, desenvolver o conhecimento e contribuir com a realização da pesquisa. A base da pesquisa bibliográfica são os livros, teses, artigos e outros documentos publicados que contribuem na investigação do problema proposto na pesquisa (BOCCATO, 2006).

Para Oliveira (2007), a pesquisa documental é muito próxima da pesquisa bibliográfica. O elemento diferenciador está na natureza das fontes: a pesquisa bibliográfica remete para as contribuições de diferentes autores sobre o tema, atentando para as fontes secundárias, enquanto a pesquisa documental recorre a materiais das fontes primárias, o documento em si.

Desse modo, após leitura do documento citado e das fontes bibliográficas, será feita a análise de trechos e citações pertinentes, de modo a comparar, confirmar ou rejeitar as hipóteses de semelhança ou divergências entre os textos, ou seja, se há ou não relação entre os princípios do DUA e da formulação da BNCC, atendendo assim, a questão norteadora deste estudo. Portanto, serão analisados os materiais e, a partir dos mesmos serão realizadas inferências, comparando seu conteúdo com a finalidade de uma interpretação lógica e objetiva.

Resultados e Discussão

Bncc E Os Princípios Do DUA

Após período de desenvolvimento, foi finalizada em 2018 a nova Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que postula em sua proposta o ideal de formação integral do educando, considerando as dimensões física, cultural, social, intelectual e emocional. De acordo com a mesma:

Para além da garantia de acesso e permanência na escola, é necessário que sistemas, redes e escolas garantam um patamar comum de aprendizagens a todos os estudantes, tarefa para a qual a BNCC é instrumento fundamental. Ao longo da Educação Básica, as aprendizagens essenciais definidas na BNCC devem concorrer para assegurar aos estudantes o desenvolvimento de dez competências gerais, que consubstanciam, no âmbito pedagógico, os direitos de aprendizagem e desenvolvimento. (...) A BNCC reconhece que a “educação deve afirmar valores e estimular ações que contribuam para a transformação da sociedade, tornando-a mais humana, socialmente justa e, também, voltada para a preservação da natureza (BRASIL, 2018, p. 10).

Assim, ao trazer em seu texto a ideia de “patamar comum de aprendizagem ao estudante”, o texto da BNCC traz à tona um dos princípios defendidos pelo DUA, do currículo comum, que atende a todos os alunos, independentemente de condições individuais.

O DUA considera a variabilidade/diversidade dos estudantes ao sugerir flexibilidade de objetivos, métodos, materiais e avaliações, permitindo aos educadores satisfazer carências diversas. O currículo que se cria seguindo a referência do DUA é planejado desde o princípio para atender às necessidades de todos os alunos, fazendo com que mudanças posteriores, assim como o esforço e o tempo vinculados a elas, sejam dispensáveis. A referência do DUA estimula a criação de propostas flexíveis desde o início, apresentando opções personalizáveis que permitem a todos os estudantes progredir a partir de onde eles estão, e não de onde nós imaginamos que estejam. As opções para atingi-los são variadas e suficientemente fortes para proporcionar uma educação efetiva para todos os estudantes (SEBASTIÁN-HEREDERO, 2020, p. 3).

Nesse sentido, o principal trabalho a ser desenvolvido deve ser um planejamento que atenda aos seus princípios. Retornando a BNCC, quando a norma traz o conceito de formação integral do aluno, esclarecendo e referindo, em sua introdução:

A BNCC afirma, de maneira explícita, o seu compromisso com a educação integral. Reconhece, assim, que a Educação Básica deve visar à formação e ao desenvolvimento humano global, o que implica compreender a complexidade e a não linearidade desse desenvolvimento, rompendo com visões reducionistas que privilegiam ou a dimensão intelectual (cognitiva) ou a dimensão afetiva. Significa, ainda, assumir uma visão plural, singular e integral da criança, do adolescente, do jovem e do adulto – considerando-os como sujeitos de aprendizagem – e promover uma educação voltada ao seu acolhimento, reconhecimento e desenvolvimento pleno, nas suas singularidades e diversidades. Além disso, a escola, como espaço de aprendizagem e de democracia inclusiva, deve se fortalecer na prática coercitiva de não discriminação, não preconceito e respeito às diferenças e diversidades (BRASIL, 2018, p.14).

O DUA, por sua vez, assume como princípios norteadores: possibilitar múltiplas formas de apresentação do conteúdo, de ação e expressão pelo aluno e proporcionar vários modos de aprendizagem e desenvolvimento organizados pelo professor, promovendo a participação, interesse e engajamento na realização das atividades pedagógicas (CAST, 2011).

Mais do que isso, pretende engajar o aluno em sua aprendizagem, de modo que possa refletir e agir no mundo que o rodeia. Tais princípios do DUA são traduzidos em objetivos na consecução do planejamento docente para o processo de ensino e aprendizagem: proporcionar opções para a percepção, para o uso da linguagem, expressões matemáticas e símbolos, compreensão, atividade física, expressão e comunicação, funções executivas, além de propiciar o incentivo ao interesse, oferecer suporte ao esforço e a persistência e fornecer opções para a autorregulação (CAST, 2011).

Do mesmo modo, a BNCC propõe:

Propõe a superação da fragmentação radicalmente disciplinar do conhecimento, o estímulo à sua aplicação na vida real, a importância do contexto para dar sentido ao que se aprende e o protagonismo do estudante em sua aprendizagem e na construção de seu projeto de vida.” (BRASIL, 2018, p. 15).

De modo a comparar de modo mais apurado a BNCC e o DUA, a seguir serão explicados os três princípios que o DUA se fundamenta, bem como analisados pontos de semelhanças e diferenças entre os dois textos a partir de seus princípios.

Princípio I: Proporcionar Modos Múltiplos de Apresentação

Também chamado de princípio do engajamento, busca estratégias de como envolver os alunos, motivá-los e mantê-los interessados. Essa área afetiva é estimulada de maneira diferente em cada pessoa, uma vez que aquilo que engaja um aluno pode desmotivar o outro. Podem-se realizar atividades inesperadas, como também se orienta a variar o nível de estimulação sensorial, como na utilização de imagens, vídeos ou músicas sobre um mesmo assunto (CAST, 2018).

Sobre este conceito, podemos relacionar as competências gerais de número 4 da BNCC, que referem a importância de:

Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.” (BRASIL, 2018, p. 9).

Pode-se perceber que a competência quatro está relacionada ao primeiro conceito do DUA, já que o mesmo assegura que “deve-se procurar estímulos que mantenham os alunos cientes do que estão fazendo o tempo todo e levando-os a perceber a relevância do que fazem, estimulando a capacidade de autorregulação e autodeterminação.” (CAST, 2018).

Além disso, ao tratar de currículo, ainda na introdução da BNCC, a norma cita a importância das escolas de ações que visam “conceber e pôr em prática situações e procedimentos para motivar e engajar os alunos nas aprendizagens” (BRASIL, 2018, p. 17). Embora não discorra com mais propriedade sobre “o que” ou “de que forma”, pode-se considerar este um ponto em comum com o DUA.

Proporcionar Modos Múltiplos de Ação e Expressão

No princípio da representação busca-se reunir fatos e apresentar conteúdos de diferentes maneiras, estimulando múltiplos sentidos e as redes de reconhecimento. Ele parte do pressuposto que cada pessoa tem facilidade para receber e compreender as informações com estímulos diferentes. Ainda, deve-se possibilitar que o aluno saiba utilizar o conhecimento a seu favor, inclusive em outras situações (CAST, 2018).

Em se tratando das redes de reconhecimento, pode-se relacionar, por exemplo, aos aspectos da competência geral de número 2 da BNCC, que referem:

Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas (BRASIL, 2018, p. 9).

Ou seja, por meio de diferentes estratégias e exploração de múltiplos sentidos os alunos são levados a estabelecerem ligações entre conceitos que já conhecem e vivenciam com outros que ainda não conhecem, usando-se de informações variadas proporcionando o desenvolvimento de diferentes habilidades. Nesse sentido, em se tratando de currículo, a BNCC ainda cita a importância das ações descritas que apresentam:

- contextualizar os conteúdos dos componentes curriculares, identificando estratégias para apresentá-los, representá-los, exemplificá-los, conectá-los e torná-los significativos, com base na realidade do lugar e do tempo nos quais as aprendizagens estão situadas;
- decidir sobre formas de organização interdisciplinar dos componentes curriculares e fortalecer a competência pedagógica das equipes escolares para adotar estratégias mais dinâmicas, interativas e colaborativas em relação à gestão do ensino e da aprendizagem;
- selecionar e aplicar metodologias e estratégias didático-pedagógicas diversificadas, recorrendo a ritmos diferenciados e a conteúdos complementares, se necessário, para trabalhar com as necessidades de diferentes grupos de alunos, suas famílias e cultura de origem, suas comunidades, seus grupos de socialização etc. (BRASIL, 2018. p.16-17).

Desse modo, em relação ao texto acima, diferentemente da BNCC, o DUA considera as diversidades dentro do mesmo ambiente ou grupo, não apenas em relação aos aspectos relacionados às características individuais de grupos especificamente, como culturas ou em comunidades específicos, pois considera que mesmo dentro desse grupo ou comunidade cada pessoa tem suas singularidades, necessidades e potencialidades que devem ser consideradas.

Proporcionar Modos Múltiplos de Implicação, Engajamento e Envolvimento

Neste terceiro princípio, da ação e expressão, o aluno se encarrega do planejamento e execução de tarefas. Esse princípio parte do pressuposto de que os alunos se diferenciam na maneira de expressar o que sabem, assim, o professor deve ofertar materiais dos quais todos possam interagir e manusear, fornecer opções para funções executivas, orientar o estabelecimento de metas, apoiar o planejamento e o desenvolvimento de estratégias e facilitar o gerenciamento de informações (CAST, 2018).

Nesse sentido, muitas podem ser as relações estabelecidas desse princípio em relação a BNCC, porém, podemos destacar dentre as competências gerais da Educação Básica, as seguintes habilidades:

Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva (BNCC, 2018, p. 9).

Desse modo, pode-se perceber que a BNCC reforça a utilização de práticas digitais ligadas à informação e comunicação de formas variadas, promovendo, assim, o acesso e a produção de conhecimento mediante múltiplas perspectivas, trazendo ao aluno a possibilidade de promover sua aprendizagem, com autonomia e desenvolvendo seu protagonismo.

Ainda, de acordo com este princípio do DUA, as emoções e a afetividade são elementos cruciais para a aprendizagem de cada indivíduo. Existe uma diversidade de fontes que influenciam na hora de explicar a variabilidade individual afetiva e de envolvimento, como os fatores neurológicos e os culturais, os interesses pessoais, a subjetividade e os conhecimentos prévios, junto com outra gama de fatores presentes. Assim, não há um único meio que seja ideal para todos os alunos em todos os contextos. Dessa forma, é importante proporcionar modos múltiplos de implicação e envolvimento. (SEBASTIÁN-HEREDERO, 2020).

Nesse sentido, sabemos que alguns estudantes precisam, por exemplo, de constantes novidades para que se interessem e se envolvam significativamente nas aulas, enquanto outros preferem atividades mais rotineiras. Alguns se envolvem melhor em trabalhos em equipe enquanto outros trabalham melhor sozinhos. Nesse sentido, se faz importante o aluno conhecer-se e também compreender e respeitar as individualidades e diferenças dos demais, de modo a promover um ambiente acolhedor da diversidade (SEBASTIÁN-HEREDERO, 2020).

Assim, podemos considerar, também, as competências 8 e 9 da BNCC, respectivamente, que se relacionam estritamente com o DUA, em relação ao autoconhecimento e habilidades socioemocionais. São elas:

Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza (BNCC, 2018, p.10).

Considerações Finais

Por meio do trabalho em questão foi possível fazer um comparativo entre o DUA e a BNCC, considerando seus princípios e competências gerais, principalmente, ressaltando similaridades e divergências entre ambos. Pode-se considerar que ambas partilham dos preceitos de valorização e respeito das diferenças, que pressupõe reconhecer que as necessidades dos estudantes são diferentes e devem ser consideradas. Ponderar a utilização do DUA é atender a eliminação de possíveis dificuldades e barreiras que impeçam que os estudantes alcancem a aprendizagem e seu pleno desenvolvimento.

Cabe destacar, no entanto, que por ser um documento normativo para o país, a base traz um texto denso, considerando as especificidades de cada etapa da Educação básica, e, nesse sentido, há muito para ser analisado. Baseando-se apenas na introdução do documento, pode-se ter uma ideia mais genérica dos seus objetivos, construção, estrutura e histórico.

Assim, sugerem-se para os próximos estudos, adentrar nas especificidades de cada etapa, bem como orientações referentes às áreas de conhecimento e estrutura curricular, de modo a aprofundar a análise e fazer um paralelo com os princípios do DUA, considerando as especificidades e pormenores da BNCC. Além disso, em um estudo mais detalhado pode-se focar nas diretrizes do DUA, considerando outros aspectos, de modo a contemplá-lo de modo mais abrangente.

Referências

- BOCCATO, V. R. C. Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação. **Rev. Odontol.** Univ. Cidade São Paulo, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 265-274, 2006. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/1896>. Acesso em: 01 de nov. 2022.
- BOCK, Geisa Letícia Kempfer; GESSER, Marivete; NUERNBERG, Adriano Henrique. Desenho Universal para a Aprendizagem: a produção científica no período de 2011 a 2016. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Bauru, v. 24, n. 1, p. 143-160, mar. 2018. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-65382018000100143&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 08 nov. 2022.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 5 nov. 2022. 22 CAST. Design for Learning guidelines: desenho universal para a aprendizagem. 2018. Disponível em: <http://udlguidelines.cast.org>. Acesso em: 7 nov. 2022.

OLIVEIRA, Maria Marly. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis, Vozes, 2007.

ROSE, David; MEYER, Anne; GORDON, David. **Universal design for learning**: Theory and practice, Wakefield MA: CAST, 2014.

SEBASTIÁN-HEREDERO, Eladio. Diretrizes para o Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA). **Revista Brasileira de Educação Especial**, Bauru, v. 26, n. 4, p. 733-768, out.-dez., 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbee/a/F5g6rWB3wTZwyBN-4LpLgv5C/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 8 nov.2022.

O DUA na Sala de Recursos Multifuncionais

Uma Ferramenta Disparadora Para A Aquisição Dos Conhecimentos

Letícia Gabriela da Silva Oliveira²

*Se uma criança não aprende do jeito que ensinamos,
temos que ensiná-la do jeito que ela aprenda.*

Ignacio Estrada

Introdução

A partir dos anos 90, os preceitos acerca da de inclusão e educação inclusiva tiveram notoriedade nos contextos escolares, graças às convenções, declarações e movimentos significativos com a finalidade de trazer uma proposta equalizadora aos ambientes de aprendizagem. Isso fez com que emergisse o acesso e asseguramento de todos os sujeitos no tocante às contingências educativas, de acordo com as individualidades (NUNES; MADUREIRA, 2015). A exemplo disso, cita-se a Declaração de Salamanca (1994) - na qual elege a escola como palco de educação e escolarização, independentemente de suas singularidades, sejam elas físicas, intelectuais, sociais, emocionais, dentre outros. Logo, conforme explica Nunes e Madureira (2015), as diferenças existentes não devem sofrer pejorativização, e sim ter cunho referencial, já que são determinantes para a organização da escola, o que envolve a parte gestora e pedagógica. O que é primordial são performances centradas nos discentes.

² Pós-graduanda em Neurociências Aplicadas à Aprendizagem, UFRJ; Professora, Prefeitura Municipal de Barra do Piraí; Barra do Piraí, Rio de Janeiro. Turma 11: Responsabilidade - Tutora: Débora Barros de Moraes.

Nesse sentido, o Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA) converge com as exposições, além de ser uma excelente preconização relacionada à inclusão. Originalmente criado para proporcionar uma arquitetura atingível a todos, acabou se expandindo para o âmbito educacional visando utilizar e aplicar uma gama de ferramentas - cada uma para determinada necessidade - aos educandos. Tais aportes, então, seriam capazes de tornar o ensino funcional e acessível (NELSON, 2014; OLIVEIRA *et al.*, 2019).

De forma concisa, o DUA está alicerçado no fornecimento de múltiplos meios de engajamento, representação e ação/expressão. Assim, pode-se dizer que o conceito é um eixo transversal de um planejamento escolar (MEYER *et al.*, 2014).

Diante da concisa teoria apresentada, torna-se explícito que o aprofundamento acerca do Desenho Universal para a Aprendizagem trouxe benefícios para minha prática pedagógica, porquanto permite um olhar mais apurado às realidades e necessidades, sem, em momento algum, querer se esquivar de traçar estratégias de ensino diferentes correspondentes a cada aluno.

Apesar do trabalho na Sala de Recursos Multifuncionais ser, em suma, centralizado, a “imersão” no DUA possibilitou um olhar ainda mais apurado, além da possibilidade de compartilhar as resoluções com os pares, a fim de que as usem e repliquem-nas.

À medida que as aulas foram ocorrendo, foi possível aplicar, de certa forma, o aprendizado e assim valorizar, considerar, cada vez mais, o potencial e a forma que cada indivíduo expressa para aprender.

Portanto, objetivou-se analisar na prática como funciona a atuação do DUA no dia a dia escolar e quais sensações ele é capaz de provocar e resultar, de fato.

Procedimentos Metodológicos

Os procedimentos utilizados foram práticas diversas, aproximando-se das mais dinâmicas possíveis, a fim de envolver o educando no processo, a saber: brincadeiras rítmicas, performances gerais de movimentos, jogos cognitivos, materiais on-line (pesquisa sobre temas de interesse, jogos, vídeos), histórias, dentre outros.

O local onde as práticas foram realizadas se situa em uma espécie de varanda (coberta), que funciona a Sala de Recursos Multifuncionais em uma área rural de um distrito de Barra do Piraí, interior do Rio de Janeiro (a sede da escola está em obras).

O método utilizado foi, em suma, o Construtivismo, uma vez que a Rede Municipal assim o prevê. Em média, as “aplicações” do DUA estiveram presentes desde sempre, no entanto, com maior veemência a partir da vigência do curso, ou seja, de agosto a novembro. “Propositalmente” elas não foram palco de todos os atendimentos, a fim de se obter o resultado

O grupo contou com quatorze educandos, a saber: onze com o transtorno do espectro autista (intervalo de três a dez anos), dois com deficiência intelectual (nove e dezesseis anos) e um com deficiência múltipla.

Resultados e Discussão

Foi possível observar que à medida que o conteúdo era mais próximo das peculiaridades dos discentes, o envolvimento era maior, além de gerar motivação e até uma certa ansiedade para comparecer à próxima aula. Ademais, pairou o sentimento de “tristeza” em deixar o local, e mesmo a solicitação de acréscimo de tempo aos atendimentos. Outro fator que merece destaque é que a memorização dos educandos esteve muito mais ativada que em outros contextos.

As exposições apresentadas se referem, sobretudo, aos alunos mais velhos.

Em contrapartida, enquanto as particularidades não foram exploradas e fora aplicado apenas um conteúdo baseado no “achismo particular”, no pensamento que a atividade seria de grande valia ao aluno, a emoção aparente era de tédio, repúdio e desmotivação. Ora os discentes executaram as atividades com aspecto tedioso, ora se recusaram a começar e procuraram algo de seu apreço, ignorando totalmente as propostas.

Em uma criança com nível dois/três de suporte no TEA (três anos), houve pouco *feedback* (tanto positivo, como negativo), logo que seu repertório ainda está em processo de ampliação, assim como a aquisição de habilidades.

Em virtude do exposto, é possível afirmar que a perspectiva do Desenho Universal da Aprendizagem é amplamente benéfica e eficaz, logo que elimina as barreiras do quesito da aprendizagem e visa ampliar o desenvolvimento de cada sujeito, por meio de recursos variados e específicos, principalmente, no tocante à Educação Inclusiva - uma vez que, de fato, inclui o indivíduo ao considerá-lo e considerar seu entorno - e à Educação Especial, pois viabiliza a compreensão do sujeito de forma única e suas subjetividades não são desconsideradas, tampouco rotuladas. O DUA assume uma fundamental interface entre educação e inclusão, como afirma Ribeiro et al., em 2018.

Sendo assim, desconsiderar o que o DUA reza não é conveniente, porquanto isso acaba contribuindo para uma sociedade exclusiva. Ela deve ser cada vez mais acessada nos ambientes escolares, para que a equipe pedagógica e comunidade em geral tomem ciência e apliquem-na.

Considerações Finais

No decorrer do curso ofertado, foi possível uma imersão nos temas relacionados às deficiências, diálogo acerca do capacitismo, (que fez total diferença para uma reflexão pessoal e profissional) da Educação Especial e Inclusiva e, em especial, sobre a fundamentação do Desenho Universal da Aprendizagem - uma abordagem de fundamental importância para se usar nos ambientes educacionais formais e informais; uma abordagem acessível e funcional que, de certa forma, age como eixo transversal, um eixo norteador dos trabalhos, porquanto considera cada indivíduo e suas singularidades, visando a eliminação de barreiras que entravam seu percurso. Tudo isso contribui para que haja um planejamento pensando realmente para o aluno, e não algo genérico.

Pode-se ratificar como o DUA funciona na prática escolar e quais sensações ele gera. Essa testagem extrapola os níveis de fundamentação teórica, que comumente estamos acostumados, e nos leva a outra dimensão: a de pôr em xeque o apreendido.

Com os estudos disponibilizados, houve um aprofundamento dos saberes e a desmistificação que o DUA é algo de árdua aplicação.

Espera-se que com as descrições expressas possa ficar clarificado aos leitores a relevância de como é aplicar o Desenho Universal da Aprendizagem em suas dinâmicas escolares, além de não ser algo obtuso, basta internalizar os conceitos-chave.

Após as primeiras aulas do curso, as expectativas estavam bem altas, e elas permaneceram sustentadas a partir do momento que os resultados apareceram no dia a dia.

Os desafios para a vivência da inovação pedagógica consistem em tornar o ambiente o mais próximo possível do discente, isto é, utilizar dinâmicas concernentes a eles, propor um local "divertido", e elaborar aulas interessantes. O desafio é, nada mais, nada menos, que inovar... e isso é uma instigação e tanto. E claro: caminhar, cada vez, mais em estradas inclusivas para uma sociedade mais justa.

Referências

MEYER, A., Rose, D. H., Gordon, D. **Universal design for learning**: Theory and practice. Wakefield: CAST Professional Publishing, 2014.

NUNES, Clarisse; MADUREIRA, Isabel. Desenho Universal para a Aprendizagem: Construindo práticas pedagógicas inclusivas. **Da Investigação às Práticas: Estudos de Natureza Educacional**, v. 5, n. 2, p. 126-143, 2015. Disponível em: <https://ojs.eselx.ipl.pt/index.php/invep/article/view/84/pdf>. Acesso em: 31 out. 2022.

OLIVEIRA, Amália Rebouças de Paiva; MUNSTER, Mey de Abreu van; GONÇALVES, Adriana Garcia. Desenho universal para aprendizagem e educação inclusiva: uma revisão sistemática da literatura internacional. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 25, p. 675-690, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbee/a/rGFXP54LSxdkfNmXsD9537M/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 31 out. 2022.

RIBEIRO, Glaucia Roxo de Pádua Souza; AMATO, Cibelle Albuquerque de la Higuera. Análise da utilização do Desenho Universal para Aprendizagem. **Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento**, v. 18, n. 2, p. 125-151, 2018. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-03072018000200008. Acesso em: 01 nov. 2022.

UNESCO, Declaração de Salamanca. Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais. **Declaração de Salamanca**, 1994.

Contribuições do Desenho Universal para Aprendizagem no ensino da matemática no Projeto de Apoio Pedagógico - PAP

Valguenia Ferné de Souza Torres³

Introdução

O Projeto de Apoio Pedagógico - (PAP) é um projeto que tem como “objetivo auxiliar estudantes com dificuldades de aprendizagem no Ensino Fundamental, garantindo o direito de aprender, com vistas à redução da defasagem idade/ano e da evasão escolar” (SÃO PAULO, 2019, p. 7).

O projeto acontece no contraturno escolar dos estudantes, com 4 horas-aulas semanais, divididas em dois dias.

A dificuldade de aprendizagem, segundo Hashimoto (2021, p. 105) “é uma situação momentânea na vida do aluno, que não consegue caminhar em

³ Mestre em Educação pela USCS, Prof. de Apoio Pedagógico na EMEF. Forte dos Reis Magos; São Paulo.

seu processo escolar, dentro do currículo esperado pela escola, acarretando comprometimento em termos de aproveitamento”.

Sendo assim, o olhar do professor e a escuta ativa é essencial, faz-se necessário um agir sensível para compreender as necessidades dos educandos, bem como oportunizar que estes superem as barreiras e consigam aprender.

O papel do professor do PAP se tornou fundamental nas escolas municipais de São Paulo, principalmente, após o período pandêmico. Muitos estudantes por diferentes motivos não conseguiram acesso às aulas remotas ou não conseguiram acompanhar apenas com o apoio da família. A pandemia deixou muitas defasagens educacionais, afetivas e psicológicas. E como corrigir em pouco tempo os dois anos de isolamento social e afastamento escolar?

Neste sentido, a abordagem do Desenho Universal para Aprendizagem (DUA) mostrou-nos um caminho para flexibilizar o currículo e conseguirmos minimizar as barreiras e as defasagens deixadas pela pandemia da covid-19. Com uma proposta que permite ao professor criar atividades diversificadas onde o estudante pode ser o protagonista da sua aprendizagem, permitindo uma maior interação entre os estudantes que apresentam dificuldades e saberes diferentes, estes avançam e conseguem acompanhar melhor o ritmo da sua turma na sala regular.

A abordagem do DUA surge na década de 1980, nos Estados Unidos, “um grupo de psicólogos, neuropediatras, médicos percebeu que o uso das tecnologias poderia ajudar as crianças a superarem as barreiras que levavam às dificuldades de aprendizagem na escola” (TORRES, 2021, p. 57).

Segundo, Meyer, Rose e Gordon (2014) quando fundaram o Center for Applied Special Technology – CAST buscavam compreender como as novas tecnologias poderiam auxiliar na aprendizagem dos estudantes com deficiência, porém a proposta apresenta por eles nas escolas, não apenas auxiliou aos estudantes com deficiência como também aos estudantes que apresentavam dificuldades de aprendizagem.

Quando estávamos formando o CAST na década de 1980, imaginamos as novas tecnologias como ferramentas de aprendizado que poderiam ser radicalmente diferentes da mídia impressa. Como as ferramentas digitais ofereciam flexibilidade na forma como o conteúdo era exibido e atuado, acreditamos que elas poderiam ser alavancas poderosas para os alunos que mais precisavam de um melhor impulso – alunos com deficiência (MEYER; ROSE; GORDAN, 2014, p. 1, tradução nossa).

Nosso objetivo é apresentar um relato de experiência com estudantes do Agrupamento 2 do PAP, são estudantes do 4º e 5º anos que apresentam dificuldades em Matemática, de forma mais específica, localização onde o

objetivo é (EF04M17) Identificar, descrever e representar em malhas quadriculadas a posição de uma pessoa ou objeto (SÃO PAULO, 2019, p. 99).

Após o desenvolvimento da atividade considerando os princípios do DUA, conclui-se que os estudantes compreenderam como identificar e representar a posição de pessoas ou objetivo em um mapa ou malha quadriculada.

Procedimentos Metodológicos

Para o desenvolvimento da aula, a professora providenciou a ampliação do mapa que estava presente no material dos estudantes, bem como bonequinhos que serviram de pinos para movimentação de acordo com as instruções que seriam passadas pela professora. A proposta da atividade contempla o princípio da Representação. A unidade a ser estudada era Unidade 3 Um mapa do Zoológico (SÃO PAULO, 2022, p. 50). A turma foi dividida em duplas para o jogo, a professora explicou as regras do jogo e o objetivo. Os estudantes iriam movimentar seu bonequinho de acordo com as instruções dadas pela professora, feita a primeira instrução, para seguir os estudantes tinham alguns desafios matemáticos para resolver, poderia ser cálculos envolvendo as quatro operações (adição, subtração, multiplicação ou a divisão) ou ser coordenadas: ex.: quatro pulos a direita, ou seguir para coluna A linha 10 etc. Este momento contempla os princípios da Ação e Expressão e o Engajamento, pois os estudantes precisam estar motivados a participar do jogo.

Ao planejar a atividade sob a ótica do DUA faz-se considerar as dificuldades de cada estudante, a ideia de trabalhar com duplas considerou como um poderia ajudar o outro durante o jogo, e a estratégia funcionou, pois os estudantes discutiam o tempo todo como resolver a instrução dada para seguir no jogo e chegar ao objetivo final: ganhar.

Meyer, Rose e Gordom quando elaboraram modelo com foco nas Redes Neurais consideraram os estudos de Lev Vygotsky, que definiu os seguintes pré-requisitos para a aprendizagem: “engajamento com a tarefa de aprendizagem, reconhecimento da informação a ser aprendidas, estratégias para processar essa informação” (MEYER; ROSE; GORDOM, 2014, p. 31, tradução nossa).

Os pesquisadores ainda explicitam a importância de conhecer os estudantes,

Recomendamos observar os padrões de força e fraqueza de cada aluno em cada um dos três tipos de redes neurais no cérebro no que se refere a um objetivo de aprendizado específico. Embora seja verdade que cada aluno é único, essa abordagem foi limitada de duas maneiras. Em primeiro lugar,

análise extensiva de cada aluno em várias turmas com um grande número de alunos pode não ser viável. Em segundo lugar, o foco no indivíduo aponta de maneira sutil para o antigo modelo médico de deficiência ou diferença e inadvertidamente, reforça o conceito de uma dicotomia entre “típico” e “atípico”. E terceiro, essa abordagem sugere que os alunos tenham o mesmo “perfil” independente do contexto (MEYER; ROSE; GORDON, 2014, p. 6, tradução nossa).

Identificar as diferenças e ao mesmo tempo potencializar àquilo que os estudantes trazem de conhecimento só é possível de fazer a partir do momento que se conhece os interesses de cada um. Assim, quando buscamos um meio de ensina, “precisamos buscar um equilíbrio entre o complexo e o simplista, para que possamos oferecer atividades motivadoras à aprendizagem” (TORRES, 2021, p. 59).

Depois da etapa de reconhecimento, ação e expressão e engajamento, a atividade continuou no caderno Conhecer Mais – Estudos Complementares, Agrupamento 2 (SÃO PAULO, 2022).

A professora distribuiu o material para os estudantes, perguntou se algum estudante gostaria de ler a introdução da atividade, uma aluna disse que gostaria de ler, neste momento a professora aproveita para avaliar a leitura da aluna, observa se a estudante tem algumas dificuldades, isso sinaliza para a professora qual encaminhamento dar nas aulas de Português. Após a leitura da aluna, a professora pergunta se há dúvidas em relação a tarefa que os alunos irão realizar.

A professora permite que eles discutam no grupo as questões, à medida que eles debatem um ou outro relembra a atividade realizada no jogo, algumas questões colocadas para serem resolvidas no jogo, estavam presentes na atividade do caderno. Este é o momento para observar o que precisa ser retomado, aqui os pontos de verificação presentes nas diretrizes do DUA servem de apoio ao professor, para que este possa fazer seu registro reflexivo sobre a aula.

Segundo, Rao e Meo (2016, p. 2, tradução nossa), “os pontos de verificação definem como fornecer acesso físico, cognitivo e opções de envolvimento”, neste sentido oferecem suporte ao professor na realização das intervenções quando necessárias.

“O DUA proporciona ao educador a possibilidade de uma avaliação do processo de aprendizagem, à medida que os conteúdos são trabalhados e verificados no desenvolvimento dos estudos, as intervenções vão sendo realizadas e o educador tem a oportunidade de “identificar os pontos fortes e as limitações” do currículo.” (TORRES, 2021, p. 62).

Foi possível observar o envolvimento dos estudantes com a atividade proposta, poucas foram as dúvidas que surgiram, pois trabalharam no mesmo mapa que fez parte do jogo.

Resultados e discussão

O *Projeto de Apoio Pedagógico (PAP)* é uma das ações da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo com objetivo de reduzir as barreiras de aprendizagem e corrigir as defasagens apresentadas pelos estudantes no processo de Alfabetização e Matemática do 3º ano ao 6º ano do ensino fundamental.

Os estudantes atendidos pelo projeto podem ser também atendidos pela Sala de Recursos Multifuncional. O público-alvo são estudantes com dificuldades de aprendizagem, porém, alunos com deficiência leve podem frequentar o projeto com o objetivo de auxiliá-los no desenvolvimento pedagógico.

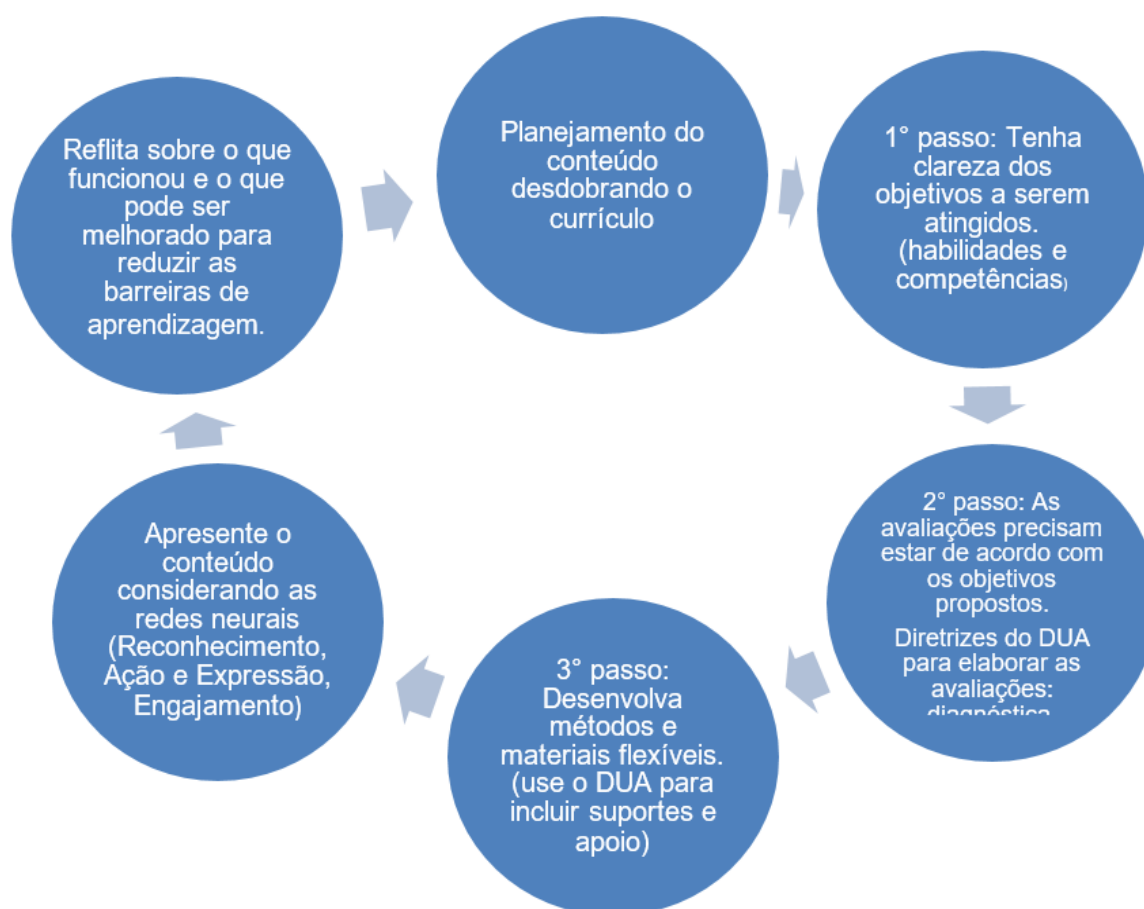
O papel do professor no PAP é “encorajar e motivar a expressão, além de estreitar os laços, desenvolver a confiança e garantir uma atuação docente assertiva.” (SÃO PAULO, 2019, p. 11). A atenção do professor deve estar ao planejamento, escolhas didáticas e as intervenções necessárias, respeitando o ritmo e o tempo de aprendizagem de cada estudante. Assim, “oferecer vivências que aproximem o conhecimento escolar de seus contextos, promove a motivação necessária à aprendizagem e desenvolvimento dos estudantes.” (SÃO PAULO, 2019, p. 12).

Aproximando o objetivo do projeto PAP à abordagem do Desenho Universal para Aprendizagem (DUA), encontramos a possibilidade de pensar em estratégias que poderiam auxiliar no desenvolvimento cognitivo dos educandos ajudando-os a superar suas limitações e defasagens, principalmente, após o contexto vivido nos últimos dois anos, a pandemia da covid-19, que por diferentes razões os estudantes não conseguiram aprender no modelo remoto de ensino.

Para o planejamento da atividade considerou a sugestão para elaboração de planejamento das pesquisadoras Rao e Meo (2016), “as pesquisadoras sugerem uma sequência que orienta as metas, o desenvolvimento das avaliações, os métodos e materiais” (TORRES, 2021, p. 87) com base nas diretrizes e princípios do DUA.

Passos para o planejamento baseado no DUA

Quadro ou figura 1: descrever



Fonte: Adaptado de Rao e Meo 2016, p. 5, tradução nossa

Audiodescrição: Fluxograma com o conteúdo distribuído em 6 círculos azuis ligados por setas. Dentro de cada círculo e em sequência, as informações: "Reflita sobre o que funcionou e o que pode ser melhorado para reduzir as barreiras de aprendizagem"; "Planejamento do conteúdo desdobrando o currículo"; "1º passo: Tenha clareza dos objetivos a serem atingidos. (habilidades e competências"; "2º passo: As avaliações precisam estar de acordo com os objetivos propostos. Diretrizes do DUA para elaborar as avaliações: (aqui temos uma palavra ilegível)"; "3º passo: Desenvolva métodos e materiais flexíveis. (use o DUA para incluir suportes e apoio)"; "Apresente o conteúdo considerando as redes neurais (Reconhecimento, Ação e Expressão, Engajamento). Fim da audiodescrição.

Os currículos escolares não são elaborados para atender a variabilidade dos estudantes em sala de sala, mesmo para um projeto com foco nas dificuldades e defasagens, o currículo prescrito, não atende as reais necessidades do educando, assim, cabe ao professor não fazer uma adaptação deste currículo, mas torná-lo acessível a todos os estudantes.

Segundo Sebastián-Heredero (2020, p. 740):

Nos currículos projetados sob os princípios do DUA, as dificuldades e as perdas decorrentes das subseqüentes modificações e adaptações dos currículos *deficientes* podem ser minizadas ou eliminadas, e ambientes de aprendizado ainda melhores podem ser implementados. O desafio não é modificar ou adaptar os currículos para alguns de uma maneira especial, mas fazê-lo de maneira eficaz e desde o princípio.

Durante o jogo, foi possível observar as potencialidades e fragilidades dos estudantes, como as duplas conseguiam, por meio de estratégias próprias, resolver os desafios propostos. Alguns conseguiam realizar os cálculos mentalmente, outros pediram o apoio de papel para registrar e resolver o desafio.

Com o material impresso, o comportamento dos estudantes se modificou, eles se ajudavam no coletivo, o que ampliou as possibilidades de discussão sobre as questões propostas pela atividade.

A correção foi feita no coletivo, a professora sempre questionando como haviam chegado ao resultado ou a resposta, esta é uma forma de levar o estudante a refletir sobre suas estratégias e dos demais aprenderem novos caminhos para resolver.

Ao final da atividade a professora retomou com todos os conceitos trabalhados, com foco no objetivo que era: (EF04M17) Identificar, descrever e representar em malhas quadriculadas a posição de uma pessoa ou objeto (SÃO PAULO, 2019, p. 99). Os estudantes conseguiram compreender, tentaram até relacionar com situações do cotidiano como o uso do google maps, quando a voz diz as coordenadas de lateralidade.

Esta deve ser a função da escola, transformar conhecimento em realidade, oportunizar que todos possam aprender e ensinar dentro e fora da escola. O conhecimento escolar precisa ser transposto para vida, para o contexto do estudante.

Considerações Finais

Considerando o percurso deste relato de experiência, concluímos que o Desenho Universal para Aprendizagem oferece subsídios para o professor planejar as aulas com estratégias mais acessíveis para os educandos.

Esta é uma abordagem que tem como foco o ensino, como o professor ensina, quais recursos e materiais ele utiliza nas aulas. Há professores que já utilizam a abordagem do DUA nas aulas, porém não sabem. O que lhes falta muitas vezes é sistematizar, registrar o que acontece durante a aula.

Este deve ser um registro reflexivo, pois é a partir dele que o professor tem material para planejar as próximas aulas.

Como resultado deste relato, fica a experiência de um trabalho possível de ser realizado, considerando as diferenças e respeitando o ritmo de cada um. **Foi possível observar o envolvimento dos estudantes e a motivação para aprender.**

A formação oferecida também contribuiu muito para ampliar as possibilidades do trabalho na perspectiva da abordagem do Desenho Universal para Aprendizagem.

Desejo que este trabalho sirva de inspiração para que estudantes de licenciatura e professores se arrisquem em fazer algo novo e acreditem nas potencialidades de seus estudantes.

Referências

HEREDERO-SEBATIÁN, Eladio. Diretrizes para o Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA): Universal Design Learning Guidelines. **Revista Brasileira Educação de Especial**, Bauru, v. 26, n. 4, p. 733-768, out.-dez., 2020. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/347821251_Diretrizes_para_o_Desenho_Universal_para_a_Aprendizagem_DUA. Acesso em: out. 2022.

MEYER, Anne; ROSE, David H.; GORDON, David. **Universal Design for Learning: theory and practice**. Wakefield, MA: CAST Professional Publishing, 2014.

RAO, Kavita; MEO, Grace. Using Universal Design for Learning to Design Standards-Based Lessons. **SAGE Open**, v. 6, nº 4, out./dez., 2016.

SÃO PAULO. Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica. **Orientações didáticas do Currículo da Cidade**: Projeto de Apoio Pedagógico: recuperação de aprendizagens. São Paulo: SME/COPED, 2019d. Disponível em: <https://educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br/wp-content/uploads/2020/03/OD-Recuperação-de-Aprend.pdf>. Acesso em: 22 jul. 2020.

SÃO PAULO. Secretaria Municipal de Educação. Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica. **Conhecer Mais**: estudo complementar – PAP agrupamento 2. São Paulo: SME/COPED, 2022. Disponível em: https://curriculo.sme.prefeitura.sp.gov.br/assets/Agrup2_Estudo_Compl_ALUNO.pdf. Acesso em: ago. 2022.

Desenho universal para a aprendizagem nos contextos da educação básica e da universidade

RELATOS DE EXPERIÊNCIA

Paula Pereira Scherre⁴

Giovana Bittencourt Falkenback Picolo⁵

Juvenice Fernandes Vieira Rocha⁶

Introdução

Nos meses de agosto a outubro de 2022 foi realizado o curso de extensão on-line Desenho Universal para Aprendizagem com foco no público da educação especial e na perspectiva inclusiva promovido pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Inclusão e Diversidade na Educação Básica e no Ensino Superior da Universidade Federal do Pampa (Unipampa). Como fruto desta formação,

4 Professora adjunta do curso de Pedagogia da Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos/Universidade Estadual do Ceará, Limoeiro do Norte/CE.

5 Professora de Linguagem na Escola Estadual de Ensino Médio São Paulo de Tarso, Pinhal da Serra/RS.

6 Pedagoga, Coordenadora da Educação Especial do Município de Matina/BA.

fomos convidadas a fazer um relato de experiência coletiva abordando as concepções e os princípios teóricos do Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA) e as contribuições do DUA em nossas práticas profissionais.

O DUA é perpassado pelo modelo social de deficiência que “desloca a explicação sobre a deficiência do indivíduo para a organização social”, (Costa et. al, 2023?, p. 21), ou seja, não é o corpo com impedimento que é a causa da deficiência, mas, sim, as barreiras sociais, informacionais, ambientais, atitudinais que provocam as exclusões encontradas vividas nos mais diversos espaços de interação e que não consideram e atendem as necessidades das pessoas, impossibilitando, assim, sua expressão.

A interseccionalidade propõe que a compreensão e a vivência da deficiência se entrecruzam, de maneira complexa e situada, com outros marcadores sociais como raça/etnia, gênero, orientação sexual, classe, idade, família, território, por exemplo, que atravessam as pessoas. Considerando o contexto escolar, “a deficiência é um dos atributos desse/a estudante e não o único atributo”, (Costa et. al, 2023?, p. 49-50 - grifos do original).

Já a ética do cuidado nos convida a acessar as noções de interdependência e de cuidado. Para tanto, a necessidade de cuidados precisa ser assumida pela pessoa que o recebe Costa et. al, [2023?]. Além disso, destacam que parte das pessoas com deficiência necessitam viver na interdependência com outras pessoas para realizarem suas atividades cotidianas.

Em relação ao DUA, este surgiu na década de 1980, promovido pelo Centro de Tecnologia Especial Aplicada (CAST), tendo o foco inicial na arquitetura e depois passando para os “currículos inacessíveis e limitados que não atingiam (e não atingem ainda) as necessidades das/os estudantes com ou sem deficiência” (Ferreira et. al, [2023?] p. 24-25). É importante que o(a) professor(a) defina os objetivos de aprendizagem e conheça o perfil da turma e dos estudantes de modo a contemplar a diversidade nos “planejamentos, estratégias, recursos e avaliações” (Ferreira et. al, [2023?] p. 43). O DUA não pretende ser uma receita ou uma única prática pedagógica e pode servir para práticas pedagógicas inclusivas, desde currículos até estratégias nos espaços de aprendizagem.

A proposta do DUA apresenta princípios (engajamento, representação e ação e expressão), que se vinculam às redes cerebrais (afetiva, reconhecimento e estratégica), e diretrizes com pontos de verificação. A partir de Ferreira et. al, [2023?], em linhas gerais, compreendemos que se busca despertar a curiosidade para aprender, oferecer suporte para enfrentar os desafios, promover a autorregulação, estimular a autonomia, a autenticidade, a reflexão, desvelando o porquê da aprendizagem. O conteúdo precisa ser flexível, envolvendo diferentes sentidos (visão, audição, movimento ou toque), no uso

de diferentes linguagens para a comunicação e a construção compartilhada de sentidos, dando suporte técnico e teórico para aprofundamento do o quê se pretende ensinar e aprender. Por fim, é necessário que os materiais e ferramentas sejam acessíveis, permitindo a variabilidade de formas de expressar o que foi aprendido, tomando consciência sobre o processo de aprendizagem, relacionando-se ao como se aprende.

Procedimentos Metodológicos

Para a realização deste trabalho observamos os contextos dos ambientes de ensino e de aprendizagem e das pessoas com as quais nos relacionamos nos espaços educativos onde somos profissionais da educação, sempre buscando observar as atividades desenvolvidas durante o curso de extensão realizado, pois ele nos embasou para mudarmos alguns enfoques e posturas, tendo em vista unir a teoria aprendida nele e a abertura à reconfiguração de nossas práticas. A seguir, apresentaremos os relatos de experiência a partir dos estudos realizados.

Resultados e discussão

Os resultados e discussão serão apresentados em forma de relato de experiência dividido em três partes. Cada uma das autoras irá fazer a escrita a partir de seu contexto profissional, seja na Educação Básica ou na universidade.

Relato 1: Escola pública do Ensino Médio no estado Rio Grande do Sul

Durante as atividades propostas pelo curso, percebemos como se dá a acessibilidade e como cada um de nós aprende, relaciona-se com a aprendizagem, bem como nossa forma de agir diante de tarefas. O nosso educando também precisa ser observado diante desse prisma, pois ele aprende de formas diferentes e, por isso, precisamos estar sempre em busca de materiais diversos que auxiliem em seu aprendizado.

Nem sempre nossas escolas e cidades possuem acessibilidade para que todos possam estar inclusos e essa atividade foi desenvolvida pelos alunos, observando e tirando fotos (quando autorizados) para que pudéssemos debater em sala de aula sobre esse tema tão importante.

O debate foi muito significativo, pois percebemos que não apenas na cidade, como também na escola não temos muita acessibilidade, em virtude de a entrada da escola ser de brita, não haver rampas de acesso às salas e também a ida para o ginásio contar com uma escadaria. Essa atividade estava

relacionada ao curso feito em virtude de ser uma barreira para a inclusão, mas, por outro lado, também pudemos constatar avanços quando observamos que estavam fazendo algumas modificações na escola (rampas).

Cabe ainda ressaltar que, muitas vezes, precisamos apresentar formatos diferentes de tarefas para que as mesmas possam ser concluídas por todos, tendo em vista a acessibilidade dentro de nosso contexto escolar.

De acordo com a Declaração de Salamanca (1994), as escolas deveriam acomodar todas as crianças, mas o que se percebe é que ainda falta muito para que se chegue a esse patamar, nem mesmo se quebram as barreiras de mobilidade. As leis garantem o acesso do educando, mas ainda há um caminho a ser percorrido para que a inclusão de fato aconteça e não podemos aceitar retrocessos nesse caminho.

Ainda falta muito a ser feito dentro das organizações escolares, pois, muitas vezes, o professor não tem o apoio de um grupo especializado para saber como agir com aquele educando que chega até ele. Vimos também o caso do professor extraordinário que excluía alunos, mas achava que sua aula era a melhor que poderia haver na escola COSTA et. al, [2023?]. Todos nós em algum momento nos deparamos com situações que não sabemos ao certo como fazer, mas precisamos buscar formas diferentes de ensinar, para que assim a maior parte dos alunos seja de fato atingida. O fazer pedagógico deve ser construído em conjunto.

Isso é o que tenho tentado fazer, buscar cursos que aprofundem o conhecimento, para que de fato possa impactar no aprendizado dos alunos, trazendo atividades diferenciadas, de acordo com a capacidade que percebo em cada um. Sabe-se que, por exemplo, um aluno autista tem graus diferenciados do Transtorno do Espectro Autista (TEA), não podemos pensar ou caracterizar a pessoa com foco na sua deficiência ou transtorno, cabe pensar nas potencialidades, estilos de aprendizagem e peculiaridades de cada um, uma vez que cada aluno é um e precisa ter seu potencial e habilidades trabalhados, sempre de acordo com o que ele pode fazer.

Relato 2: Contexto universitário no Estado do Ceará

A partir dos estudos realizados ao longo do curso de extensão e do olhar para a minha prática pedagógica no contexto universitário, eu, Paula, percebo que com algumas atividades que já realizo, permitem conhecer o perfil da turma e considerar suas necessidades e interesses de estudo e pesquisa.

No início do semestre letivo, para conhecer o perfil dos estudantes, faço uma roda de conversa para entender quais as experiências deles com as Tecnologias da Informação e da Comunicação ao longo de seu percurso formativo. Abro possibilidades para expressarem interesses, necessidades, habilidades e dificuldades e trazerem suas perguntas-expectativas.

Trabalho, também, no diálogo e interação com outros professores do curso de Pedagogia, buscando habitar a interdisciplinaridade, tanto por meio dos projetos de aprendizagem desenvolvidos, em grupo, pelos estudantes quanto pela realização de aulas conjuntas entre turmas. Por vezes, convido outros profissionais da própria universidade para colaborar com seus conhecimentos e partilha de informações com os estudantes, como, por exemplo, o bibliotecário que apresentou informações sobre citações e referências no trabalho acadêmico.

Com os projetos de aprendizagem, que partem dos interesses e das perguntas dos estudantes, desenvolvemos a pesquisa, a extensão e a interdisciplinaridade como princípios educativos. Permitem a percepção e a reflexão sobre os processos de aprendizagem, sobre os estilos de aprendizagem e condições e organização de estudo tanto por parte dos próprios estudantes quanto por parte do professor. São meios de promover a autorregulação. Percebo que o acompanhamento semanal permite que nós possamos fazer autoavaliações ao longo do percurso.

Por meio do estudo sobre o DUA, preciso aprimorar, com relação ao trabalho colaborativo com outros profissionais, ampliar diálogo com a Funcionária Técnico-Administrativa do Núcleo de Acessibilidade e Inclusão das Pessoas com Deficiência da Universidade Estadual do Ceará (NAAI/UECE), o coordenador(a) do NAAI do Campus onde trabalho, o(a) professor(a) que estiver trabalhando com o componente curricular de Educação Especial e Inclusiva e a Secretaria de Apoio às Tecnologias Educacionais (SATE) da universidade.

Sobre o perfil da turma e os desafios percebidos, eu incluiria com mais afinco o levantamento dos estilos de aprendizagem e a disponibilização das diferentes formas de aprender e de expressar o que aprendeu. Um dos meus dilemas é que, normalmente, os estudantes têm MUITAS dificuldades com a escrita acadêmica e com o desenvolvimento de pesquisas, então isso é algo que precisa ser experienciado por todos, então mesmo que eles possam expressar o que aprenderam de diferentes maneiras, não posso prescindir da escrita acadêmica, mesmo ela sendo aberta às diferentes linguagens, inclusive a audiovisual e a poética.

Outra dificuldade é que eu não tenho condições de produzir conteúdo, como vídeos por exemplo, que complementam os textos escolhidos, da for-

ma que vocês fizeram nesse curso. Utilizo bastante de textos e vídeos como materiais de estudo básicos para os encontros formativos, mas a maior parte é de textos e que não sou eu quem os produz, são outros autores, então nesses materiais as questões de acessibilidade às vezes não são contempladas. No caso dos vídeos, percebo que preciso escolher aqueles que tenham algumas características como legendas, tradução para Língua Brasileira de Sinais (Libras) e audiodescrição. Isso é raro de encontrarmos.

No caso de textos, também é necessário que não sejam imagens (cópias). Sinto que preciso pensar/aprender em como outras formas de expressão do conhecimento (por meio o vídeo, do áudio, desenho e imagens) podem incorporar as necessidades da produção de conhecimento acadêmica, explicitando suas fontes confiáveis de informação, expressando suas bases teóricas e clarezas conceituais e metodológicas, além de trazer as reflexões e aprendizagens dos estudantes.

Mediante esta situação, preciso ver como o NAAI e com a SATE pode me auxiliar caso eu precise adaptar algum material que irei utilizar, sei que o DUA não se restringe a somente estas adaptações de materiais. Sinto também que, a partir do diálogo com os estudantes, posso ir considerando, cada vez mais, suas necessidades e especificidades. É necessário e urgente conhecê-los!

Relato 3: Educação básica de Ensino Fundamental I no Estado da Bahia

Anteriormente ao curso Tertúlias DUA ofertado pela UNIPAMPA/RS, eu já possuía concretizado o significado de uma escola verdadeiramente inclusiva, porém ainda pensasse de forma teórica, mas, com o decorrer das aulas, pude perceber no contexto escolar atitudes, planejamentos e metodologias que se enquadram dentro das orientações propostas pelas formadoras do curso, bem como as controversas destes ensinamentos se evidenciaram.

Penso que se quisermos uma sociedade verdadeiramente inclusiva, temos necessariamente de garantir um sistema educacional humanizado e acolhedor para todos. Assim, precisamos contar com dirigentes e profissionais da Educação informados e formados em uma prática inclusiva para o ensino na diversidade e competentes para responder ao conjunto de necessidades de nossos alunos.

O desafiador processo de construção de um sistema educacional inclusivo é uma tarefa não só municipal, mas, principalmente, estadual e nacional que precisa ser efetivada por todos. Para que isto aconteça, é fundamental que os agentes atores do sistema de ensino, os pais e a comunidade, na qual a escola está inserida, sejam sensibilizados e se tornem multiplicadores da incansável luta pela escola inclusiva.

No chão da escola, lidamos com uma diversidade de profissionais muito grande. Há aqueles que acreditam nas proposições pedagógicas e legais, na capacidade do aluno, bem como aqueles que não se propõem às mudanças em seus planejamentos por acreditarem estar fazendo o ideal, pois “aprendeu a fazer, daquele jeito”. Estas são realidades camufladas que encontramos em muitas salas de aula.

É importante que fique esclarecido, a todos, o que propõe a Carta para o Terceiro Milênio de 1999 (SASSAKI, 2009) sobre a necessidade urgente de se estender os acessos e eliminar todo e qualquer tipo de barreira que priva o cidadão da plena acessibilidade. Com isso, percebemos que não se trata de algo novo e recente e muito menos “modismos do campo educacional”, como costumeiramente ouço de alguns profissionais que não desconstruíram as ideias capacitistas que possuem.

Os ideais do DUA propostos neste curso de extensão vão além destas ideias pré-concebidas e excludentes, trouxeram para mim sugestões que eu, Juvenice, pretendo propor para estudo com a equipe de profissionais da educação do município de Matina, na Bahia, na reconstrução de seus planos de ensino, com o propósito de abertura de horizontes e possibilidades de trazer a flexibilização curricular e metodologias apropriadas a todos os alunos em classe. Além disso, pretende-se dialogar sobre alternativas que possam levá-los a repensar suas metodologias e conteúdo curricular, não desmerecendo sua importância para o rendimento acadêmico do aluno.

Em minhas práticas de planejamento quinzenalmente, que chamamos especificamente de atividade complementar (AC), sempre busco introduzir com o estudo de um texto teórico, em seguida partirmos para o planejamento propriamente dito. Assim, pretendo enriquecer esta cultura de planejamento com metodologias propostas pelo DUA passadas pelo curso de extensão já citado.

O desafio agora será como conquistar os professores para esta prática. É necessário fazer um aprofundamento em meus estudos. Acredito que a dinamização de minha prática enquanto coordenadora pedagógica é que irá abrir as portas para a conquista do Desenho Universal para a Aprendizagem.

Considerações Finais

Após todos os debates realizados, pudemos perceber que, infelizmente, ainda há um caminho muito grande a ser percorrido. Nem sempre a lei sai do papel, quando observamos escolas sem ter um segundo professor com formação adequada para auxiliar em sala de aula e, até mesmo, sem haver

a adesão total da escola em função do aluno, pois incluir não é apenas colocar dentro de sala de aula e, sim, dar oportunidades de crescimento com as necessárias estruturas físicas, organizacionais e profissionais.

Essa demanda ainda requer investimentos que podem ser alcançados, como já percebemos em muitos casos de acessibilidade acontecendo em todos os lugares, uma vez que a sociedade pede por mudanças significativas. Avanços têm ocorrido, por exemplo, a ampliação do acesso às pessoas com deficiência (PcD) nos espaços educativos e nos concursos públicos, além da própria proposta do DUA é inspiradora de novas construções curriculares e de práticas pedagógicas inclusivas.

Referências

BRASIL. **Declaração de Salamanca e Linha de ação sobre necessidades educativas especiais**. Brasília/DF: CORDE, 1994

SASSAKI, Romeu Kazumi. Inclusão: acessibilidade no lazer, trabalho e educação. **Revista Nacional de Reabilitação** (Reação), São Paulo, Ano XII, mar./abr. p. 10-16 2009. Disponível em: <https://docplayer.com.br/6331458-Inclusao-acessibilidade-no-lazer-trabalho-e-educacao.html>. Acesso em 05/11/2022.

COSTA, L. M. L; KITTEL, R; FERREIRA, M, S. **Estudos da Deficiência na Educação**: refletindo o Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA) como uma Possibilidade de Ensino para Todas as Pessoas. Capítulo 1 - Concepções que atravessam as práticas das profissionais da Educação, [2023?] No prelo.

FERREIRA, M, S; COSTA, L. M. L; KITTEL, R. **Estudos da Deficiência na Educação**: refletindo o Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA) como uma Possibilidade de Ensino para Todas as Pessoas. Capítulo 3 - Planejamento, Práticas e Recursos Pedagógicos com Foco no Desenho Universal para a Aprendizagem/DUA, [2023?] No prelo.

Ensino- aprendizagem com Pessoas com Deficiência Visual através do desenho universal para a aprendizagem (DUA)

ALGUMAS PROPOSIÇÕES

*Marcos Bittencourt Laporta⁷
Inês Berlanda Seidler⁸*

⁷ Mestre em Teatro pela UDESC – Universidade do Estado de Santa Catarina. Especialista em História da Arte pela Universidade Estácio de Sá. Licenciado e Bacharel em Teatro pela Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC. Professor de Artes/teatro na Associação Catarinense para Integração do Cego – ACIC. E-mail: marcos-blaporta@gmail.com.

⁸ Pós-Graduação Psicopedagogia institucional Lato Sensu na Universidade Castelo Branco. Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC. Possui magistério pelo Colégio Coração de Jesus. Habilitação em Educação Especial pela Faculdade de Pinhais. Professora de elaboração conceitual e letramento na Associação Catarinense para Integração do Cego – ACIC. E-mail: inesberlanda@gmail.com.

Introdução

De Onde Viemos e Como Nos Encontramos: a Acic, Nossas Trajetórias e o DUA

A Associação Catarinense para Integração do Cego - ACIC é uma entidade de e para cegos, fundada em 18 de junho de 1977, constituindo-se em uma associação privada de finalidade não econômica e sem fins lucrativos. A instituição tem caráter socioassistencial e prestação de serviços nas áreas de habilitação/reabilitação, educação, profissionalização, cultura, esporte, estudo e pesquisa, e se mantém por meio de eventuais convênios com instituições públicas e/ou privadas, doações de sócios colaboradores e promoções comunitárias.

Em sua caminhada, a instituição influenciou e foi influenciada por vários paradigmas e concepções de entendimento acerca da deficiência. Dentre estes modelos, o modelo caritativo foi um paradigma que esta entidade buscava romper, visto que as pessoas cegas naquela época não tinham ocupações profissionais, espaço para lazer e estudos, e suas ações eram voltadas para mendicância nas ruas.

Sua proposta, inicialmente, era de promover espaço de socialização, lazer e atividades esportivas, retirando estas pessoas de casa e das ruas.

Em 1986, por meios de convênios firmados com a Fundação Catarinense de Educação Especial – FCEE, foi fundado o Centro de Reabilitação, Profissionalização e convivência - CRPC, que buscava reabilitar, profissionalizar e encaminhar pessoas cegas para o mercado de trabalho e para o ensino regular.

Disciplinas como: orientação e mobilidade, atividades da vida diária, Braille, sorobã e artesanatos eram oferecidas, a fim de instrumentalizar a pessoa para uma vida independente⁹.

E foi nesta conjuntura e com este objetivo, que eu, Inês, em 1996, adolescente cega, busquei estes serviços. Estava cursando o magistério em minha cidade natal, porém não era autônoma nos quesitos da vida diária e em minha mobilidade, não me sentindo apta a trabalhar com alunos na ocasião. Então busquei a reabilitação para me preparar e me embasar os trabalhos posteriores.

Na ocasião, por conta das concepções da época, eu tinha um ideal diferente do que entendo atualmente. A famosa independência pesava em meus ombros, haja vista que eu, enquanto mulher cega, queria me sentir

⁹ Utilizamos a palavra independente aqui, pois era está a concepção vigente do momento e por muito tempo em nossa instituição.

“capaz” de gerir minha vida, de mostrar por meio de minha prática, que a pessoa cega tinha que dar conta das suas questões diárias, de seu ir e vir, e de mostrar o tempo todo condições de ser útil para o trabalho e para a vida como um todo. Era como se assim, a nossa deficiência fosse minimizada. Era um sentimento de autossuficiência.

Muito tive de aprender, ler, construir e desconstruir para internalizar concepções como da interdependência, de que todos necessitamos em maior e menor grau de ajuda de outros, em determinados momentos distintos da vida, e que isso não é inerente a pessoa com deficiência, mas sim a todos os seres humanos.

Quando consegui entender estas questões, fui desconstruindo ideias capacitistas e me permitindo a aceitar ajuda. Fui entendendo que em outros momentos poderei auxiliar também e aceitei a ideia de que não me torno menos produtiva por não ter habilidades em algumas coisas, e de que a sociedade também precisa me proporcionar condições para exercer minhas ações. Achava que a falta de acessibilidade em todos os âmbitos da sociedade fazia a minha deficiência se ampliar. Porém, não é sobre mim, é sobre uma consciência que deve ser da sociedade como um todo: promover condições, equiparar oportunidades e respeitar as diferenças.

Nesta instituição, após reabilitada, ocupei vários postos de trabalho. Entre eles fui coordenadora do núcleo de produção em braile, coordenadora do Centro de Aprendizagem e Desenvolvimento Infantil (CADI), professora de informática, simbologia braile e alfabetização para adultos, professora de orientação para o trabalho, e, atualmente, trabalho na disciplina de elaboração conceitual e letramento atendendo crianças cegas de 3 a 14 anos.

O objetivo da disciplina de elaboração conceitual e letramento é de elaborar signos e significados que possam constituir-se em aprendizagem significativa, abstraindo dos conceitos espontâneos para os científicos.

Dentre suas ações esta atividade visa que o aluno possa: conhecer e identificar seu corpo, percebendo-o no espaço; reconhecer-se enquanto pessoa que possui direitos e deveres, construindo-se enquanto sujeito ativo; localizar-se no espaço temporal, organizando de forma autônoma sua rotina; compreender e diferenciar os cinco sentidos, utilizando-os em suas vivências; reconhecer objetos percebendo sua utilidade, atribuindo-lhe uso e função em seu cotidiano; expressar-se através das várias linguagens, quais sejam, oral, escrita, por meio do desenho e corporal; entender a função social da escrita, mantendo contato com a mesma no seu cotidiano e acessar informação por meio da escrita e leitura em Braille, formato digital, audiolivros e textos vinculados nas diferentes mídias.

Para alcançar os objetivos propostos é importante trabalharmos de forma lúdica, interativa e oferecer variados estímulos a fim de manter o foco, o interesse e desejo de aprender.

O processo de elaboração de conceitos das crianças cegas ocorre de maneira peculiar, tendo ausente a visão, que é responsável pelo ato de imitação, onde a criança passa a representar através das brincadeiras, a vida cotidiana do adulto. Tendo em vista que a maioria das informações chegam através da visão, na criança com deficiência visual a mediação precisa ser corpo a corpo, através da fala e de objetos tridimensionais que tenham ao alcance das mãos, para que ela, a seu modo e seu tempo, possa ir construindo conceitos, entender o mundo que as cerca, e, principalmente, compreender a função, nome e utilidade dos objetos em seu entorno.

Salientamos que os estudos acerca da deficiência foram os que levaram mais tempo a transformarem-se, ficando reduzidos à cura e medicalização por quase dois séculos. Antes disto, o que se tinha, era a invisibilidade total, o fardo, a tragédia pessoal, alimentada por estigmas de variada ordem. E, falando-se em rótulos, estereótipos, mitos, é fato que a deficiência visual está carregada de ideias de “não poder”, o que ganha contornos ainda de maior impossibilidade quando vincula-se a aprendizagem deste público pelo prisma da pessoa que enxerga, no qual muitas vezes objetos que lhes são mostrados são estilizados, desvinculados da realidade. Desta forma, é necessário oferecer estímulos, mostrando objetos pequenos, miniaturas, réplicas, brinquedos e vivências internas e externas, a fim de que ela possa explorar as partes e ir compondo o todo e ir se apropriando dos conceitos, podendo generalizar e abstrair.

Quando iniciei meu trabalho nesta disciplina fui construindo as diretrizes através de minha experiência enquanto criança cega, que vivenciou brincadeiras de variadas ordens em diferentes espaços, e tive uma família maravilhosa, que sempre que possível me colocava o conhecimento ao alcance das mãos.

Minha formação de pedagogia em séries iniciais, habilitação em educação especial e pós em psicopedagogia, aliadas as leituras e outros cursos embasaram-me nas questões acadêmicas, para que eu pudesse construir estas bases sólidas que utilizo atualmente em minhas práticas pedagógicas. No entanto, estamos sempre em movimento, e o curso do DUA veio como mais uma importante contribuição para pensar em ações que de fato contemplem a diversidade existente em nossos alunos.

Cabe salientar que a aquisição destes conceitos está inserida em todas as disciplinas, nas atividades da vida diária, na orientação e mobilidade, na educação física, e em qualquer espaço que a criança possa usufruir. O trabalho

é interdisciplinar, onde os professores realizam também ações em conjunto a fim de alcançar os objetivos propostos.

Eu, Marcos, nasci cercado de arte. Minha mãe é professora de artes e de teatro e artista plástica. Comecei a fazer teatro aos meus nove anos de idade na escola e nunca mais parei! Sempre gostei muito de criar em grupo, interpretar papéis e estar com pessoas, fazer esse exercício de entender e estar com o outro.

Em 2010 ingressei na UDESC – Universidade do Estado de Santa Catarina, em Florianópolis – SC, no Curso de Licenciatura e Bacharelado em Teatro. Neste curso tive certeza de que o teatro era algo para a minha vida. Em 2016 fiz um curso de Especialização em História da Arte, pela Universidade Estácio de Sá, e em 2018 me lancei a um novo desafio: retornei à UDESC, desta vez para cursar Mestrado em Teatro.

A área da Educação Especial sempre me despertou muito interesse. Em minha trajetória como professor de teatro em escolas regulares, desenvolvi alguns projetos sobre inclusão e respeito às diferenças. Sempre tive um movimento de romper estruturas escolares e modelos de ensino-aprendizagem muito enrijecidos. Constantemente tenho, desde o início da minha formação como artista-professor, uma inquietação em provocar uma cultura escolar que reforça lógicas tecnicistas, verticais e uma cultura de homogeneização dos sujeitos e que não inclui as diversidades de ser e de estar no mundo.

No ano de 2022 ingressei na ACIC – Associação Catarinense para Integração do Cego. Um mundo de possibilidades se abriu pra mim, pois nunca tinha trabalhado com pessoas com deficiência visual. Além disto, é o primeiro ano no qual há aulas de teatro sendo oferecidas na instituição com um professor especializado na área das artes cênicas. Desde então tenho me dedicado a pensar sobre o teatro no atendimento a pessoas com deficiência visual e feito diversos cursos nesta área.

As aulas de teatro são realizadas com grupos de até 10 alunos, e acontecem no auditório da ACIC – Associação Catarinense para Integração do Cego, no CRPC – Centro de Reabilitação, Profissionalização e Convivência. Estes grupos são formados por adolescentes, adultos e idosos.

Imagem 1 - Apresentação de um dos grupos de teatro na ACIC, no evento Palco Aberto.



Fonte: Arquivo pessoal dos autores, 2022.

Audiodescrição: Fotografia de um palco com um telão na parede ao fundo e, à direita, um cartaz do ACIC. Sobre o palco um grupo de 4 mulheres em uma cena de teatro que se passa em uma praia. No chão, próximo a elas, um guarda-sol aberto. Fim da audiodescrição.

Os benefícios do teatro para a pessoa com deficiência visual são inúmeros. Nas aulas se trabalha a internalização de princípios da linguagem teatral, como escuta, atenção para o momento presente e consciência corpóreo-vocal, bem como a consciência de elementos da linguagem teatral: espaço, ação física e personagem. Dentro deste processo, há muitos ganhos para a pessoa com deficiência visual, como: o desenvolvimento da comunicação, por meio da potencialização de espaços de fala individuais e coletivos; um olhar para o próprio corpo, com a desautomatização dos movimentos cotidianos; o exercício do estar com o outro e do pensamento coletivo.

Na ACIC fiz grandes amigos e um deles é a Inês, uma profissional que tanto admiro, que tem uma história tão linda. Além dos espaços de ensino individuais, também participamos de um projeto dentro da ACIC que é o grupo da surdo-cegueira. Neste grupo, acontecem atendimentos a pessoas com surdo-cegueira multi e interdisciplinares, com professores da ACIC, de diversas áreas.

Imagem 2 - Encontro do grupo de surdocegueira, no Centro de Reabilitação, Profissionalização e Convivência – CRPC



Fonte: Arquivo pessoal dos autores, 2022

Audiodescrição: na legenda está escrito: 2º Encontro do grupo de surdocegueira, no Centro de Reabilitação, profissionalização e Convivência - CRPC. Fonte: Arquivo pessoal dos autores, 2022. Na fotografia, a professora Edja pratica Libras tátil com a aluna Lourdes. À direita, a estagiária Paloma pratica Libras Tátil com o professor João. Ao lado, a diretora Maristela pratica a comunicação com a assistente social Karine e a esquerda, o professor Paulo pratica a comunicação com a aluna Lurdes. Fim da audiodescrição.

Nestes atendimentos, as atividades são pensadas com foco em diferentes formas de comunicação. Os alunos do grupo têm um atendimento coletivo semanal e atendimentos individualizados. Durante as aulas, tanto individuais quanto coletivas, praticamos recursos de comunicação diversificados, como o alfabeto datilológico, libras táteis, fala ampliada, escrita na palma da mão e braile tátil, tanto com os alunos como com os professores. Também temos encontro com as famílias, a fim de que os recursos de comunicação experienciados no grupo sejam utilizados fora dos muros da instituição.

Como temos áreas afins e que têm muito diálogo entre si, eu e a Inês também realizamos parcerias em trabalhos artísticos.

Por partilharmos visões sobre uma educação para todos, e num movimento de pensarmos de uma forma mais profunda sobre nossas práticas

docentes, decidimos iniciar o curso da Unipampa sobre o Desenho Universal para a Aprendizagem, pelo Programa de Extensão DUA Tertúlias.

Neste diálogo, nós dois vamos refletir sobre as nossas práticas com pessoas com deficiência visual e realizar três proposições através do DUA.

A primeira proposição será pelo modelo social de deficiência. Iremos pensar em como, por meio do DUA, se podem pensar possibilidades de práticas de ensino-aprendizagem com pessoas com deficiência visual.

A segunda proposição se centrará na ideia de ética do cuidado. Aliaremos a ideia de ética do cuidado com a ideia de ética do corpo, pensando numa ética de ensinar e aprender política que não ignora o corpo e suas histórias.

A terceira e última proposição será sobre o conceito de interseccionalidade. Pensaremos este conceito e em como ele pode estar presente em nossas práticas com pessoas com deficiência visual.

Começemos então nossas proposições.

PROPOSIÇÃO 1: O MODELO SOCIAL DE DEFICIÊNCIA

Antes de falarmos sobre a proposição pelo modelo social de deficiência, achamos pertinente falar brevemente sobre o processo histórico que marca a vida das pessoas com deficiência. A história da deficiência é marcada, inicialmente pela luta ao direito a vida, pois quando os povos eram nômades, as pessoas com deficiência eram vistas como improdutivas e muitas vezes deixadas para trás, abandonadas a sua própria sorte.

Com o passar dos tempos, novas concepções foram se delineando, e o modelo caritativo foi um grande avanço neste sentido, mesmo ainda não sendo um modelo ideal e que via a pessoa com deficiência ainda como inferiorizada. Estas pessoas eram tuteladas, institucionalizadas e abrigadas em diferentes instituições. Juntamente com este modelo, o modelo religioso também predominava, onde estas eram vistas como “castigo divino” ou como ser especial que teria vindo para ensinar algo a seu núcleo familiar.

O modelo caritativo e o modelo religioso também influenciaram as formas de produção artística, sobretudo o teatro. No artigo *Atualizando virtualidades: a articulação entre arte e deficiência visual*, Virginia Kastrup (2010) conta que as representações da pessoa com deficiência visual no teatro são muito antigas. A autora relata que essas representações são associadas a alguns estereótipos de personagens que suscitam “o terror, a repugnância ou a compaixão” (KASTRUP, 2010, p. 52), tais como: a deficiência associada no personagem com uma condição degradante, como a pobreza, ou então

compensada com um dom especial, como a vidência ou uma outra capacidade mística.

As concepções do modelo religioso e caritativo foram se transformando com o tempo, tanto no teatro e na educação. Inicialmente a pessoa com deficiência passou a ter acesso a escola em instituições segregadas, isolada do convívio de familiares, pois estas escolas eram muitas vezes em outros estados, e as crianças voltavam para casa apenas no recesso escolar. Com o advento da noção de integração, os estudantes passaram a frequentar as escolas regulares, mas muitas vezes em salas especiais, ainda não tendo o contato ou convívio diretamente com as outras crianças.

A concepção de uma proposta inclusiva para a educação fez com que os educandos passassem a frequentar o ensino regular, e no contraturno o ensino especializado, que lhes daria suporte para as questões específicas da área. Também fez com que se mudassem as representações sociais e nas práticas artísticas sobre as pessoas com deficiência visual. Porém, mesmo com o advento da inclusão, ainda não nos desvinculamos das concepções anteriores, e o capacitismo perpassa todas estas, pois o modelo caritativo, religioso e médico, que percebe o sujeito com deficiência apenas em sua lesão e na falta de algo, coexistem em contraponto com o modelo social de deficiência, que retira do indivíduo a responsabilidade pelo êxito ou fracasso.

No texto *Pessoas com deficiência visual: relações de interdependência e ética do cuidado no serviço público*, Domingos et al. (2022) relatam as transformações dentro da concepção do modelo social de deficiência. O modelo social de deficiência da primeira geração retira do indivíduo o “fardo” da deficiência e atribui a sociedade, a responsabilidade em minimizar ou ampliar a deficiência e a eficiência da pessoa dependendo dos recursos acessíveis que colocar a seu dispor. No entanto, apenas este olhar não supre as questões inerentes a deficiência, a dor, as limitações impostas por ela. Já o modelo social de deficiência da segunda geração vem contribuir no sentido de não ignorar as lesões e auxílios que a pessoa precisa para se tornar autônoma.

Romper com estas barreiras dos modelos médico, caritativo e religioso, reconstruir estes conceitos sobre o prisma do modelo social requer de nós um exercício diário, e o DUA neste sentido nos mostra caminhos, nos impulsiona a buscar estratégias variadas para contemplar as diferentes formas de acessar, produzir e construir conhecimentos.

As práticas de ensino-aprendizagem com pessoas com deficiência visual na ACIC são guiadas pelo modelo social. Dentro desta proposição pelo DUA, implica em olhar para a pessoa com deficiência visual não a partir da falta ou da reprodução de estereótipos negativos, mas dentro de suas potencialidades. Os atendimentos aos alunos são pensados mediante ações

focadas nas particularidades e diversidades de cada um. Há uma busca por espaços de protagonismos das pessoas com deficiência visual, através de projetos multi e interdisciplinares e trabalhos em diálogo com as linguagens artísticas – música, teatro, artes visuais e dança – que reforçam a perspectiva do modelo social, de forma direta ou indiretamente.

PROPOSIÇÃO 2: ÉTICA DO CUIDADO

Em *A redescoberta da ética do cuidado: o foco e ênfase nas relações*, Elma Lourdes Paroni Zoboli (2004) cita a noção de ética do cuidado por Carol Gilligan, teórica feminista, que traz importantes perspectivas ao conceito. A autora destaca elementos-chave para a compreensão da ética do cuidado de Gilligan, entre os quais estão:

A consciência da conexão entre as pessoas ensejando o reconhecimento da responsabilidade de uns pelos outros; o entendimento de moralidade como consequência da consideração deste relacionamento; a convicção de que a comunicação é o modo de solucionar conflitos (ZOBOLI, 2004, p. 27).

Em conexão com o que aprendemos no curso e em nossas reflexões sobre práticas de ensino-aprendizagem com pessoas com deficiência visual, instaurar uma ética do cuidado implica numa proposição de uma construção de relações de interdependência. É importante entender a interdependência como parte da história de todo e qualquer sujeito, quem em fases diferentes da vida, em maior ou menor grau vai necessitar de uma rede de apoio, e que estas questões não são apenas vividas pela pessoa com deficiência. Assim, questões que antes eram vistas apenas como limitadoras, e carregadas de preconceitos e capacitismo são reconfiguradas e colocadas numa lógica de co-responsabilidade. Isto também implica num olhar para o corpo.

Pensando numa ética que considera o corpo, num diálogo interdisciplinar, vamos utilizar a perspectiva de ética do corpo do pesquisador Óscar Cornago, contida na obra *Éticas del cuerpo: Juan Dominguez, Marta Galán Fernando Renjifo*, dentro dos estudos das artes cênicas. Córnaço (2008) pensa o teatro e a prática cênica como uma prática de comunicação social pelo real de um ato determinado pela presença de um corpo frente a outro.

A radicalidade com que se afirmar este aqui e agora de um ato de comunicação com o outro obriga a construir estes cenários desde a aparição em cena de um eu desnudo, ético, cínico, astuto, altivo ou violento, frente a alguém que olha, é dizer, desde uma situação de comunicação - social - que define também uma política no sentido profundo deste termo (CÓRNAGO, 2008, p. 18).

O autor traz uma perspectiva de encontrar a política em lugares que não se viam antes. Córnaço (2008) afirma que a história das práticas cênicas é reflexo das relações entre corpo e sociedade. Num momento em que, na contemporaneidade, “A multiplicação dos corpos na cultura da imagem fez menos visível o espaço social, que ficou revestido pelo privado[...]” (CÓRNAÇO, 2008, p. 51), o corpo se apresenta enquanto caminho para pensar a sua presença como a condição humana, o que há de mais concreto da verdade na relação eu-tu. No movimento de voltar a fazer visível o social, se fala de uma dimensão da ética do corpo, que remete a um espaço próximo “do eu frente ao tu, uma confrontação pessoal com o outro em que o espaço do privado fica ligado ao social” (CÓRNAÇO, 2008, p. 52). Uma política em território micropereceptivo, que começa pelo eu.

Trazendo esta perspectiva da ética do corpo para as nossas práticas de ensino-aprendizagem com pessoas com deficiência visual, uma proposição por intermédio de uma ética do cuidado é também pensar numa ética do corpo, na qual se instauram políticas de aprendizagem que atentam para a camada do corpo e do que existe no encontro, seja em grupos ou individualmente.

Em nossas práticas na ACIC, esta proposição de uma ética do cuidado significa a desconstrução de capacitismos e da noção de independência como autossuficiência. E então, a partir disto, se busca a construção da interdependência e de uma ética conjunta voltada para o bem estar, a qual considera as singularidades dos indivíduos e seus corpos dentro de um território relacional da aprendizagem. É se atentar ao que está além da deficiência visual e da lesão, não negando a dimensão das relações sociais circundantes e das estruturas de opressão que atravessam todos os corpos. Falaremos mais disto na nossa terceira e última proposição.

PROPOSIÇÃO 3: INTERSECCIONALIDADE

A interseccionalidade é citada no caderno de estudos da primeira tertúlia conforme Costa et. al, [2023?] do curso Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA). As autoras situam a interseccionalidade como um conceito que surge no campo dos estudos feministas e que pensa nas desigualdades – os marcadores sociais dentro das diferenças.

Refletindo em nossas práticas e retomando a ideia de ética do cuidado que passa pelo corpo, pensar numa proposição de práticas de ensino-aprendizagem com pessoas com deficiência visual que considera as interseccionalidades implica num refletir sobre o corpo com deficiência, num movimento para o que está além. Primeiramente, é pensar que uma pessoa com deficiência é uma pessoa COM e não deficiente, e que as pessoas com deficiência visual são pessoas muito diferentes entre si. Por outro lado, é ressignificar a palavra cego, potencializando espaços de protagonismo dentro e fora dos

processos de ensino-aprendizagem. Tendo estes dois fatores em conta, é fazer um movimento de considerar que, além das opressões por conta da deficiência visual, existem outras variáveis de desigualdades com diferentes marcadores, como orientação sexual, raça/etnia, gênero, idade/classe, outras deficiências, entre outras.

Entendemos que a discussão sobre interseccionalidade é de suma importância e que esta proposição deve extrapolar a sala de aula, num movimento de provocação para a discussão que é constante. Uma das coisas que temos feito na ACIC é promover discussões sobre a interseccionalidade através de projetos. Um destes projetos se chama “Interseccionalidades e Arte”, no qual através de múltiplas ações, sempre com experiências artísticas, buscamos pensar sobre temáticas que atravessam as pessoas com deficiência visual, como saúde mental, raça/etnia, gênero e sexualidade. O projeto iniciou no segundo semestre deste ano e vai ser continuado com ações interdisciplinares no ano seguinte.

Considerações finais e desdobramentos

Com este relato sobre nosso trabalho na Associação Catarinense para Integração do Cego – ACIC, colocamos três proposições para o trabalho com pessoas com deficiência visual por meio do DUA – Desenho universal para a aprendizagem. Estas três proposições não devem ser tomadas como um manual, mas como possibilidades para se pensar uma educação inclusiva no atendimento com pessoas com deficiência visual que contemple a todos.

As proposições envolveram o modelo social da deficiência, como forma de olhar para a pessoa com deficiência dentro de suas potencialidades e não a partir da lesão, da falta, explorando espaços de protagonismo. A segunda proposição focou na ética do cuidado, que também é uma ética do corpo, na qual se instaura relações de interdependência pelo encontro, em grupos ou individualmente. Esta ética do cuidado se amplia com a proposição final, da interseccionalidade, pois mediante este conceito se pensa na complexidade das diferenças da pessoa com deficiência visual pelos marcadores sociais de desigualdades que atravessam seu corpo: orientação sexual, gênero, raça/etnia, outras deficiências, entre outros.

Como desdobramentos futuros, pretendemos aprofundar nossas discussões, pois o DUA não se estagna nunca, sempre movimenta práticas. Buscaremos sempre atualizar estas três proposições, num movimento contínuo de cortes, recortes, retomadas e inovações a fim de buscar processos de ensino-aprendizagem para todos e com todos.

Referências

CORNAGO, Óscar. **Éticas del cuerpo**: Juan Domínguez, Marta Galán, Fernando Renjifo. Caracas, Madrid: Editorial Fundamentos, 2008.

DOMINGOS et al. Pessoas com deficiência visual: relações de interdependência e ética do cuidado no serviço público. *In*: SILVA, Solange Cristina; BECHE, Rose Clér Estivalete; COSTA, Laureane Marília. (Orgs). **Estudos da deficiência na educação: antipacitismo, interseccionalidade e ética do cuidado**. Florianópolis: UDESC, p. 284-309, 2022.

KASTRUP, Virginia. Atualizando virtualidades: construindo a articulação entre arte e deficiência visual. *In*: MORAES, Marcia; KASTRUP, Virgínia. **Exercícios de ver e não ver: arte e pesquisa com pessoas com deficiência visual**. Rio de Janeiro: Nau, 2010.

COSTA, L. M. L; KITTEL, R; FERREIRA, M, S. **Estudos da Deficiência na Educação: refletindo o Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA) como uma Possibilidade de Ensino para Todas as Pessoas**. Capítulo 1 - Concepções que atravessam as práticas das profissionais da Educação, [2023?] No prelo.

ZOBOLI, Elma Lourdes Campos Pavone. A redescoberta da ética do cuidado: o foco e a ênfase nas relações. *In*: **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 38, n. 1, p. 21, 2004.

Desenhando as práticas pedagógicas através do DUA

Eliziane Limongi da Silva¹⁰

Ivany Balena¹¹

Roseni Martins Florisbal¹²

Gabrielle Coggo¹³

Introdução

O Desenho Universal para a Aprendizagem está se tornando cada vez mais parte do cotidiano pedagógico, presente em momentos de planejamentos de aulas - uma vez que já entendido que a problemática não está nos alunos com deficiência, mas, sim, nos currículos inflexíveis (CUNHA, 2018) -, comportamentos frente aos alunos e aos colegas de profissão, no pensar e executar das avaliações e nas barreiras desconstruídas ao longo do caminho. Seus princípios vão orientar o professor a pensar de forma que mobilize recursos e estratégias diversas e que tornem sua prática acessível às diferentes necessidades da turma. Cientes disso, o projeto de extensão da Universidade Federal do Pampa - Tertúlias - ofertou um curso voltado ao Desenho Universal para Aprendizagem, o que oportunizou ao final a construção de relato de experiência realizado pelas cursistas participantes do mesmo.

10

11

12

13

Frente a essa proposta, o DUA despertou uma forma de renovar o olhar de modo que se amplie o direito à aprendizagem. Entendido como a que oportuniza minimizar os empecilhos, possibilitando a utilização de diversos meios de representação do conteúdo, de execução e de participação na tarefa. Neste sentido, o pleno desenvolvimento do educando implica a formação de sujeitos autônomos, que compreendam a realidade em que vivem, seus desafios, complexidades e particularidades, e que sejam capazes de – compreendendo-se como sujeitos históricos – transformar essa realidade, alcançando sua emancipação, através dessa ferramenta de aprendizagem.

Procedimentos metodológicos

Os conteúdos abordados neste curso foram construídos com auxílio de três cadernos, chamados de tertúlias e encontros síncronos, às segundas-feiras das 19 horas às 20h30, construindo as bases para chegar à compreensão sobre o Desenho Universal para Aprendizagem (DUA). Inicialmente foram colocados os modelos de concepção de deficiência, entre eles o modelo místico, o médico e o social, visando reconstruir as visões preconceituosas sobre Costa et. al, [2023?] (primeira tertúlia). Em segundo momento um convite para análise dos comportamentos pedagógicos acessíveis e os que afirmavam as barreiras, fossem elas arquitetônicas, instrumentais, pedagógicas, atitudinais, entre outras Kittel et. al, [2023?] (segunda tertúlia). Por fim, a última tertúlia trabalhou os princípios do DUA voltado ao planejamento de aulas e práticas reais com esse modelo Ferreira et. al, [2023?] (terceira tertúlia).

Ao notar a presença, no curso citado, de uma professora de atendimento educacional especializado (AEE), a qual atua no contraturno na Sala de Recursos Multifuncionais, em seus horários coletivos e de articulação com os demais colegas de profissão procura pensar e discutir sobre o planejamento das aulas de cada turma, refletindo sobre os objetivos de aprendizagem a que se propõe, e numa perspectiva do DUA, há o auxílio a equipe escolar. Nestas trocas é imprescindível a interlocução e a ação do Coordenador Pedagógico, estando todos na visão democrática da gestão pedagógica (TAUCHEN, 2013). Para exemplificar, a mesma realizou um trabalho juntamente a duas professoras do 2º ano do ensino fundamental, contendo turmas com 32 alunos cada, onde havia um estudante autista e um com deficiência intelectual. Na outra turma, uma aluna com Síndrome de Down e com deficiência intelectual. Além disto, entre as duas turmas estavam crianças não alfabetizadas e com dificuldades variadas de aprendizagem. Dado a contextualização, o objeto de estudo era o Ciclo de Vida da Borboleta baseado na leitura de um livro infantil.

Em linhas gerais, o tema foi apresentado com exibição de *slides*, onde as professoras realizaram o levantamento dos conhecimentos prévios. Houve a leitura do livro *A Lagarta Comilona* e a sua exploração. Por consequência, uma variação da brincadeira dinâmica “Morto-Vivo” na qual as crianças diferenciariam o gestual da professora que indicaria entre a borboleta e a mariposa, e responderiam também com o movimento das mãos. Também foi ofertado jogo da memória, jogo de sequência lógico-temporal com tema escolhido, dobradura, pintura, recorte e colagem, e apresentação de um vídeo musical da história do livro. Todas as atividades citadas foram sistematicamente organizadas em tempos diferentes e suficiente para todos participarem, ora ocorreu em pequenos grupos, ora individualmente.

Também exercendo o cargo de coordenação escolar, as aplicações do DUA no cotidiano desta cursista, ocorrem mediante capacitações de professores para o atendimento educacional especializado nas escolas, orientações com as famílias que, muitas vezes, acreditam que o estudante com deficiência precisa de adaptações e ensino individualizado e que não se beneficia de práticas que possibilitem a participação de todos os alunos, no acompanhamento ao trabalho de sala comum das escolas, auxiliando os professores no seu planejamento. Invertendo exemplos para os educadores em muitas situações que acham impossível, com possibilidades oferecidas de aprendizado com o DUA.

Como professora de inglês, em seu contexto o DUA se aplica na necessidade de um olhar voltado para Educação e conscientização de como ela pode converter-se em ferramenta necessária nas aulas e no social, a fim de diminuir as lacunas e disfunções de cada turma. Outra forma utilizada foi chamar os pais para dentro da escola, ampliando oportunidades educacionais, e difusão de conhecimentos, ou seja, o presenciar a transmissão do saber. Neste ambiente, o DUA é utilizado para iniciar conteúdos que seriam meramente gramaticais, ajudando a contextualizar e a memorizar algumas regras, por exemplo com o uso do aplicativo Wordwall, despertando o engajamento em alunos do nono ano do ensino fundamental até o terceiro ano do ensino médio por se sentirem desafiados com tal prática (CAST, 2018).

Resultados e discussão

Após as metodologias utilizadas, os resultados que são obtidos através das práticas utilizando o Desenho Universal para Aprendizagem, da cursista que é professora do AEE, foram colocados como muito positivos. Uma vez que todos os alunos participaram, incluindo aqueles com maior grau de dificuldade. As professoras puderam avaliar o aprendizado no decorrer das atividades propostas, observando as falas e os comportamentos das crianças, além de

suas produções. A prática coletiva, em que as professoras se apoiaram umas às outras, revela um encorajamento e uma maior energia empregada na realização do trabalho, tanto no pensar das estratégias e recursos pedagógicos como na ação propriamente dita.

Para a cursista coordenadora pedagógica, o resultado foi lento, quase um trabalho de “formiguinha”, mas são sementes sendo plantadas e possibilidades sendo vivenciadas dentro das escolas. Quando se faz uma orientação quanto ao planejamento utilizando o DUA e se tem como *feedback* um “não tinha pensado dessa forma, mas vou fazer” e se percebe que os professores ficam mais seguros na sua prática, envolvidos e comprometidos com um ensino de qualidade para todos os alunos percebe-se que o resultado é positivo (FREIRE, 2018).

O uso do DUA fez e comprova que seu uso em todas as turmas leva ao alcance dos objetivos de aprendizagem, uso de habilidades individuais que levam a habilidades do componente de estudo, no caso a língua inglesa. Os resultados são os mais variados e o mais importante é que são possíveis a todos.

Considerações finais

Concluindo, o Desenho Universal para Aprendizagem já permeava os trabalhos como pedagogas, mas por meio do curso o material teórico atrelado às práticas oferecido possibilitou reflexões sobre o conceito e principalmente sobre a aplicabilidade nas práticas pedagógicas. Além disso, o DUA é reflete o que se pode dizer sobre inclusão, pois traz aos alunos a possibilidade de estarem todos aprendendo, em seu tempo, na sua maneira com recursos e estratégias diversas, mas fazendo parte de um plural dentro de tanta singularidade.

Por fim, o formato *on-line* proposto pelo curso, proporcionou o conhecimento de novas colegas de trabalho que atuam em diversos lugares do país e as trocas de experiências. Onde o planejamento, a disponibilidade e um olhar atento para todos os alunos, inclusive as limitações como profissionais da educação provocam a uma busca constante de possibilidades fora do padrão imposto, diminuindo vez após vez a desigualdade dentro da sala de aula.

Referências

Cunha, Maria Isabel. **Prática pedagógica e inovação**: experiências em foco. Profa. Dra. Páginas 12 – 17.

CAST. Diretrizes do Desenho Universal para Aprendizagem versão 2.2.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 56ª edição - Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

TAUCHEN, Gionara. **Gestão e organização escolar**. Rio Grande: Editora da FURG, p. 9-28, 2013.

COSTA, L. M. L; KITTEL, R; FERREIRA, M, S. **Estudos da Deficiência na Educação**: refletindo o Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA) como uma Possibilidade de Ensino para Todas as Pessoas. Capítulo 1 - Concepções que atravessam as práticas das profissionais da Educação, [2023?] No prelo.

KITTEL, R; FERREIRA, M, S; COSTA, L. M. L. **Estudos da Deficiência na Educação**: refletindo o Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA) como uma Possibilidade de Ensino para Todas as Pessoas. Capítulo 2 - Saber como incluir é importante, mas saber por que incluir é fundamental, [2023?] No prelo.

FERREIRA, M, S; COSTA, L. M. L; KITTEL, R. **Estudos da Deficiência na Educação**: refletindo o Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA) como uma Possibilidade de Ensino para Todas as Pessoas. Capítulo 3 - Planejamento, Práticas e Recursos Pedagógicos com Foco no Desenho Universal para a Aprendizagem/DUA, [2023?] No prelo.

Como acontece o Ensino da Língua Inglesa para Estudantes Imigrantes na Ebias?

Stéfani Rafaela Pintos da Rocha¹⁴

Bianca Prates Santana¹⁵

Diferentes jeitos de ensinar ampliam o direito de aprender.

Escola Básica Municipal Intendente Aricomedes da Silva (EBIAS).

Introdução

A epígrafe integra o Projeto Político Pedagógico da Escola Básica Municipal Intendente Aricomedes da Silva (EBIAS), e esta traduz de forma objetiva o princípio do Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA). Durante o curso¹⁶ de extensão online conseguimos nos apropriar e transpor esse princípio em nossa prática docente. Nos debruçamos, principalmente, nesse princípio por considerar que trabalhamos em uma escola heterogênea, com pessoas

14 Professora auxiliar de educação especial da rede municipal de ensino de Florianópolis – SC. Atua na Escola Básica Municipal Intendente Aricomedes da Silva (EBIAS). Florianópolis – SC.

15 Professora de Inglês e Português da rede municipal de ensino de Florianópolis – SC. Atua na Escola Básica Municipal Intendente Aricomedes da Silva (EBIAS). Florianópolis – SC.

16 “Desenho Universal para Aprendizagem com foco no público da educação especial e na perspectiva inclusiva” ofertado no primeiro semestre de 2022 pela Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA – Bagé) em parceria com a Secretaria de Modalidades Especializadas de Educação do Ministério da Educação (SEMESP – MEC), por meio do Grupo de Estudos e Pesquisas em Inclusão e Diversidade na Educação Básica e Ensino Superior (INCLUSIVE).

diferentes e que apresentam experiências, estilos de aprendizagem e interesses diversos. Considerando nossa realidade, aderimos algumas medidas e estratégias para atender as demandas dos/as estudantes imigrantes. Para oferecer os apoios adequados à aprendizagem desses estudantes elegemos uma das ações pedagógicas propostas na disciplina de Língua Inglesa na qual considerou os três princípios que orientam a organização curricular da EBIAS: a inclusão, o trabalho colaborativo e o Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA).

É importante considerar que a Rede Municipal de Ensino de Florianópolis (RMEF) conta com 38.885 estudantes, nas diferentes etapas e modalidades de ensino, conforme dados fornecidos pela Diretoria de Planejamento e Dados Educacionais (DIPED) no ano de 2022. Deste total, 16.284 são registros de matrículas de crianças que frequentam os Núcleos de Educação Infantil Municipal (NEIM's); 1.627 de conveniadas; 19.458 matrículas de estudantes em Escolas Básicas Municipais (EBM's) e 1.516 registros de estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Nesse íterim, tendo por referência os registros de matrículas de estudantes imigrantes, no ensino fundamental, dos últimos quatro anos, temos o seguinte cenário: 2019: 295; 2020: 357; 2021: 403 e em 2022: 460 matrículas. Isso corresponde a 2,36%, ou seja, houve um crescente ingresso nessa etapa de ensino na RMEF de estudantes imigrantes. Fazendo um recorte para os dados da EBIAS, registramos 15 estudantes imigrantes do total de 748, sendo que um deste é público da educação especial e outro está em AEE¹⁷ investigativo, ambos estudantes do 7º ano.

Também consideramos a Lei de Migração nº 13.445, de 24 de maio de 2017 que "Institui a Lei de Migração", na Lei nº 10.735, de 28 de Julho de 2020 de Florianópolis na qual "Dispõe sobre a política municipal para a população migrante, com objetivos, princípios, diretrizes e ações prioritárias" e na Resolução nº 1, de 13 de novembro de 2020, emitida pelo Conselho Nacional de Educação por meio da Câmara de Educação Básica – CNE/CEB, na qual "Dispõe sobre o direito de matrícula de crianças e adolescentes migrantes, refugiados, apátridas e solicitantes de refúgio no sistema público de ensino brasileiro". Além do acesso, esses documentos preveem algumas ações de acolhimento que as escolas precisam desenvolver e atender para garantir a permanência e terminalidade (sucesso/êxito) dos/as estudantes imigrantes.

Portanto, para este relato nos propomos a socializar uma das ações desenvolvidas na perspectiva plurilíngue tendo em vista dirimir a barreira linguística, principalmente, de estudantes imigrantes, bem como oportuni-

17 Atendimento educacional especializado.

zar que os demais tenham acesso a outra língua e aprendam sobre outras culturas. Para isso, nos ancoramos no princípio do DUA como possibilidade de ampliar as oportunidades de aprendizagem e garantir a justiça social. A seguir, descrevemos os procedimentos metodológicos elegidos, e na sequência apresentamos os recursos e estratégias utilizadas, e os principais resultados. Por fim, as considerações finais.

Os três princípios da escola: da teoria à prática

Incluir é ir ao encontro da necessidade do outro.

Escola Básica Municipal Intendente Aricomedes da Silva (EBIAS).

Com esta epígrafe em tela, compartilhamos um dos princípios da escola que orientam a organização curricular. Entendemos que o conceito de inclusão vai além de um público específico, ou seja, não se limita a uma categoria, mas a todos os sujeitos independente das suas características físicas, sensoriais, intelectuais, linguísticas, de nacionalidade, raça, gênero, econômica etc...

A Declaração de Salamanca (1994) foi o estopim de muitas políticas de integração da época e que não se restringiam a uma parcela apenas da população – pessoas com deficiência - mas englobavam desde então, outros grupos marginalizados que constituem os marcadores da diferença e podem se apresentar de forma interseccional. Apresenta uma noção ampliada do conceito não se resumindo as pessoas que têm deficiência, sendo um equívoco decorrente de traduções que atribuíram a “responsabilidade” da inclusão ao campo da educação especial (BUENO, 2008).

Incluir não é só garantir a matrícula das crianças e/ou estudantes nas instituições de ensino, é um passo além, pois implica na permanência desses sujeitos, nas condições que lhe são fornecidas para que consigam de forma equitativa perante as demais, aprender e a exercer seus direitos. Masella (2019) em sua pesquisa destaca que o espaço escolar é um ambiente privilegiado e que cabe aos atores que interpretam e traduzem as políticas, - por as colocarem em prática -, desenvolver ações que garantam o direito à educação desde que inclua no currículo da escola e da rede de ensino, propostas que atendam às diferenças culturais colaborando com a promoção de políticas educacionais que deem visibilidade a essas crianças e/ou estudantes.

Padilha (2013) nos fornece um rol de possibilidades para que se atinja a perspectiva inclusiva, dentre elas, destaca que é necessária uma visão crítica de mundo; identificar as necessidades para planejar e pensar nas condições de acesso à educação; ver mais de perto, olhar os detalhes e questionar sem-

pre, se esta criança está aprendendo, o que sabe, sua realidade e história. Envolve todo um contexto, pois demanda um coletivo de pessoas, trata de um trabalho colaborativo para que se promovam práticas inclusivas e mais justas, construindo uma rede de apoio à docência inclusiva.

Aliado a esses dois princípios já mencionados, elencamos o Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA), que conforme estudamos durante o curso este princípio é um caminho que orienta a organização curricular de uma instituição de ensino fomentando a acessibilidade e a ampliação de acesso à educação. [KITTEL et al., 2023?]. Este pode contribuir na promoção dos direitos humanos rompendo com práticas e currículos normocêntricos e capacitistas. Ou seja, este princípio visa a superação de propostas centradas em um único estilo de aprendizagem, apresentando novas possibilidades que contemplem a variação humana, permitindo aos educadores maior flexibilidade, variabilidade nos métodos de ensino, recursos e estratégias, bem como na avaliação. Para se consolidar na prática, precisamos seguir os três princípios do DUA que são o engajamento – o **porquê** de abordar tal tema/conteúdo de modo a envolver, cativar os/as estudantes -; seguido da representação – o **quê** vai ser abordado e qual o objetivo de aprendizagem buscando apresentar de diferentes formas o conteúdo – e o último é a ação e expressão – **como** vamos oportunizar que estes estudantes expressem o que aprenderam, considerando também a diversidade das formas de expor o aprendizado-.

Esse conjunto de princípios são basilares para o desenvolvimento de práticas na perspectiva inclusiva, de modo a superar as barreiras e tornar um ambiente de aprendizagem acessível a todos os sujeitos.

Diversificar para incluir: redes de apoio e estratégias

Esta experiência foi desenvolvida durante o primeiro semestre de 2022 na EBIAS, com duas turmas do 7º ano (71 e 72). Em cada uma das turmas há a presença de estudantes imigrantes, em processo de alfabetização, com deficiência, altas habilidades/superdotação e com diferentes níveis de desenvolvimento linguístico.

Importa destacar que o trabalho que ilustra este relato foi desenvolvido de forma colaborativa entre a professora regente e a Professora Auxiliar da Educação Especial (PAEE). Ao planejar, consideramos o perfil da turma e os diferentes estilos de aprendizagem, trocamos ideias e impressões para então criarmos coletivamente as propostas pensando em todas as necessidades educacionais, físicas, linguísticas, metodológicas que possam representar barreiras que obstaculizam ou dificultam o acesso à educação.

Eleito os objetivos de aprendizagem passamos a planejar as atividades que seriam desenvolvidas para alcançá-los. Propomos jogos educacionais, como forma de engajar os/as estudantes no desenvolvimento das atividades e contemplar as necessidades de todos, em especial, os imigrantes. Foram desenvolvidos e aplicados diferentes jogos com o objetivo de incentivar a escrita de vocabulário relacionado às partes do corpo humano, organizado por meio de um jogo da memória nos três idiomas: português, espanhol e inglês. Quanto ao segundo objetivo, conhecer vocabulário sobre esportes, desenvolvemos um bingo com diversos esportes, seguindo a mesma proposta do plurilinguismo. E, por fim, o terceiro objetivo, escrever vocabulário relativo aos meios de transportes, mais uma vez utilizamos a estratégia do jogo da memória. Para este relato de experiência, elegemos apenas o do bingo dos esportes, por ser o que mais as turmas demonstraram maior envolvimento e apropriação do conteúdo. Sobretudo, por todos estarem simultaneamente participando juntos, não foi necessário organizá-los em pequenos grupos.

O jogo foi pensado para atingir todos/as os/as estudantes das turmas, inclusive aqueles em processo de alfabetização. Para isso, tinham o auxílio do recurso visual e escrito em três idiomas. Utilizamos o jogo como forma de representar e ensinar o conteúdo, ancoramos, nessa atividade, nossas observações para realização da avaliação na perspectiva processual.

Turma 71



Fonte: Autoras2022

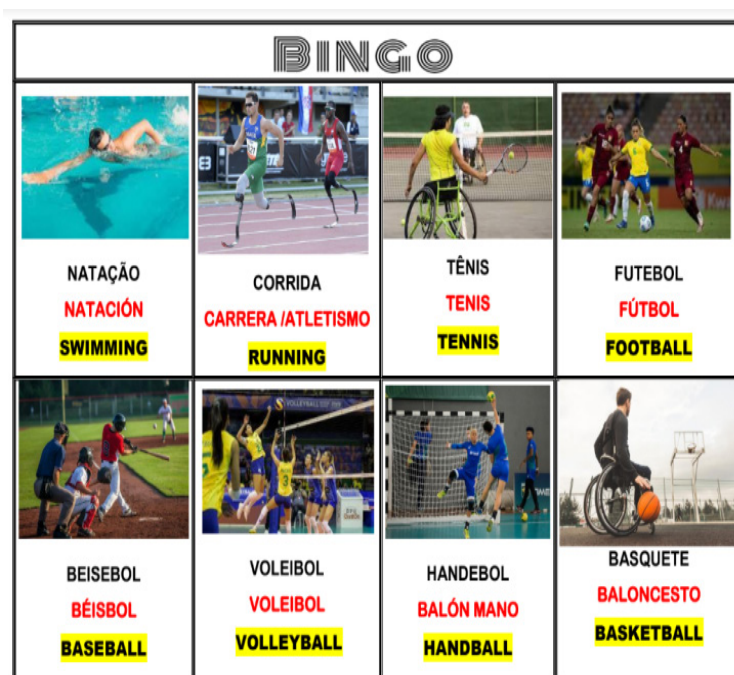
Turma 72



Fonte: Autoras2022

Audiodescrição: Duas fotografias, à esquerda, a foto da Turma 71 com uma sala de aula com atividades em papel e tampinhas coloridas. Fonte: autoras 2022. A foto da Turma 72 tem uma sala com carteiras escolares e alunos. Em primeiro plano, um aluno com o rosto coberto por uma carinha amarela de sorriso. Sobre a mesa um papel impresso com fotos e textos. Fim da descrição.

Cartela do Bingo



Fonte: Autoras, 2022

Audiodescrição: cartela branca dividida em 4 colunas e 2 linhas com uma sequência de 4 fotos em cada linha. No alto, está escrito em preto a palavra BINGO. Na primeira linha a sequência de 4 fotos. A primeira tem uma pessoa nadando em uma piscina e escrito: Natação - Natación - Swimming. Na segunda foto, atletas com próteses em pista de corrida e o texto: Corrida - Carrera/Atletismo - Running. A terceira foto com dois atletas cadeirantes jogam tênis e o texto: Tênis - Tenis - Tennis. A quarta foto com mulheres jogando futebol e o texto: Futebol - Fútbol - Football. A segunda linha com uma foto de jogadores em um campo de beisebol e o texto: Beisebol - Béisbol - Baseball. A segunda foto com uma mulher em uma quadra de vôlei e o texto: Voleibol - Voleibol - Volleyball. A terceira foto com atletas em uma quadra e o texto: Handbol - Balón Mano - Handball. A última foto tem um cadeirante com uma bola laranja e o texto: Basquete - Baloncesto - Basketball. Fim da audiodescrição.

Esta imagem ilustra como desenvolvemos a cartela do bingo, com o devido cuidado de contemplar a diversidade humana associada aos esportes, para mostrar à turma a inclusão em todos os espaços. A tradução do material para a língua espanhola contou com uma rede de apoio, em que a professora auxiliar de educação especial, por saber o espanhol, realizava as traduções, mas costumava consultar professores/as de outros países falantes da língua espanhola para confirmar ou adequar a tradução, por conta da variação linguística do espanhol.

Resultados e discussão

Até o momento, vemos que o estudante da turma 71 que é público da educação especial vem se apropriando da Língua Portuguesa, e compreendendo

as propostas e conteúdo da disciplina. Já o estudante da turma 72 ainda apresenta dificuldades de compreensão do que se pede, necessitando de apoio visual além da tradução linguística.

Na proposta do bingo dos esportes, foram desenvolvidas cartelas diferenciadas para os estudantes imigrantes e os em processo de alfabetização com o uso do recurso visual para auxiliar na compreensão do que eles ouviam durante a dinâmica do jogo, bem como o vocabulário escrito nos três idiomas: inglês, espanhol e português.

O objetivo de aprendizagem, como já comentado anteriormente, era conhecer o vocabulário sobre os esportes (LE105 - Descritores da Rede Municipal de Florianópolis) e para isso foram realizadas atividades que culminaram com o jogo em sala de aula, como leitura e interpretação de texto sobre o tema com o auxílio do livro didático do 7º ano, conhecimento de vocábulos referentes a alguns esportes e pesquisa interna sobre os esportes que eles praticavam e quais esportes eles gostariam de aprender. E, por fim, o bingo aplicado em sala de aula, individualmente e em alguns casos, com o auxílio dos/as colegas e professoras. No jogo foram utilizados vocábulos trabalhados previamente e alguns novos para observar o que eles já conheciam e lançar o desafio de aprendizagem.

Vemos que ao elaborar propostas e eleger diferentes maneiras de representação do conteúdo, não priorizando apenas um único sentido, conseguimos atingir toda turma. Consideramos os diferentes estilos de aprendizagem que melhor se aproximam de uma forma individual de aprender [KITTEL et al., 2023?]. Identificamos as necessidades e interesses da turma e ofertamos os apoios necessários adequados aos estudantes.

Considerações finais

Ao conhecermos melhor os modos como os/as estudantes aprendem, percebemos a necessidade de diversificar a forma de ensinar, buscando ir ao encontro das necessidades e interesses de cada turma. Os estudantes imigrantes se beneficiaram da proposta, e se sentiam contentes por conseguirem, muitas vezes, realizar as atividades com independência, visto que compreenderam o conteúdo. É necessário diferenciar, para incluir. Isso implica que precisamos olhar para todos/as os/as estudantes e conhecer seus estilos de aprendizagem, com isso conseguimos atingir o engajamento da turma por meio de jogos, e principalmente, alcançar o objetivo de conhecer o vocabulário sobre os esportes.

Referências

BÖCK, Geisa L. K.; GESSER, Marivete; NUERNBERG, Adriano H. O desenho universal para aprendizagem como um princípio do cuidado. **Revista Educação, Artes e Inclusão**, Florianópolis, v. 16, n. 2, p. 361-380, 2020. DOI: 10.5965/1984317815022019361. Disponível em: <https://periodicos.udesc.br/index.php/arteinclusao/article/view/15886>. Acesso em: 14 nov. 2022.

BRASIL. **Lei n. 13.445, de 24 de maio de 2017**. Institui a Lei de Migração. Diário Oficial da União, Brasília. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/L13445.htm. Acesso em: 10 de nov. 2022.

BRASIL. **Resolução nº 1, de 13 de novembro de 2020**. [eletrônico]. Dispõe sobre o direito de matrícula de crianças e adolescentes migrantes, refugiados, apátridas e solicitantes de refúgio no sistema público de ensino brasileiro. Brasília: Diário Oficial da União. Disponível em: <https://www.in.gov.br/web/dou/-/resolucao-n-1-de-13-de-novembro-de-2020-288317152>. Acesso em: 10 de nov. 2022.

BUENO, J. G. S. **As políticas de inclusão escolar**: uma prerrogativa da educação especial? In: José G. S. BUENO, Geovana M. LUNARDI-MENDES, & Roseli A. dos SANTOS. Deficiência e escolarização: novas perspectivas de análise. Araraquara, SP: Junqueira&Marin. Cap. 2., p. 43-66, 2008.

FLORIANÓPOLIS. **Lei nº 10.735, de 28 de julho de 2020**. Dispõe sobre a política municipal para a população migrante, com objetivos, princípios, diretrizes e ações prioritárias. Florianópolis, 2020. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/sc/f/florianopolis/lei-ordinaria/2020/1074/10735/lei-ordinaria-n-10735-2020-dispoe-sobre-a-politica-municipal-para-a-populacao-migrante-com-objetivos-principios-diretrizes-e-acoes-prioritarias>. Acesso em: 14 de nov. 2022.

FLORIANÓPOLIS. **Projeto Político Pedagógico da Escola Básica Municipal Intendente Aricomedes da Silva**. 2022.

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO. Secretaria do Estado de Educação de São Paulo. Documento Orientador CGEB/NINC. **Estudantes imigrantes**: acolhimento. São Paulo, 2018. Disponível em: https://www.educacao.sp.gov.br/wp-content/uploads/2018/12/ACOLHIMENTO_FINAL-compressed.pdf. Acesso em: 10 nov. 2022.

KITTEL, R; FERREIRA, M, S; COSTA, L. M. L. **Estudos da Deficiência na Educação: refletindo o Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA) como uma Possibilidade de Ensino para Todas as Pessoas**. Capítulo 2 - Saber como incluir é importante, mas saber por que incluir é fundamental, [2023?] No prelo.

MASELLA, Ana Paula I. **Diferença cultural, políticas e representações sobre inclusão escolar de imigrantes bolivianos no município de São Paulo**. 2019. Dissertação

(Mestrado em educação: Currículo) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2019.

PADILHA, Ana Maria L. O que fazer para não excluir: Davi, Hilda, Diogo. In: Maria Cecília R. de GÓES, & Adriana L. F. de LAPLANE. **Políticas e práticas de educação inclusiva**. (Orgs.). 4 ed. Campinas, SP: Autores Associados. Cap. 5, p. 85-112, 2013.

Desenho universal para aprendizagem

UM ESPERANÇAR INCLUSIVO

Leoncio Edgar Carvalho Madruga¹

Andrea Cardona Santa Helena²

Andreia Collin³

Elisabeth Silveira da Silveira⁴

Elizene Alencastro Barbosa⁵

Liliane Maier Moscope⁶

Valquiria Alves da Silva⁷

Introdução

Este relato, composto a várias mãos por educadores, observadores e leitores da vida, dos processos que compõem a educação e a diversidade de suas práticas, busca, revisar a natureza desse processo, que é histórico e cultural, apresentado como uma constante busca de aprendizagem, formando uma espécie de lente, através do qual vemos os fatos, os procedimentos e as multiformas que envolvem os cotidianos das experiências de aprendizagem dos educandos.

Nesse sentido, cada um tem um olhar próprio, uma escuta sobre os múltiplos conteúdos dessas experiências, que é construído a partir de todo um cenário em que nos movimentamos - espaço e tempo; cultura e história - acrescido da necessidade de (re)avaliarmos nossas práticas para o acrésci-

1 Educador Especial, Rede Municipal de Educação, Dom Pedrito/RS.

2 Educadora Especial, Psicopedagoga, Rede Municipal de Educação, Porto Alegre/RS.

3 Educadora Especial, Professora de Matemática e Ciências, Rede Municipal de Educação, Caxias do Sul/RS.

4 Professora de Educação Especial, Psicopedagoga, Rede Municipal de Educação, Encruzilhada do Sul/RS.

5 Educadora Especial, Psicopedagoga, Rede Estadual de Ensino, Guaíba/RS.

6 Educadora Especial, Psicopedagoga, Rede Municipal de Ensino São Francisco de Paula/RS.

7 Educadora Especial, Professora Bilíngue Letras-Libras, Rede Estadual de São Paulo/SP.

mo de uma educação de valores, interesses, aptidões, dentre outros fazeres que permitem acolher, verdadeiramente, essa imensa diversidade de alunos, assim, construindo uma prática pedagógica inclusiva.

A partir do Curso Desenho Universal da Aprendizagem com foco no Público da Educação Especial e na Perspectiva Inclusiva, da Universidade Federal do Pampa (Unipampa), por meio das diversas Tertúlias em que as trocas de experiências permitiram novos aprendizados e ofereceram ferramentas que motivam novas práticas por meio da articulação com o DUA, reproduzimos, neste estudo, nossas impressões e motivações com a formação efetivada.

Rememoramos que a primeira concepção do DUA nasce de um conceito arquitetônico de meados dos anos 70, no qual um grupo de profissionais da área cria o denominado Desenho Universal, que tinha como objetivo repensar o *design* de ambientes de modo a torná-los acessíveis para o maior número de pessoas, sem a necessidade de reformas posteriores (SHIRASSU, LAGE & KOCINAS, 2021).

Essa premissa avoluma-se, chegando à educação em 1997, trazendo o intuito de trabalhar questões ligadas à inclusão de pessoas com deficiência e à acessibilidade destas nos espaços escolares.

Na literatura de Edyburn (2005), tomamos conhecimento de que o termo é atribuído a David Rose, Anne Meyer e colegas do Centro para Tecnologia Especial Aplicada (*Center for Applied Special Technology* - CAST), que realizavam estudos sobre as possibilidades de adequação do DUA nas práticas pedagógicas para pessoas com deficiência, a partir das leis que estavam definidas.

A proposta, então, pela visão de que a escola nunca foi homogênea; nela sempre esteve presente a diversidade, de forma que lidar com o ser humano é admitir que ele é singular, expandiu-se para todos os alunos, oportunizando aprendizagens sem deixar ninguém à margem do processo ensino-aprendizagem, respeitando as diferenças e reduzindo as barreiras, caminhando, assim, para uma escola inclusiva, pois:

[...] uma escola inclusiva procura responder às necessidades de todos os alunos que a frequentam, o que exige a criação de oportunidades para que estes se sintam acolhidos e participem ativamente nas atividades escolares. Nesse sentido, a inclusão impõe mudanças importantes no modo de perspectivar o papel e as funções da escola e na maneira de desenvolver práticas pedagógicas eficazes que garantam a aprendizagem de todos (NUNES; MADUREIRA. 2015, p.140).

Procedimentos metodológicos

Na compreensão de que os procedimentos metodológicos tem por objetivo guiar o pesquisador no caminho a ser percorrido na estruturação do estudo e, guiados pelo entendimento de Lopes et al. (2006), a escolha do método, da tipologia, bem como das técnicas a serem utilizadas, permite configurar este relato como:

- » Quanto aos procedimentos metodológicos, este estudo classifica-se como relato de experiência após realização de Curso de Formação;
- » Para o entendimento das questões levantadas, foram utilizados o método dedutivo, com a escrita de depoimentos pessoais e a utilização de pesquisa bibliográfico-documental;
- » Com relação à abordagem é qualitativa, numa escrita colaborativa;
- » Apresenta objetivo geral de buscar compreender a significação que o curso DUA traz para a prática profissional dos professores cursistas;
- » Como objetivos específicos a significação do Curso Desenho Universal para Aprendizagem com foco no público da Educação Especial e na perspectiva inclusiva (DUA) da Universidade da Região da Campanha, UNIPAMPA, das Tertúlias com suas trocas de experiências e as práticas possíveis de serem utilizadas como ferramentas a contribuir para uma educação para todos, nos diversos espaços educacionais e em suas respectivas cidades onde atuam os educadores autores deste relato de experiência.

Resultados e discussão

Ao dialogarmos com os diversos teóricos da aprendizagem, entendemos que esta ocorre de diferentes maneiras, permitindo vislumbrar que somente ocorre de forma efetiva quando respeitadas a individualidade, expectativas, necessidades e as diversas formas de aquisição e entendimento.

Gardner (1995), o cientista das inteligências múltiplas, presenteia a educação com uma ampla ferramenta teórica quando nos apresenta as inteligências múltiplas, fazendo uma crítica ao pensamento de inteligência única, permitindo, nesse sentido, pelos conceitos desenvolvidos, começar uma mudança na forma de compreender a aprendizagem. Nesse contexto, percebe-se o DUA como a base, o caminho e o incentivo necessários para, diante disso, permitir a inclusão de todos.

O DUA é um conceito novo, desconhecido ainda pela maioria, a junção de teoria, experiências e práticas que, quando aplicadas de forma efetiva e correta em todos os ambientes sociais garante o respeito à ética do cuidado com a supressão de barreiras da acessibilidade, sejam elas físicas ou atitudinais.

Nessa perspectiva, entende-se que se aprende de diferentes maneiras: ouvindo, escrevendo, jogando, falando, experimentando. E é nessa última, que o trabalho com Projetos faz a diferença nas escolas. Essa modalidade, como defendido por Hernández e Ventura (1998, p. 61) permite aos estudantes dar significado aos conteúdos escolares, pois proporciona a criação de estratégias de aprendizagens desde o início dos estudos, quando escolhem o assunto a ser trabalhado até a finalização, onde a partir dos conhecimentos adquiridos, podem contextualizar com a realidade onde estão inseridos.

A escola deve favorecer a construção do conhecimento, pois todos têm o direito de participar da forma que mais combina com suas habilidades. Cada estudante tem seu estilo de aprendizagem e para garantir uma educação de qualidade, é necessário que diferentes estratégias de ensino sejam implementadas.

As escolas que trabalham com Projetos de Ensino e que o fazem de forma a contemplar as especificidades de cada estudante, estão aplicando princípios do DUA, no entanto pelo fato de ser pouco conhecido, não é ampliado em sua totalidade.

Os professores estabelecem seus planos de trabalho e se utilizam de diferentes metodologias e estratégias considerando que os alunos são diferentes, mas que todos têm os mesmos direitos. Afinal, a escola é para todos!

Para o desenvolvimento de um projeto, cada docente contribui com a sua formação acadêmica, mas dentro de uma prática interdisciplinar, através da pesquisa e do debate, utilizando como auxílio os recursos disponíveis na escola como Laboratório de informática, recursos audiovisuais, auditório e o próprio espaço físico da escola (quadras de esportes, área de lazer).

Essa prática conduz todos os estudantes para o exercício da apropriação do processo criativo, da autonomia do fazer e o fluir das linguagens plásticas, escritas, teatrais/corporais, literárias e escritas. Desenvolve as habilidades e competências que envolvem níveis complexos de aprendizagem. Por meio do DUA, o aluno socializa, troca informações, desenvolve a pesquisa, a oralidade e a escrita, entre tantos outros benefícios. Os discentes reconhecem a escola como um espaço de apropriação e produção do conhecimento.

Sabe-se que a participação de todos é importante, pois há troca, uns aprendem com os outros e todos fazem parte do processo quando compartilham e o trabalho se torna cooperativo. A Escola, quando trabalha com

projeto, faz, naturalmente, com que os seus alunos reconheçam a importância do ser humano, independente da sua faixa etária, como protagonista do meio em que vive; pois ele participa de forma ativa, resgatando direitos e promovendo uma nova ética capaz de conciliar o ambiente e a sociedade. Com isso, promovem atitudes de respeito e aprendizagem e o aluno sente-se parte do ambiente e do processo de aprendizagem.

O DUA promove independência, autonomia, auto regulação, auto percepção de como o aluno aprende melhor. Além disso, o estudante percebe que tem o professor ao seu lado, assim como colegas que trabalham com o mesmo conteúdo, com a mesma temática, mas a partir de estratégias pedagógicas diferenciadas.

A partir do curso de extensão desenvolvido pela UNIPAMPA observa-se que muitos cursistas, assim como nós, já desenvolviam o Desenho Universal da Aprendizagem, por sentirem a necessidade de contemplar todos os alunos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem.

A trajetória da educação especial foi marcada por mudanças ao longo da história e atualmente pensamos nela na perspectiva da educação inclusiva e não mais como uma modalidade à parte, visando a equidade a fim de garantir oportunidades reais para seu público-alvo.

Quando falamos em DUA também falamos de um planejamento pedagógico contínuo onde entendemos que cada realidade é diferente e como tal necessita de práticas diferentes. Segundo artigo da Revista Neurociência: Plasticidade cerebral - A descoberta que revolucionou a aprendizagem, relata sobre a capacidade que nosso cérebro tem de se desenvolver, principalmente quando aprendemos coisas novas que nos motivam, a denominada plasticidade cerebral, esta magnífica descoberta mostra que a medicina aliada à educação vem transformando padrões repetitivos de ensino, demonstrando que nosso cérebro pode criar novos caminhos para uma aprendizagem mais consistente, dessa forma, confirmando todas as premissas conceituadas pelo DUA.

Considerações finais

O curso Desenho Universal para a aprendizagem com foco no público da educação especial e na perspectiva da educação inclusiva cumpriu o seu propósito de nos trazer inquietações sobre a nossa prática pedagógica. As articulações feitas com a história da educação especial e os objetivos do DUA fizeram todo sentido, para no mínimo, refletirmos sobre a pessoa com deficiência de uma forma diferente ao que ocorre pelo senso comum que, muitas vezes, são permeadas pelo capacitismo e por visões distorcidas da realidade.

A oportunidade que nos foi dada veio para marcar a nossa jornada como educadores, como se fosse um divisor de águas, um antes e um depois. Ainda há muitas informações a serem processadas, entendidas com mais profundidade e aplicadas em nossas escolas, mas a essência do que significa o DUA para garantir direitos como acesso ao currículo e à aprendizagem, permitiu-nos compreender as várias possibilidades de ensino que devem fazer parte de uma educação inclusiva de qualidade.

O fato de as formadoras serem pessoas com e sem deficiência fez toda a diferença, pois as experiências mostradas nos estudos de caso eram baseadas em histórias reais, proporcionando maior engajamento porque eram permeados de desafios que vivenciamos de perto em nossos contextos de trabalho.

Outro ponto que foi um diferencial foi a forma de avaliação e entrega das nossas produções. Nos sentimos incluídos e contemplados, pois a plataforma aceitava diversas possibilidades, desde desenhos, registros escritos, vídeos, áudios e até arquivos com imagens para expressarem nosso entendimento sobre as tarefas solicitadas em cada tertúlia.

O curso DUA da Universidade UNIPAMPA trouxe uma proposta esclarecedora em relação à inclusão de forma prática, em que todos os alunos, com deficiência ou não, têm direito a uma proposta ampla de aprendizagem.

E é no dia a dia com a diversidade que uma escola tem que ser parte para estratégias práticas e eficientes, e esse olhar diferenciado que faz do professor um profissional mais humano e consciente, como citado no Caderno Didático Ferreira et. al, [2023?] da Terceira Tertúlia do curso, *O professor extraordinário* com uma prática extraordinária, relatando um fato que não é difícil de ocorrer nas escolas quando o professor não tem um olhar atento à diversidade, pois em uma só turma existem divergências de pensamentos e formas de aprendizagem.

O curso nos permitiu criar um espectro de inclusão visualizando possibilidades antes obscuras, vislumbrando ferramentas e estratégias de acessibilidade e nos oportunizou a reavaliação de nossa prática pedagógica, ação fundamental para que todos nossos estudantes sejam protagonistas da inclusão, ativos no processo de ensino e de aprendizagem e que possamos renovar nossa esperança na educação.

Assim, podemos concluir com o pensamento de Augusto Cury: *“bons professores possuem metodologia. Professores fascinantes possuem sensibilidade”*.

Referências

EDYBURN, D.L. **Questões críticas no avanço da base de evidências de tecnologia da educação especial**. Disponível em: <http://www.com.br/estudos/dcm>. Desenho Universal para a Aprendizagem. Acesso em: 19 out. 2022.

FERREIRA, M, S; COSTA, L. M. L; KITTEL, R. **Estudos da Deficiência na Educação**: refletindo o Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA) como uma Possibilidade de Ensino para Todas as Pessoas. Capítulo 3 - Planejamento, Práticas e Recursos Pedagógicos com Foco no Desenho Universal para a Aprendizagem/DUA, [2023?] No prelo.

GARDNER, H. **Inteligências Múltiplas: A Teoria na Prática**. 5 Ed. Porto Alegre: Artmed, 1995.

HERNÁNDEZ, F.; VENTURA, M. **A organização do currículo por projetos de trabalho**. O conhecimento é um caleidoscópio. Porto Alegre: Editora Artmed, 1998.

HÜBNER, Mendes. In: Revista Diversa: **O que é desenho universal de aprendizagem?** Disponível em: <https://diversa.org.br/artigos/o-que-e-desenho-universal-para-aprendizagem>. Acesso em 05 nov. 2022.

LOPES, Jorge et al. **O fazer do trabalho científico em ciências sociais aplicadas**. Recife: Universitária da UFPE, 2006.

NUNES, Clarisse; MADUREIRA, Isabel. **Desenho Universal para a Aprendizagem**: Construindo práticas pedagógicas inclusivas. Disponível em: <https://repositorio.ipl.pt/bitstream/10400.21/5211/1/84-172-1-SM.pdf>. Acesso em: 18 out. 2022.

REVISTA NEUROCIÊNCIA. **Plasticidade cerebral**: A descoberta que revolucionou a aprendizagem. Disponível em: <https://mentalidadesmatematicas.org.br/>. Acesso em: 05 nov. 2022.

SHIRASSU, Lícia; LAGE, Marisol; KOCINAS, Silvia. **Desenho Universal para a Aprendizagem**: uma perspectiva de atenção à diversidade e inclusão. Disponível em: <http://www.com.br/noticias/22/02/2021>. Desenho Universal para a Aprendizagem. Acesso em: 19 out. 2022.

Desenho Universal Para Aprendizagem

UM ESPERANÇAR APLICADO À APRENDIZAGEM DE MATEMÁTICA

Flávia Santos Rodrigues⁸

Introdução

A Educação Especial na Perspectiva Inclusiva, bem como, os movimentos políticos que visam o fortalecimento da Política da Inclusão, nos impõe a pensar nos estudantes com deficiência como sujeitos de direito, e, portanto, subjetivado em sua totalidade, demandando construir conhecimentos comuns e específicos para significar a si e as relações com seus pares, e, também, a sociedade no qual está inserido. E quando trazemos o conceito do Desenho Universal para Aprendizagem - DUA nos contextos escolares temos uma visão ampla para todos os estudantes, independentemente, da existência ou não de uma deficiência. Esse conceito propõe orientar toda uma estrutura organizacional na educação, tais como, objetivos de aprendizagem, estratégias, métodos, recursos e formas de avaliação que visam contemplar diferentes estilos de aprendizagem desse estudante, necessidades e interesses, buscando a eliminação de barreiras e possibilitando o protagonismo estudantil e fundamentalmente, a expansão de oportunidades de aprendizagem para todos e todas.

⁸ Graduação em Educação Física pela Faculdade Salesiana de Vitória, pós-graduação Lato Sensu em Yoga pela Faculdades Integradas Espírita -PR, pós-graduação Lato Sensu em Educação de Jovens e Adultos pelo Instituto Superior de Educação e Cultura Ulysses Boyd - CESAP, pós-graduação Lato Sensu em Gestão Educacional pelo Instituto Superior de Educação e Cultura Ulysses Boyd - CESAP, pós-graduação Lato Sensu em Educação Especial e Inclusiva pela Faculdade de Venda Nova do Imigrante, pós-graduação Lato Sensu em Fisiologia do Exercício pela Universidade Candido Mendes, pós-graduação Lato Sensu em Educação Física Adaptada pela Faculdade de Venda Nova do Imigrante, pós-graduanda Lato Sensu em Práticas Pedagógicas pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo - IFES/CEFOP. Participante do Grupo de Pesquisa em Educação Matemática Inclusiva - GPEMI/ES. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/5041191163594382>

Para Madureira (2018, p. 49), pensando o DUA como uma das abordagens necessárias à gestão e organização dos espaços educacionais e ao desenvolvimento da educação, ele se torna ferramenta de ação no processo de garantir que: “não há limites para a aprendizagem, o que nos parece fundamental na escola atual”.

Ao pensarmos no campo educacional devemos considerar a conduta ativa dos sujeitos na construção do conhecimento. A escola deve ser coerente com os princípios e valores éticos que permeiam a nossa vida em sociedade e que são desejáveis em nossa cultura. Logo, devemos concebê-la como uma instituição preocupada com a organização curricular, com as relações em seu interior e com a comunidade na qual está inserida. A escola é, portanto, um espaço privilegiado de aprendizagens. Por isso, torna-se essencial pensar a escola como espaço que seja capaz de transformar a realidade, de despertar a consciência crítica e de estimular o desenvolvimento da autonomia.

O processo de construção de valores merece destaque em sala de aula porque é neste espaço que nos relacionamos com o outro e construímos interações que proporcionam a criação de saberes. Nesse sentido, torna-se importante refletir sobre uma proposta educacional fundamentada em práticas pedagógicas alinhados com o conceito do Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA) e orienta a remoção de barreiras ao antecipar a necessidade dos estudantes, bem como, a promoção de discussões utilizando situações do dia a dia para favorecer a construção de conhecimentos e valores na escola, a fim de possibilitar a interação entre os aspectos físicos, cognitivos, afetivos e sociais. Portanto, as diferenças e as diversidades construídas por meio delas devem contribuir para os processos de ensino e aprendizagem, sendo a escola um espaço fundamental no combate às atitudes discriminatórias e processos de exclusão.

Sabemos que todos nós temos uma maneira própria de aprender, que às vezes se aproxima ou se distancia dos nossos pares, e que suas especificidades são expressas de diversas formas, em diferentes contextos e estratégias. A aprendizagem decorre a todo o momento em um processo dinâmico recebendo influências de vários fatores físicos, ambientais, afetivos, culturais, sociais e econômicos.

Nesse sentido, temos a necessidade de compreender os nossos próprios processos de aprendizagem. Ademais, o processo educativo, especialmente em sala de aula, nos permite observar, compreender e aprender diferentes métodos que interferem diretamente nos processos mentais de aprendizagem.

O planejamento docente orientado pelos princípios do DUA deve envolver um trabalho colaborativo, planejamentos coletivos, a observação dos estudantes nos espaços escolares, o histórico vivido desses estudantes com

os seus processos de desenvolvimento escolar e o contexto familiar onde estão inseridos para que possamos entendê-los em suas especificidades, possibilitando um atendimento mais direcionado e intencional para a/ou sua(s) necessidade(s).

O papel do docente é fundamental e deve-se envolver os estudantes na definição dos objetivos de aprendizagem, de forma clara, fazendo-os compreender o que é importante aprender e como as propostas de atividades se interagem significativamente com o que tem que ser aprendido. Assim, os estudantes conhecem os objetivos pretendidos para a sua aprendizagem e compreendem o ponto de partida e o caminho percorrido para o ponto onde se almeja chegar. Não há como desconsiderar a complexidade da sala de aula e muitas vezes, o docente precisa utilizar uma diversidade de materiais para facilitar a elaboração do conhecimento.

Nesse sentido, é primordial oportunizar aos estudantes uma participação ativa, considerando as suas experiências e as interações com seus pares nos processos de ensino e aprendizagem, por meio de tarefas que construam significados e na apropriação e consolidação de conhecimentos escolares.

Para tanto, precisamos considerar os diferentes sujeitos em suas singularidades e necessidades para que essa apropriação e consolidação desses saberes se efetive de maneira flexível e acessível a todos e todas a fim de garantir a trajetória acadêmica dos estudantes por meio de diferentes estratégias de aprendizagem.

Prais (2016) reforça a necessidade de flexibilização curricular, indicando o DUA como estratégia de desenvolvimento:

O DUA aponta princípios norteadores para a aprendizagem e práticas a partir do uso de tecnologias digitais, ou ainda, recursos que permitem o acesso ao conteúdo disposto em um currículo. Isto se dá pelo fato de que o objetivo principal desta produção é tornar os conteúdos mais acessíveis aos alunos (PRAIS, 2016, p. 58).

E neste processo de aprendizagem, a ludicidade contribui para a construção de uma prática emancipatória ao tornar-se uma ferramenta que favorece a aquisição e a ampliação do conhecimento em perspectivas inclusivas.

Uma das possibilidades está associada à utilização de recursos didáticos a fim de consolidar um espaço experimental por meio de materiais concretos manipuláveis. A ideia de ludicidade possibilita um espaço abundante de estímulos interativos para que o estudante sinta, toque e movimente um material concreto realizando ao mesmo tempo movimentações em seu aparato cognitivo, sendo determinante para ele, a participação ativa nas aulas, desenvolvendo autoconfiança, iniciativa e autonomia.

Vigotski (1989) contribui com esse entendimento dos processos de ensino e aprendizagens ao destacar a Zona de Desenvolvimento Iminente (ZDI) ao constituir os processos em desenvolvimento do ser humano. Quando associamos o ensino de matemática aos recursos didáticos concretos podemos perceber as estratégias pedagógicas potentes para privilegiar as funções cognitivas dos estudantes, o que não é diferente com os estudantes com deficiência intelectual e com necessidades educacionais não específicas.

Assim, Lorenzato (2006, p.18) define como material didático “qualquer instrumento útil ao processo de ensino e aprendizagem”. Nesse sentido, o autor enfatiza a importância e a praticidade dos materiais didáticos que podem estimular os estudantes auxiliando no entendimento ou facilitando a apropriação de saberes.

Acreditamos que a utilização de materiais didáticos manipuláveis contribui no processo de aprendizagem de todos os estudantes, e, principalmente, os estudantes com deficiência intelectual e com dificuldades educacionais não específicas, criando assim, condições para vivência de situações concretas e diversificadas no estudo de conceitos matemáticos. Além disso, possibilita respeitar os diferentes ritmos de aprendizagem e consequentemente, a aquisição de novos saberes por meio da motivação e interesse proporcionados pela experimentação.

Os processos educativos, especialmente na sala de aula, nos permitem observar, compreender e aprender de diferentes formas e, neste processo de aprendizagem, a ludicidade contribui para a construção de uma prática emancipatória ao tornar-se uma ferramenta que favorece a aquisição e a ampliação do conhecimento.

Por isso, neste relato de experiência, temos como objetivo apresentar três recursos didáticos concretos utilizados como ferramentas lúdicas no ensino de matemática envolvendo estudantes com deficiência intelectual e estudantes com necessidades educacionais não específicas. Assim, ao apropriar-se desses recursos pedagógicos concretos, os estudantes puderam vivenciar uma proposta de desenvolvimento de conceitos matemáticos conforme os seus ritmos de aprendizagem que os possibilitaram na apropriação e aquisição de saberes por meio da motivação e interesse proporcionados pela experimentação lúdica no ensino de matemática.

Procedimentos metodológicos

No Ensino Fundamental, a didática por meio de atividades que envolvem o caráter lúdico tem se tornado uma estratégia bastante recorrente, por pro-

porcionar uma aprendizagem motivacional e significativa para os estudantes. Sendo assim, as práticas pedagógicas com recursos didáticos concretos, possibilitam aos estudantes vivenciar de modo efetivo os conceitos matemáticos e a construção de novos saberes.

Para o desenvolvimento desse trabalho, escolhemos apresentar três recursos didático-pedagógicos enquanto materiais manipuláveis concretos como estratégias para o ensino de matemática como ferramenta de registros de quantidades e a operacionalização da adição e subtração para estudantes de diferentes turmas inseridas nas séries iniciais do Ensino Fundamental I. Esse trabalho foi desenvolvido em Sala de Recursos Multifuncionais (SRM) por uma profissional do Atendimento Educacional Especializado (AEE), com três estudantes com deficiência intelectual nas idades de 08, 09 e 11 anos e seis estudantes com necessidades educacionais não específicas, com idades de 08, 09 e 10 anos, respectivamente, totalizando nove estudantes atendidos em trabalho colaborativo do AEE com os docentes da sala de aula comum. Estes seis últimos, são estudantes que ainda apresentam dificuldades no domínio das aprendizagens curriculares e que demandam um tempo diferente de aprendizagem, necessitando de adaptações curriculares e de recursos didático-pedagógicos mais específicos para aquisição e assimilação de novos saberes.

Os materiais didáticos manipuláveis foram produzidos pela docente da Sala de Recursos Multifuncionais que trabalha no Atendimento Educacional Especializado (AEE) atendendo estudantes do Ensino Fundamental I de uma escola pública da região da Grande São Pedro, do município de Vitória - ES. Os materiais foram confeccionados em diversificadas cores e tamanhos, tornando-os intuitivos e dinâmicos, tendo como finalidade motivar e auxiliar os estudantes na interiorização, estruturação e compreensão de conceitos no ensino de matemática. Como tal, para o ensino de números e a representação de quantidade, produzimos três materiais didático-pedagógicos denominados de Placas de Contagem, Torre de Contagem e Mãozinhas Adicionais. Esses materiais foram utilizados pelos estudantes durante as aulas da disciplina de Matemática, na sala de aula comum e em horários individualizados no AEE, com práticas orientadas para atender as particularidades de cada um no período de quatro meses.

As Placas de Contagem foram confeccionadas com duas placas de papelão revestidas com tecido feltro, com bolinhas em alto relevo (pompons) e tampinhas de caixa de leite, conforme apresentado na Figura 1.

Figura 1: Tarefas desenvolvidas com a utilização das Placas de Contagem



Fonte: Acervo da docente, 2022

Audiodescrição: Composição com 3 fotografias de uma atividade feita de papel quadrado laranja. Na primeira foto, à esquerda, de cima para baixo, a numeração de 1 a 10. Ao lado dos números, tampinhas vermelhas com as quantidades referentes a cada número. Na segunda foto, a mão de uma criança que completa com as tampinhas a linha relativa ao número 6. Fim da audiodescrição.

O objetivo da atividade desenvolvida com esse material foi conceituar a representação dos números de 1 a 10 junto aos processos de quantificação e contagem. Consistiu em relacionar os numerais as suas respectivas quantidades ao rosquear as tampinhas do numeral correspondente ao número de pompons e estabelecer as relações de ordem existentes entre eles. A Torre de Contagem foi confeccionada com uma placa de papelão revestida com tecido feltro e peças de blocos de montar, representando a quantidade e tampinhas numeradas. O objetivo da atividade desenvolvida com este material foi ensinar o processo de contagem dos números de 1 a 10 com os blocos de montar. Ao manipular cada uma das peças fazendo as construções na vertical, o estudante é capaz de agrupar e construir conjuntos, combinando quantidades atribuídas aos números estabelecendo uma sequência lógica, conforme apresentado na Figura 2.

Figura 2: Tarefas desenvolvidas com a utilização das Torres de Contagem

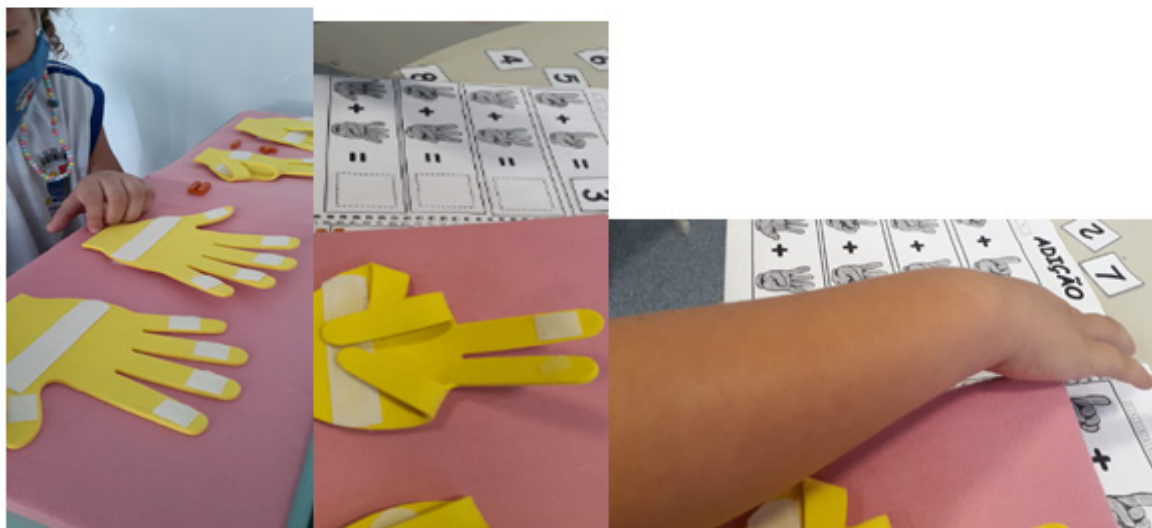


Fonte: Acervo da docente, 2022

Audiodescrição: Composição de 2 fotografias de uma mesa com um quadrado verde. Sobre o quadrado, 7 torres de blocos coloridos empilhados. Eles aumentam gradativamente a altura com os blocos de forma sequencial do 1 ao 7. Na segunda fotografia, as mãos de uma criança manipulam os blocos coloridos sobre o tampo verde. Fim da audiodescrição.

As Mãozinhas Adicionais foram confeccionadas com duas placas de papelão revestidas com tecido feltro junto a duas mãozinhas confeccionadas e EVA (Etileno Acetato de Vinila) conforme apresentado na Figura 3.

Figura 3: Tarefas desenvolvidas com a utilização das Mãozinhas Adicionais



Fonte: Acervo da docente, 2022

Audiodescrição: composição de 3 fotos com mãozinhas feitas em material amarelo, na primeira foto elas têm os dedos abertos, na segunda foto a mãozinha mostra dois dedos e na terceira foto a mão de uma criança sobre as mãozinhas. Fim da audiodescrição.

O objetivo desse recurso didático-pedagógico foi auxiliar o desenvolvimento do pensamento matemático perpassando pelo campo aritmético envolvendo a compreensão do sistema de numeração decimal, o reconhecimento e a nomeação dos números naturais, os processos de contagem e quantificação, noções de adição e subtração, o cálculo mental. Ao manipular as mãozinhas adicionais, os estudantes usaram as suas percepções sensoriais, por meio de um momento lúdico, exploratório e significativo.

Resultados e Discussão

De acordo com as análises efetuadas após o desenvolvimento das tarefas observamos que os estudantes apresentaram mais facilidade na abstração por meio de experiências ativas, divertidas, criativas e concretas. Ao manipular os pompons com suas mãos, os estudantes puderam usar de suas percepções sensoriais e desenvolver o senso numérico. Com a utilização da Placa de Contagem, os estudantes realizaram a contagem de cada pompom (unidade) e associaram o número descrito em cada tampinha, construindo assim, a sequência numérica. Neste momento, os estudantes foram incentivados a

resolver algumas pequenas adições (1 unidade somada a 2 unidades e assim, sucessivamente). A tarefa proposta com a utilização da Torre de Contagem, os estudantes puderam construir suas torres, e à medida que contavam, estabeleciam a correspondência de um para um, a que se somam a cada peça do bloco de montar. E na utilização do recurso didático-pedagógico, Mãozinhas Adicionais, os estudantes usaram as suas percepções sensoriais se apropriando do reconhecimento e da nomeação dos números naturais, bem como, nos processos de contagem e quantificação, noções de adição e subtração, e, principalmente, o cálculo mental. Destacamos que a aceitabilidade e a abordagem com os conteúdos trabalhados foram elementos importantes para a apresentação de melhores resultados, pois a partir da manipulação e da exploração destes materiais como um elemento visual que funciona como mediadores para tornar os processos de quantificação e de adição e subtração mais fácil de ser entendido, dando maior significação, corroborando para o desenvolvimento do raciocínio lógico e da criatividade dos estudantes direcionado para o ensino de números pelo processo lúdico no sentido de promover a aprendizagem a partir da interação do estudante com esses materiais.

Considerações finais

Em síntese, apresentamos a produção de materiais didático-pedagógicos e suas validações em sala de aula comum e na Sala de Recursos Multifuncionais, objetivando a aquisição e ampliação do conhecimento de conceitos matemáticos dos estudantes com deficiência e necessidades educacionais não específicas pautados no princípio do DUA. Entendemos que os materiais manipuláveis junto aos estímulos dos docentes, tanto o regente como o do AEE, funcionaram como instrumentos mediadores no espaço dialógico de aprendizagem, possibilitando a interação entre os pares, criando condições para vivência de situações concretas e diversificadas com o que foi proposto a ser discutido.

Nesse sentido, as atividades desenvolvidas e pensadas a partir dos princípios do DUA possibilitaram a construção de aprendizagens significativas para o conhecimento matemático em relação aos registros de quantidades, as ideias de contagem, o desenvolvimento do conceito de número e a operacionalização da adição e subtração.

Portanto, ratifico que a utilização desses materiais didático-pedagógicos requer dos docentes a compreensão de sua importância como mediador no processo ativo da aprendizagem e consideramos fundamental, o planejamento das ações, das interações e das experimentações tátil-sensoriais, bem como, o conhecer dos estudantes na sala de aula e nos espaços escolares.

Referências

LORENZATO, S. Laboratório de ensino de matemática e materiais didáticos manipuláveis. In: LORENZATO, Sérgio. (org.). **O Laboratório de ensino de matemática na formação de professores**. Campinas: Autores Associados, 2006.

MADUREIRA, Isabel. Desenho Universal para a Aprendizagem e Pedagogia Inclusiva: sua Pertinência na Escola Atual. In: MENDES, Enicéia G.; ALMEIDA, A. Maria; CABRAL, A. S. Leonardo. (Org.) **Perspectivas Internacionais da Educação Especial e Educação Inclusiva**. Marília: ABPEE, 2018.

PRAIS, Souza de Lidiane Jacqueline. **Formação Inclusiva com Licenciandas em Pedagogia**: Ações Pedagógicas baseadas no Desenho Universal Para a Aprendizagem. Dissertação (Mestrado) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Londrina, 2016. Disponível em: https://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/1910/1/LD_PPGEN_M_Prais%2C%20Jacqueline%20Lidiane%20de%20Souza_2016.pdf. Acesso em: 24 jun. 2022.

VIGOTSKI, L. S. **A Formação Social da Mente**. Editora: Martins Fontes, 1989.

Contribuições do desenho universal para aprendizagem na construção de práticas inclusivas

Ana Maria de Moura Carvalho⁹

Chris de Azevedo Ramil¹⁰

Ires Milena Koster¹¹

Leonice Hahn Kuss¹²

Rita de Cassia Brasil de Aquino¹³

Introdução

O Desenho Universal para Aprendizagem (DUA) surgiu nos Estados Unidos (EUA) na década de 1980, por meio da colaboração entre o Centro de Tecnologias Especiais Aplicadas (*Centre of Applied Special Technologies - CAST*) e

⁹ Professora de Atendimento Educacional Especializado (AEE); Escola Municipal Cônego Heitor Vieira Cavalcante; Maranguape/Ceará.

¹⁰ Docente dos cursos superiores de Design Gráfico e Design Digital; Centro de Arte - Universidade Federal de Pelotas (CA/UFPel); Pelotas/Rio Grande do Sul.

¹¹ Professora na área de educação; Curso Técnico em Publicidade e Propaganda - Curso Normal (Magistério) e Educação de Surdos (Ensino Médio); Santa Rosa/Rio Grande do Sul.

¹² Intérprete/Tradutora de Libras; empresas diversas. Professora da Área das Humanas; Escola de Ensino Médio Concórdia para Surdos. Professora no Ensino de Jovens e Adultos (EJA); Escola Estadual de Ensino Fundamental (E.E.E.F.) Fernando Albino da Rosa. Professora de Atendimento Educacional Especializado (AEE); Escola Estadual de Ensino Fundamental (E.E.E.F.) Bráulio Oliveira. Santa Rosa/Rio Grande do Sul.

¹³ Professora de Atendimento Educacional Especializado (AEE); Colégio Estadual Manoel Ribas - Santa Maria/Rio Grande do Sul e Escola Municipal de Ensino Fundamental (E.M.E.F.) Três de Maio - Agudo/Rio Grande do Sul.

o Escritório de Programas de Educação Especial (*Office of Special Education Programs - OSEP*), que pertencem ao Departamento de Educação dos EUA, tendo como principal objetivo chegar às práticas pedagógicas mais inclusivas e ao acesso ao currículo comum pelas pessoas com deficiência. Acredita-se no DUA como um novo aliado para planejar e oferecer espaços, serviços e práticas inclusivas.

Com isso, seus idealizadores, entre eles pesquisadoras/es, neurocientistas e profissionais da educação e tecnologia, tinham como objetivo transpor as limitações impostas em currículos tradicionais, denominados de tamanho único (MEYER; ROSE; GORDON, 2014), e oferecidos de modo padronizado, engessado e impondo um único modo de ensinar e aprender, desmerecendo o aprender diferenciado que o DUA oportuniza.

No decorrer do curso de extensão *DUA Tertúlias - Desenho Universal para a Aprendizagem com foco no público da educação especial e na perspectiva inclusiva*, fomos adquirindo novos conhecimentos, trocando ideias, compartilhando experiências e levantando questionamentos a respeito da importância de revermos nossas práticas docentes e estratégias pedagógicas no ambiente escolar. Neste contexto, considerando a relevância das discussões de educação para todos, temos por objetivo refletir, estudar e despertar práticas efetivas diante dos novos desafios e demandas da nossa realidade educacional, contribuindo para a inserção social de seres humanos antes desacreditados e, de certa forma, abandonados ao descaso.

Neste caso, mais especificamente, conforme a proposta do curso, estamos nos referindo aos alunos com deficiência, que têm direito a frequentar a escola regular e, com isso, passar a sua fase escolar em um ambiente inclusivo e não segregado. No Brasil, estes e outros direitos da pessoa com deficiência encontram-se regulamentados pela Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência - Estatuto da Pessoa com Deficiência - Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015 (BRASIL, 2015).

Durante muitos anos, o trabalho docente tem sido feito por meio de adaptação, adequação, flexibilização do currículo e visualiza-se como total contemplação do estudante, quando na verdade apenas se está empobrecendo o currículo, visto que os conteúdos, ao serem dados aos alunos, muitas vezes são inadequados ao seu entendimento, pois se trata de recortes de partes essenciais, que se tornam insuficientes e/ou ineficientes no processo educativo.

Isto ocorre pelo fato de o corpo docente das escolas, frequentemente, não terem entre suas ações a atenção e o cuidado com as capacidades e habilidades físicas, sensoriais, intelectuais e sociais dos alunos que integram as suas turmas, o que, caso acontecesse efetivamente, colaboraria muito para sua inclusão e seu aprendizado efetivo nas aulas. Atitudes docentes deste

tipo, despreocupadas com as particularidades dos alunos, continuam sendo percebidas com recorrência nos dias de hoje no contexto escolar, pelo Brasil afora, lamentavelmente.

No DUA encontram-se diretrizes que ajudam a nortear os planejamentos dos professores para que a inclusão seja para todos os alunos sem limitar um único saber, mas, sim, ampliando as possibilidades de variabilidades práticas, envolvendo o grupo de alunos como um todo - porque uma das diretrizes do DUA é reduzir as barreiras (CAST, 2018) garantindo que as informações principais sejam perceptíveis de modo geral em sala de aula.

É imprescindível identificar o porquê da aprendizagem para que se consiga manter os alunos atentos e motivados, levando sempre em consideração que o objetivo não é só disponibilizar informações de forma acessível, pois é necessário ensinar os alunos a transformar as informações a eles disponibilizadas em conhecimentos úteis.

Nesse contexto, deve-se levar em consideração um planejamento atrativo direcionado ao grupo respeitando as individualidades de cada estudante que será incluído no processo, partindo do pressuposto de entendimento das explanações até chegar ao processo avaliativo, lembrando que de nada adianta desenvolver o DUA durante todo o processo se na avaliação o mesmo não for aplicado [COSTA et. al, [2023?]; KITTEL et. al, [2023?] e FERREIRA et. al, [2023?].

Vale frisar que o DUA preza pelo atendimento de todos os alunos, aqueles sem deficiência e os com deficiência, ao mesmo tempo, de forma que a aprendizagem possa se dar de forma inclusiva e respeitosa, sem discriminação e buscando-se sempre implementar e aperfeiçoar técnicas e recursos pedagógicos para promover a aquisição do conhecimento, por parte de cada um dos educandos, de acordo com suas limitações e possibilidades de avanços, na trajetória escolar.

Assim sendo, podemos afirmar que a avaliação metodológica na proposta inclusiva foi bastante relevante durante o curso do DUA, pois ela é de suma importância no contexto escolar, e poder compartilhar esse aprendizado com os demais profissionais na escola é enriquecedor. Desta forma, poderemos implantar os princípios³, no intuito de obter êxito com a metodologia do DUA, pois precisamos construir caminhos para uma educação inclusiva [COSTA et. al, [2023?]; KITTEL et. al, [2023?] e FERREIRA et. al, [2023?].

Vale ressaltar que, em nosso grupo de cinco docentes que compõem esse relato, três de nós somos profissionais que trabalham no Atendimento Educacional Especializado (AEE), área na qual temos bastante experiência e tempo de atuação. Com essa função profissional no ambiente escolar, te-

mos como objetivo complementar e suplementar as atividades dos demais professores e todos os envolvidos no processo educativo dos estudantes com deficiências na escola regular. Da mesma forma, devemos dar o suporte adequado para as famílias, pois somos sabedores dos desafios arquitetônicos, mobiliários e de comunicação dentro do contexto escolar.

A proposta do DUA nos mostra metodologias que são possíveis para aplicar e compartilhar, por meio de um plano que envolve toda a classe. Assim sendo, cabe a conscientização da importância das metodologias destinadas não apenas ao aluno com deficiência, mas sim à sua turma inteira. Com isso, esperamos que as barreiras de metodologias excludentes deixem de existir, ou que pelo menos, sejam discutidas e que possam ser reduzidas ao máximo possível, no contexto escolar, apesar de todas as dificuldades enfrentadas, tanto pela falta de empenho, consciência e empatia dos pares em aderir à uma perspectiva inclusiva como pela falta de conhecimento e formação sobre o tema, bem como diversas fragilidades diversas encontradas nas instituições, além da realidade atual educacional do país, que requer, ou melhor, urge muito por mais projetos, recursos e investimentos nesta área, por parte dos governos locais, estaduais e nacional.

Por fim, vale reiterar que neste curso aprendemos que é possível construir um plano que respeita as diferenças e peculiaridades da turma, um princípio que consideramos de suma importância, assim como é indispensável rever e avaliar junto aos pares do colegiado as práticas pedagógicas, os planos de trabalho e de aulas, as metodologias aplicadas; tudo isso, visando o despertar da conscientização de que a inclusão se faz na construção e na formação permanente de toda equipe pedagógica, que precisa ser envolvida em uma reflexão crítica sobre o tema, para superar os obstáculos, concepções e posturas, buscando-se o aperfeiçoamento profissional, beneficiando ainda mais os alunos e melhorando a qualidade de ensino.

Logo, embasar esses princípios de acordo com a abordagem do DUA, em ações práticas e oficializá-las no projeto político-pedagógico (PPP) de uma escola, por exemplo, é muito importante para a construção de uma educação inclusiva. Além disso, um planejamento pedagógico contínuo também se faz necessário, para atingir os objetivos de ensino.

Procedimentos metodológicos

Como somos um grupo de docentes de diferentes partes do Brasil e com variadas funções profissionais que integram este relato de experiência, neste momento optamos por relatar então, de forma mais específica, para exemplificação, parte dos procedimentos metodológicos em comum que costumam

ser adotados nas instituições de algumas de nossas colegas, conforme as informações a seguir.

Nas escolas em que trabalhamos estamos conseguindo atuar a partir da perspectiva do DUA, com a compreensão de que deveríamos partir de um significado compartilhado. Percebemos que seria necessário estabelecer consensos de ordem conceitual e prática. Chegamos à conclusão de que a construção de uma escola verdadeiramente inclusiva exige a mudança do paradigma do que é ser um educador e do que é ensinar nesse contexto em que os desafios são diários e diferenciados, onde não há um dia igual ao outro, onde seu planejamento precisa ser dinâmico e acessível ao redirecionamento. Nessa perspectiva, organizamos momentos para as trocas de informações, aprendizados e estratégias práticas.

Uma das estratégias complementares é feita pelas equipes técnicas das escolas, por meio de visitas domiciliares às casas dos alunos; isso nos ajuda a entender certos aspectos relativos à dificuldade de aprendizagem, bem como as ausências reiteradas na escola e nos projetos, além da percepção de comportamentos atípicos como a timidez, o silêncio excessivo, a tristeza, o choro, a agressividade, a apatia, a indiferença etc. É na conversa em particular com os pais ou com os responsáveis – sem a presença dos alunos – que certos assuntos podem ser abordados e discutidos com a atenção que eles exigem.

Após esse levantamento das equipes técnicas, em uma roda de conversa, são repassadas as informações para os demais profissionais da escola. A partir desses dados que evidenciam as singularidades dos alunos e com os quais podemos destacar os aspectos discentes que necessitam de maior atenção, buscamos encontrar as melhores estratégias pedagógicas para proporcionar a aluno uma vivência com mais qualidade e um aprendizado mais equitativo, junto à sua turma, na rotina escolar. Para isso, também definimos, na sequência, os conteúdos, recursos, técnicas, materiais e tipo de avaliação que serão aplicados.

Resultados e discussão

A experiência com o DUA nos proporcionou algumas reflexões e discussões e nos interligam a várias práticas e teorias, como, por exemplo, os conceitos de escolas democráticas - muito comentados atualmente. Nesse sentido, entende-se que a escola verdadeiramente democrática é aquela que acolhe em seu seio os seus estudantes, sem gerar exclusão ou discriminação por insucesso escolar, para isso deve estar preparada para proporcionar ensino de qualidade levando em consideração a enorme diversidade de alunos com seus ritmos e modalidades diferenciadas de aprendizagem.

Nesse modelo, espera-se que os professores reconheçam as formas como seus alunos tratam e desenvolvem seus conhecimentos; assim como se busca atrelar metodologias capazes de acolher as diferenças existentes no espaço escolar e capacitar os alunos. A avaliação serve como suporte para o acompanhamento do processo de ensino e aprendizagem e para a verificação das barreiras encontradas.

Dito isso, vale lembrar-se do cerne do DUA, que nos induz a definir e adequar as metas de aprendizagem conforme o perfil da turma e dos seus estudantes. Nesse sentido, cabe ressaltar, que nenhuma turma é igual a outra, pois são formadas por estudantes dotados de habilidades e particularidades únicas oriundas de diversos contextos. Assim sendo, são necessários planejamentos, estratégias, recursos e avaliações diversificadas para respeitar e explorar a individualidade de cada sujeito. É esse olhar que alinhará e fundamentará o perfil da turma - ou seja - um todo composto por vários "eu". Dessa forma, o DUA oportuniza uma "combinação estratégica das diretrizes e os pontos de verificação com intuito que se [...] reduzam as barreiras e apoiem todos os alunos no alcance da meta de aprendizado" (CAST, 2018).

A sensibilidade em perceber esse olhar potencializa o desenvolvimento pedagógico dos estudantes ao explorar as suas peculiaridades, o seu contexto, logo, o seu eixo de interesse, e tal fato pode se tornar um elemento modificador para o contexto inclusivo, pois:

Conhecer o aprendiz e seu eixo de interesse é o ponto principal de partida para iniciarmos uma relação dialógica [...] sobre aquilo que lhe é foco de interesse, de curiosidade, de prazer para fazer, para aprender e, assim, desencadear o delineamento de seu percurso de aprendizado. [...] Trabalhar por eixos de interesse [...] é aproveitar ao máximo aquilo que ele se mostra capaz de fazer, é respeitá-lo em suas limitações, é promovê-lo sempre a uma próxima etapa mais complexa (ORRÚ, 2016, p. 168-169).

Para completar, segundo Marin e Braun (2013, p. 56):

Individualizar o ensino não significa particularizar a ação pedagógica a ponto de segregar o aluno do grupo. O objetivo da individualização é incluí-lo na situação de aprendizagem que os outros estão vivenciando, com as devidas adequações para que a sua participação seja efetiva. É atender às diferenças individuais que o aluno possa apresentar em decorrência das especificidades do seu desenvolvimento.

Nesse sentido, temos procurado, em nossas práticas docentes, ter esse cuidado no convívio com as diferenças na comunidade escolar. Temos um importante desafio a ser cumprido, ao insistir em uma educação inclusiva e buscando sempre implementar os conceitos do DUA, para que isso se torne também referência para os pares, em nossa comunidade escolar.

Percebemos, no decorrer deste curso, que nós já trabalhávamos com a perspectiva do DUA, de alguma forma ou plenamente, conforme pudemos analisar e comparar com as estratégias pedagógicas que temos adotado em nossas práticas docentes. Com essas reflexões e pelo aperfeiçoamento que obtivemos pelas formações com as três Tertúlias deste curso [Costa *et. al*, [2023?]; Kittel *et. al*, [2023?] e Ferreira *et. al*, [2023?], nossas experiências seguirão amadurecendo e desejamos que reverberem cada vez mais em resultados diferenciados, criativos e interessantes e, sobretudo, que melhorem o aprendizado e ampliem efetivamente o conhecimento dos alunos.

Um pouco do desenvolvimento e dos resultados dessas várias ações pedagógicas já realizadas por alguns de nós, seguindo a perspectiva do DUA e que temos adotado com nossos alunos podem ser conferidas a seguir, nas nove figuras, que estão distribuídas aleatoriamente e sem vínculo entre si. As imagens expõem momentos de práticas variadas, que foram realizadas em diferentes instituições educacionais e contextos de aprendizado, com objetivos diversos, junto a grupos de alunos ou de formas individualizadas, de variadas faixas etárias. Trata-se de atividades desenvolvidas no decorrer deste ano de 2022, por alguns de nós, em nossas atividades docentes.

Figura 1 - Atividade bilíngue (Geografia) sobre projeções cartográficas 3D com material reciclável.



Fonte: Acervo pessoal Leonice Kuss, 2022.

Figura 2 - Atividade de AEE sobre a tabuada com material confeccionado junto com o aluno.



Fonte: Acervo pessoal Leonice Kuss, 2022.

Figura 3 - Atividade bilíngue (Geografia) com prática para entendimento das drenagens produtivas dos diferentes tipos de solos.



Fonte: Acervo pessoal Leonice Kuss, 2022.

figura 1

Audiodescrição: Sobre fundo branco, a legenda escrita em preto: "Figura 1 Atividade bilíngue (Geografia) sobre projeções cartográficas 3D com material reciclável. Fonte: Acervo pessoal Leonice Kuss, 2022". Abaixo, uma fotografia com dois jovens de costas em uma sala com pouca luz. O da direita segura uma fonte de luz que está parcialmente tampada pelas mãos do rapaz à esquerda. Na parede branca, a projeção das sombras em formato de telhas, criadas pelos dois. Fim da audiodescrição.

figura 2

Audiodescrição: Sobre fundo branco, a legenda escrita em preto: “Figura 2 Atividade AEE sobre a tabuada com material confeccionado junto com o aluno. Fonte: Acervo pessoal Leonice Kuss, 2022.” Abaixo, a fotografia de uma mesa branca redonda com caixas de isopor cheias de tampinhas brancas com números. . No canto inferior esquerdo as mãos de uma criança que coloca uma tampinha em uma tabuada feita de papelão.

figura 3

Audiodescrição: Sobre fundo branco, a legenda escrita em preto: “Figura 3 Atividade bilíngue (Geografia) com prática para entendimento das drenagens e produtividade dos diferentes tipos de solos. Fonte: Acervo pessoal Leonice Kuss, 2022.” Abaixo, uma fotografia de 2 jovens que manipulam 3 garrafas pet com conteúdo escuro sobre um banco. Fim da audiodescrição.

Figura 4 - Atividade (Língua Portuguesa e Libras) sobre os diferentes tipos de chás.



Fonte: Acervo pessoal
Ires M. Koster, 2022.

Figura 5 - Atividade visual (imagens) para jogos ortográficos e de sinalização (Libras).



Fonte: Acervo pessoal
Ires M. Koster, 2022.

Figura 6 - Atividade bilíngue (História) revisando os conceitos para as avaliações com a utilização de material prático/visual.



Fonte: Acervo pessoal
Leonice Kuss, 2022.

figura 4

Audiodescrição: Sobre fundo branco, a legenda escrita em preto: “Figura 4 Atividade (Língua Portuguesa e Libras) sobre os diferentes tipos de chás. Fonte: Acervo pessoal Ires M. Koster, 2022.” Abaixo, uma fotografia de dois jovens, um de cada lado de um quadro negro. No quadro, cartazes coloridos. Fim da audiodescrição.

figura 5

Audiodescrição: Sobre fundo branco, a legenda escrita em preto: “Figura 5 Atividade visual (imagens) para ortográfico e de sinalização (Libras). Fonte: Acervo pessoal Ires M. Koster 2022.” Abaixo, uma fotografia de uma sala de aula com uma mesa. Sobre ela um papel branco com ilustrações coloridas. Sentadas 5 crianças realizam uma atividade. Fim da descrição.

figura 6

Audiodescrição: Sobre fundo branco, a legenda escrita em preto: “Atividade bilíngue (História) revisando os conceitos para as avaliações com a utilização de material prático/visual. Fonte: Acervo pessoal Leonice Kuss, 2022.” Abaixo, uma fotografia vista de cima de uma mesa com tampo em branco e vermelho. Sobre ela um papel branco com um brinquedo giratório (hand spinner). Fim da audiodescrição.

Figura 7 - Atividade montada com ajuda dos alunos e aplicada em sala de aula bilíngue.



Fonte: Acervo pessoal
Leonice Kuss, 2022.

Figura 8 - Atividade de AEE, jogo de sequência lógica - formação de frases e escrita de texto.



Fonte: Acervo pessoal Rita de
Cássia de Aquino, 2022.

Figura 9 - Atividade de AEE, sequência de cores e tamanhos, desenvolvimento da coordenação motora e percepção visual.



Fonte: Acervo pessoal Ires
M. Koster, 2022.

figura 7

Audiodescrição: Sobre fundo branco, a legenda escrita em preto: "Figura 7 Atividade montada com a ajuda dos alunos e aplicada em sala de aula bilíngue. Fonte: Acervo pessoal Leonice Kuss, 2022." Abaixo, uma fotografia vista de cima de uma mesa com uma atividade feita em papelão com tampinhas brancas. Fim da audiodescrição.

figura 8

Audiodescrição: Sobre fundo branco, a legenda escrita em preto: "Figura 8 Atividade de AEE, jogo de sequência lógica - formação de frases e escrita de texto. Fonte: Acervo pessoal Rita de Cássia de Aquino, 2022." Abaixo, uma fotografia vista de cima com um aluno sentado diante de uma mesa branca com uma sequência de letras escritas em pequenos papéis. Ele escreve em uma das folhas. Fim da audiodescrição.

figura 9

Audiodescrição: Sobre fundo branco, a legenda escrita em preto: "Figura 9 Atividade de AEE, sequência de cores e tamanhos, desenvolvimento da coordenação motora e percepção visual. Fonte: Acervo pessoal Ires M. Koster, 2022." Abaixo, uma fotografia de uma menina diante de uma mesa que tem um conjunto de pinos coloridos presos à uma base de madeira. Fim da audiodescrição.

Conforme os exemplos mostrados acima, podemos confirmar o quanto o DUA é potente e pode ressignificar o aprendizado e fortalecer a construção do conhecimento pelos alunos, respeitando-se suas diferenças, limitações, necessidades e estimulando ainda mais sua percepção, da melhor forma possível, de forma atrativa e provocando sua participação e interesse na temática proposta. Nota-se a diversidade de práticas desenvolvidas e que são vários os recursos, materialidades, técnicas, abordagens, atividades e metodologias ilustrados nestas nove imagens, que mostram um pouco de nossa dedicação permanente e de nossa consciência, enquanto professoras, com a importância do investimento contínuo no processo educativo, buscan-

do sempre novas alternativas em nossas práticas docentes, através de uma perspectiva inclusiva.

Considerações Finais

Acreditamos que todas as escolas têm a necessidade de criar esses espaços de diálogo e dedicar tempo às pessoas, para que os conhecimentos repassados no ambiente escolar sejam direcionados a todos, sem fragmentação ou grandes perdas em prol de uma educação de qualidade. Quando isso é feito, os resultados aparecem e a cultura de paz e equidade predominam no ambiente escolar.

Portanto, embora não haja receita pronta, as boas práticas podem ser observadas, transpostas e difundidas, desde que os fundamentos sejam íntegros, pois materializar as teorias, os exemplos, as discussões e as reflexões deste curso em nosso ambiente de trabalho são promissores. Com isso, estamos reorganizando as nossas práticas e já são visíveis os bons resultados por meio de ações inclusivas e empáticas em nosso planejamento escolar.

Dessa maneira, poderemos replicar o propósito do DUA em outros ambientes ou instituições de ensino devidamente contextualizados, buscando também despertar o interesse e adesão de nossos pares a esse modelo. Assim sendo, esperamos que essas ações possam nos dar êxito e economizar tempo, visto que as intenções e os ideais são semelhantes.

Por fim, o DUA nos ensinou que não interessa de onde tiramos o material, mas, sim, a forma como o utilizamos para envolver nossa turma de alunos para que não haja rótulos, trabalhando as diferenças dentro das equidades. Desse modo, teremos um grupo desenvolvendo os mesmos princípios de forma diferenciada, de acordo com as aptidões de cada um.

Sendo assim, ao explorar os recursos pedagógicos com ênfase no DUA, estamos atuando em prol de uma educação inclusiva, minimizando barreiras de todos os tipos, investindo na acessibilidade e fomentando o conhecimento, com todos e para todos os sujeitos inseridos na comunidade escolar.

Referências

BRASIL. **Lei n. 13.146, de 6 de julho de 2015**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília, DF: Presidência da República, 2015. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em: 11 nov. 2022.

CAST. **Diretrizes do Desenho Universal para Aprendizagem versão 2.2. 2018.** Disponível em: <https://www.cast.org/impact/universal-design-for-learning-udl>. Acesso em: 20 out. 2022.

MARIN, Márcia; BRAUN, Patrícia. Ensino colaborativo como prática de inclusão escolar. *In*: GLAT, Rosana; PLETSCHE, Márcia Denise. (Org.). **Estratégias educacionais diferenciadas para alunos com necessidades especiais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, p. 49-64, 2013.

MEYER, Anne; ROSE, David H; GORDON, David. **Universal design for learning: theory and practice**. Wakefield, MA: CAST Professional Publishing, 2014.

ORRÚ, Sílvia Ester. **Aprendizes com autismo: aprendizagem por eixos de interesse em espaço não excludente**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2016.

COSTA, L. M. L; KITTEL, R; FERREIRA, M, S. **Estudos da Deficiência na Educação: refletindo o Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA) como uma Possibilidade de Ensino para Todas as Pessoas**. Capítulo 1 - Concepções que atravessam as práticas das profissionais da Educação, [2023?] No prelo.

KITTEL, R; FERREIRA, M, S; COSTA, L. M. L. **Estudos da Deficiência na Educação: refletindo o Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA) como uma Possibilidade de Ensino para Todas as Pessoas**. Capítulo 2 - Saber como incluir é importante, mas saber por que incluir é fundamental, [2023?] No prelo.

FERREIRA, M, S; COSTA, L. M. L; KITTEL, R. **Estudos da Deficiência na Educação: refletindo o Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA) como uma Possibilidade de Ensino para Todas as Pessoas**. Capítulo 3 - Planejamento, Práticas e Recursos Pedagógicos com Foco no Desenho Universal para a Aprendizagem/DUA, [2023?] No prelo.

Contextos de ressignificação educacional inclusiva

RELATOS E VIVÊNCIAS DA PERSPECTIVA DO DUA

Andrea da Silva Santos¹⁴

Angela Terezinha Soares Teixeira¹⁵

Luiza Cristina Campos¹⁶

Maria Carolina Macedo Carvalho¹⁷

Introdução

Dadas as dimensões e avanços educacionais contemporâneos, a escola vem buscando proporcionar uma Inclusão humanizadora e equitativa em todos os contextos e dimensões de acessibilidades no ambiente educativo/social. Para tal, vislumbrar a busca por novos saberes, competências e habilidades são aspectos essenciais para a nossa humanidade e missão como educadores. Sendo assim, objetiva-se inovar pedagogicamente e buscar por estratégias metodológicas equitativas, para que se conquiste o direito à acessibilidade para todos/as.

14 Especialista em Psicopedagogia Institucional e Clínica; Faculdades de Taquara; Taquara; RS.

15 Especialista em Educação Inclusiva; Universidade Cidade de São Paulo; SP.

16 Especialista em Educação Especial Inclusiva; Faculdade de Ensino Superior de Marechal Cândido Rondon; PR.

17 Graduanda em Educação Especial; Universidade Federal de São Carlos; SP.

Podemos encontrar a palavra inclusão nos mais diferentes contextos. O termo se refere também à uma educação para todos e todas, mediante o esforço de ofertar possibilidades àqueles que foram excluídos em algum momento da história nos diversos ambientes. Segundo a Política Nacional de Educação:

[...]A inclusão escolar de todos(as) os(as) estudantes nas classes comuns do ensino regular é processo que deve ser conduzido com cautela, zelo e respeito ao indivíduo e suas famílias. Entretanto, a plena inclusão nunca se efetivará sem a prática inclusiva, sem o esforço presente para superação das dificuldades, sem a adoção de medidas que possam gerar resultados no futuro, sem o fomento da cultura inclusiva nas escolas, na comunidade, na sociedade.” (PNE de São Paulo, p. 8).

Embasados nessa premissa, compreender a trajetória do movimento em prol da Inclusão é crucial, visto as demandas e contextos históricos, sociais, culturais e políticos. A Educação inclusiva refere-se a prática da inclusão, uma ação democrática e política que vislumbra a equidade de oportunidades para a organização da escola e sua concretude no processo de ensino e aprendizagem.

A perspectiva Inclusiva acolhe todas as pessoas, sem exceção, oferecendo uma rica oportunidade de convivermos e aprendermos com a diversidade humana.

Para nós educadores ela promove um enorme desafio, permeado por muita amorosidade, colaboração, dedicação, perseverança e busca constantes por novos caminhos de conhecimento e aprendizagem.

Validando esses aportes a autora Werneck (1997, p. 58) já destacava em seus estudos a importância frente a heterogeneidade presente nas salas de aulas realçando que “Incluir não é favor, mas troca. Quem sai ganhando nesta troca somos todos nós em igual medida. Conviver com as diferenças humanas é direito do pequeno cidadão, deficiente ou não”. É iminente considerar que nós educadores necessitamos de subsídios teóricos e práticos que aguace os nossos olhares frente à diversidade e, assim, contribuirmos para que todos possam aprender a aprender. Esse anseio se tornou uma busca incessante e nosso objetivo primordial, direcionando para a realização de um curso com proposições relevantes ao fortalecimento da práxis com ênfase no DUA.

Esse constructo teórico-metodológico materializa estratégias com ferramentas inclusivas e inovadoras, original do Design Universal da Arquitetura, na década de 1960 nos Estados Unidos. Esses múltiplos meios foram implementados no contexto educacional oferecendo o olhar para a coletividade e alternativas personalizadas, correspondendo às formas e estilos de

aprendizagem, respeitando assim as individualizações humanas nos modos diferentes de receber informações, assimilar e se expressar no meio em que estão inseridos.

A abordagem do Desenho Universal da Aprendizagem procura minimizar as barreiras metodológicas/pedagógicas no contexto educacional, tornando o currículo acessível para todos os alunos. Baseia-se em um planejamento assertivo, respaldados por seus princípios, redes de reconhecimento e estratégias como: meios de representação, de ação e expressão e de envolvimento. O desenho do currículo funcional e específico corresponde às características e estilos de aprendizagem de cada indivíduo fortalecendo múltiplas inteligências.

Para tal, justifica-se a necessidade de nos apropriarmos com mais saberes além de ir reconhecendo as necessidades específicas e distintas de cada ambiente bem como individualizações humanas. A proposta do curso enfatiza em como conduzir para uma prática inclusiva de respeito aos princípios, valores, pilares educacionais e o desenvolvimento integral, suprimindo as demandas da diversidade com todo carinho e compaixão que o educador deve conduzir e mediar.

Ao estudar sobre o DUA mergulhamos numa infinidade grandiosa de partilha e muita sabedoria. A troca de experiência, colaborações e reflexões coletivas, subsidiam a práxis educacional, além de todo o apoio técnico e orientações que o curso proporcionará por meio de encontros formativos que poderão agregar novos conhecimentos e assim oportunizando meios de engajamento, ação e expressão entre os cursistas e tutores.

Procedimentos metodológicos

O curso *Desenho Universal para a aprendizagem com foco no público da Educação Especial e na perspectiva inclusiva* nos proporcionará conhecer e aprofundar sobre novas práticas de aprendizagem. Conhecer seus princípios poderá oportunizar vivências, estratégias e engajamento nas práticas pedagógicas para o desenvolvimento das habilidades, com vistas à inclusão de todos/as.

A estrutura do curso de extensão *on-line*, “DUA Tertúlias” foi promovida durante os meses de agosto, setembro e outubro de 2022, divididos em três módulos e cada módulo de 30 horas, totalizando 90 horas, participamos através da plataforma google classroom, grupo do Whatsapp, na qual, cada turma continha 25 cursistas, professores de todo o Brasil, que prioritariamente atuam no AEE. Acompanhados por um tutor, nos reunimos semanalmente

todas às segundas-feiras das 19 horas às 21 horas, com encontros síncronos. As tertúlias foram momentos formativos que oportunizaram a discussão e troca de experiências na área da inclusão escolar com base na realidade e vivência dos professores.

Participamos interagindo pela plataforma, com textos nos cadernos de estudos, vídeos, fóruns de discussão, registros de atividades, preenchimento de formulários, *links* dos encontros síncronos e orientações referentes às tarefas, espaço “Saiba mais” para aprofundamento com materiais complementares e sugestões de textos, palestras, artigos, *sites*, vídeos com legendas, áudio-descrição e LIBRAS. Pensando no contexto do DUA, os registros de todas as atividades, eram acessíveis para cada os cursistas (escrito, áudio, desenho, vídeo, imagens).

A primeira Tertúlia do curso DUA, nomeada *Concepções que atravessam as práticas dos/as profissionais da Educação*, conforme Costa et. al, [2023?] foi compartilhado um pouco da nossa trajetória pessoal e profissional, aprendemos os conceitos que conduziram nossas mediações e escolhas ao longo do nosso percurso, assim como nossa prática nos espaços formais de Educação aos quais atuamos.

Na segunda Tertúlia, de acordo com Kittel et. al, [2023?] foi denominada de *Histórico, Princípios e Diretrizes do DUA*, analisamos as estratégias, práticas pedagógicas e estudos de casos nos contextos sociais, dentre eles, a escola. Contamos sobre o modo como exercitamos novos conteúdos e conceitos que contribuem para os processos educativos inclusivos na reorganização de espaços escolares e no repensar dos planejamentos e currículos mais acessíveis.

Por fim, na terceira Tertúlia, em consonância com Ferreira et. al, [2023?] e intitulada de *Planejamento, Práticas e Recursos Pedagógicos com foco no DUA*, foram compartilhadas as práticas docentes e experiências escolares relevantes em nossas trajetórias, contribuindo significativamente com o processo de aprendizagem e construção da cidadania. assim, ficaram “gravadas” em nossa memória e em nosso coração. Refletimos sobre quais marcas a escola nos deixou, lembrando que a divisão das dimensões foi a mobilização para o conhecimento, construção e elaboração da síntese.

Na dimensão proposta, vivenciamos os conteúdos, fomos desafiados a repensar espaços acessíveis, a necessidade da supressão das diversas barreiras e a urgência em planejar as aulas a partir da ética do cuidado e as possibilidades do DUA. Na atividade final do curso, colocamos em prática a construção de um plano de ensino acessível, com roteiro disponibilizado, onde realçamos os preceitos e conceitos aprendidos, debatemos sobre planejamento organizado a partir do caso ilustrativo e usamos como parâmetro muito importante, o mo-

delo social da deficiência, interseccionalidade, ética do cuidado, acessibilidade, Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva.

Resultados e Discussão

Quanto aos registros no contexto das perspectivas do (DUA), segue um breve relato sobre quem somos, nossas trajetórias na educação e vivências durante o período do curso. Assim, as autoras serão identificadas como: professoras 01, 02, 03 e 04, trazendo os caminhos trilhados no contexto educacional durante o curso.

Professora 01: Moro no município de São Francisco de Paula-RS. Minha jornada de trabalho é composta por 40 horas semanais, pelo Estado e trabalho com aulas particulares à noite. Atuo desde 2015 com alunos do AEE tendo mais experiência com alunos deficientes intelectuais, autistas e baixa visão. Como gosto de estudar, me inscrevo em cursos, principalmente, de Universidades públicas. Minha expectativa ao fazer o curso foi aprender sempre mais, conhecer outras realidades e histórias de alunos e professores. Quanto ao resultado, considero que foi muito positivo, embora já conhecesse o assunto, as diferentes trajetórias promovem novas aprendizagens e reflexões sobre as barreiras encontradas no decorrer do ofício como docente do AEE, mas também as possíveis soluções que venham a contribuir para o sucesso da aprendizagem do aluno que será atendido.

Algumas barreiras encontradas, diariamente, referem-se a falta de RH para o atendimento de crianças, falta de suporte dos alunos para a linguagem formal, como também a necessidade de diversificação das atividades dentro da sala de aula regular. Nesse contexto, algumas possíveis soluções são: votar conscientemente em quem se preocupa com a educação, pois dependemos de políticas públicas; retomar sempre o sentido das palavras, ressignificar o que é comunicado, explicar, diversificar a prática; e ser um professor pesquisador para executar o processo dinâmico de ensino aprendizagem.

Professora 02: Nasci em Sant'Ana do Livramento, moro atualmente em Uruguaiiana, fiz magistério; na Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) me formei em pedagogia com Habilitação em Magistério das Matérias Pedagógicas do 2º grau e Orientação Educacional concluindo em 1991. Em 1989, comecei a trabalhar como Coordenadora em uma Escola Municipal; em 2012 fiz Especialização em Educação Inclusiva pela Universidade Cidade de São Paulo (UNICID), o que me proporcionou, em 2013, trabalhar como professora do (AEE) e, atualmente, trabalho numa escola municipal em Uruguaiiana. Quando surgiu a possibilidade de fazer o curso já havia participado de outras duas Tertúlias, então, não pensei duas vezes, pois

sabia que me daria embasamento para aprender como fazer uma inclusão de fato, embora saiba que é difícil e encontramos muitas barreiras, principalmente, as atitudinais, mas a esperança que temos de engajar os professores no contexto do DUA é um alento para que a aprendizagem dos alunos seja de fato dentro de seus tempos, limites e possibilidades.

Professora 03: Nasci em Itararé e moro em Itapeva-SP, tenho uma filha de 21 anos que é meu orgulho e uma linda cachorrinha. Minha trajetória na educação especial começou em 1996, na APAE de Itararé; em 2002 comecei a atuar com classe especial no Centro de Apoio Multidisciplinar de Itararé; em 2009 na Sala de Recursos Multifuncional e, em 2012, como professora alfabetizadora em Itapeva e desde então também no AEE. Tenho Formação no magistério CEFAM (Franca-SP), graduada em Pedagogia pela FAFIT (Itararé-SP), estou cursando a segunda licenciatura em Educação Especial pela FAVENI (Guarulhos-SP), tenho cursos de pós-graduação em: Educação Especial Inclusiva, Educação Especial com ênfase na Deficiência Intelectual, Neuropsicopedagogia e Psicopedagogia Institucional e Clínica, Tecnologias Inovadoras - Alfabetização e letramento, e cursando Pós- Graduação em TEA. Tenho gratidão a Deus pela linda oportunidade na minha vida,

com minha família, amigos, alunos, trabalho e oportunidades como essa de participar do curso, pois já havia participado de Tertúlias anteriormente, mas esta edição foi especial pelas grandes amizades, conquistadas e pela aprendizagem adquirida. Pude aprofundar a temática DUA e levar para a nossa prática na sala de aula, sendo um modelo funcional, ao vivenciarmos na prática com nossos alunos e sermos formadores de boas práticas, no dia a dia na escola.

Professora 04: Sou apaixonada pela educação, encantada pelas possibilidades da inclusão e fascinada pelo poder de transformação da arte e suas linguagens. Sou esposa, mãe, bailarina/ginasta e professora atuando na educação por 22 anos. Moro em Itapeva, me formei no magistério pelo CEFAM, sou graduada em Pedagogia pela FAIT, estou cursando minha segunda licenciatura em Educação Especial pela UFSCAR, possuo pós graduações nas áreas da Educação Especial, Alfabetização, Distúrbios de Aprendizagem, Neuropsicopedagogia e Psicopedagogia Clínica/Institucional com ênfase na Educação Inclusiva. Lecionei como Professora Especialista na Escola de Educação Especial – APAE e no Centro de Apoio Pedagógico e Multidisciplinar – CEAPEM, na Sala de Recursos, perpassando pela rede particular, estadual e municipal. Atualmente exerço a função de Assistente Técnico Pedagógico na área da Educação Especial e Inclusão do sistema municipal de Itapeva-SP. Minhas expectativas fluem de um sonho teimoso, da boniteza e missão de todo educador, transformar e impactar vidas. Sim, o caminho é árduo e requer muita resiliência, convicção e busca por novos saberes, pilares estes

que irão fortalecer a nossa jornada. Esse foi um dos propósitos pelo qual me dediquei a realização do curso, as tertúlias nos inspiram mediante a comunhão e partilha entre educadores, oportunizando o crescimento e a ressignificação da minha vida profissional e pessoal. Finalizo com sentimento memorável vivido pelo companheirismo dos tutores e colegas cursistas.

Considerações finais

Em relação ao curso, foi de grande importância para o enriquecimento de nossa prática cotidiana com reflexões sobre o DUA, sua metodologia foi de grande importância, revelando a necessidade de assegurar uma Educação Inclusiva, promovendo as potencialidades físicas, sensoriais, intelectuais e sociais do aluno, de acordo com os seus interesses e necessidades específicas, disponibilizando a partir dos princípios da acessibilidade, propondo a renovação e ressignificação das práticas educativas, com um modelo de ensino flexível, funcional e assertivo ao invés da sua padronização, engessamento e imposição.

Ao final do percurso concluímos que temos que construir uma sociedade inclusiva, uma escola onde todos/as tenham espaço para o seu pleno desenvolvimento. Sendo assim, conhecer e compreender quem são os nossos alunos, é uma das atitudes mais relevantes, contando com o apoio do AEE, reconhecendo suas fragilidades para trabalhar as suas potencialidades, ou seja, os alunos devem ser tratados como sujeitos plenos e capazes, visando o sucesso na aprendizagem dos mesmos. Concluímos que o relato de experiências positivas, representaram as etapas de aprendizagem galgadas por todos nós, durante o nosso processo de formação e aprendizagem como educadores.

Referências

BRASIL, **Lei n. 13.146, de 6 de jul. de 2015**. Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm. Acesso em: 24 abr. 2022.

CAST. Design for Learning guidelines – **Desenho Universal para a aprendizagem**. CAST, 2011. Universal version 2.0. Disponível em: www.cast.org/www.udlcenter.org – tradução. Acesso em: dia mês ano.

INEP. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Glossário da Educação Especial**: Censo Escolar 2021. Brasília, 2021.

COSTA, L. M. L; KITTEL, R; FERREIRA, M, S. **Estudos da Deficiência na Educação:** refletindo o Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA) como uma Possibilidade de Ensino para Todas as Pessoas. Capítulo 1 - Concepções que atravessam as práticas das profissionais da Educação, [2023?] No prelo.

KITTEL, R; FERREIRA, M, S; COSTA, L. M. L. **Estudos da Deficiência na Educação:** refletindo o Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA) como uma Possibilidade de Ensino para Todas as Pessoas. Capítulo 2 - Saber como incluir é importante, mas saber por que incluir é fundamental, [2023?] No prelo.

FERREIRA, M, S; COSTA, L. M. L; KITTEL, R. **Estudos da Deficiência na Educação:** refletindo o Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA) como uma Possibilidade de Ensino para Todas as Pessoas. Capítulo 3 - Planejamento, Práticas e Recursos Pedagógicos com Foco no Desenho Universal para a Aprendizagem/DUA, [2023?] No prelo.

WERNECK, C. **Ninguém mais vai ser bonzinho na sociedade inclusiva.** Rio de Janeiro: ED. W.V.A, 1997.

Relato a respeito do desenho universal da aprendizagem

PLANEJANDO ESTRATÉGIAS PARA UMA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Claudia Escalante Medeiros¹⁸

Rosilene Maria da Silva¹⁹

Ticiane da Rosa Osório²⁰

A inclusão acontece quando se aprende com as diferenças, não com as igualdades

(Paulo Freire)

Introdução

Este relato tem por objetivo compartilhar as reflexões suscitadas nas autoras durante a realização do Curso Desenho Universal para Aprendizagem (DUA) na perspectiva da educação inclusiva e com foco no público da educação. Salientamos que o Curso foi oferecido na modalidade remota, durante os meses de agosto a outubro de 2022. É importante destacar que o Curso também contou com encontros síncronos semanais realizados as segundas-feiras, à noite, momento privilegiado, no qual era possível aos cursistas e

¹⁸ Professora de Educação Básica - Coordenadora da Educação Inclusiva - Rede Estadual; Colégio Estadual General Hipólito Ribeiro, Pinheiro Machado/RS.

¹⁹ Instrutora de Libras da Educação Básica – Coordenadora dos Anos Iniciais da Escola João Duarte, Cumaru/PE.

²⁰ Professora de Educação Básica do Colégio da Universidade da Região da Campanha – URCAMP, Dom Pedrito/RS.

tutora interajam compartilhando suas experiências. Uma outra questão a ser ressaltada é que o formato em que o Curso foi oferecido possibilitou a interação de cursistas de diferentes estados e regiões do país, o que seria mais difícil de ser alcançado se o curso fosse oferecido em um formato presencial.

Após estas colocações iniciais, antes de começarmos nossa discussão sobre o DUA, que se configura como uma metodologia de planejamento que constitui em uma possibilidade para dinamizar os processos de ensino e de aprendizagem de forma a torná-los mais inclusivos, assegurando que todos tenham a oportunidade de aprender, entendemos oportuno esclarecer alguns conceitos que perpassam o campo da Educação Inclusiva e que são fundamentais sempre que se deseja planejar uma educação que atenda efetivamente a todos, sem distinção ou preconceitos de qualquer natureza. Dessa forma iniciamos pelo conceito de Diversidade devido a sua amplitude e que apresenta múltiplas interpretações, porém nesse relato a definimos como:

[...] a diferença, que pode ser encarada como negativa, positiva ou simplesmente diferente, dependendo da interpretação ou conveniência das circunstâncias e do tempo histórico, do ângulo ou da totalidade em exame, das intenções e finalidades. Estas, a meu ver, são as mais significativas para tratar a diversidade. Uma ou outra forma de entender a diversidade, em relação ao outro, sempre envolve um conceito que significa idéia abstrata e geral, a partir do problema em sua origem, ou um preconceito, que significa ausência do conceito, formação de opinião antecipada sem maior ponderação ou conhecimento. É o que se denomina de ideia preconcebida, que conduz, inevitavelmente, à intolerância, ódio ou aversão a outras formas de ser, crer, viver (FERREIRA, 2013, p. 306).

Assim como a diversidade ou outro conceito de fundamental importância e que merece uma reflexão é o conceito de Cidadania, o qual está amplamente ligado à educação e que “emerge, como direito humano fundamental, a generalização do acesso, indiferenciado, às oportunidades do desenvolvimento intelectual (educação) e da sociabilidade” (CARNEIRO, 1998, p. 15).

Desta forma faz-se necessário pensarmos propostas de ensino e de aprendizagem capazes de assegurar a todos os estudantes o direito a uma educação igualitária e equitativa, de forma que todos possam desenvolver suas habilidades por meio de uma formação humana que os instrumentalize ter uma vida autônoma.

No campo da Educação Inclusiva é essencial enfatizar que o artigo da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), nº 9.394/96 no Capítulo III, art. 4º, inciso III, que menciona que é dever do Estado garantir o “atendimento educacional especializado gratuito aos educandos com necessidades especiais, preferencialmente na rede regular de ensino” (BRASIL, 1996).

No que se refere ao processo de ensino e aprendizagem, que é um direito assegurado a todas as pessoas, há que se levar em conta as escolhas do professor para ensinar e as do aluno para aprender. Essas escolhas não são espontâneas, aleatórias, mas demandam decisão e seleção de um caminho de aprendizagem, de uma metodologia de ensino, do uso de recursos didáticos pedagógicos. Da parte do aluno, essa escolha é mais limitada, pois o professor, por mais que seja aberto e acessível ao modo de aprender do aluno, não está ensinando individualmente, mas desenvolvendo um trabalho pedagógico coletivamente organizado, que tem limites para essas diferenças (MEC; SEED, 2007).

Deve-se ressaltar, ainda, que com o advento da inclusão escolar, os próprios órgãos nacionais mais nobres, responsáveis e mentores do processo inclusivo MEC, SEED e SEE admitem encontrar muitas dificuldades em realizar a inclusão responsável (bem diferente daquela em que há “exclusão na inclusão”), onde todos os agentes envolvidos no processo sintam-se seguros, aptos e realizados com a ação pedagógica desenvolvida, pois se tratando de deficiência auditiva, visual, física, o discurso é outro, mas ao se depararem com as nuances da deficiência mental é que o processo torna-se mais árduo e desconhecido.

É preciso, para podermos ensinar conceitos aos nossos educandos (sejam eles conceitos escolares ou atividades de vida prática ou atividades de vida diária), ter uma noção de como se processa a aprendizagem no cérebro. No processo de aprendizagem, o SNC é o órgão que, por meio dos sentidos, percebe, analisa, compreende, armazena, elabora e exprime informações. Evidentemente, esse processo exige outras funções, como a da atenção, as percepções visual, auditiva, tátil-cinestésica, além da memorização, planificação e psicomotricidade. Esse processo de aprendizagem difere daquele processado pelo animal, em que o condicionamento é predominante, adquirido arbitrária e circunstancialmente, sem refletir planificação, previsão ou seleção e pelo qual nenhum animal transmite novos comportamentos para outros de sua espécie.

Procedimentos metodológicos

A metodologia empregada neste trabalho consistiu no formato de um relato de experiência, já que segundo as concepções de Grollmus e Tarrés (2015) diante de uma perspectiva metodológica este tipo de estudo consiste em um formato de narrativa. Os autores relatam e narram por meio da escrita suas vivências, expressando fatos e acontecimentos experienciados num dado espaço-tempo, no caso deste estudo o período do Curso DUA. Assim,

mesmo que seja um relato de experiência subjetivo e detalhado, o mesmo é legitimado como conhecimento que transmite um aporte científico.

Assim, por meio da narrativa inferirem-se a respeito das observações vividas subjetivamente, assim como expressar seus sentimentos e sensações, reflexões acerca de todo processo, sejam estas positivas ou negativas. Por meio deste tipo de metodologia também é possível detectar os problemas e fragilidades observados tanto no subjetivo quanto no coletivo.

Resultados e discussão

Partindo do pressuposto de que este trabalho se configura como um relato de experiência, a seguir será apresentada as reflexões de uma das Cursistas pertencentes a Turma 8 – Igualdade, acerca de como foi sua vivência diante do Curso DUA. De acordo com a Cursista I

Participar do curso DUA foi uma experiência muito significativa. A cada módulo um material de estudo rico e diversificado, vídeos de apoio, além dos encontros síncronos semanais. Estes possibilitavam momentos de troca e partilha de experiências, além de aproximar professores de diferentes regiões do Brasil, o que em um curso presencial, não seria possível” (CURSISTA I, 2022).

Conforme o excerto supracitado, na fala da Cursista I fica evidenciada que a experiência vivida no decorrer do Cursos DUA propiciou uma experiência significativa, já que no transcorrer do mesmo foram ofertados encontros síncronos coordenados pela Tutora da Turma 8 – Igualdade via Google Meet. Nestas ocasiões os Cursistas poderiam interagir entre si dialogando não apenas a respeito do Curso DUA e das atividades que o compunham, mas também tinham a possibilidade de partilhar situações cotidianas nas quais já viveram. E foi nestes momentos que as barreiras da distância espacial foram rompidas aproximando Cursistas e Tutores dos mais distintos estados do Brasil.

De toda forma, é mister salientar a similaridade de situações que ocorrem em todos os espaços e contextos educacionais nas mais diversas regiões do país. Isto ficou evidente por meio das falas e relatos que os Cursistas traziam em consonância com as atividades e casos abordados no transcorrer das Tertúlias do Curso DUA.

No que se refere as aprendizagens construídas no Curso DUA, a Cursista I argumenta que,

[...] das aprendizagens específicas do DUA não posso deixar de mencionar os princípios que este aporte teórico defende e que são extremamente

compatíveis quando se trata de preparar estratégias de aprendizagem voltadas ao público específico da Educação Especial, e não somente, pois acredito que necessidades educativas especiais, todos nós temos, sejam elas em maior ou menor escala (CURSISTA I, 2022).

Neste trecho da narrativa da Cursista I percebe-se que a mesma ressalta os princípios do DUA em especial ao público da Educação Especial. A Cursista I ainda enfatiza a respeito das necessidades educativas especiais que todas as pessoas podem ter independente se possuem alguma deficiência ou não.

Ao se tratar das dificuldades encontradas, a Cursista I realça que:

[...] para mim a maior foi encontrar tempo para realizar as atividades propostas e participar dos encontros síncronos, o que devido as atividades de trabalho e de pesquisa que desenvolvo foi um desafio e algo que me deixou frustrada, pois não pude participar de todos estes momentos. Porém não posso deixar de destacar o apoio e dedicação da Tutora da turma que não media esforços para apoiar sempre que necessário (CURSISTA I, 2022).

Frente ao excerto considera-se que a principal dificuldade encontrada está interligada ao fator tempo, já que devido as diversas demandas profissionais e acadêmicas as quais a Cursista I está inserida, limitou a mesma de participar com maior efetividade dos encontros síncronos que eram realizados semanalmente. É importante também sublinhar, a mesma enfatiza o amparo e empenho da Tutora para auxiliar no que fosse necessário e que se fez essencial para que a Cursista I se sentisse acolhida e segura para realizar o Curso DUA.

Por fim, a Cursista I finaliza seu relato destacando que finaliza suas reflexões:

[...] deixando aqui um agradecimento especial a UNIPAMPA e a todo o Grupo Inclusive por proporcionar momentos tão ricos de aprendizagem que com certeza contribuíram para meu aperfeiçoamento pessoal e profissional (CURSISTA I, 2022).

Considerações finais

Diante do exposto, e com base nos relatos da Cursista I, percebe-se que as vivências, experiências e reflexões no decorrer do Curso DUA agregaram novos conhecimentos, assim como ofereceu um espaço de partilha e trocas de saberes potencializando as relações estabelecidas entre teoria e prática. Discorreu a respeito da importância do DUA para o desenvolvimento de ati-

vidades pedagógicas que de fato levem a inclusão de todos os sujeitos que estejam imersos em um determinado contexto, seja ele educacional ou não.

Por fim, destaca-se que a promoção de Cursos que possibilitem a aprendizagem ou aprimoração dos conhecimentos já existentes construídos no formato de interação, dialogicidade com maior um aporte teórico entrelaçado com a realidade cotidiana potencializa e agrega uma multiplicidade de saberes. Por meio de Cursos estruturados e idealizados com uma diversidade de metodologias e que acima de tudo proporcionem a interação entre os pares, os conhecimentos são partilhados e multiplicados levando assim a disseminação, e, principalmente, a importância da inclusão para todas e todos.

Referências

CARNEIRO, M. A. **LDB Fácil**: Leitura crítico-compreensiva artigo a artigo.- 11ª ed. - Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1996.

FERREIRA, Naura Syria Carapeto. **Diversidade e democracia**: o nosso compromisso hoje. In: Revista Retratos da Escola, Brasília, v. 7, n. 13, p. 305-318, jul./dez. 2013. Disponível em: <http://www.esforce.org.br>. Acesso em: 06 nov. 2022.

GROLLMUS, N. S.; TARRÈS, J. P. **Relatos metodológicos**: difractando experiências narrativas de investigación. Fórum Qualitative Social Research, v. 16, n. 2, maio, 2015.

CURY, C. R. J. **Do iluminismo de Rousseau aos dias atuais**. Nova Escola. São Paulo, p. 09-12, mar.Edição Especial, 2004.

FREIRE, P. **Pedagogia da Indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: UNESP, 2000.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados e Cortez, 1987.

FREIRE, P. **Educação como prática para a liberdade**. 18. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

LEDES, M. I. N. **Inovação Pedagógica no Curso de Pedagogia da Universidade de Brasília (UnB)**: um estudo de abordagem etnográfica. Tese de Doutorado. Universidade da Madeira – Funchal – Portugal, 2014.

PABLOS, J. M. **A visão disciplinar no espaço das tecnologias da informação e comunicação**. In SANCHO, Juana M.; HERNÁNDEZ Fernando. (Coords). Tecnologias para transformar a educação. São Paulo, Artmed, p. 63-83, 2006.

VYGOSTSKY, Lev S. **Pensamento e Linguagem**. Tradução Jefferson Luiz Camargo. 2ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 194 p., 1998a.

Uma experiência com o hiperfoco e o autismo na sala de aula

*Elisangela Rodrigues Vargas¹
Viviane da Rocha Gomes Barreto²*

Diversidade é convidar para a festa, inclusão é chamar para dançar!

Vernã Myers

Introdução

Este relato aborda a experiência com o hiperfoco no autismo numa sala de aula de educação infantil na Escola Municipal de Ensino Fundamental Duque de Caxias, Dom Pedrito/RS. A abordagem traz num primeiro momento as dificuldades e as barreiras encontradas pelas educadoras, para a inclusão de uma aluna autista. No segundo momento se aborda o desafio de utilizar o hiperfoco como recurso pedagógico e a contribuição do Desenho Universal para Aprendizagem (DUA) como princípio que orienta a organização curricular de uma instituição de ensino para promover acessibilidade e ampliar o direito de todas/os aprenderem.

No ano letivo de 2022, tem sido bastante desafiador para nós, enquanto educadoras, ao deparar-nos com o hiperfoco no autismo. Até então, desconhecíamos tal característica no Transtorno do Espectro **Autista** (TEA).

¹ Professora de Educação Infantil e Supervisora Escolar; Escola Municipal de Ensino Fundamental; Duque de Caxias; Dom Pedrito, RS.

² Pedagoga – Ensino Fundamental I; Agrupamento de Escolas São Julião da Barra; Oeiras, Portugal

Sabe-se que o hiperfoco é bastante frequente em pessoas com transtorno do espectro autista (TEA) e pode afetar a atenção do aluno em sala de aula, porém o hiperfoco em si não é bom e nem ruim. Vai depender de como a gente utiliza e lida com isso.” (SILVA, 2019).

Entender e lidar com o hiperfoco não é fácil, seja qual for o interesse do foco, pode atrapalhar a vida da criança ou adolescente, neste caso, na sala de aula o hiperfoco pode desestruturar o ambiente escolar e as práticas pedagógicas. O aluno pode ter comportamentos desreguladores quando o professor tenta mudar esse foco.

Segundo a médica neuropediatra, a Dra. Deborah Kerches:

O hiperfoco pode ser definido como uma forma intensa de concentração em um mesmo assunto, tópico ou tarefa e é bastante frequente em pessoas com transtorno do espectro autista (TEA), sendo um padrão de comportamento restrito e repetitivo. O cérebro no autismo é hiperexcitado então o hiperfoco pode ser um refúgio durante o estresse, situações desconfortáveis ou momentos de ociosidade.” (KERCHES, 2019).

O hiperfoco pode ser visto de forma bastante positiva se ajudar o/a aluno/a a desenvolver novas habilidades, aumentar a sua autoestima, e se for bem regulado, pode até ser o trabalho no futuro desta criança. Como profissional da área da educação, podemos utilizar o hiperfoco da criança com TEA a favor da aquisição de novas habilidades e aprendizados lúdicos, desde que haja um “desmame” gradual e as novas aprendizagens sejam incorporadas às que já existem. Para isso, o educador e o/a aluno/a precisam estabelecer vínculo afetivo e emocional, criando empatia e acolhimento sempre que necessário, pois pode haver momentos de desregulação sensorial.

O hiperfoco pode surgir do nada e levar semanas, meses ou anos, porém quando um hiperfoco terminar poderá ser substituído por outro e se apresenta como sendo um padrão de comportamento restrito e repetitivo. Aqui o desafio é utilizar o hiperfoco da criança com TEA, a favor de sua educação e aquisição de novas habilidades e aprendizados, tendo como referência os princípios e diretrizes do DUA.

Procedimentos metodológicos

A premissa de Maria Teresa Mantoan (2015), “Incluir é não deixar ninguém de fora da escola comum, ou seja, ensinar a todas as crianças, indistintamente” nos remete ao compromisso com a tríade da inclusão: ACESSO, PERMANÊNCIA E APRENDIZAGEM.

Sendo assim, o professor precisa estar em constante busca de estratégias que promovam o desenvolvimento de habilidades para todos os alunos.

A experiência deste relato expõe a realidade de uma sala de aula na educação infantil com hiperfoco no autismo, onde a estudante tem interesse extremo por dobrar papel. Ela chega na sala de aula querendo dobrar tudo que vê, inclusive livros, tornou-se quase impossível desenvolver atividades com a aluna que não fosse dobraduras ou se aproximar dela, pois ela entra na sala procurando o que dobrar.

Pensando estrategicamente e com o objetivo de introduzir a aluna na rotina escolar, planejamos atividades com dobraduras, confecção de bonecos com papel enrolado, brincadeiras de organizar a “casa” dobrando panos, bolas de papel, enfim, mesmo a aluna permanecendo pouco tempo nas atividades, conseguiu-se que participasse das atividades junto com os colegas. Porém, a mãe achando que o hiperfoco estava demais, alegou que por orientação da terapeuta, não convinha oferecer atividades com dobraduras para a aluna, com o intuito de diminuir o hiperfoco e despertar o interesse para outras atividades. Como resultado disto, no segundo bimestre, não conseguimos desenvolver nenhuma atividade com a aluna na qual passou a apresentar um comportamento desregulado.

O hiperfoco como recurso pedagógico

Com a nossa participação como cursistas em 2022 no curso de extensão em Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA) com foco no público da Educação Especial e na perspectiva inclusiva promovido pelo Grupo de Estudos e Pesquisa Inclusiva da Universidade Federal do Pampa (Unipampa) foi possível se apropriar dos conceitos do DUA trazendo-os para a prática pedagógica.

A proposta de ensino baseada no DUA visa ao planejamento do ensino e acesso ao conhecimento para todos os estudantes. Ela considera as especificidades individuais do aprendizado, pressupõe que todos os indivíduos são diferentes e possuem ritmos e estilos variados para aprender. A abordagem fornece um referencial para professores e outros profissionais especializados na elaboração de práticas e estratégias que foquem na acessibilidade, tanto em termos físicos quanto em termos de serviços, na busca de caminhos educacionais para o aprendizado sem barreiras” (CAST UDL BOOK BUILDER, 2013 in ZERBATO e MENDES, 2021).

O DUA traz como princípios criar estratégias pedagógicas que promovam a participação do aluno com deficiência nas mesmas atividades da turma. Sendo assim, pensou-se em utilizar o hiperfoco como recurso pedagógico, planejando atividades com dobraduras, porém, sempre incluindo novas ati-

vidades paralelas, para aproveitar o momento de foco da aluna, ou seja, no momento em que ela estivesse realizando a atividade de dobradura ou amassar papel, incluir uma atividade de pintura no mesmo papel, aproveitando o momento de a aluna estar com a atenção voltada para o objeto de estudo e mostrar outras possibilidades de interagir com o papel além da dobradura.

Também, aproveitando o hiperfoco como recurso pedagógico, foi incluído na prática pedagógica o sistema de “moeda de troca”, sempre que a aluna realizasse a atividade solicitada, era oferecido a ela o papel para dobradura. Foi oferecido o mesmo tipo de papel e de cor verde pelo fato de a mãe dizer que era a preferência e o hiperfoco da aluna. Plastificamos a folha verde para evitar rasgar, pois a aluna além do hiperfoco de dobrar, também leva tudo à boca e era sempre oferecido esse mesmo material com o intuito que ela percebesse que podia dobrar, mas não qualquer coisa que visse. Uma das próximas tentativas para alternar e sair do hiperfoco, será arranjar um papel de gramatura parecida com o gosto da aluna e que ele venha um pouco misturado com outra cor (talvez o branco, por ser uma cor neutra).

A título sugestivo e aproveitando o hiperfoco na cor verde, dependendo do conteúdo pedagógico trabalhado, deve-se trabalhar com a aluna os elementos da natureza que remetam a cor verde, o livro paradidático *O Menino do Dedo Verde* do Maurice Druon, de forma ir desfocando gradativamente da cor verde (mas ela continuará presente em menor grau).

A intenção da prática com “moeda de troca” é diminuir o hiperfoco, porém sem excluí-lo totalmente, pois o hiperfoco é o elo entre professora e aluna, visto que, no autismo a maior dificuldade do aluno é interagir com o outro.

A falta de conhecimento dos estados mentais dos outros faz com que estas crianças tenham dificuldades em prever comportamentos, o que pode explicar, de algum modo, o comportamento isolado dos autistas, a sua dificuldade na interação entre pares, dificuldades ao nível da comunicação, entre outros (JORDAN, 2000, cit in FOLGADO, 2014, p. 39).

Gómez (2008), afirma que:

estas crianças apresentam sérias dificuldades no estabelecimento de informações acerca do seu próprio mundo emocional e no dos demais, considerando que estas dificuldades de interação são determinadas não apenas pelas suas limitações relativamente às suas capacidades linguísticas e comunicativas, mas também pelas suas dificuldades na descoberta e na partilha de estados emocionais” (FOLGADO, 2014, p. 77).

A prática pedagógica relatada, aborda as mesmas atividades para toda a turma, porém trabalhando objetivos diferentes.

Resultados e discussão

Consideramos a prática inclusiva um caráter inovador, pois havia um entendimento de que as atividades deveriam ser adaptadas para que os alunos com deficiência pudessem desenvolver habilidades e aprendizado, porém essas adaptações eram específicas para aquele aluno. Com o DUA, entende-se que ao invés de adaptar, devemos criar estratégias que promovam a participação de todos e todas na mesma atividade.

A situação da aluna deste relato, no momento passa por processo de regulação à rotina escolar, não está sendo fácil e nunca foi dito que seria fácil, porém, enquanto profissional da educação nosso papel e de todos os profissionais em situação semelhante, é planejar estratégias que promovam o acesso ao aprendizado e avaliar pontos que precisam ser reajustados, pois trabalhar com inclusão na educação é um processo que se aprende no dia a dia, não há receitas, visto que cada aluno, cada turma, possui um perfil único e carregado de diversidades.

Nesse sentido, o planejamento escolar deve levar em consideração os elementos do processo de ensino articulados ao trabalho docente, ou seja, para que ensinar – objetivos, o que ensinar – os conteúdos, a quem ensinar – estudantes e suas particularidades, como ensinar – uso de métodos e avaliação” (LIBÂNEO, 2006). - extraído do III Caderno de Estudos, curso DUA com foco no público da educação especial e na perspectiva inclusiva, conforme Ferreira et. al, [2023?] p. 46.

Corroborando com o pensamento de Libâneo, o planejamento do professor não pode ser rígido, precisa considerar o perfil da turma. Ainda corroborando com Libâneo:

Percebemos, nas proposições de Libâneo, uma aproximação dos princípios do DUA, note: para que ensinar – objetivos (princípio do engajamento), o que ensinar e como ensinar – os conteúdos, uso de métodos e avaliação (princípio da representação), a quem ensinar – estudantes e suas particularidades (princípio do engajamento e da ação/expressão). - extraído do III Caderno de Estudos, curso DUA com foco no público da educação especial e na perspectiva inclusiva, Ferreira et. al, [2023?] p. 46.

Os elementos do processo de ensino: para que ensinar, o que ensinar, a quem ensinar e como ensinar perpetuam a formação docente, pois são fundamentais no desenvolvimento do planejamento das atividades para assim, promover a inclusão para todos. Lembre-se, todos somos diferentes! Por isto, é importante conhecer a individualidade de cada aluno e com isto saber a melhor maneira de conduzir o aprendizado.

Considerações finais

Antes do início do curso, estávamos em total sentimento de confusão, frustração e sofrendo pressão por parte da família da aluna e acabamos nos esgotando a ponto de questionar a nossa relação com a profissão. Ao iniciar o curso de extensão aqui citado no início do relato, sentimos dificuldades em colaborar com argumentos e compartilhar a nossa experiência, visto que é o 5º curso promovido pelo grupo Inclusive que participamos e nunca havíamos nos sentidos assim, tão perdidas. Parecia que todos os conceitos trabalhados em relação ao DUA eram de outro mundo ou o nosso mundo não fazia parte deste (rsrs, que loucura!). Queríamos compartilhar com os colegas, tutores e professores, mas sentíamos receio de interpretarem que estávamos sendo capacitistas. Até que criamos coragem em compartilhar com a turma e qual não foi a nossa surpresa: tanto os colegas quanto a tutora foram receptivos, a reação de todos foi tão acolhedora que conseguimos recuperar o nosso chão.

Por isso deixamos aqui nosso mais profundo agradecimento e orgulho de fazermos parte da turma Respeito e confirmar um dos princípios da educação inclusiva que é acolher o aluno antes de tudo. Por isso defendemos a importância do trabalho colaborativo, da participação em grupo de estudos, e principalmente da rede de apoio ao professor em sala de aula. O professor sozinho não dá conta e não pode ser o único responsável pelo desenvolvimento dos alunos.

Não afirmamos que conseguimos todas as respostas e nem que todas as dificuldades na sala de aula foram solucionadas, mas conseguimos um norte para dar continuidade ao trabalho.

Ao nos apropriarmos dos conceitos do DUA, precisamos ter o discernimento de que este não traz modelos prontos e específicos, mas nos dá um norte e cabe a cada profissional saber direcionar para o perfil de cada estudante, conhecer principalmente a forma de aprender de cada um, assim, a prática pedagógica utilizada é adequada à turma em questão e à situação atual e com certeza sofrerá modificações ao longo do percurso.

Salientamos que cada aluno TEA, da qual tivemos o prazer em colaborar com a sua formação enquanto Ser Humano e estudante, procuramos sempre em primeiro lugar observá-los, de forma a mapear os seus gostos, hiperfocos e crises sensoriais. A primeira palavra a ser usada numa abordagem pedagógica e humanística é o acolhimento, e sem dúvida, tentar entender o “seu mundo”, entrando nele, sem que ele se aperceba. Estabelecemos ligações com eles através dos seus hiperfocos, levando para o “mundo deles” o conteúdo pedagógico que eles conseguiam atingir e assim fomos aplicando os conceitos do DUA, de modo que eles também tivessem o ambiente de sala

de aula acomodado às suas descargas sensoriais. Quando a turma entende o que é o TEA, ela acaba por colaborar com o colega TEA, vivenciando e sendo envolvido nas situações diversas que ocorrem em sala de aula. Jamais, em algum momento, esses alunos devem ser retirados de sala de aula ou afastados das suas atividades. Eles devem ser acomodados e acolhidos por todos da escola que devem ter o olhar pedagógico diferenciado.

Referências

- FOLGADO, S. B. **A comunicação e a interação na criança autista**: um estudo de caso. [s. l.], 2014. Disponível em: <https://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&AuthType=ip,shib,uid&db=edsrca&AN=rcaap.com.ipcb.repositorio.ipcb.pt.10400.11.2350&lang=pt-pt&site=eds-live&scope=site>. Acesso em: 2 nov. 2022.
- KERCHES, Débora. **Hiperfoco no autismo**. 2019. Disponível em: <https://dradeborahkerches.com.br/hiperfoco-no-autismo/>. Acesso em: dia mês ano.
- MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar**: o que é? por quê? como fazer? São Paulo: Summus Editorial, 2015.
- SILVA, Selma Sueli. **Como trabalhar o hiperfoco de forma a direcioná-lo para as exigências do dia a dia?** - O Mundo Autista (uai.com.br). Acesso em: 05 out. 2022.
- FERREIRA, M, S; COSTA, L. M. L; KITTEL, R. **Estudos da Deficiência na Educação**: refletindo o Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA) como uma Possibilidade de Ensino para Todas as Pessoas. Capítulo 3 - Planejamento, Práticas e Recursos Pedagógicos com Foco no Desenho Universal para a Aprendizagem/DUA, [2023?] No prelo.
- ZERBATO, Ana Paula e MENDES, Enicéia Gonçalves. O desenho universal para a aprendizagem na formação de professores: da investigação às práticas inclusivas. **Educação e Pesquisa [online]**. 2021, v. 47, e233730. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1678-4634202147233730>. Epub 06 Dez 2021. ISSN 1678-4634. Acesso em: 9 out. 2022.

Os espaços temáticos potentes para as diferentes estilos de aprendizagens no maternal

*Cátia Cilene Saraiva Avero¹
Pâmela Oliveira de Castro²
Patricia Medianeira Vieira Martins³*

Introdução

A educação Infantil é a primeira etapa da educação básica que tem o intuito de observar e orientar as crianças baseando-se nas necessidades de cada indivíduo apoiando sempre quando necessário para que todos possam desenvolver suas habilidades e potencialidades. Outro ponto importante está nas estratégias de ensino e nas abordagens utilizadas pelos profissionais da infância para que todos possam ter um desenvolvimento integral apresentando ações e espaços com as complexidades que irão ampliar os conhecimentos, socialização, linguagem e a motricidade. Neste contexto, a inclusão acontece de forma natural, pois cada criança está numa fase do desenvolvimento e estão

1 Professora na educação infantil; Emei Professor Análio; Bagé/RS.

2 Professora Professora na educação infantil; Emei Pingo de Gente; Candiota/RS.

3 Professora de Química e Educadora especial; Prefeitura Municipal de Cacequi/RS.

construindo o conhecimento conforme suas subsunções de aprendizagem e as interações já constituídas. E cabe ao professor perceber o quanto a criança já se apropriou de determinados conhecimentos e habilidades para auxiliar em aprendizagens mais complexas e de forma partilhada entre os pares. É desta forma, pois os alunos têm a tendência de auxiliar ou corrigir o colega e, assim, juntos vão aprendendo e tornando o espaço da escola acolhedor e incentivador para a transformação. Como os objetivos deste relato temos os seguintes: as interações que acontecem na turma do Maternal I; Compreender a dinâmica de interação entre as crianças independente de suas qualidades ou dificuldades; Contextualizar práticas que foram organizadas a partir da escuta e observação, pois pensamos que a escuta, observação e a interação com os alunos são essenciais para um ensino aprendizagem inovador e transformador, pois a possibilidade de construção do conhecimento é possível quando os pares estão conectados e participantes durante o processo de aprendizagem. “Na realidade, não há um meio de envolvimento e de motivação ideal para todos os alunos em todos os contextos, por isso é essencial implementar múltiplas opções para envolver e motivar os alunos para a aprendizagem” (NUNES & MADUREIRA, 2015, p.11). Nesta perspectiva o Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA) reconhece os estilos de aprendizagem e organiza os recursos e estratégias para auxiliar o aluno, apresentando um caminho adequado para a construção do conhecimento e apropriação de diversas informações e aprendizados.

Procedimentos metodológicos

Este relato é referente as práticas pedagógicas que ocorreram na escola Emei Professor Análio, Bagé/RS nas turmas de maternas I e II crianças com faixa etária de 2 a 4 anos que estão em fases de desenvolvimento diferenciado por consequência dos estímulos, culturas e oportunidades, neste mesmo contexto tem a inclusão de 3 alunos altistas dois de (dois anos) e uma aluna de (4 anos) construindo o conhecimento de forma compartilhada e com espaço para a interação e escuta. Para assim organizar os recursos e intervenções adequadas a diversidade de conhecimentos e habilidades de todos os alunos com uma atenção especial a potencialidade individual de cada um. As composições pedagógicas apesar da simplicidade acabam abrangendo todas as áreas do conhecimento e convidado o aluno a participar de forma autônoma e com suas particularidades e habilidades. Assim, realizando uma pesquisa participativa e com docência compartilhada em prol de um ensino aprendizagem coerente com a realidade dos alunos estimulando o protagonismo e a ampliação dos saberes. Os planejamentos das propostas foram de forma integrada entre as duas professoras do Maternal I e baseadas nas interações, narrativas e interesses dos alunos cada semana foi apresentado

espaços temáticos para envolver os alunos e estes durante relações com os objetos e pares indicavam para as professoras o aprendizado e as apropriações do conhecimento.

Resultados e discussão

As relações na Educação Infantil são fundamentais para a aprendizagem e no jogo simbólico os alunos demonstram o quanto sabem e como interagem com outras pessoas e a sua visão de mundo. Cabe ao professor uma escuta atenta e garantir que as singularidades sejam contempladas durante o planejamento e uma proposta eficaz é a construção de espaços temáticos que abrangem todas as áreas do conhecimento conforme as ações dos alunos.

Figura 1: Passar por baixo dos balões e outras composições



Fonte: Autoras, "2022"

Audiodescrição: fotografia de uma sala de aula. Um enorme cordão de balões roxos, laranjas e pretos atravessa a sala. Ao fundo, duas meninas observam. Outra, passa por baixo do cordão. Fim da audiodescrição.

Na figura 1 a proposta foi passar por baixo dos balões trabalhando o movimento, organização e a motricidade. Todos os alunos participaram com exceção de uma aluna, pois para está não tinha significado a brincadeira, mas ela pode sacudir os balões, identificar as cores, cantar no entorno dos balões, pular com os balões e assim outras composições apareceram e cada indivíduo fez a sua construção.

Na simulação da proposta passar por baixo dos balões através do desenho e interferência foi possível os alunos desenvolverem a escrita, desenho, organização, noção de espaço e releitura das ações da brincadeira embaixo

do balão, trabalhando a respiração ao encher o balão, localização espacial e cores. Cada aluno fez a sua construção conforme o seu tempo e habilidades.

Outro espaço desenvolvido foi disponibilizar para as crianças recursos e composições do cotidiano auxilia na visão de mundo e no jogo simbólico, onde o professor percebe o quanto de conhecimento já está adquirido e possibilita conhecimentos mais complexos. Cada criança pode interagir conforme o interesse e desenvolver a tarefas de forma surpreendente com narrativas e cooperação.

Figura 2: Feira com dinheirinho, balança, calculadora, telefone e produtos para venda (verduras e legumes de brinquedo)



Fonte: Autoras, "2022"

Audiodescrição: fotografia de uma sala com 3 crianças. À esquerda, de costas, uma menina segura algumas notas de dinheiro. No centro, outra menina próxima a um caixote que tem no topo alguns brinquedos: uma balança, um telefone, calculadora e uma pequena cesta com latinhas. Ela olha para um objeto que segura na mão esquerda. Logo à frente do caixote, um menino de cabelos curtos e uniforme azul marinho de mangas longas. Fim da audiodescrição.

Na feira é possível perceber como os alunos interpretam o contexto de uma feira e apresentam conhecimentos matemáticos, narrativos e de interação. A socialização como foco para o aprendizado coletivo

Com esta brincadeira sopa de letras utilizando panelinhas e o alfabeto está sendo promovido a aprendizagem significativa e a cooperação entre adultos e crianças para uma aprendizagem que favorece a linguagem, jogo simbólico, letramento. Todos participam da sua forma e organizam-se da maneira que lhe convêm e assim produzindo o conhecimento.

Os conceitos do DUA nos revelam a importância de levar um aprendizado que contemple todos os alunos, de forma que todos se sintam incluídos nesse ensino, e que possam ter motivação para aprender, onde os professores possam observar sempre as potencialidades dos seus alunos e suas maneiras de aprender, para que assim o ensino se torne significativo e real para esses estudantes de acordo com Costa et. al, [2023?] (Caderno de Estudos, Primeira Tertúlia).

Considerações finais

Ocorrem muitas dificuldades no âmbito escolar ao pensar em práticas pedagógicas que envolvam todos os alunos, sejam esses alunos com deficiência ou não da educação especial, exige dos profissionais a necessidade de aprimoramento e de formação continuada de conhecimentos curriculares que fomente a inclusão, e que obedeça às características individuais de cada criança.

Dessa forma, constatou-se que o DUA considera a variedade dos estudantes e a quebra de barreiras nos ambientes de aprendizagem, como acontece com alunos da Emei Professor Análio, Bagé/RS nas turmas de maternais I e II, onde a professora estimula as crianças com propostas flexíveis, como podemos visualizar nas imagens inseridas no referido trabalho.

A inclusão só ocorre se todos alunos e professores estão participantes das atividades e envolvidos no contexto escolar e isso só é possível mediante preparos específicos, pois a formação inicial não contempla todas as demandas, sendo assim o curso Desenho Universal para a Aprendizagem com foco no público de Educação Especial e na perspectiva inclusiva pela Universidade Federal do Pampa no ano de 2022 foi de suma importância para o aprendizado e contribui para a formação dos educadores que o fizeram.

Referências

NUNES, Clarisse; MADUREIRA, Isabel. **Desenho Universal para a Aprendizagem: Construindo práticas pedagógicas inclusivas.** Da investigação às práticas, 2015.

COSTA, L. M. L; KITTEL, R; FERREIRA, M, S. **Estudos da Deficiência na Educação:** refletindo o Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA) como uma Possibilidade de Ensino para Todas as Pessoas. Capítulo 1 - Concepções que atravessam as práticas das profissionais da educação, [2023?] no prelo.

DUA e o uso de modelos tridimensionais em química

*Fabio Luiz Paranhos Costa⁴
Leidiane Borges de Andrade⁵*

Introdução

Antes do curso de extensão com foco no Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA) a nossa concepção do conteúdo de geometria molecular era, sobretudo, focado na ideia de que alguns irão perceber as estruturas em três dimensões mais rapidamente e alguns, por falta de aptidão não iriam alcançar tal objetivo. Assim, conseqüentemente, teriam mais dificuldades nos próximos conteúdos que tivessem dependência do domínio da geometria molecular. Ou seja, o conteúdo era pensado em uma turma “homogênea”, desconsiderando assim a individualidade dos alunos. De fato, infelizmente, por muitos anos os professores desenharam seus objetivos, atividades e materiais tendo em mente um único tipo de aluno, que eles consideravam ser o aluno médio de acordo com sua idade. Mas na realidade, esse aluno médio não existe, é um mito [SEBASTIÁN-HEREDERO, 2020]. Todos os alunos têm habilidades e todos têm dificuldades em alguns aspectos, portanto, é necessário planejar o currículo de forma a gerar oportunidades de aprendizagem para todos. O DUA é um conjunto de princípios (o engajamento, a representação e a ação e expressão) do desenho curricular que nos ajudam a avançar em direção a um modelo aberto que permite a participação e o aprendizado para todos [SEBASTIÁN-HEREDERO, 2020]. A experiência no ensino de química indica

⁴ Prof. adjunto; Universidade Federal de Jataí; Jataí.

⁵ Mestranda em pos-graduação em Química, Universidade Federal de Jataí; Jataí.

a dificuldade na apropriação do conteúdo de Geometria Molecular que é comum entre estudantes do Ensino Médio, o que sugere a necessidade de criação de recursos pedagógicos alternativos. Diante disso, esta prática objetivou utilizar modelos tridimensionais representativos de geometrias moleculares de compostos químicos com base na teoria da repulsão dos pares eletrônicos de valência para auxiliarem práticas colaborativa em sala de aula com o intuito de que os todos os alunos públicos alvo ou não da lei brasileiras de inclusão (LBI, Lei nº 13.146/2015) possam se engajar para eles pudessem serem agentes na construção das moléculas, assim compreendem como ocorre a formação das estruturas moleculares se dá.

Procedimentos metodológicos

Houve o momento de aplicação do conteúdo de forma tradicional e posteriormente com os modelos tridimensionais. Listo uma breve descrição do modelo. De fato, há o modelo em crochê, figura 1, para o docente, e em madeira, EVA e PVC para os discentes, figura 2.

Figura 1: Representação em crochê da molécula em três dimensões



Fonte: O próprio autor, ano

Audiodescrição: fotografia de um gramado visto de cima. Espalhados pela grama 12 objetos feitos em crochê. Eles têm uma bola central em cor rosada com olhos e boca. Da bola saem pequenas hastes com bolinhas vermelhas nas pontas. Cada um traz uma quantidade diferente de hastes. São objetos com 3 hastes, 4 hastes e até 5 hastes. Fim da audiodescrição.

Figura 2: Modelos usados pelos alunos para “construírem as moléculas.



Fonte: O próprio autor, ano

Audiodescrição: Fotografia vista de cima de um gramado. Espalhados sobre a grama, 8 composições de hastes azuis com pontas em borrachas. Cada grupo tem uma cor de borracha diferente, um grupo cinza, branco, amarelo, azul, preto, vermelho e verde. À direita, três cubos em madeira com diversos furos. Fim da audiodescrição.

O átomo central foi representado por um cubo de madeira com furos e os outros átomos representados por cores de EVA em uma mangueira de PVC, que indica as ligações entre os átomos. As cores das fitas são variadas de acordo com os elementos, só os elétrons desemparelhados que são representados pela mangueira de cor preta, figuram 2. O tamanho do cubo foi escolhido para caber na palma da mão, para que se possa fazer o manuseio apropriado. Dessa forma, pode-se apresentar o conteúdo possibilitando que o estudante reconheça, pela rede visual e tátil, em tempo real as moléculas, tanto na sua geometria, arranjo e ângulos específicos, para que tenha uma compreensão tridimensional.

Os modelos foram aplicados na disciplina Química Geral e Inorgânica da turma de primeiro período do curso de Biomedicina de 2022 no dia 13 do mês de outubro. Inicialmente o conteúdo relacionado à geometria molecular foi apresentado em quadro negro e giz, onde as moléculas tridimensionais foram representadas em duas dimensões e em perspectiva. Isto foi trabalhado com a turma por aproximadamente 45 minutos (a aula é de três “tempos” de 50 minutos). Foi pedido que a turma se dividisse em grupos de 4 a 5 alunos, tendo um total de 6 grupos, após 5 minutos, apresentou-se os modelos de crochê à turma onde o conteúdo foi retomado, depois os grupos receberam os modelos de cubos de madeira com tubos coloridos.

Resultados e discussão

No momento da aula quando ainda não se havia apresentado os modelos tridimensionais houve várias dúvidas de como os alunos poderiam fazer para “enxergarem” melhor as estruturas e vários apresentaram dificuldades em representar as moléculas exemplo e extrapolar os modelos para outras moléculas, como era esperado. Obteve-se outro cenário quando o conteúdo foi apresentado com os modelos de crochê, cabe ressaltar que vários alunos conseguiram adivinhar a geometria molecular quando colocamos em cada grupo duas moléculas em crochê, de fato todos os grupos após algumas tentativas obtiveram sucesso. A proposta de prática colaborativa com os grupos e a tarefa de que cada grupo deveria montar as moléculas cujas fórmulas estavam escritas no quadro foi muito enriquecedora, pois, com os erros, as discussões e as sugestões todos os grupos conseguiram formar as moléculas com os modelos, figura 3. A avaliação do dia, conforme trabalha-se com a turma, foi totalmente daquela que era simplesmente escrever em uma folha as respostas e entregar ao docente. Ademais, permite que o estudante expresse o que aprendeu utilizando estratégias de ação para além da escrita, tradicionalmente eleita o modo quase único de avaliação da aprendizagem. Portanto, os modelos alternativos serão ferramentas viáveis e eficazes no ensino e aprendizagem dos conteúdos de geometria molecular, pois tem o potencial de contemplar as diferentes necessidades e preferências dos estudantes ao acessar o conhecimento, rompendo com metodologias que partem da idealização de que existe um padrão único de aprender, acessar e expressar o que aprendeu, nesse sentido, os modelos alternativos desenvolvidos se aproximam dos princípios do Desenho Universal para a Aprendizagem: 1) engajamento, 2) representação e 3) ação e expressão.

Figura 3: Prática em sala de aula



Fonte: O próprio autor, ano

Audiodescrição: Fotografia em uma sala de aula, em primeiro plano, à direita, uma mulher segura um objeto redondo com hastes coloridas. Ao lado, duas meninas sentadas observam. Elas usam máscaras de proteção. Ao fundo uma grande janela e duas mulheres sentadas em carteiras escolares. Fim da audiodescrição.

Considerações finais

A aula foi de química, mas eu penso que os alunos não só alcançaram os objetivos técnicos do tópico geometria molecular, eles se também se engajaram em seus grupos e a perspectiva de agir e montar a sua molécula, rompeu em vários discentes a crença de que ele não iria aprender “enxergar” em três dimensões. A frustração do primeiro momento com o quadro e giz foi substituída pelo sentimento do dever cumprido pelos alunos. Não só o paradigma do alunado médio deve ser quebrado, mas também o das velhas práticas, ao inserir uma nova ferramenta com o viés do DUA é possível trazer novas perspectivas para as práticas inclusivas de ensino-aprendizagem.

Referências

SEBASTIÁN-HEREDERO, Eládio. **Diretrizes para o Desenho Universal da Aprendizagem (DUA)**. Revista Brasileira de Educação Especial, Bauru, v. 26, n. 4, p. 733-768, 2020.

Formação continuada e inclusão

CONTRIBUIÇÕES DO DESENHO UNIVERSAL DA APRENDIZAGEM PARA A PRÁTICA DOCENTE

Gerusa Romana Leal da Silva⁶

Edilania Reginaldo Alves⁷

Eliane da Silva Moraes dos Santos⁸

Ivanilza Maria do Nascimento⁹

Fernanda de Lima Pinheiro¹⁰

Samara de Oliveira Pereira¹¹

Introdução

A formação de professores e a organização do ensino voltadas a práticas pedagógicas inclusivas têm assumido papel relevante nas políticas educacionais

⁶ Pedagoga na Seção de Atendimento Educacional Especializado no Colégio Militar de Porto Alegre; Porto Alegre - RS.

⁷ Professora de Atendimento Educacional Especializado-AEE, na E.E.F. Antônio Crisóstomo Pereira; Milagres-CE.

⁸ Professora da Educação Especial na Escola Estadual Cônego Jasson Souto; Jacaré dos Homens – AL.

⁹ Professora de Atendimento Educacional Especializado AEE, na Escola Estadual Manoel de Matos; Santana do Mundaú – AL.

¹⁰ Tutora voluntária; licenciada em Ciências da Natureza; Discente no Mestrado Acadêmico em Ensino; Bolsista CAPES-FAPERGS; Universidade Federal do Pampa; Bagé-RS.

¹¹ Tutora voluntária; Licenciada em Química; Discente no Mestrado Acadêmico em Ensino; Bolsista CAPES-FAPERGS; Universidade Federal do Pampa; Bagé-RS.

nacionais. O curso de extensão a distância: “Desenho Universal para Aprendizagem com foco no público da educação especial e na perspectiva inclusiva”, é uma iniciativa do Programa de Extensão Tertúlias Pedagógicas Inclusivas do Pampa, vinculado à Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), Campus Bagé. Por meio do programa foram ofertadas 600 vagas para professores da Educação Básica das redes públicas de ensino de todo o Brasil, tendo como prioridade os professores que atuam no serviço do Atendimento Educacional Especializado (AEE), cujo público de atendimento são pessoas com deficiência, Transtornos Globais do Desenvolvimento, Altas Habilidades e superdotação.

O objetivo do curso é oferecer formação acadêmico-profissional mediante discussões sobre práticas pedagógicas pautadas nos conceitos e princípios do Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA). Desenvolvido nos meses de agosto, setembro e outubro de 2022, com bate-papos síncronos nas segundas-feiras e atividades realizadas por meio da plataforma Google Classroom.

Em cada encontro síncrono, momento de Tertúlia, na apresentação de conceitos, estudo de caso e contexto educacional, os professores participantes evidenciaram que o curso de extensão impulsionava elementos relevantes para o desenvolvimento de práticas inclusivas pautadas no planejamento colaborativo. Nos encontros evidenciamos um ambiente com potencial de troca de informações entre os participantes, que pensavam juntos sobre as atividades e estratégias baseadas em conhecimentos teóricos e práticos pautados no DUA.

As atividades do curso foram organizadas em três módulos que receberam os títulos de “Concepções que atravessam as práticas”, “Histórico, Princípios e Diretrizes do DUA”, e “Planejamento, práticas e recursos pedagógicos com foco no DUA”. As estratégias formativas pautadas nos pressupostos teóricos do DUA e interação de professores de diversas localidades do Brasil, mostraram-se ferramentas potencializadoras na formação continuada dos participantes. A formação continuada foi verificada, neste estudo, como estratégia em potencial para o convite à experimentação de novas práticas em ambiente escolar, baseadas no Desenho Universal para Aprendizagem.

De acordo com Alves, Ribeiro e Simões (2013), essa perspectiva de ensino é embasada em três princípios: 1) o reconhecimento de informações a serem apreendidas (princípio da representação); 2) as estratégias para operar no processamento da informação (princípio da ação e expressão); e 3) a motivação do aluno (princípio do engajamento).

Este artigo, em formato de relato de experiência, aborda a importância da formação continuada para professores no exercício de suas funções para estabelecer estratégias pedagógicas inclusivas aliadas ao conceito do Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA). Para embasar as nossas práticas

como professores inclusivos, devemos ter em mente o que é a inclusão. Para poder falar de inclusão primeiro devemos ter em mente o PPP da escola, será que este (Projeto Político Pedagógico) está de fato incluído dentro das normas formativas e documentais da escola?

Incluir é ir ao encontro da necessidade do outro e para isso é necessário buscar conhecer este outro, é preciso entender como ele aprende, como ele se expressa, quais são as suas facilidades e dificuldades, é preciso oferecer os apoios adequados, e para isso deve-se buscar conhecer o mais profundamente possível o aluno. Os professores devem conduzir suas práticas rumo a uma Educação de Qualidade com todos e para todos, sempre voltadas a práticas inclusivas na perspectiva da Educação Especial com os vieses da educação humanizada e colaborativa. A formação continuada é uma grande aliada dos professores para a busca pelos supracitados objetivos dentro das instituições de ensino (chamadas de escolas). As práticas devem ser capazes de ultrapassar as diversas barreiras, tais como as atitudinais, arquitetônicas, estruturais, comunicacionais, interseccionais entre outras.

A escola que é inclusiva mobiliza os alunos e professores para o ensino-aprendizagem por meio de práticas educacionais inovadoras, envolvendo a comunidade escolar na consolidação de uma educação colaborativa, ética, cidadã e inclusiva.

Procedimentos metodológicos

Um dos desafios enfrentados pelos professores nas práticas docentes, está voltado a realização de ações para a Educação Especial na Perspectiva Inclusiva. E diante da ausência de um suporte direcionado a essa área na maioria dos cursos de formação inicial, os cursos de formação continuada são vistos como uma alternativa para dirimir estas lacunas que acabam por refletir nas práticas direcionadas nos contextos escolares vestígios excludentes, posto que não consideram os estilos e ritmos de aprendizagem dos aprendentes. A formação continuada, a qual originou esse relato de experiência, foi realizada por meio do curso de extensão a distância referido neste relato.

O curso de extensão foi um modelo de formação que evidenciou práticas pedagógicas inclusivas com foco no Desenho Universal para Aprendizagem, realizadas nas escolas, levando os participantes a reflexão sobre essas práticas e na construção de saberes na perspectiva colaborativa nos seus contextos escolares. Sobre isto, (BASTOS; HENRIQUE, 2016, p. 305), apresenta:

Em grupos de colaboração, os professores debatem sobre o progresso do processo, refletem criticamente o ensino, partilham de uma linguagem para se referirem a conceitos, constroem e reconstroem juntos conhecimentos

acerca do ensino, procedendo desta forma, à autorregulação da sua aprendizagem e das suas práticas [...].

Ao longo do curso, os participantes refletiram sobre concepções que atravessam as práticas dos profissionais de educação e no final do curso deveriam construir um planejamento a partir do roteiro disponibilizado pelas formadoras, trazendo os preceitos do DUA e conceitos aprendidos ao longo do curso.

A metodologia do relato de experiência apresenta como um texto descritivo no qual a experiência vivida pelas professoras será relatada de acordo com o que foi observado sobre suas práticas a partir do curso de extensão. Segundo Daltro e Faria (2019, p. 235), o relato de experiência configura como narrativa que, simultaneamente, circunscreve experiência, lugar de fala e seu tempo histórico.

Participaram da pesquisa quatro professoras que atuam na Educação Básica, na esfera Federal, Estadual e Municipal. As professoras serão identificadas por nome fictícios e seus perfis são detalhados no quadro 1.

Quadro 1: Perfil das professoras

IDENTIFICAÇÃO	FORMAÇÃO	IDADE	ATUAÇÃO
Professora "A" da Rede de Ensino Federal Estado: Rio Grande do Sul.	<ul style="list-style-type: none"> - Graduação em Licenciatura Plena em Pedagogia; - Especialização em Orientação Educacional; - Especialização em TIC's na Educação; - Neuropsicopedagoga Clínica; - Especialização em Educação Especial Inclusiva. 	33	Atendimento Educacional Especializado - AEE
Professora "B" da Rede de Ensino Municipal Estado: Ceará	<ul style="list-style-type: none"> - Graduação em Licenciatura Plena em Pedagogia; - Graduação em Licenciatura Plena em Educação Especial; - Especialização em Educação Especial Inclusiva com ênfase no AEE; - Especialização em Libras; - Especialização em Psicopedagogia; - Especialização em ABA; - Especialização em Docência com ênfase na Educação Inclusiva; - Cursando Mestrado Profissional em Educação Inclusiva em rede Nacional- PROFEL, campus UPE. 	33	Atendimento Educacional Especializado - AEE
Professora "C" da Rede Estadual e Municipal Estado: Alagoas.	<ul style="list-style-type: none"> - Graduação em Licenciatura Plena em Pedagogia; - Especialização em Educação Especial Inclusiva; - Especialização em Educação Infantil. 	48	Na escola Estadual trabalha com: Atendimento Educacional Especializado - AEE Na escola Municipal trabalha com: Educação Infantil: Creche
Professora "D" da Rede de Ensino Estadual Estado: Alagoas.	<ul style="list-style-type: none"> - Licenciada em Pedagogia; - Especialização em Psicopedagogia clínica e institucional; - Especialização em Educação - Especial e Educação Inclusiva. 	40	Professora da Educação Especial.

Audiodescrição: Quadro com 4 colunas e 5 linhas. Na primeira linha o título das colunas IDENTIFICAÇÃO - FORMAÇÃO - IDADE e ATUAÇÃO.

Na primeira linha, no campo IDENTIFICAÇÃO os dados: "Professora "A" da Rede de Ensino Federal Estado: Rio Grande do Sul". No campo FORMAÇÃO o texto: "Graduação em Licenciatura Plena em Pedagogia; - Especialização em Orientação Educacional; - Especialização em TIC's na Educação; Neuropsicopedagogia Clínica; Especialização em Educação Especial Inclusiva". No campo IDADE 33 anos e no campo ATUAÇÃO o texto: Atendimento Educacional Especializado - AEE." Na segunda linha, no campo IDENTIFICAÇÃO os dados: "Professora "B" da Rede de Ensino Municipal do Estado do Ceará. No campo FORMAÇÃO os dados: Graduação em Licenciatura Plena em Pedagogia; - Graduação em Licenciatura Plena em Educação Especial; - Especialização em Educação Especial Inclusiva com ênfase em AEE; - Especialização em Libras; Especialização em Psicopedagogia; Especialização em ABA; - Especialização em Docência com ênfase na Educação Inclusiva; - Cursando Mestrado Profissional em Educação Inclusiva em rede Nacional - PROFEI, campus UPE. No campo idade 33 anos e no campo ATUAÇÃO os dados: Atendimento Educacional Especializado - AEE". Na terceira linha no campo IDENTIFICAÇÃO os dados: Professora "C" da Rede Estadual e Municipal do Estado de Alagoas. No campo FORMAÇÃO os dados: "Graduação em Licenciatura Plena em Pedagogia; - Especialização em Educação Especial Inclusiva; - Especialização em Educação Infantil." No campo IDADE 48 anos e no campo ATUAÇÃO os dados: Na escola Estadual trabalho com: Atendimento Educacional Especializado - AEE e na escola Municipal trabalha com: Educação Infantil: Creche." Na quarta e última linha, no campo IDENTIFICAÇÃO os dados: "Professora "D" da Rede de Ensino Estadual de Estado de Alagoas. No campo FORMAÇÃO os dados: Licenciada em Pedagogia; - Especialização em Psicopedagogia e clínica institucional; Especialização em Educação Especial e Educação Inclusiva. No campo idade 40 anos e no campo ATUAÇÃO os dados: "Professora da Educação Especial". Fim da audiodescrição.

A diversidade do grupo contribuiu no sentido de que as professoras possuíam seus próprios conhecimentos prévios oriundos de experiências em locais e realidades distintas, permitindo uma salutar variação nas formas de construção do aprendizado.

Na primeira Tertúlia foi trabalhado o tema *Concepções que atravessam as práticas*, conforme Costa et. al, [2023?], abordando sobre modelos de concepção de deficiências, capacitismo e a desconsideração das várias formas de ocupar o mundo e as contribuições feministas pelo olhar da interseccionalidade e ética do cuidado.

Na segunda Tertúlia o foco foi *Histórico, Princípios e Diretrizes do DUA*, um estudo sobre as barreiras e acessibilidades, segundo Kittel et. al, [2023?]. O encontro de três conceitos: Educação Especial, Educação Inclusiva e Desenho Universal para Aprendizagem.

E na terceira Tertúlia do curso foi trabalhado o *Planejamento, as práticas e recursos pedagógicos com foco no DUA*, trazendo relatos de práticas com base no DUA e traçando a construção do que é planejar considerando o DUA, de acordo com Ferreira et. al, [2023?]. Frente ao exposto, no próximo tópico apresentaremos o conceito do DUA e como o mesmo pode ser utilizado como estratégia para inclusão.

Resultados e discussão

Na primeira Tertúlia, quando abordado o conceito de deficiência, as professoras apresentaram compreensões que se aproximam do modelo social, mesmo que nesses ambientes o laudo médico ainda faça parte da avaliação dos casos a serem atendidos pelos profissionais que atuam no Atendimento Educacional Especializado. Ao realizarem reflexões sobre o ambiente em que trabalham, identificaram que predominava o modelo médico da deficiência, onde prioriza-se o laudo médico e não as potencialidades do estudante.

Na segunda Tertúlia foram abordadas as barreiras que dificultam a Educação Inclusiva, sendo divididas em: atitudinais, programáticas, arquitetônicas, instrumentais, comunicacionais e metodológicas (SASSAKI, 2006). Os principais desafios relatados pelas professoras acerca das referidas barreiras foram os relacionados às barreiras atitudinais.

A Professora “B” relata: *encontrei barreiras atitudinais e práticas direcionadas ao conceito de deficiência associado ao modelo médico*. Esses relatos demonstram o quanto o conceito e a aplicabilidade do DUA pode ser um avanço na inclusão de todos os alunos e em seu processo de aprendizagem.

Segundo os relatos da Professora “A”, *no meu ambiente escolar uma das barreiras é a dificuldade de os professores reconhecerem a necessidade de mudança e adaptação, configurando uma barreira metodológica*. Muitos professores ainda estão em processo de desconstrução de sua prática centralizadora. Com momentos para trabalhar a remoção das barreiras, a supervisão, a Direção e a Seção de Atendimento Educacional Especializado, realizam constantemente orientações, formações e observações sobre a prática docente, de forma a contribuir na prática do professor.

A Professora “D” relata o seguinte: *encontrei todas as barreiras, falta de informações sobre inclusão, escassez de recursos, resistência a mudanças e bastante curiosidade quanto ao papel, importância e eficiência da Educação Especial e da professora do AEE*. O objetivo do DUA é “reduzir barreiras, bem como aperfeiçoar os níveis de desafio e apoio, para atender as necessidades de todos os estudantes desde o início” da escolaridade (CAST, 2011, p. 4).

Na terceira Tertúlia os relatos revelaram uma compreensão dos aspectos principais do DUA, a partir dos princípios e diretrizes que promovem acessibilidade. Ao pensarem no planejamento com foco no DUA, as professoras planejaram de forma individual, mas ao mesmo tempo colaborativa, pois as discussões dos encontros síncronos, os relatos de experiências e até o trabalho colaborativo com outros profissionais do ambiente escolar, fizeram parte da construção do planejamento.

A Professora “C” relata que *no planejamento DUA, somos únicos e singulares em nossos processos de aprendizagem. No planejamento do DUA seguimos os pressupostos que a deficiência é uma experiência singular, interseccional e relacional com os contextos sociais, alinhado à ética do cuidado, e não a práticas educacionais monocêntricas, que produzem e reproduzem a exclusão e o Capacitismo.*

Para King-Sears (2014), os princípios e estratégias do DUA possibilitam aos profissionais delimitar seus objetivos, as atividades e práticas de ensino que serão utilizadas e os meios de avaliação apropriados a cada aluno, de modo a permitir o acesso ao currículo e a aprendizagem de todos. Os relatos de experiências, referenciais teóricos, as trocas de vivências e um modelo de planejamento pautado no DUA, foram essenciais para que as professoras pudessem compreender e refletir sobre os conceitos estudados e o que podem realizar de forma a construir novas narrativas nos seus contextos escolares, obtendo subsídios para planejar suas práticas atendendo todos os estudantes.

Considerações finais

O curso DUA ofertado pela Tertúlia é um rico caminho que contribuiu com a formação continuada das docentes aqui citadas. Essa contribuição possibilitou a atualização de conceitos, melhoria do ensino, reciclagem e ressignificação dos saberes, alinhamento dos documentos e das teorias educacionais, conhecimentos de práticas pedagógicas diversas, exitosas e nem tão exitosas. Isso porque a interação possibilitada pelas ferramentas tecnológicas interligou docentes de vários espaços geográficos, contextos culturais e sociais e diversas realidades institucionais.

As leis estão sempre se atualizando, comunidades que representam as minorias estão lutando pelos seus direitos, a escola está cada vez mais se democratizando e sendo pressionada para atender as peculiaridades de todo seu público, a sociedade exige um cidadão crítico, ativo e autônomo. Nesse linear, o professor precisa estar sempre atualizado, uma vez que seu objeto de trabalho é o ser humano, e este está em constantes transformações resultantes também das relações intra e interpessoal.

Foi observado que, nos casos em que profissionais têm muita experiência e/ou quando são altamente capacitados, possuidores de títulos de mestrado e doutorado, estes costumam considerar que o professor é o centro do saber, e que não há necessidade de adaptarem-se aos alunos. Neste contexto, é importante contar com projetos desta natureza, que enriquecem o conhe-

cimento e embasam o trabalho dos profissionais da Educação Especial na Perspectiva Inclusiva.

O curso cumpriu com seu objetivo principal: oferecer oportunidades para a construção de saberes pedagógicos fundamentais para atender a diversidade cultural, intelectual, étnica, física, econômica e sócio emocional que constitui o ambiente escolar. Cada docente construiu seus saberes de forma individual e coletiva, a partir de atividades práticas e teóricas, aulas síncronas e assíncronas. Os conhecimentos construídos foram singulares, únicos, pois cada docente, enquanto ser humano, tem sua própria visão de mundo.

Referências

ALVES, Maria Manuela; RIBEIRO, Jaime; SIMÕES, Fátima. **Universal design for learning (UDL):** contributos para uma escola de todos. *Indagatio Didactica*, Aveiro, v. 5, n. 4, p. 121-146, 2013.

BASTOS, Fabio Bernardo; HENRIQUE, Jose. Pesquisa colaborativa: do isolamento docente a partilha entre pares. In: IBIAPINA, Ivana Maria Lopes de Melo; BANDEIRA, Hilda Maria Martins; ARAUJO, Francisco Antonio Machado (org.). **Pesquisa colaborativa:** multirreferenciais e práticas convergentes. Teresina: UFPI, p. 301- 319, 2016.

DALTRO, M. R. FARIA, A. A. Relato de experiência: uma narrativa científica na pós-modernidade. **Estud. Pesqui. Psicol.**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 223-237, 2019. Disponível em: <https://bu.furb.br/ojs/index.php/atosdepesquisa/article/view/9107/5104>. Acesso em: 12 nov. 2022.

KING-SEARS, Peggy. Introduction to learning disability quarterly special series on universal design for learning: part one of two. *Learning Disability Quarterly*, **Thousand Oaks**, v. 37, n. 2, p. 68-70, 2014.

SASSAKI, R.K. **Inclusão:** construindo uma sociedade para todos. 7 ed. Rio de Janeiro: WVA, 2006.

COSTA, L. M. L; KITTEL, R; FERREIRA, M, S. **Estudos da Deficiência na Educação:** refletindo o Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA) como uma Possibilidade de Ensino para Todas as Pessoas. Capítulo 1 - Concepções que atravessam as práticas das profissionais da Educação, [2023?] No prelo.

KITTEL, R; FERREIRA, M, S; COSTA, L. M. L. **Estudos da Deficiência na Educação:** refletindo o Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA) como uma Possibilidade de Ensino para Todas as Pessoas. Capítulo 2 - Saber como incluir é importante, mas saber por que incluir é fundamental, [2023?] No prelo.

FERREIRA, M, S; COSTA, L. M. L; KITTEL, R. **Estudos da Deficiência na Educação:** refletindo o Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA) como uma Possibilidade de Ensino para Todas as Pessoas. Capítulo 3 - Planejamento, Práticas e Recursos Pedagógicos com Foco no Desenho Universal para a Aprendizagem/DUA, [2023?] No prelo.

Prática pedagógica com aluno tea

POSSIBILIDADES E DESAFIOS NO COTIDIANO ESCOLAR

Sirlei Batista Franco Carvalho¹²

Lisandra Almeida da Silva¹³

Lea Veras¹⁴

Mônica Josiane Goulart Soares¹⁵

Fernanda de Lima Pinheiro¹⁶

Samara de Oliveira Pereira¹⁷

Introdução

A Constituição Federal (BRASIL, 1988) define que todos possuem direito à educação e a serem reconhecidos como cidadãos. Assim, surge uma questão: A todos é oportunizado o conhecimento científico? Ou só aos que aparentemente não apresentam nenhuma dificuldade cognitiva, sensorial, psicoemocional, motora, entre outras? E quem possui questões no seu desenvolvimento como aprende em escolas pensadas para um grupo homogêneo com currículos ainda engessados?

12 Mestre em Educação Inclusiva (PROFEI-UEM), Professora de Educação Especial da rede Estadual do Paraná.

13 Mestra em Educação (PUCRS). Professora da Psicopedagogia Inicial no Serviço de Apoio à Inclusão na Educação Infantil; Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre/RS.

14 Formadora de Professores e Professora de Educação Infantil. Protiê e Rede Municipal. São Carlos/SP.

15 Jornalista com Formação Pedagógica e Especialista em Educação Inclusiva, Psicopedagogia, Gestão, Orientação e Supervisão (Unisinos, Feevale e Uniasselvi); professora da Sala de Integração e Recursos/Atendimento Educacional Especializado (SIR/AEE) da Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre Porto Alegre.

16 Tutora voluntária; Licenciada em Ciências da Natureza; Discente no Mestrado Acadêmico em Ensino; Bolsista CAPES-FAPERGS; Universidade Federal do Pampa; Bagé-RS.

17 Tutora voluntária; Licenciada em Química; Discente no Mestrado Acadêmico em Ensino; Bolsista CAPES-FAPERGS; Universidade Federal do Pampa; Bagé-RS.

Para entender como pode-se oportunizar o acesso ao conhecimento a todos os alunos, sejam eles público-alvo da Educação Especial ou não, e preocupadas com uma educação de qualidade e respeito, iniciamos o curso de extensão *Desenho Universal para a Aprendizagem com foco no público da Educação Especial e na perspectiva inclusiva*. Com duração de três meses, atividades síncronas e assíncronas, o curso possibilitou refletir sobre a importância do Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA) para possibilitar o acesso à aprendizagem a todos os alunos.

O DUA parte do pressuposto de que todos aprendem em tempos e espaços diferentes. Sendo assim, trata-se de oportunizar para os alunos uma “[...] variabilidade de estratégias acadêmicas e atividades acadêmicas, com respeito e valorização das diferentes formas de participar e representar as aprendizagens” Kittel et. al, [2023?] . As ações ancoradas nesse princípio olha para a turma como um todo, mapeando seus estilos de aprendizagens e ao mesmo tempo de forma individualizada para cada sujeito, considerando suas especificidades e providenciando adaptações que se fazem necessárias para aqueles em condições de desenvolvimento impactadas por uma deficiência.

O DUA como uma prática pedagógica escolar deveria estar presente no currículo e registrado em toda documentação pedagógica escolar (regimento escolar e projeto político pedagógico) respaldando ações feitas pelo coletivo de professores e funcionários na perspectiva de uma escola que compreende-se verdadeiramente como um lugar de todos e, dessa forma, para além das ações do cotidiano da sala de aula, teríamos uma escola pensada em romper todas as barreiras sejam elas: atitudinais, arquitetônicas, comunicacionais, metodológicas, instrumentais, programáticas, conforme pontua Sasaki (2006). Esse pressuposto atua em um cenário amplo e dinâmico que não foca-se em um tipo de deficiência, mas avança sobre como “entender e atender as necessidades perante o contingências de nossas múltiplas corporeidades” Kittel et. al, [2023?] , visando romper com o capacitismo.

A escola constitui-se como o primeiro espaço fora da convivência familiar, assegurada como um direito desde os quatro anos de idade conforme legislação vigente¹⁸ e a ela recaem muitas expectativas de desenvolvimento; a escola ainda é considerada como ambiente de aprendizagens por excelência, sejam sociais ou intelectuais.

Os princípios e diretrizes do DUA desenvolvem-se buscando primeiramente a adesão do estudante constituindo-se no *engajamento* (primeiro princípio). O engajamento fomenta o desejo e mobiliza interesses. A *representação* (segundo princípio) sustenta a diversidade das práticas, oportuniza opções para compreensão nas áreas do conhecimento e atrela-se a objetivos

18 A obrigatoriedade do ensino é estabelecida a partir dos quatro anos de idade, conforme a Lei nº 12.796/2013.

de aprendizagem específicos. Ação e expressão (terceiro princípio) trata-se de considerar as mais diversas formas para observar como cada um apreendeu o que foi oportunizado. Este princípio considera a conexão dos estudantes durante todo o processo de ensino-aprendizagem; constitui-se o tempo de verificar o que promoveu mais engajamentos, celebrar aprendizagens considerando a participação e entendimento de cada um verificado a partir de situações abertas e de formas de expressão criativas.

A partir da contextualização da abordagem sobre o DUA e observando os seus três princípios (engajamento, representação e ação/expressão), escolhemos uma vivência. O objetivo é demonstrar a importância do Desenho Universal e do Ensino Colaborativo, que são duas estratégias pedagógicas indissociáveis e fundamentais para o acesso à aprendizagem de todos os estudantes.

Procedimentos metodológicos

A metodologia utilizada para o desenvolvimento deste trabalho foi a pesquisa bibliográfica e a narrativa (estudo de caso). A atividade relatada ocorreu em outubro de 2021. Participaram da pesquisa a professora de Atendimento Educacional Especializado (AEE), professora do componente curricular Arte, equipe gestora, pedagógica, família dos alunos e trinta e dois alunos da Rede Estadual de Ensino do Estado do Paraná jurisdicionado ao Núcleo Regional de Umuarama do 9º Ano. A vivência relatada é sobre um aluno que cursa o 9º ano do Ensino Fundamental, com diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista (TEA) de um colégio público, no município de Umuarama, interior do Paraná. Os resultados desta pesquisa foram coletados por meio da compilação de dados a partir da observação da participação do estudante na atividade proposta pelas professoras no Colégio Público de Ensino Fundamental, Médio e Profissional de anos finais.

Resultados e discussão

O aluno observado demonstra comportamento metódico e disciplinado. Os seus pais são bastante exigentes e acompanham o desenvolvimento do filho. Na escola, ele participa das atividades propostas pelos professores, mas necessita ser estimulado. Ele realiza as atividades com auxílio do professor da disciplina e com a professora de AEE. Em algumas disciplinas são necessários ajustes das atividades como ampliação da letra (fonte 14 ou 16), transformar questões subjetivas em objetivas, tempo maior para responder e uso de imagens para explicar os conteúdos. Ele possui uma ótima percepção

visual, tem letra legível e bonita, leva um tempo maior para cópias e fica cansado quando tem que escrever muito. É um aluno muito esforçado, que dificilmente se nega a realizar alguma atividade. Isso só ocorre quando ele não entende o conteúdo ou é contrariado. Então, abaixa a cabeça e não fala com ninguém. Quando retoma a atividade que não fez, prontamente realiza.

A professora de Arte foi convidada a realizar um trabalho em parceria com a professora de AEE. Não havia tempo para planejarem juntas. Assim, os encontros e trocas eram, em sala de aula, enquanto os alunos realizavam alguma atividade de Arte, e pelo *WhatsApp*.

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2016), a unidade temática escolhida pela professora de Arte foi Artes Integradas. O objeto de conhecimento foi Patrimônio cultural, e o objetivo, analisar e valorizar o patrimônio cultural, material e imaterial, de culturas diversas, em especial a brasileira em específica a africana, de diferentes épocas, favorecendo a construção de vocabulário e repertório relativos às diferentes linguagens artísticas (EF69AR34). Assim, as professoras decidiram introduzir a parte teórica com imagens e explicações sobre a cultura africana, como chegou ao Brasil, trazendo imagens de artistas e artes produzidas.

Em um segundo momento, a professora de Arte fez questionamentos sobre o que os alunos conheciam a respeito da cultura africana, possibilitando que todos pudessem participar. O aluno com TEA citou a capoeira. Foram compartilhadas ideias, informações e materiais pelos professores. A professora de Educação Especial sugeriu vídeos ilustrativos sobre a cultura africana e outros materiais. Beceveli et al. (2020), nos falam:

O ensino organizado, dentro dessa visão compartilhada, favorece as soluções de questões que se apresentam no cotidiano escolar, muitas vezes específicas dos alunos com deficiência presente na escola e dos alunos como um todo, podendo responder às necessidades singulares da demanda educativa (BECEVELI; GONÇALVES; GOULARTE; COSTA 2020, p. 13).

A professora de Arte propôs que os adolescentes, em grupos de até quatro pessoas, ilustrassem, em um isopor de um metro de comprimento por cinquenta centímetros de largura e cinco centímetros de espessura, uma imagem que representasse a cultura africana a partir do conhecimento adquirido nas aulas. Essa atividade aconteceu no refeitório por ter mesas grandes possibilitando aos alunos manusearem as placas de isopor e tintas. A professora de Arte deixou livre as composições dos grupos. A professora de AEE perguntou ao aluno com TEA em qual grupo gostaria de entrar. Ele ficou circulando livremente e observando os colegas. No primeiro dia da atividade, ele não entrou em nenhum grupo. Na segunda aula, como havia um grupo que ainda estava sem definir a imagem, não tinha o material so-

licitado e faltavam duas alunas, foi sugerido ao aluno para que participasse e trouxesse isopor. O objetivo era motivá-lo a participar. A professora de AEE fez um bilhete solicitando à família o isopor nas medidas especificadas. A família do aluno é muito envolvida no processo de ensino/aprendizagem e participa de todas as atividades propostas com entusiasmo e motivação.

Na terceira aula, a imagem foi escolhida, um colega a desenhou no isopor e deram início à pintura. O adolescente com TEA ficou olhando e não quis pintar, apesar do incentivo dos colegas. Era perceptível que os colegas estavam receosos de que ele não conseguisse realizar a pintura. A professora de AEE decidiu tentar motivá-lo a participar, mas ele não aceitou. Então, ela decidiu conversar com a professora de Arte para que explicasse ao aluno sobre a importância de sua contribuição na atividade. Alguns professores do ensino regular ainda não entendem que o aluno de Educação Especial é da escola. Pensam que somente o professor do AEE sabe trabalhar com o público-alvo da Educação Especial. A professora de Arte então conversou com o aluno e com o grupo sobre a importância de todos pintarem e se envolverem na atividade. Logo em seguida, a professora de AEE solicitou ao aluno para pegar o pincel e pintar, e ele prontamente realizou a atividade, conforme mostra a figura a seguir.

Figura 1: Estudante realizando a atividade



Fonte: autoras, 2022

Audiodescrição: fotografia de um pátio de escola com uma mesa branca e alunos em torno. Em primeiro plano, dois alunos pintam um papel branco sobre a mesa. Ao fundo, salas de aula e vegetação. Fim da audiodescrição.

Ele estava aguardando o comando da professora da disciplina e não da professora de AEE e sua potencialidade foi demonstrada com a pintura e interação com os colegas.

No cotidiano escolar, observa-se que a dificuldade está em pensar atividades que envolvam os alunos da Educação Especial e exaltem as suas

possibilidades. Assim, percebe-se a necessidade da formação continuada nos espaços escolares relacionada ao DUA e ao Ensino Colaborativo, que são indissociáveis. Ainda há um grande descompasso entre as políticas de educação inclusiva e a cultura escolar vigente. Além disso, a presença do professor de Educação Especial é fundamental na escola, na sala de aula, mas, para tanto, é importante que esteja articulado com o professor do ensino regular. Vilaronga e Mendes (2014), enfatizam que:

[...] os profissionais da escola que atuam individualmente nas salas de aula não possuem respostas para maior parte das dificuldades apresentadas pelos estudantes e não são capazes de realizar reais processos de ensino para alunos com deficiência quando trabalham individualmente (VILARONGA e MENDES, 2014, p. 140).

A utilização do Ensino Colaborativo como estratégia entre professores pode possibilitar a ampliação de intervenções metodológicas e, consequentemente, a aprendizagem de todos os educandos, pois ficou nítido que não era somente o aluno com TEA que não estava realizando a atividade proposta. Pode-se dizer que um grupo se formou a partir dele: a atividade foi concluída com sucesso, apesar de todos os percalços e dos papéis não bem definidos entre os professores e da falta de tempo para planejar. O DUA objetiva uma reelaboração dos espaços escolares, tempo, acesso ao conhecimento de todos os envolvidos no contexto escolar. Para que ocorra, faz-se necessário existir a troca de informações e atividades entre professores do ensino regular, família e professor do AEE, apoio da gestão escolar e equipe pedagógica.

Considerações finais

Esse relato de experiências trouxe uma reflexão sobre a contribuição do DUA para a inclusão de um aluno público-alvo da Educação Especial nas atividades de sala de aula. O aluno participou da atividade proposta ao ter sido incentivado pelas professoras e pelos colegas. Importante ressaltar que a atividade de desenho e pintura proposta para a turma permitia a participação de todos os alunos conforme suas possibilidades em um espaço adequado.

Dessa forma, foi possível desenvolver ações que primaram pela equidade nos processos de ensino-aprendizagem. A partir dessas ações, a garantia de direitos e a oportunidade de ter acesso ao conhecimento do currículo, sem a necessidade de adaptações específicas e que são trabalhosas para os professores, foi oportunizada ao aluno com TEA do 9º ano. Isso reforça a importância e responsabilidade de todos os educadores para a construção de uma sociedade que seja inclusiva e justa.

O DUA e o Ensino Colaborativo são estratégias pedagógicas necessárias para efetivação de uma educação verdadeiramente inclusiva. Ainda há um longo caminho a ser percorrido; políticas públicas precisam ser efetivadas; outro ponto fundamental é a formação inicial e continuada de educadores para que possa-se avançar em direção a uma sociedade inclusiva e menos capacitista. Em vez de paredes, a sociedade precisa construir pontes como o DUA para possibilitar que todos possam aprender, ensinar e desenvolver suas potencialidades.

Referências

BECEVELI, I. R. S.; GONÇALVES, A. F. S. G.; GOULARTE, S. F. S.; COSTA, É. C. O ensino/trabalho colaborativo e a formação de professores na perspectiva da educação especial inclusiva. **VI Seminário Nacional de Educação Especial/XVII Seminário Capixaba de Educação Inclusiva**. v. 3 n. 3 2020.

BRANDE, C. A.; ZANFELICE, C. C. A inclusão escolar de um aluno com autismo: diferentes tempos de escuta, intervenção e aprendizagens. **Revista Educação Especial**, v. 25, n. 42, p. 43-56, 2012.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. Constituição (1988). **Decreto nº 7.611 de 17 de novembro de 2011**. Dispõe sobre a educação especial, o atendimento educacional especializado e dá outras providências. Disponível em: https://download.inep.gov.br/educacao_basica/censo_escolar/legislacao/2012/decreto_n_7611_17112011.pdf. Acesso em: 12 fev. 2022.

BRASIL. Constituição (1988). **Lei nº 12.796, de 4 de abril de 2013**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para dispor sobre a formação dos profissionais da educação e dar outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/l12796.htm. Acesso em: 12 mar. 2022.

BRASIL. **Constituição (1988)**. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf. Acesso em: 07 fev. 2022.

KITTEL, R; FERREIRA, M, S; COSTA, L. M. L. **Estudos da Deficiência na Educação**: refletindo o Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA) como uma Possibilidade de Ensino para Todas as Pessoas. Capítulo 2 - Saber como incluir é importante, mas saber por que incluir é fundamental, [2023?] No prelo.

VILARONGA, C. A.; MENDES, E. Ensino colaborativo para o apoio à inclusão escolar: práticas colaborativas entre os professores. **Rev. bras. Estud. pedagog.** (online), Brasília, v. 95, n. 239, p. 139-151, jan./abr. 2014.

ZERBATO, A. P.; MENDES, E. Desenho universal para a aprendizagem como estratégia de inclusão escolar. **Educação Unisinos**, Unisinos v. 22, n.2, p.147-155, abril-junho 2018.

O DUA e a construção de práticas pedagógicas inclusivas

RELATOS E EXPERIÊNCIAS

Eliana Raquel de Oliveira Farias dos Santos¹⁹

Greisilainy Santos Matos²⁰

Mireille Mabel Machado Dworakowski²¹

Se a aprendizagem impulsiona o desenvolvimento, se desenvolvimento humano implica desenvolvimento cultural e se o desenvolvimento materializa-se num processo complexo de apropriação das práticas sociais e dos bens culturais socialmente produzidos, as práticas restritivas/colaboram para um desenvolvimento humano restritivo. A restrição ocorre não apenas no oferecimento de uma educação pobre em possibilidades (ou por seu não oferecimento), mas também nas relações humanas que constroem/informam/reforçam, a todo o momento, a incapacidade dos alunos (com alguma deficiência) (KASSAR, 2016, p. 1234).

19 Professora efetiva da rede municipal de ensino na EMEIEF Renato Ribeiro Coutinho, Cruz do Espírito Santo-PB.

20 Professora da Educação Especial, Escola Estadual Professor Virgínio de Campos, Maceió-AL.

21 Professora, Escola Estadual de Ensino Médio 8 de Agosto, Candiota-RS.

Introdução

A prática pedagógica deve ser sempre analisada para ser reinventada e até mesmo construir novas teorias. Segundo Freire (2021, p. 24), “A reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação Teoria/Prática sem a qual a teoria pode ir virando blá-blá-blá e a prática, ativismo.”.

Tendo em vista essa relação entre a teoria e a prática, este documento tem como principal objetivo: apresentar a prática pedagógica através do Desenho Universal para Aprendizagem - DUA. E como objetivos específicos: demonstrar os principais conceitos do DUA; relacionar o DUA com a prática pedagógica da educação especial na perspectiva inclusiva e contextualizar o curso, Desenho Universal para Aprendizagem com Foco no Público da Educação Especial e na Perspectiva Inclusiva, com as vivências das autoras.

Neste sentido, é significativo afirmar que é necessário atuar em sala de aula de acordo com o contexto que ela está inserida. Ou seja, é preciso não só conhecer o seu público, mas, também, suas especificidades. Pois, dessa forma, o ensino alcança os estudantes de forma integral, de maneira que contribua para suas futuras atuações. Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional:

Art. 2º. A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (BRASIL, 1996).

Além disso, para um ensino inclusivo de qualidade é preciso organizar, também, o currículo escolar, os conteúdos e o ambiente físico. Dessa forma, podemos eliminar todas as barreiras possíveis e transformar a escola acessível. De acordo com Libâneo (2013, p. 160):

Se os conteúdos são acessíveis e didaticamente organizados, sem perder o caráter científico e sistematizado, haverá mais garantia de uma assimilação sólida e duradoura, tendo em vista a sua utilização nos conhecimentos novos e sua transferência para as situações práticas. (LIBÂNEO, 2013, p. 160)

Dessa forma, o DUA relaciona-se com a prática da educação especial na perspectiva inclusiva, pois ele busca assegurar os conhecimentos para todos de maneira a executar a equidade. Zerbato (2018, p. 56) defende que “O DUA consiste em um conjunto de princípios baseados na pesquisa e constitui um modelo prático que objetiva maximizar as oportunidades de aprendizagem para todos os estudantes.”.

Por isso, participar do curso, *Desenho Universal para Aprendizagem com Foco no Público da Educação Especial e na Perspectiva Inclusiva*, foi importante para todas as autoras. Visto que, pôde-se entender, por meio da análise de práticas e conceitos, como aplicar o DUA na educação especial e mudar a prática pedagógica tanto na sala regular quanto no atendimento educacional especializado.

Por meio do curso, notou-se os principais modelos de deficiência abordados pela sociedade. Além de conceitos relacionados à educação especial, como o capacitismo. Também, analisou-se casos reais, onde a educação era limitada por diversas barreiras, e juntos construiu-se uma nova visão sobre as ações pedagógicas.

Procedimentos metodológicos

O presente artigo foi escrito a partir dos relatos e experiências das autoras durante o Curso de Extensão *Desenho Universal para Aprendizagem com Foco no Público da Educação Especial e na Perspectiva Inclusiva*, promovido pela Universidade do Pampa. Tal curso foi realizado durante os meses de agosto e outubro e teve como público-alvo professores da educação especial inclusiva, que durante três meses compartilharam suas experiências de sala de aula, além de obterem conhecimentos teóricos e práticos sobre o DUA. Cada aula, oferecida de modo *on-line*, dava oportunidade aos cursistas de experimentar conceitos oriundos da área em estudo e o aprofundamento de estratégias para a transformação da escola em um ambiente de ensino inclusivo e favorável à aprendizagem de todos.

Estratégias tais que consistem na produção de serviços, acessibilidade para todos e soluções educacionais sem barreiras arquitetônicas, atitudinais, sociais e comunicacionais. A partir dos relatos das autoras, pode-se perceber que o DUA trouxe modos de ensino adequados para nossos alunos, além da construção de materiais e métodos eficientes, deixando o processo de ensino aprendizagem mais justo e uma avaliação que comprove os progressos de todos os alunos.

Os relatos foram feitos durante as aulas que eram realizadas uma vez por semana, dando a oportunidade de cada um relatar sobre sua prática nas salas de aulas (algumas delas em sala de recurso multifuncional) e também comentar sobre as atividades sugeridas pelo curso. Tais relatos foram sintetizados em três categorias e observados os seus resultados:

- 1) O DUA na formação dos professores;
- 2) O DUA na intervenção com os alunos;

- 3) O DUA como estratégia de ensino para a transformação da nossa realidade educativa.

Resultados e discussão

Corroborando com os princípios do DUA, reconhecemos a necessidade de criar oportunidades para que os meios de aprendizagem e seus resultados sejam equitativamente acessíveis a todos os alunos (ROSE, 2010, p. 20). Neste sentido, percebe-se que as estratégias do desenho universal para aprendizagem devem ser flexíveis e diferenciadas ao ponto de proporcionarem experiências de aprendizagem adequadas e desafiantes para todos os alunos.

Toda abordagem descrita nessa pesquisa e a análise dos relatos demonstra que a aprendizagem é um processo multifacetado que leva os princípios do DUA como foco de todas as percepções docentes a fim de projetar aulas flexíveis, desenvolver estratégias e construir andaimes que beneficiem a maior diversidade de alunos, aumentando assim, a eficiência do ensino. Isso porque percebemos questões antagônicas que permeiam as nossas escolas: barreiras que impactam na inserção de alunos público-alvo da educação especial no processo de ensino e aprendizagem.

Tais problemas nos levam a considerar que nossas escolas precisam de práticas diversificadas e currículos flexíveis, ou seja, o que se pede não é a elaboração de outro currículo, e sim ajustá-lo a modo de oferecer a todos a verdadeira igualdade de oportunidades.

Considerações finais

Diante do exposto, consideramos que o diálogo entre o currículo aplicado nas nossas escolas e o DUA vem favorecer a implementação de propostas inclusivas no ambiente escolar, bem como as várias possibilidades de intervenção a fim de produzir significativas aprendizagens e o desenvolvimento total de seu aluno. Ressaltamos ainda que esse diálogo favorece também a elaboração de estratégias, técnicas, materiais e serviços que garantem a participação de todos os alunos no processo educativo inclusivo, onde há acesso e garantia de aprendizado e, acima de tudo, o oferecimento de múltiplas formas de conhecimento científico.

E nesse sentido, o DUA foi um grande aliado para remover as barreiras do aprendizado; na produção de um currículo favorável ao aprendizado de todos os alunos; na obtenção de novas formas alternativas de ensino; na

flexibilização do processo de ensino e aprendizagem; no desenvolvimento de práticas pedagógicas inclusivas.

As reflexões aqui apresentadas mostram, sobretudo, a importância de um novo planejamento educacional para que as nossas aulas, daqui pra frente, possam caminhar em uma direção pedagógica inclusiva, embora, possamos detectar ,ainda, posições antagônicas no nosso ambiente escolar.

Referências

BRASIL. **Decreto nº 7.611**. Brasília, 2011.

BRASIL. **Decreto nº 3.248**. Brasília, 1999.

BRASIL. **Lei nº 10.436**. Brasília, 2002.

BRASIL. **Decreto nº 5.296**. Brasília, 2004.

BRASIL. **Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica, modalidade Educação Especial**. Resolução nº 4. Brasília, 2009.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, LDB nº 9394/1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 67ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2021.

KASSAR, M. C. M. Escola como espaço para a diversidade e o desenvolvimento humano. **Revista Educação e Sociedade**, v. 37, n. 137, p. 1223-1240, out./dez., 2016.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2013.

ZERBATO, Ana Paula. **Desenho universal para aprendizagem na perspectiva da inclusão escolar: potencialidades e limites de uma formação colaborativa**. 2018. Tese (Doutorado em Educação Especial) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2018.

Rose, D., & Meyer, A. **Teaching every student in the digital age**. Alexandria, 2002, VA: ASCD. Disponível em: <http://www.cast.org/teachingeverystudent/ideas/tes/>. Acesso em: 07, novembro, 2022.

Aproximações entre a educação inclusiva e o desenho universal para a aprendizagem (DUA)

Diolinda Franciele Winterhalter²²
Emanuelle Aguiar de Araujo²³

A concepção de um sujeito singular inacabado, que aprende a seu tempo e modo é fundamental no entendimento de uma escola de todos em que os alunos aprendem a partir de suas capacidades, sem exclusões, comparações e hierarquização de níveis de conhecimento.

Maria Teresa Eglér Mantoan

²² Pedagoga. Servidora efetiva no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) - Campus Feliz, em Feliz-RS.

²³ Tutora do curso DUA – Matinhos – PR.

Introdução

A Educação Inclusiva é um paradigma que surge na década de 90, a partir dos encaminhamentos previstos para o público-alvo da Educação Especial (PAEE) nas políticas públicas e educacionais (MANTOAN, 2003; 2006; RAMOS, 2016). Desde a Constituição Federal de 1988, já se falava em direitos para todos, sem distinções, pois todos são iguais perante a lei. Neste âmbito, a educação estava prevista como direito social e, nesse sentido, para todas as pessoas.

Essa prerrogativa foi sendo reiterada nas ações e movimentos sociais em busca da efetivação deste direito de acordo com as necessidades e características individuais e também, coletivas. A Declaração Mundial de Educação para Todos, em Jomtien, 1990, assim como a Declaração de Salamanca em 1994, dentre outros manifestos, foram fundamentais para a implementação da Educação Especial nas escolas de ensino regular, dentro da perspectiva da inclusão e não apenas de integração escolar (MANTOAN, 2003; 2006).

No entanto, como seria possível promover as condições necessárias para o ensino e a aprendizagem dos estudantes com necessidades educacionais específicas (NEEs)? Quais seriam essas necessidades? Como a escola reorganizaria um currículo pensado para turmas de alunos/as homogêneas? Os tempos e espaços escolares estariam adequados? Os professores e professoras teriam capacitações para lidar com esta diversidade?

Esses são questionamentos que, infelizmente, ainda compõem o cenário da educação inclusiva. Porém, passados mais de trinta anos, esse novo paradigma, por meio de estudos e pesquisas, tem apresentado possibilidades de práticas educativas e metodologias de ensino que viabilizem a inclusão escolar, assim como a aprendizagem e o desenvolvimento dos sujeitos PAEE em turmas comuns do ensino regular (BRASIL, 1996; 2015).

Para Zerbato e Mendes (2018, p. 149), a escola inclusiva requer, além de outros aspectos, “a construção de uma cultura colaborativa” para elaborar e implementar práticas pedagógicas inclusivas. Assim, o Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA) surge não apenas como estratégia de ensino que favorece a aprendizagem do sujeito com NEEs, mas dos estudantes como um todo, considerando que cada um tem suas particularidades, que incluem fragilidades e potencialidades.

Da mesma forma, contribui ao ampliar a variedade de opções para o ensino de todos/as, considerando a expressão do conhecimento, o envolvimento e a motivação (ZERBATO; MENDES, 2018; SEBASTIÁN-HEREDERO, 2020; GÓES; COSTA, 2022). Neste contexto, o DUA é apresentado como

importante aliado no desenvolvimento de práticas educativas que consideram a diversidade presente em sala de aula.

De acordo com Góes e Costa (2022):

As ideias do Desenho Universal (DU, do Inglês *Universal Desing* - UD) surgiram de discussões mundiais, que ganharam visibilidade após a Segunda Guerra Mundial, sobre a conscientização de projetos que atendessem a todas as pessoas, independentemente de suas deficiências e necessidades, sobretudo devido ao número expressivo de ex-combatentes que retornaram aos Estados Unidos com alguma deficiência (p. 25).

Segundo os autores, o DUA vem na sequência deste movimento, a partir da discussão sobre acessibilidade na sociedade de modo geral, inclusive na educação, a fim de minimizar e/ou extinguir barreiras metodológicas para a aprendizagem de modo a atender a todos/as com igualdade de oportunidades. Nesse sentido, Zerbato e Mendes (2018) afirmam que consiste na elaboração de estratégias para a acessibilidade de todos em condições físicas, de serviços, produtos e propostas educacionais para que todos possam aprender sem qualquer limitação.

Do inglês, *Universal Desing for Learning* - UDL, então, o DUA consiste:

[...] em currículos que possam ser aplicados a todos os estudantes, sem adaptações, desenvolvendo o engajamento deles na aprendizagem, independentemente da necessidade específica, tornando o processo de ensino e aprendizagem inclusivo (GÓES; COSTA, 2022, p. 28).

De acordo com os autores, a partir da necessidade dos pesquisadores David Rose, Anne Mayer e outros, de produzirem material didático único que atendessem às pessoas com distintas deficiências, é que se chegou ao DUA. Acerca disso, Sebastián-Heredero (2020) traz que:

O DUA considera a variabilidade/diversidade dos estudantes ao sugerir flexibilidade de objetivos, métodos, materiais e avaliações, permitindo aos educadores satisfazer carências diversas. O currículo que se cria seguindo a referência do DUA é planejado desde o princípio para atender as necessidades de todos os alunos (p. 736).

Segundo o autor, o DUA incentiva propostas que sejam flexíveis desde o início e que, com isso, permitam aos estudantes progredir a partir do nível de conhecimento em que estão e não de onde se acredita que estejam. Tal concepção pode ser relacionada com os pressupostos firmados a partir de Vygotsky com a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) sendo que o estudante parte do conhecimento prévio e, com os estímulos e mediação docente e/ou dos pares, segue em direção ao conhecimento a ser construído.

Para explicitar o DUA, Sebastián-Heredero (2020) apresenta três princípios: *Modos Múltiplos de Apresentação*, que seria o “o que da aprendizagem”; *Modos Múltiplos da Ação e Expressão* com o “como da aprendizagem” e; *Modos Múltiplos de Implicação, Engajamento e Envolvimento* representando “o porquê da aprendizagem”. Zerbato e Mendes (2018, p. 151) trazem o *Engajamento* como o primeiro princípio do DUA e destacam algumas estratégias para o seu alcance: “(i) fornecer níveis ajustáveis de desafio; (ii) oferecer oportunidade de interagir em diferentes contextos de aprendizagem e (iii) proporcionar opções de incentivos e recompensas na aprendizagem”.

Como possibilidades de recursos a serem utilizados, as autoras citam: o uso de *softwares* interativos, textos, livros digitais, jogos, músicas, tutoria de pares e avaliação com base no desempenho do estudante. Com relação ao *princípio da representação*, as autoras definem como “estratégias pedagógicas que apoiam a apresentação e o reconhecimento da informação a ser aprendida. É a relação que se faz com o conhecimento por meio da memória, necessidade e emoções de cada um” (ZERBATO; MENDES, 2018, p. 151). Segundo elas, aponta caminhos aos estudantes para que acessem conhecimentos prévios, concepções, pensamentos, assim como, oferece apoio para a compreensão de informações e a construção de novas aprendizagens.

De modo prático, seria oferecer diferentes exemplos sobre os mesmos conteúdos, destacando suas características e utilizando diferentes recursos como: livros digitais, *softwares*, *sites* específicos, cartazes, resumos de textos, esquemas, cartões táteis e com diferentes cores... Já o *princípio da Ação e Expressão* foca nas maneiras de processar as informações a serem aprendidas, com base em propostas flexíveis, que ofereçam retornos relevantes e contínuos a fim de que os estudantes possam demonstrar suas competências (ZERBATO; MENDES, 2018).

Como exemplos de estratégias, as autoras citam: o uso de mapas conceituais, construídos com ferramentas digitais e em papel; a aprendizagem cooperativa, por meio de rodas de conversas e seminários; apresentações orais e socialização. O princípio da *Ação e Expressão* visa as estratégias usadas para processar a informação a ser apreendida, a partir de propostas de ensino flexíveis, que oportunizem atividades com apoio, forneçam *feedback* e possibilitem demonstrar competências.

De modo prático, Zerbato e Mendes (2018) indicam o uso de mapas conceituais construídos de forma escrita e digital, mapa gráfico, aprendizagem cooperativa, rodas de conversa, fóruns, seminários, ou seja, atividades que estimulem exercícios orais e a socialização. Assim como Góes e Costa (2022), as autoras afirmam que não há uma receita para o ensino de todos/as, pois isso implicaria pensar em algo homogêneo, o que não condiz com

a proposta do DUA e de educação inclusiva. Ao contrário, é preciso olhar para a diversidade, conhecer os sujeitos envolvidos e encontrar a melhor forma de contemplar suas necessidades e modos de aprender através dos princípios propostos.

Nesse sentido, a partir do aporte teórico-reflexivo trabalhado no curso de extensão *Desenho Universal para Aprendizagem com foco no público da educação especial e na perspectiva inclusiva*, proposto pela Universidade Federal do Pampa - Unipampa, apresenta-se uma proposta de planejamento seguindo os princípios do DUA, pensada para uma turma de curso técnico integrado ao ensino médio, com o objetivo de tecer articulações possíveis entre os pressupostos teóricos e o contexto prático, locus de atuação da cursista.




O planejamento e o DUA como metodologia de trabalho inclusivo na educação profissional

Segundo Libâneo (2018), o planejamento escolar consiste numa atividade de previsão da ação a ser realizada, com a definição das necessidades a serem atendidas, objetivos a alcançar, de acordo com as possibilidades, recursos, tempos e formas de avaliação. Para o autor, o que se planeja são as atividades de ensino e de aprendizagem, determinadas pela intencionalidade educativa e envolve: “objetivos, valores, atitudes, conteúdos, modos de agir dos educadores que atuam na escola” (LIBÂNEO, 2018, p. 125).

A atividade final do curso foi desenvolvida a partir de um planejamento que teve base em Libâneo (2018). Além de contemplar os elementos do planejamento escolar, considerando os princípios do DUA, era necessário conhecer a realidade e a diversidade presente no contexto da turma para a qual a proposta educativa será desenvolvida (ZERBATO; MENDES, 2018; GÓES; COSTA, 2022).

Foi o que se buscou contemplar, com base no roteiro de planejamento disponibilizado no curso:

Figura 01: Roteiro de planejamento com foco no DUA

ROTEIRO DE PLANEJAMENTO			
1.	Identificação:		
2.	Grupo de Trabalho Colaborativo:		
3.	Perfil da turma e desafios percebidos:		
4.	Interesses da turma:		
5.	Conceitos a serem trabalhados:		
6.	Objetivos de Aprendizagem:		
<div><div><p>Fornecer vários meios de Engajamento</p><p>Redes Afetivas O "POR QUÊ" da aprendizagem</p></div><div><p>Fornecer vários meios de Representação</p><p>Redes de Reconhecimento O "O QUÊ" da aprendizagem</p></div><div><p>Fornecer vários meios de Ação e Expressão</p><p>Redes Estratégicas O "COMO" da aprendizagem</p></div></div>			
<div><div><p>Desperte entusiasmo e curiosidade para aprender: Ofereça suporte para enfrentar os desafios com persistência.</p><p>Crie estratégias para promover a autorregulação.</p><p>Finalidade: ter estudantes com propósito e motivação,</p></div><div><p>Conteúdo flexível que não depende de um único sentido (visão, tato, audição), Comunique-se por meio de linguagens que criam um entendimento compartilhado,</p><p>Construa significados para gerar novos entendimentos,</p><p>Finalidade: ter estudantes engenhosos e bem informados,</p></div><div><p>Interaja com materiais e ferramentas acessíveis. Componha e compartilhe ideias usando ferramentas que ajudam a atingir as metas de aprendizado.</p><p>Desenvolva e aja em planos para tirar o máximo proveito do aprendizado.</p><p>Finalidade: ter estudantes estratégicos e com objetivos.</p></div></div>			
Indique possíveis parcerias que você pode estabelecer com colegas, para manter o seu engajamento no estabelecimento de uma prática ética e politicamente comprometida.			
Organizado por Simone Ferreira, Laureane Costa, Rosângela Kittel e Solange Silva com base em CAST (2018; 2022)			

Fonte: 3ª Tertúlia - Caderno de Estudos: Planejamento, Práticas e Recursos Pedagógicos com foco no DUA, ano

Audiodescrição: Quadro com informações em linhas e colunas que estão distribuídas de forma aleatória, não sequencial. "Roteiro de Planejamento: 1 Identificação: 2 Grupo De Trabalho Colaborativo: 3 Perfil da turma e desafios percebido: 4 Interesses da turma: 5 Conceitos a serem trabalhados: 6 Objetivos de Aprendizagem. à esquerda, uma coluna com as informações: Fornecer vários meios de Engajamento. Redes Afetivas O "POR QUÊ" da aprendizagem. Desperte o entusiasmo e curiosidade para aprender: Ofereça suporte para enfrentar os desafios com persistência. Crie estratégias para promover a autorregulação. Finalidade: ter estudantes com propósito e motivação". No centro, uma coluna com as informações: "Fornecer vários meios de Representação. Redes de Reconhecimento O "O QUÊ" da aprendizagem. Conteúdo flexível que não depende de um único sentido (visão, tato, audição), Comunique-se por meio de linguagens que criam um entendimento compartilhado, Construa significados para gerar novos entendimentos, Finalidade: ter estudantes engenhosos e bem informados.". Na última coluna, à esquerda, as informações: "Fornecer vários meios de Ação e Expressão. Redes Estratégicas O "COMO" da aprendizagem. Interaja com materiais e ferramentas acessíveis. Componha e compartilhe ideias usando ferramentas que ajudam a atingir as metas de aprendizado. Desenvolva e aja em planos para tirar o máximo proveito do aprendizado. Finalidade:

ter estudantes estratégicos e com objetivos.” No rodapé, duas faixas coloridas. Na faixa cinza, o texto: “Indique possíveis parcerias que você pode estabelecer com colegas, para manter o seu engajamento no estabelecimento de uma prática ética e politicamente comprometida.” Sobre a faixa verde, o texto: “Organizado por Simone Ferreira, Laureane Costa, Rosangela Kittel e Solange Silva com base em CAST (2018;2022).” Fim da audiodescrição.

Seguindo o roteiro proposto na 3ª tertúlia do curso e, inspirada em uma atividade realizada no ano de 2022, foi planejada a proposta de atividade. Com relação ao *Grupo de trabalho colaborativo* buscou-se propor uma prática pedagógica colaborativa entre a Professora do Atendimento Educacional Especializado (AEE), uma pedagoga, uma assistente social e a professora de Sociologia da turma (ZERBATO; MENDES, 2018).

Acerca do *Perfil da turma e desafios percebidos*, os estudantes compõem uma turma de 1º ano do curso técnico integrado ao ensino médio que, além de serem ingressantes na instituição, cursam o primeiro ano de uma nova etapa da educação básica e retornam de um contexto de ensino remoto, que perdurou dois anos, em função de um cenário pandêmico. Nesta configuração, estavam acostumados a, na liberdade de seus lares, transitar livremente por onde desejassem, fazer uso constante do celular, até porque era uma ferramenta de conexão com o restante do mundo, durante o isolamento social.

Da mesma forma, não era necessário estar atento e lidar, de forma direta, com as opiniões, expressões e convivência com outros indivíduos para além da família. Quando esse grupo de jovens retorna para a sala de aula de forma presencial e se depara com um conjunto de normas e comportamentos sociais que precisam ser retomados e até mesmo aprendidos, considerando que antes da pandemia eram dois anos mais novos e mantinham outras atitudes, há muitos conflitos neste novo coletivo que dificultam o convívio e o desenvolvimento das atividades de ensino, assim como a aprendizagem.

Neste convívio e necessidade de adaptação do grupo notou-se, por vezes, formas de comunicação violenta, com algumas expressões preconceituosas, que poderiam expressar comportamentos de Bullying. Como *interesses da turma*, considerou-se as metodologias diferenciadas, tecnologia, redes sociais e o mundo do trabalho. A partir deste contexto, elencou-se como *Conceitos a serem trabalhados*: a diversidade, a inclusão e o *bullying*.

Como *Objetivos de Aprendizagem* foram definidos: a) debater as concepções de diversidade e inclusão presentes no grupo, chegando a elaboração de uma definição coletiva; b) identificar, em diferentes espaços sociais, pessoas com diferentes características com relação à raça, gênero, etnia, sexualidade, cultura, poder aquisitivo, deficiências; c) analisar concepções e posicionamentos capacitistas enraizados no cotidiano social; d) refletir sobre o acesso, a ausência e/ou a invisibilidade destas pessoas em diferentes segmentos e setores sociais.

Para efetivar o *Princípio do Engajamento* (ZERBATO; MENDES, 2018; SEBASTIÁN-HEREDERO, 2020; GÓES; COSTA, 2022), planejou-se: problematizar as questões relativas à convivência, tolerância, aceitação, capacitismo e posicionamento crítico no convívio social de forma ampla e, no cenário escolar, pontuando a realidade da sala de aula; apresentar a temática da aula contextualizando com a realidade da turma, mas sem expor os estudantes; reforçar que esse diálogo é necessário e importante, pois impacta no convívio e formação integral de cada um, assim como, no coletivo que compõem e nos espaços onde interagem; explicar que a aula será dividida em diferentes momentos, que todos terão a oportunidade de se expressar e expor seus posicionamentos; encorajar os estudantes a participarem oportunizando diferentes modos de comunicação: linguagem oral, escrita, encenação, um representante.

Já a proposta para implementação do Princípio da Representação, foi: reunir a turma em círculo de modo que todos se enxerguem e se percebam enquanto grupo; iniciar a discussão a partir das palavras diversidade e inclusão, projetadas no quadro; questionar os estudantes sobre suas percepções a respeito da inserção e participação de pessoas, com as diferentes características tencionadas, em diferentes setores e segmentos sociais; apresentar dados, índices numéricos e quantitativos a respeito desta participação; comentar e mostrar expressões capacitistas, racistas, sexistas, preconceituosas; possibilitar que os estudantes compartilhem suas experiências e tragam exemplos de situações que tenham experienciado nesse sentido; assistir vídeos sobre os temas; identificar a postura dos diferentes personagens e o impacto disso no convívio escolar; com o auxílio de projeção das palavras no quadro, discutir e aprofundar os conceitos: discriminação, preconceito, estigma, respeito, tolerância, reconhecimento; apresentar possibilidades de inserção e representatividade desta diversidade no mundo do trabalho e nas mídias sociais com exemplos de empresas que destinam vagas às pessoas com deficiência; homens e mulheres bem sucedidos profissionalmente, independente de gênero e sexualidade; youtubers e influencers de sucesso que representam essa diversidade social; dialogar a respeito do conceito e posturas de Bullying, bem como os prejuízos dele no convívio social;

O *Princípio da Ação e Expressão* poderá ser desenvolvido por meio das ações: construir com a turma ideias e concepções de acordo com os conceitos de diversidade e inclusão, registrá-las em um painel com frases e imagens, que poderá ser exposto na sala; produzir cards e compartilhar nas redes sociais da instituição; promover encontros do grupo com outras turmas onde os estudantes possam compartilhar as aprendizagens com outros alunos; oportunizar rodas de conversa com os professores e as famílias dos estudantes a respeito do tema; propor a produção de um vídeo com depoimentos sobre as aprendizagens com relação à temática debatida; formar parcerias com empresas e segmentos sociais com palestras sobre o

tema; promover a atividade “Cinema Inclusivo” contemplando filmes que abordem os temas na escola e que os estudantes possam discutir sobre o que foi abordado na sessão.

O planejamento incluiu ainda a previsão de possíveis parcerias com a ideia de que, conforme a proposta for sendo desenvolvida e avançar, outros professores poderão ser envolvidos e tornarem-se parceiros em um trabalho de colaboratividade (WINTERHALTER; MONZÓN, 2021). Salienta-se que o planejamento proposto ainda não foi implementado e, portanto, está apenas na fase teórico-reflexiva.

Resultados e Discussão

Os estudos e reflexões teórico-práticas oportunizados nas leituras, discussões e vídeoaulas do curso possibilitaram a compreensão do contexto na Educação Inclusiva em perspectiva histórica e, do DUA, como importante estratégia na efetivação da inclusão escolar. Seguindo a rigorosidade metódica nas práticas educativas, como defende Freire (1996), sua implementação requer a contemplação dos três princípios: *Engajamento; Representação; Ação e Expressão* (ZERBATO; MENDES, 2018; SEBASTIÁN-HEREDERO, 2020; GÓES; COSTA, 2022).

No entanto, contemplar tais princípios no planejamento e, consequentemente, nas práticas educativas não é uma tarefa simples e requer intencionalidade educativa, criatividade, estudo, pesquisa e reflexão sobre a prática (LIBÂNEO, 2018). O roteiro de planejamento disponibilizado possibilitou direcionar as atividades de acordo com a realidade da turma e viabilizou definir as ações, escolher recursos pedagógicos, assim como elencar as ações a serem realizadas com os sujeitos.

Os resultados que se apresentam são parciais, pois são com base apenas no exercício teórico-reflexivo onde a cursista busca, por meio do planejamento, implementar os conceitos e princípios do DUA no cenário da educação profissional, *locus* de sua atuação. A atividade proposta foi inspirada em uma ação já desenvolvida que foi ampliada e se tornou mais complexa a partir da intenção de contemplar os princípios do DUA.

Embora apenas no campo do planejamento, o exercício de pensar e projetar a ação educativa seguindo os princípios do DUA, enquanto estratégia de ensino, possibilitou antecipar, com intencionalidade educativa, atividades que pudessem gerar o interesse, a motivação, a participação, a percepção e a ação dos sujeitos a partir de suas diferentes características e necessidades de aprendizagem, conforme requer a educação inclusiva (MANTOAN, 2003; 2006; RAMOS, 2016; ZERBATO; MENDES, 2018; LIBÂNEO, 2018; SEBASTIÁN-HEREDERO, 2020; GÓES; COSTA, 2022).

Considerações finais

A partir das articulações estabelecidas, considera-se que a Educação Inclusiva está em movimento de afirmação e fortalecimento (MANTOAN, 2003; 2006; RAMOS, 2016). Neste processo, o DUA surge como importante ferramenta que contribui para sua implementação a partir da valorização da diversidade presente nos contextos escolares, e de propostas pedagógicas com flexibilidade de objetivos, métodos e avaliações (SEBASTIÁN-HEREDERO, 2020; GÓES; COSTA, 2022).

O trabalho educativo/formativo, nesta perspectiva, possibilita a participação dos sujeitos a partir de seus conhecimentos, interesses e capacidades, viabilizando, assim, a construção de aprendizagens mediadas pelos professores e também pelos pares, por meio das interações e diálogos que oportuniza ao contemplar os três princípios: *Engajamento; Representação; Ação e Expressão* (ZERBATO; MENDES, 2018; SEBASTIÁN-HEREDERO, 2020; GÓES; COSTA, 2022). O planejamento docente ganha destaque nesta aproximação entre o DUA e a Educação Inclusiva porque é nele que será expressa toda a intencionalidade educativa de promover a inclusão, através das escolhas de conteúdos, metodologias e encaminhamentos que serão desenvolvidos (LIBÂNEO, 2018).

As reflexões tecidas neste texto possibilitam perceber que a base conceitual ofertada no curso “Desenho Universal para Aprendizagem com foco no público da educação especial e na perspectiva inclusiva”, proposto pela Unipampa, subsidiou a prática educativa proposta no planejamento apresentado. O curso, portanto, visa fomentar práticas de educação inclusiva, destacando o DUA como importante estratégia de ensino. Assim, valoriza e contribui com a formação de educadores/as inclusivos.

Espera-se que as articulações estabelecidas entre os teóricos, conceitos e possibilidades apresentados possam inspirar e encorajar outras práticas pedagógicas que contemplem os princípios do DUA. Também, que possamos seguir aprendendo sobre modos de tornar nossa educação cada vez mais inclusiva em seus diferentes níveis e modalidades de ensino.

Referências

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. Lei nº 13.146 de 06 de julho de 2015. **Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência)**. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015_2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em: 27 out. 2022.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. LDB nº 9394/1996. Brasília: MEC, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GÓES, A. R; COSTA, P. K. Do Desenho Universal ao Desenho Universal para a Aprendizagem. In: GÓES, A. R; COSTA, P. K. **Desenho Universal e Desenho Universal para a Aprendizagem**: fundamentos, práticas e propostas para a Educação Inclusiva. São Carlos: Pedro & João Editores, p. 25-33, 2022.

LIBÂNEO, J. C. **Organização e Gestão da Escola**: Teoria e Prática. 6 ed. São Paulo: Heccus, 2018.

MANTOAN, Maria Tereza Eglér. **Inclusão escolar** - O que é? Por quê? Como fazer? São Paulo: Moderna, 2003.

MANTOAN, Maria Tereza Eglér. **Inclusão Escolar**: pontos e contrapontos. São Paulo: Summus, 2006.

RAMOS, R. **Inclusão na prática**: estratégias eficazes para a educação inclusiva. São Paulo: Summus, 2016.

REGO, T. R. **Vygotsky**: uma perspectiva histórico-cultural da educação. Petrópolis: Vozes, 2014.

SEBASTIÁN-HEREDERO, Eladio. **Diretrizes para o Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA)**. Universal Design Learning Guidelines. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbee/a/F5g6rWB3wTZwyBN4LpLgv5C/?lang=pt> Acesso em: 05 jul. 2022.

UNESCO. **Declaração mundial sobre educação para todos e plano de ação para satisfazer as necessidades básicas de aprendizagem**. Jomtien, Tailândia: UNESCO, 1990.

WINTERHALTER, Diolinda Franciele; MONZÓN, Andrea. A formação de professores para/na educação inclusiva: capacitação em colaboratividade no contexto do ensino remoto. **Cadernos do Aplicação (UFRGS)**, n. 34, v. 2, jul-dez. 2021a. DOI: <http://dx.doi.org/10.22456/2595-4377.114011>. Acesso em: dia mês ano.

ZERBATO, A; MENDES, E. **Desenho universal para a aprendizagem como estratégia de inclusão escolar**. Revista Educação Unisinos. v. 22, n. 2, p.147-155, 2018.

Cinema poético

AMOR AO PRÓXIMO - NA PERSPECTIVA DO DESENHO UNIVERSAL PARA A APRENDIZAGEM (D.U.A).

Júlio César Santana De Maria²⁴

Todas as pessoas podem ser grandes porque todas pessoas podem servir. Não é preciso ter um diploma universitário para servir. Não é possível fazer concordar o sujeito e o verbo para servir. Basta um coração cheio de graça. Uma alma gerada pelo amor. Martin Luther King.

Introdução

Falar em educação nunca foi uma tarefa fácil. Com o passar do tempo desconstruímos, construímos ou reconstruímos conceitos e conhecimento. Freire (1996), contextualizou que ensinar não é transmitir conhecimento, sendo o professor um mediador no processo de ensino-aprendizado, devendo esse, levar em consideração o conhecimento prévio que cada discente traz consigo, respeitando a diversidade em sala de aula.

Partindo do princípio que na educação desconstruímos, reconstruímos ou construímos conceitos e conhecimento, o Desenho Universal para a Aprendizagem (D.U.A), apresenta-nos esse caminho a ser trilhado.

De acordo com os estudos realizados no curso de extensão *Desenho Universal para a Aprendizagem com foco no Público da Educação Especial e Na Perspectiva Inclusiva 2022*, oferecido pela Universidade Federal de Pampa Campus Bagé, o Desenho Universal para a Aprendizagem tem como diretriz olhar cada discente numa perspectiva onde todos tenham direitos

²⁴ Professor adjunto I; E.M Prof. Maria de Lourdes Santos (Rede Municipal); Praia Grande-SP.

e ferramentas de acesso que contribua a sua formação, compreendendo que dentro de sala de aula existe diversidade, assim, devendo-se respeitar a diversidade e proporcionar o ensino inclusivo a cada discente, incluindo à todos, pessoas com e sem deficiência. Conforme Heredero (2020), o DUA considera a diversidade dos estudantes ao sugerir flexibilidade de objetos materiais, métodos e avaliações, permitindo aos profissionais da educação satisfazer carências diversas, assim, o currículo é criado seguindo o DUA é planejado desde o princípio para atender todos os discentes, realizando mudanças necessárias, permitindo que os estudantes possam progredir a partir de onde estão, e não de onde imaginamos que estejam.

Com os estudos realizados nas três Tertúlias e pelos cadernos de estudo conforme as autoras Costa et. al, [2023?]; Kittel et. al, [2023?]; Ferreira et. al, [2023?], a sociedade apresenta três modelos de concepção de deficiência, são eles: Místico, Médico e Social. O Modelo Místico está ligado ao sobrenatural, onde acredita-se que a pessoa com deficiência está nessa condição porque foi fruto do amor e da misericórdia ou castigo de Deus. Na educação esse modelo é presente quando os educadores superprotegem o aluno com deficiência, não oportunizando um vivência igualitária como outros discentes. O segundo modelo é o Médico, nessa concepção tem origem natural e orgânica, assim, a pessoa com deficiência é vista como fruto de alterações genéticas, de doenças ou de acidentes, que podem ser curadas, consertadas e medicalizadas para a solução da deficiência. O terceiro modelo é o Social que compreende a deficiência, propondo uma mudança no modo de se pensar sobre a pessoa com deficiência, trazendo uma reflexão de como essas pessoas devem ser incluídas na sociedade, sem um olhar capacitista, observando e colocando em prática, como as pessoas com deficiência devem ser inseridas na sociedade.

Diante do conhecimento sobre os modelos de concepção da deficiência acima e entendendo que as pessoas com deficiência têm objetivos, sonhos, metas, planos, o DUA vem apresentar uma reflexão que mexe em estruturas e conceitos que foram construídos pela sociedade ao longo do tempo, para a desconstrução e a construção de novos saberes.

Conforme os estudos dos modelos de concepção da deficiência realizado pelas autoras acima, vale ressaltar, que o capacitismo surge de uma concepção errônea de que a pessoa com deficiência não é capaz de realizar determinadas situações, de estar presente naquele local entre outros fatores por conta de sua deficiência. Assim, o Desenho Universal para a Aprendizagem vem quebrar esse paradigma, tendo um olhar inclusivo, afirmando que a pessoa com deficiência é capaz de chegar a Universidade e ganhar espaços na sociedade da mesma forma que uma pessoa sem deficiência.

Compreendendo o contexto sobre o DUA e aplicando-o na prática, venho, por meio deste relato, apresentar o projeto Cinema Poético: Amor ao próximo na Perspectiva do Desenho Universal para a Aprendizagem realizado com a turma do 5º ano que leciono, onde foi utilizado como referência o livro de *Martin Luther King* da Editora Mostarda e trabalho em sala de aula, que contextualiza o respeito, amor e as questões de igualdade que Martin Luther King lutou para conquistar em sua vida. Esse projeto trouxe para os alunos uma construção de mundo a ponto de fazê-los analisar sobre a diversidade da sociedade em que vivemos, respeitando e colocando-se no lugar do próximo (questões reflexivas apresentadas no curso de extensão da Universidade Federal de Pampa campus Bagé).

Assim, esse projeto foi pensado em ser apresentado no contexto de cinema poético. O que é cinema poético? O cinema poético busca trabalhar poemas que os alunos confeccionaram em sala de aula por meio de pesquisas, rodas de conversa, de leitura etc. para ser realizado um vídeo onde são declamados poemas de própria autoria, podendo haver partes de encenação pelos discentes. Vale ressaltar que essa turma vem do contexto da pandemia, onde ficaram sem aulas no ensino presencial aproximadamente dois anos letivos, devido a adoção do ensino remoto e em seguida o ensino híbrido.

Procedimentos metodológicos

O *Cinema Poético: Amor ao Próximo* foi construído em etapas. Baseado no Livro *Martin Luther King* da editora Mostarda, no primeiro momento foi realizado a leitura desse livro, em seguida na roda de conversa, os discentes expressaram seus conhecimentos prévios sobre Martin Luther King e a compreensão da história lida.

A segundo momento foi aprofundar o conhecimento indo na sala de informática buscar os ideais de Martin Luther King para consolidar o que haviam conhecido por intermédio da história lida em sala de aula, em seguida, os discentes realizaram ilustrações sobre esses ideais.

O terceiro momento os estudantes realizaram pesquisas sobre personalidades no mundo e no Brasil que tiveram ideias iguais ou próximos de Martin Luther King, nesse momento surgiram nomes como Princesa Isabel, Dandara dos Palmares, Nelson Mandela, Mahatma Gandhi etc. Essas pesquisas contribuíram para os discentes compreenderem que no mundo houve outras pessoas que lutavam pelo respeito, igualdade, e, principalmente, tendo como base o amor ao próximo. Assim, puderam analisar que cada personalidade estudada era diferente, porém, o que essas personalidades tinham em comum?

No quarto momento do projeto foi apresentado o gênero textual: poema, mediante pesquisas na sala de informática na internet que buscavam a temática do projeto, através de leitura desses poemas em roda de leitura, poemas criados pelo professor (eu) na época de escola com temas pertinente ao projeto etc. Nesse momento foi acrescentado a leitura do livro *Aceitar as Diferenças* da editora Ciranda de Livro que aborda a questão das pessoas com deficiência, pessoas que vivem na rua, contribuindo para a formação dos discentes.

O quinto momento foi nomeado como Audições para a escolha dos alunos que iriam declamar o poema no cinema poético. A inscrição dos discentes foi de forma autônoma, respeitando cada indivíduo. Os jurados eram os próprios alunos da sala de aula, assim, os discentes que se inscreveram nas audições, tiveram que apresentar as declamações de poemas trabalhados em sala de aula.

O sexto momento contou com a produção textual de poemas com a temática estudada. Após a confecção realizada dos poemas, foi escolhido pelos alunos 4 poemas para ser declamado no cinema poético.

A sétima etapa foi a construção do vídeo para o cinema poético onde participou os alunos que foram escolhidos pela sala para declamar o poema e a participação de todos os discentes da sala na encenação. Para a encenação os discentes confeccionaram bandeiras de alguns países a partir do atlas escolar, ao som da música a Paz da banda Roupas Nova. Vale ressaltar que os dois primeiros alunos estavam levando o globo e os discentes seguintes a bandeira do Brasil, da Rússia e Ucrânia (para deixar uma mensagem de paz para a guerra vivenciada entre os dois países) e o resto da turma seguiram com as bandeiras de outros países representando os continentes do planeta Terra.

Os recursos utilizados foram a tecnologia como os computadores da sala de informática, livros que os discentes puderam buscar informações e manusear na biblioteca escolar, em sala de aula foi passado vídeos do Youtube sobre a temática estudada, além de rodas de leitura e conversa. Em todo o processo de construção desse projeto buscou a autonomia dos alunos, trabalhos em coletivo etc.

Resultados e discussão

Ao longo das etapas do projeto, até sua finalização, foi observado que os discentes compreenderam a proposta. Passaram a ter um olhar de respeito, união de compreensão com seu próximo (sendo pessoas com ou sem deficiência), com atitudes de pensar em ajudar o seu próximo. Suas produções textuais

referente ao gênero poema e outras estudadas ao longo do ano (que não fizeram parte do projeto) ficaram mais ricas, adquiriram autonomia para expor suas ideias e a compreensão e interpretação sobre textos estudados melhorou.

Vale ressaltar que essa turma iniciou o ano letivo com dificuldades pedagógicas e de interação social devido há dois anos letivos de pandemia e conforme esse ano letivo foi passando, foram apresentando evolução no pedagógico e na interação de forma positiva.

Olhando para esses resultados vale fazer uma análise sobre o que Freire (1996) diz: que ensinar não é transmitir o conhecimento, que ensinar significa construir o conhecimento, onde o professor deve mediar o processo de ensino-aprendizagem a partir do conhecimento prévio que cada aluno traz consigo, respeitando a diversidade existente em sala de aula. Assim como Heredero (2020), com as concepções sobre o Desenho Universal para a Aprendizagem que enriquece o conhecimento sobre o real sentido de incluir a diversidade.

Considerações finais

Com esse trabalho proposto, vivenciei na prática o que é o Desenho Universal para a Aprendizagem. Por meio do DUA pode haver a real inclusão, respeitando a diversidade em sala de aula.

Vale ressaltar que o DUA não contextualiza apenas a inclusão da pessoa com deficiência, mas sim de todos. Quando Martin Luther King lutou pelos seus direitos e de seu próximo na sociedade na luta contra o preconceito racial, Martin estava pensando na diversidade, lutando contra o capacitismo etc. Deixo a reflexão: Será que Martin Luther King estava aplicando o DUA em sua luta? Mesmo o DUA não sendo em contextualizado em sua época?

Assim, o educador que passa a conhecer o DUA torna-se uma personalidade como Martin Luther King, lutando pelos direitos dos discentes, pelo respeito a diversidade, na luta contra o capacitismo e por um modelo de concepção da deficiência que inclua e compreenda a pessoa com deficiência, oportunizando o ensino de qualidade, respeito e igualdade.

Referências

ALVES, Denise de Oliveira; BARBOSA, Kátia Aparecida Marangon. Experiências Educacionais Inclusivas: refletindo sobre o cotidiano escolar. *In*: Organizadora: ROTH, Berenice Weissheimer. **Experiências educacionais Inclusivas** - Programa Educação

Inclusiva: direito a diversidade. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, Brasília, 2006.

BRASIL. **Lei brasileira de inclusão da pessoa com deficiência.** Câmara dos Deputados. Brasília, Edições Câmara, 2015, (Série legislação; n. 200). Disponível em: <http://bd.camara.gov.br/bd/handle/bdcamara/24099>. Acesso em: 01 nov. 2022.

COSTA, L. M. L; KITTEL, R; FERREIRA, M, S. **Estudos da Deficiência na Educação:** refletindo o Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA) como uma Possibilidade de Ensino para Todas as Pessoas. Capítulo 1 - Concepções que atravessam as práticas das profissionais da Educação, [2023?] No prelo.

KITTEL, R; FERREIRA, M, S; COSTA, L. M. L. **Estudos da Deficiência na Educação:** refletindo o Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA) como uma Possibilidade de Ensino para Todas as Pessoas. Capítulo 2 - Saber como incluir é importante, mas saber por que incluir é fundamental, [2023?] No prelo.

FERREIRA, M, S; COSTA, L. M. L; KITTEL, R. **Estudos da Deficiência na Educação:** refletindo o Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA) como uma Possibilidade de Ensino para Todas as Pessoas. Capítulo 3 - Planejamento, Práticas e Recursos Pedagógicos com Foco no Desenho Universal para a Aprendizagem/DUA, [2023?] No prelo.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia:** Saberes necessários à prática educativa. 25ª Edição, São Paulo, Paz e Terra, 1996.

HEREDERO, Sebastián Eladio. Diretrizes para o Desenho Universal para a Aprendizagem (D.U.A). Revisão de Literatura, **Rev. bras. educ. espec.** 26, outubro-dezembro de 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbee/a/F5g6rWB3wTZwyBN4LpLg-v5C/?lang=pt>. Acesso em: 01 nov. 2022.

A importância do DUA nas práticas pedagógicas

Roquelene Almeida de Jesus²⁵

Alcimara Matta de Souza²⁶

Edenilson Fernando Catarina²⁷

Elma Rejane Fontinelles da Silva²⁸

Taís Granato Nogueira²⁹

A forma como promovemos a aprendizagem precisa entender seu viés conceitual para todos aqueles que fazem parte do cenário educacional a fim de garantir que realmente se possa promover espaços de relação, de desejo pelo aprender, de transformação de conhecimentos e saberes.

Rosita Edler Carvalho

25 Graduada em Pedagogia- Universidade Adventista de São Paulo(UNASP) - São Paulo - SP; Professora Orientadora de Leitura na rede municipal de São Paulo - SP.

26 Graduada em licenciatura plena em pedagogia pela faculdades integradas de cruzeiro (fic). Pós graduada em atendimento educacional especializado pela faculdade faveni, pós graduada em aee e atendimento de recursos multifuncionais pela faveni, pós graduada em autismo pela faveni, Pós graduada em deficiência intelectual pela faculdade da aldeia de carapicuíba, pós graduada em psicopedagogia institucional e clinica

27 Graduado em Licenciatura em Pedagogia pelo Instituto Federal Catarinense (IFC), especialista em Atendimento Educacional Especializado pela Faculdade de Administração, Ciências, Educação e Letras, Professor de Atendimento Educacional Especializado em municípios de Balneário Camboriú/SC.

28 Graduada em Licenciatura Plena em Pedagogia Instituição: Universidade do Estado de Mato Grosso, Campus de Sinop (UNEMAT). Conclusão em 2010.Pós- Graduada em Educação Infantil e Alfabetização, na Instituição: IEPES-MT Instituto de Ensino Pós-Graduação de Sinop. Conclusão em 2011.Pós-graduada em Educação Especial e TGD – Transtornos Globais do Desenvolvimento, Grupo Educacional FAVENI. Conclusão 2022. Pós Graduação em Educação Especial e Educação Inclusiva,Faculdade Unyleya em andamento.

29 Graduada em Licenciatura em Letras Português e Literaturas de Língua Portuguesa- Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) - Bagé-RS; Técnica em Processamento de Dados -Centro Universitário da Região da Campanha (URCAMP)- Bagé-RS ; Professora de Ensino Fundamental e Médio no Estado do RS e membra do Grupo Inclusive -Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) - Bagé-RS.

Introdução

No âmbito educacional temos vários dispositivos normativos que garantem o direito da escolarização dos estudantes do público-alvo da Educação Especial (PAEE) em classes comuns e nos serviços de apoio especializados a serem implantados para a efetivação da inclusão escolar, assegurando, não somente a sua inserção numa sala de aula, mas o acesso ao conhecimento e à aprendizagem.

Mudar o ato de ensinar não é uma tarefa fácil e simples a ser executada, nem é possível que o professor sozinho a realize. É necessária uma rede de profissionais de apoio, recursos suficientes, formação e outros aspectos necessários para a execução de um bom processo ensino-aprendizagem. A inclusão escolar não se faz somente dentro da sala de aula.

É necessário que haja diversificação de materiais, organização do tempo, modificações no espaço físico da sala de aula, atividades em grandes ou pequenos grupos, e outras estratégias de ensino. São práticas pedagógicas que tornam em desafio diário o ato de construir conhecimentos, pois exigem dos profissionais saberes diversificados sobre quais estratégias devem ser utilizadas, assim como, mais informações sobre seu aluno e suas reais necessidades.

Diante do quadro desafiador que contemplamos, como melhor trabalhar com turmas heterogêneas? A apropriação de um currículo aberto e flexível seria o caminho mais eficaz? Ou um currículo fechado traz objetivos mais pontuais e iguais para toda turma? O ensino individualizado e as adequações curriculares são boas propostas?

Esclarecemos estas e outras questões ao participarmos do curso Desenho Universal para Aprendizagem (DUA) com foco no público da Educação Especial e na Perspectiva Inclusiva, realizado pela Universidade Federal do Pampa e Grupo de Pesquisa e Extensão Inclusive-Bagé-RS, Educação a Distância (EaD), que atribui um olhar amplo a partir das interações ao longo da jornada de modo colaborativo. O conceito DUA, teve sua origem por profissionais da área de arquitetura dentro de uma universidade americana, tinham como objetivo principal a elaboração de produtos e ambientes onde todos pudessem usar em sua maximização sem a necessidade de algum tipo de adaptação.

O DUA visa a criação de produtos acessíveis, no caso da educação, é pensar em um planejamento onde seja possível a aproximação de todos os alunos, independentemente de suas limitações, características pessoais e culturais, de idade e até mesmo de habilidades, estimulando o educando por meio coletivo e individual e tarefas sensoriais. O foco principal é que haja o

menor número de barreiras possíveis no processo de ensino - aprendizagem, e, sim, a experimentação via manipulação, participação, independentemente de suas limitações.

A Educação Inclusiva é parte integrante do DUA, pois não é apenas vinculada aos alunos que necessitam dela e, sim para todos os envolvidos no processo educativo, dar a seguridade que todos com autonomia e participação ativa acessem espaços e atividades construídas dentro do planejamento docente.

Ao estudar e vivenciar as diretrizes do DUA, entendemos que o currículo deve ser pensado em consonância de alternativas acessíveis, pertencentes e apropriadas, não sendo limitadoras ou excludentes. Cada estudante possui sua bagagem, um ritmo e devemos ampliar suas capacidades, abrindo um leque de possibilidades, aumentando sua visão de mundo, criando experiências de conhecimentos visando o aprendizado.

Não se trata de seguir uma preferência pedagógica ou um modelo de ensino, mas, sim, uma ênfase na necessidade de renovar as práticas, devido às transformações da nossa realidade educativa atual que, infelizmente, ainda parece apontar para um antagonismo fundamental entre a população estudantil atendida atualmente e o currículo, denominado de tamanho único por Rose e Meyer (2002), que é oferecido de modo padronizado, engessado e imposto.

Procedimentos metodológicos

Este curso nos permitiu novos conhecimentos e ampliou nosso olhar revelando várias constatações como a de que todos aprendem, em tempos e por meio de abordagens diferentes. Não existe uma receita pronta para ensinar e, sim modos de agir, por isso a importância e relevância do DUA no processo de ensino - aprendizagem, onde todos serão contemplados com as atividades desenvolvidas, pois a prioridade é o aprendizado com equidade.

Durante nosso contato teórico com as diretrizes do DUA fomos introduzindo-o em nossas práticas em salas de aula comum e de recursos, visando atender a diversidade presente, realizamos atividades em grupos, onde os estudantes desempenham papéis pré-definidos. Todos participam com suas habilidades, são respeitados pelos colegas e há troca de conhecimento durante as apresentações e/ou rodas de conversas e atividades individuais com a orientação do professor.

Nas práticas da disciplina de Geografia foi realizado um trabalho em grupo onde os estudantes tinham como objetivo escolher um país da América Central e falar sobre sua economia, cultura e culinária, e desse país, escolher

uma cidade, construir uma maquete do lugar que mais a representasse. Foram apresentados os países que constituíam toda aquela área, utilizando diversos recursos para que os estudantes pudessem acessar esse conhecimento, tais como uso de tecnologias e muitos outros. Foram permitidos aos estudantes que realizassem essa pesquisa em espaços diversos (dentro de sala ou no ambiente externo).

O grupo de Pete ficou com o Brasil, ele participou de todo o processo da distribuição do que cada um iria falar e da elaboração da maquete.

O grupo de Peter possuía quatro estudantes, contando com ele, foi uma aula bem expositiva com imagens do Brasil passadas no telão; o cartaz na cartolina e apresentação da maquete que representou um ponto turístico do Rio de Janeiro. A fala de Peter foi relativa às cores da bandeira do Brasil (Verde, Amarelo, Azul e Branco) e sobre as comidas típicas (Arroz tropeiro, Arroz com pequi e Feijoada), que representam a gastronomia brasileira. Peter ainda não consegue falar em público e prefere fazer suas apresentações gravadas, ele gosta de se ver na tela.

Figura 1: Cartaz produzido por estudantes Figura 2: Maquete finalizada



Reprodução Própria, 2022

Audiodescrição: Composição com três imagens. À esquerda, um cartaz produzido por estudantes com imagens do mapa e bandeira do Brasil, desenho do Cristo Redentor e textos manuscritos. No centro e no canto direito, maquete colorida com uma avenida, um campo de futebol, o Cristo Redentor e uma praia com o mar. Fim da audiodescrição.

Em matemática foram realizadas atividades em grupo, onde os estudantes resolviam a situação problema apresentada, utilizando recursos escolhidos pelo próprio grupo (materiais manipuláveis, desenho, etc.). Após a resolução apresentavam à classe as soluções encontradas, explicando as estratégias utilizadas.

Figura 3 Resolução de situação problema



Fonte: Reprodução Própria/ 2021

Audiodescrição: fotografia de duas crianças sentadas em uma mesa redonda com estante de livros ao fundo. As crianças usam máscaras de proteção e sobre a mesa, papel e régua. No canto direito, vemos um braço com a mão que segura um lápis azul sobre o papel. Fim da audiodescrição.

Na aula compartilhada de oralidade, a professora realizou a leitura do livro *O Rabo do Rato*, apresentada aos estudantes as imagens, depois distribuiu exemplares nos grupos, para leitura dialogada; num terceiro momento, os estudantes foram divididos em grupos e lhes foram propostos a dramatização do texto. Realizamos a reescrita em grupo, na qual foi apresentada e discutida, resultando numa reescrita única para a classe, onde a professora assumiu o papel de escriba e os estudantes ilustraram o texto.

Figura 4: Ilustração do texto coletivo



Fonte: Alunos da EMEF Prof. Clemente Pastore, Reprodução Própria, 2022

Audiodescrição: fotografia com 6 crianças sentadas em torno de uma mesa redonda em uma biblioteca. São meninos e meninas que escrevem em folhas brancas e leem livros. Três crianças que estão de frente para nós têm os rostos cobertos por figurinhas de carinhas amarelas com sorriso. Fim da audiodescrição.

Na sala de recursos, acontece o trabalho paralelo ao da classe comum, onde os estudantes têm acesso a materiais e atividades adaptadas, respeitando o currículo e complementando os conteúdos a serem ou anteriormente desenvolvidos em sala.

Figura 5: Atividade de coordenação motora para aluna com TEA - Sala de Recursos. (Ensino Fundamental I)



Audiodescrição: fotografia de uma menina vista de cima. Ela de pele clara, cabelos loiros presos em um rabo de cavalo, está sentada diante de uma mesa branca, tem a cabeça inclinada para baixo e toca com a mão direita um papel com uma atividade. Fim da audiodescrição.

Figura 6: Aluno com dificuldade de aprendizagem. Identificação, orientação e leitura. Trabalho com regiões brasileiras – Sala de recursos. (Ensino Fundamental II)



Fonte: Alunos da sala de recurso, reprodução própria, 2022

Audiodescrição: fotografia de um menino negro de pele clara com os cabelos curtos. Ele está sentado diante de um computador com monitor amarelo. Na tela, a representação do mapa do Brasil com as regiões e legendas coloridas. Fim da audiodescrição.

Resultados e discussão

Por meio do processo avaliativo, observamos que os objetivos foram atingidos, pois os estudantes demonstraram seus saberes e conhecimentos durante a

confeção de maquetes e cartazes, apresentação aos colegas, socialização das metodologias utilizadas e realização de atividades individuais e em grupo.

O DUA é um aliado em potencial do trabalho colaborativo para o favorecimento da inclusão escolar, pois converge em um objetivo comum: a construção de práticas pedagógicas acessíveis para a escolarização de todos em sala de aula do ensino comum por meio da parceria colaborativa entre professor de ensino comum e Educação Especial e/ou outros profissionais especializados.

O resultado desse estudo foi perceber o avanço significativo do aluno atendido e o compartilhamento das informações entre as equipes de trabalho que trouxeram muitas realizações.

Em um estudo de Nunes e Madureira (2015), as autoras apontam a urgência em se pensar práticas pedagógicas inclusivas, de modo a garantir o acesso, a participação e a aprendizagem de todos os alunos.

Garantir o acesso à escola regular constitui a dimensão mais fácil de alcançar no processo de inclusão, pois depende sobretudo de decisões de natureza política. Já assegurar a aprendizagem e o sucesso na aprendizagem envolve mudanças significativas nas formas de conceber a função da escola e o papel do professor no processo de ensino e aprendizagem. Trata-se, portanto, de equacionar processos pedagógicos inclusivos que permitam o envolvimento efetivo de crianças e jovens com NEE na aprendizagem [...] Tal necessidade está associada ao aparecimento do conceito Universal Design for Learning (UDL) nos anos 90 (NUNES & MADUREIRA, 2015, p. 7).

Considerações finais

Muito, tem se falado sobre o DUA no processo de ensino - aprendizagem e, com os estudos recentes, aprendemos que a real eliminação de barreiras depende de todos nós, de um olhar diferenciado para cada aluno e todas essas orientações estão contidas no DUA. É necessário ampliar as oportunidades para que os alunos consigam adquirir conhecimentos sobre as aulas programadas. Não há aluno X ou Y, mas todos são discentes, onde cada um tem a sua complexibilidade no processo de aprendizagem. É fundamental que todos possam adquirir conhecimentos de uma forma coletiva, onde todos consigam compreender o que está sendo proposto para aqueles momentos na sala de aula.

O DUA contribuiu para a prática profissional, a busca de novas ferramentas, mudanças de intervenções de forma coletiva e colaborativa. Um conjunto de articulações em busca de novas reflexões.

No entanto, é imprescindível que se tenha um olhar acolhedor. Precisamos estar atentos ao outro e ajudá-lo com ações que colaboram, para que seja feita uma escola inclusiva, pois precisamos nos fazer inclusivos para cada estudante que ali entrar, com suas singularidades, dificuldades, e potencialidades, isso é o DUA, com uma proposta de inclusão e promover o acesso do estudante ao currículo. O professor precisa conhecer sua turma para traçar estratégias, ações, encaminhamentos e materiais adequados para utilização de todos os estudantes. Muito se discute a importância do AEE e o ensino colaborativo, que tem como conceito o professor da sala regular trabalhando em conjunto com o professor da sala de recurso.

O propósito é garantir a articulação de saberes entre ensino especial e comum, combinando as habilidades dos professores. Assim, o professor regente da turma traz os saberes disciplinares, os conteúdos, o que prevê o currículo e o planejamento da escola, juntamente com os limites que enfrenta para ensinar o aluno com necessidade especial.

O professor do ensino especial, por sua vez, contribui com propostas de adequação curricular, atentando para as possibilidades do estudante, considerando as situações de ensino propostas e as opções metodológicas, planejando estratégias e elaborando recursos adequados para a promoção de sua aprendizagem (MARIN; BRAUN, 2013, p. 53).

Deste modo também se percebe a importância de elaborar o Plano de Desenvolvimento Individual (PDI), desse estudante, no qual possibilita o aluno com necessidades especiais apropriar-se do conteúdo programático de acordo com a sua condição e/ou no seu tempo, através de uma intervenção educacional adequada para cada caso/condição que se apresente. O PDI é individual e deve prever várias formas de avaliação, apoio e observação, disponibilizadas diante da especificidade do aluno, pois na avaliação do processo de aprendizagem de um discente com necessidades especiais, o educador deverá levar em conta os aspectos cognitivos, motores, psicomotores interpessoais afetivos, comunicacionais, que condicionam e/ou potencializam a apropriação do conhecimento.

No processo de ensino - aprendizagem, percebemos que, por mais que tenhamos autonomia para ensinar, realmente, a forma que iremos realizar as intervenções não será a mesma, pois nada está pronto e, sim em constante transformação. Sendo assim, por meio da utilização de intervenções adequadas, preparando materiais planejados e pensados para garantir aos estudantes seus direitos de aprendizagens, poderemos assegurar uma qualidade de ensino de forma equitativa.

Referências

CARVALHO, Rosita Edler. **Removendo Barreiras para a aprendizagem**: educação inclusiva. Porto Alegre: Mediação, 2010.

MARIN, Márcia; BRAUN, Patrícia. Ensino colaborativo como prática de inclusão escolar. In: GLAT, Rosana; PLETSCHE, Márcia Denise. (org.). **Estratégias educacionais diferenciadas para alunos com necessidades especiais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, p. 53, 2013.

NUNES, C.; MADUREIRA, I. Desenho Universal para a Aprendizagem: Construindo práticas pedagógicas inclusivas. **Da investigação às práticas**, v.5, n.2, p.126-143, 2015.

ORSATI, F.T. Acomodações, modificações e práticas efetivas para a sala de aula inclusiva. **Temas sobre desenvolvimento**, v. 19, n.107, p.213-222, 2013.

ROSE, D.H.; MEYER, A **Teaching every student in the digital age**: Universal design for learning. Alexandria, ASCD, 216p,

Como o desenho universal para a aprendizagem – DUA transformou minha prática pedagógica:

RELATO DE EXPERIÊNCIA

Tarcila Berr Perez³⁰

Introdução

O desafio proposto foi de comentar como o curso sobre Desenho Universal para a Aprendizagem influenciou nossas perspectivas educacionais e relatar experiências e instrumentos ou adaptações por nós gerenciadas para a promoção desse fazer no nosso trabalho.

Escrever sobre inclusão nos tempos atuais parece modismo em que muito se diz, pouco se entende e menos ainda se pratica sobre o material estudado.

Na contramão desse paradoxo, do qual só entendem realmente aqueles que vivenciam a rotina das especificidades, as Tertúlias planejadas com foco no

³⁰ Centro de Atividades de Altas Habilidades/Superdotação, Amapá.

desenho universal para a aprendizagem reuniram teóricos de todas as linhas com pessoas e profissionais do universo das especificidades tão debatidas outrora para reunir metodologias simples e ferramentas possíveis para adoção de uso que fossem facilitadoras do processo na percepção desse universo.

Durante o curso do Tertúlia DUA foram abordadas concepções que atravessam as práticas, bem como o histórico, os princípios e as diretrizes do Desenho Universal para a Aprendizagem, e enfim, efetivamente, pensar nas possibilidades de planejamento, práticas e recursos.

A catarse surge quando nos perguntamos: como dinamizar e ao mesmo tempo se conectar com os estudantes em sala?

Imaginem vocês, caros leitores, que para minha grata surpresa, durante o fazer rotineiro da profissão, descobri que já utilizava um recurso substitutivo inserido na minha rotina, uma ferramenta simples e útil capaz de otimizar seu tempo e de ampliar sua percepção do aluno como indivíduo e desvendar as referências estatísticas do grupo em que estão inseridos.

Há 14 anos desenvolvi um modelo de *Relação de Frequência*, o qual aprimorei com o passar dos anos para através dela de 'coletar' o maior número possível de informações de cada aluno que escreve seu nome nela. Vou deixar um modelo em anexo e descrever cada detalhe de uso que ela me confere.

Parece tão simples, e realmente é!

Você poderá testar o meu modelo por um bimestre e realizar as melhorias que sentir necessárias para que ela funcione cada vez mais na sua rotina, pois o uso constante dela otimiza seu tempo, prioriza o aprendizado do estudante e te ajuda a conhecer as necessidades de cada um e daquele grupo ao mesmo tempo.

Para entender melhor os usos da ferramenta citada acima, voltemos um pouco ao que se remete o Desenho Universal para a Aprendizagem.

A Educação Especial de cunho segregacionista, antes da Constituição Federal de 1988, fundamenta-se em um modelo médico. A Educação Especial de caráter inclusivo, a partir da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva de 2008, inspira-se no modelo social da deficiência.

O conceito de interseccionalidade nasceu, por volta da década de 1990, pela jurista e feminista negra norte-americana Kimberlé Crenshaw, que usou a metáfora da interseção para mostrar que esses eixos se cruzam e se sobrepõem. Essa é uma reflexão importante para pensarmos a deficiência na interseção com gênero, raça, classe, sexualidade, religião,

território, nacionalidade. A Interseccionalidade e a ética do cuidado são conceitos que surgiram no campo dos Estudos Feministas, uma força teórica que sustenta ações comprometidas com o combate a todas as formas de opressão e desigualdade.

Fazemos parte do grupo de transição metodológica, fomos constituídos academicamente assim e transcendemos para a cultura empoderadora.

Escolhi então, uma ferramenta de simples adaptação, que venho aprimorando há 14 anos, como sugestão de uso adaptado ao DUA, para otimizar o tempo em sala dos colegas de profissão e, ao mesmo tempo, absorver o máximo de informação de cada estudante durante esse curto processo.

Vamos então a ela: “A Relação de Presença”.

Desenvolvimento

Vamos propor aqui um substitutivo das chamadas realizadas no início das aulas que consomem tempo e que são obrigatórias no início dos trabalhos em cada turma como forma padrão de registro, pois o Diário de classe, seja impresso ou digital, precisa ser diariamente ser preenchido, e conforme a SEED-DF (2021) “O Diário de Classe é um documento de escrituração escolar coletivo, no qual devem ser registradas, sistematicamente, as atividades desenvolvidas com a turma, o resultado do desempenho e a frequência dos estudantes.” Com base nisso, vocês verão logo a seguir, que independente do diário ser digital ou impresso, o instrumento que apresento a seguir é um substituto eficaz por fornecer todas essas informações devidamente documentadas e ao mesmo tempo economizar esse tempo de “chamada” para explicações extras, exercícios adaptados e atenção focada no aluno como indivíduo.

A Relação de Frequência substitui totalmente a chamada de presença dos estudantes realizada no início de cada aula e garante maior autonomia do tempo expositivo/dialogado dos conteúdos apresentados em sala.

**VEJA A RELAÇÃO DE FREQUÊNCIA DESMEMBRADA
E EXPLICADA ABAIXO:**

Quadro 1: descrição do quadro

RELAÇÃO DE PRESENÇA
Prof.(a) (NOME)_____ - (DISCIPLINA)

Fonte: A autora, 2022

1ª§ título: identificação do formulário

2ª§ subtítulo: identificação do profissional

*(NOME) Identificação do professor ministrante.

*(DISCIPLINA) a ser ministrada para essa turma.

Quadro 2: descrição

Conteúdo:

Fonte: A autora, 2022

3ª§ e 4ª§ descrição: *Conteúdo programado a ser trabalhado nesse dia e horário.

Quadro 3: localização tempo/espço

Turma:	Horário:	Data:
--------	----------	-------

Fonte: A autora, 2022

*Turma: da sala em que a lista será assinada, esse dado indica a série e o turno em que se está trabalhando.

*Horário: especifica em qual tempo, se 1º, 2º, 3º, 4º, 5º e/ou 6º h/a no dia em questão.

* Data: determinando assim o dia da semana/mês trabalhado. Em caso de sábado letivo, pode acrescentar "ref. a", exemplo: 04/03/2023 ref. a 2ª (como referente a segunda-feira)

Quadro 4: Orientações

ESCREVA SEU NOME COMPLETO, sem abreviaturas, em seu número, EM LETRA DE FORMA.
--

Fonte: A autora, 2022

*linha de Orientações de preenchimento aos alunos mais desatentos.

Quadro 5: Assinaturas

01.	26.
02.	27.
03.	28.
04.	29.
05.	30.
06.	31.
07.	32.
08.	33.
09.	34.
10.	35.
11.	36.
12.	37.
13.	38.
14.	39.
15.	40.
16.	41.
17.	42.
18.	43.
19.	44.
20.	45.
21.	46.
22.	47.
23.	48.
24.	49.
25.	50.

Fonte: A autora, 2022

Espaço à esquerda dos números para ordenação manual de entrega ao professor, metodologias empregadas serão descritas a seguir.

Essa ferramenta substitui totalmente a chamada realizada no início de cada aula.

Instruções de uso para os professores

Entre na sala mostrando a folha e anunciando para todos na sala: “Lista de Frequência! Por favor assinem em SEU NÚMERO...” e entregue essa relação ao 1º estudante sentado no início da fila de carteiras ao lado da porta de entrada. Siga para sua mesa e continue a aula normalmente. Ao finalizar

sua escrita no quadro ou o comando de exposição do assunto, verifique se a lista já passou por todas as mesas e solicite-a de volta, anuncie que está aguardando para ver os cadernos daqueles que já concluíram a tarefa.

Inicia o momento de “dar o visto” (pode usar carimbo com rúbrica), esse não é o momento para correções ainda, mas é para anotar no lado esquerdo do número do estudante a colocação na ordem de entrega do estudante e com essa ação observar de perto quem é essa pessoa, se a letra do caderno confere com a da lista, se as anotações ou exercícios foram completamente efetuados e no fim do período para anotar se está incompleto, não entregue ou registrar a FALTA do aluno em sala, cujo nome foi escrito pelo empático/amigo colega de classe (note que também pode identificar o colega bondoso pela letra). Com essa conduta de rotina, sobra tempo para correções em grupo e explicações mais detalhadas para oportunizar esclarecimentos necessários dos erros comuns verificados no momento do visto e aos alunos o tempo necessário para corrigir ainda em sala os seus erros. Essa troca promove a fixação do conhecimento abordado e melhor explicado, bem como o esclarecimento geral e individualizado de dúvidas, proporcionando ao professor uma percepção das necessidades metodológicas do grupo e esclarecimento de dúvidas específicas dos alunos.

Em outro momento, pode ser um horário de intervalo entre os períodos, você repassa presenças e faltas para o diário eletrônico ou impresso, identifica os alunos comprometidos com as aulas, analisa os alunos que necessitam de maior esforço nas abordagens de conteúdo e com o tempo identifica os interesses de cada um para manter sua atenção em você e as formas de motivação que apresentem melhores resultados. Com esses dados pode-se relacionar os alunos resistentes ao estudo, que precisam de um agendamento para visita social de um chá/café com a família (um momento para conhecer o ambiente de formação moral e elogiar esse filho) uma ação simples que aproxima essa família de você e torna a criança sua aliada, simplesmente por poder olhar em seus olhos e afirmar “conheço sua família e sei onde você mora”.

Análise geral

As possibilidades de uso podem ir muito além do uso básico citado acima, a análise criteriosa da caligrafia utilizada e da postura do estudante que se aproxima e/ou se afasta da sua mesa, pode trazer muito mais informação sobre ele em sua linguagem corporal, nos materiais que utiliza, em seu comportamento ou na forma que se apresenta.

O encontro com os responsáveis deve ser planejado para ocorrer da maneira mais positiva o possível, o reconhecimento de que eles estão fazendo por seus filhos o melhor que podem deve ser constante e a semente da esperança de um futuro brilhante deve ser cultivada por você, um parceiro acessível entre a rotina deles e a escola.

Possibilidades pedagógicas

Essas informações podem ser arquivadas por você para adaptação de materiais suplementares para dispor aos mais carentes ou compartilhadas quando necessário com seus colegas em caso de suspeita de abuso ou violação e/ou com os responsáveis nos plantões pedagógicos.

Ao final do bimestre grampeio juntas e em ordem crescente as relações de frequência de cada turma separadamente, isso me proporciona uma visão do estado de espírito de cada aluno conforme a letra e o resultado apresentado por eles a cada dia, apresento aos responsáveis as assinaturas de suas crianças com o desempenho apresentado ou as possibilidades de melhorias de desempenho por elas em cada dia de aula, esse é um discurso de fatos, sem julgamentos, para ao final reafirmar que somos parceiros nesse processo e que precisamos, ou não, do apoio dos responsáveis nesse processo.

Conclusão

Somos capacitistas em desconstrução!

Nossa forma de pensar, falar, agir, promover encontros ou mesmo evitá-los, tudo isso vai compor nossa história pessoal e coletiva.

A mudança começou muito antes, mas se enraíza na nossa geração. Até mesmo o significado de gênero que esteve vinculado a construções sociais que indicam as expectativas que uma determinada sociedade teve em relação a homens e mulheres, estabelecendo relações de desequilíbrio de poder já adquiriu novos horizontes.

Contudo, a Relação de Frequência quando utilizada corretamente é um substituto integral das costumeiras 'chamadas' e uma ferramenta de observação do indivíduo e do grupo em que está inserido, aproximando e humanizando todo o processo de avaliação quantitativa e qualitativa educacional em um único instrumento, agilizando e dinamizando todo o processo ao priorizar o tempo de qualidade em sala de aula para o ensino-aprendizado.

Referências

COELHO, Beatriz. **Citação direta:** diferença entre citação curta e citação longa nas normas da ABNT. Blog Mettzer. Florianópolis, 2021. Disponível em: <https://blog.mettzer.com/citacao-direta-curta-longa/>. Acesso em: 10 mai. 2021.

COELHO, Beatriz. **Conclusão de trabalho:** um guia completo de como fazer em 5 passos. Blog Mettzer. Florianópolis, 2020. Disponível –giyfxem: <https://blog.mettzer.com/conclusao-de-trabalho/>. Acesso em: 10 mai. 2021.

COELHO, Beatriz. **Introdução:** aprenda como fazer para seu trabalho acadêmico. Blog Mettzer. Florianópolis, 2021. Disponível em: <https://blog.mettzer.com/introducao-tcc/>. Acesso em: 10 mai. 2021.

DMITRUK, Hilda Beatriz (Org.). **Cadernos metodológicos:** diretrizes da metodologia científica. 5 ed. Chapecó: Argos, 2001. 123 p.

Escola 21.net. [Diário de Classe Digital]. web, 19 nov. 2022. digital. Disponível em: <https://www.diariodeclasse.net/>. Acesso em: 14 nov. 2022.

MARTINS, Everton. **Artigo acadêmico:** importância, como escrever e formatação na ABNT. Blog Mettzer. Florianópolis. Disponível em: <https://blog.mettzer.com/artigo-academico/>. Acesso em: 19 nov. 2022.

DUA

APROXIMANDO SABERES E AMPLIANDO POSSIBILIDADES

Mary Anny da Silva Machado Moraes³¹

Janayne Tayane Pereira Darolt³²

Margareth Marquetti³³

Maria De Lourdes Ribeiro Soares Skeff³⁴

Introdução

O presente trabalho é um relato de experiência de cursistas do Curso DUA – Desenho Universal para a Aprendizagem desenvolvido pela Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA. O curso de Extensão em Desenho Universal para Aprendizagem - DUA, com o foco no público da Educação Especial e na perspectiva inclusiva, apresenta proposta de mudanças de olhar para as práticas profissionais nas buscas de possibilidades, descrição do papel do outro como mediador, do uso dos instrumentos culturais, trazendo modificação na Educação Especial, qualquer inovação que se queira precisa radicalizar a uma proposta educacional que de fato inclua o aluno com a sua deficiência e propicie sua formação humana integral valorizando as potencialidades e propiciar meios que favoreçam o seu desenvolvimento reconhecendo assim,

31 Tutora no curso Desenho Universal para a Aprendizagem. Graduada em Pedagogia(Urcamp/Campus Bagé) e Educação Especial(UFSM) Especialização em Educação e Diversidade Cultural(Unipampa/Campus Bagé) Professora de Educação Infantil e Anos Iniciais da rede pública de ensino de Bagé e Candiota.

32 Licenciatura em pedagogia pela faculdade Uniasselvi. Especialização em educação especial. Especialização em neuropsicopedagogia. ICPJ. Professora no AEE rede pública de ensino em Blumenau SC.

33 Formada em pedagogia com complementação em educação especial. Pelo faculdade universal. Com pós em psicopedagogia institucional pela Universidade Castelo Branco. Pós em educação infantil séries iniciais e gestão pela faculdade de administração, ciências, educação e letras_ FACEL Aupex. Pós em educação especial pela Calar Faculdade Ltda. Mestrado em educação pela Universidade DEL MAR. Professora no AEE rede pública de ensino em Blumenau SC

34 Graduação em Pedagogia pela Universidade Estadual do Piauí (2007) em LETRA/LIBRAS (2021) pela UINIAS-SEVI, Técnica em tradução e Interpretação da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) pela UNITESSE, Professora da Educação Básica da Secretaria da Educação do Estado do Piauí. Professora de Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS do Curso de Filosofia e Teologia do Instituto Católico de Estudo Superior do Piauí ICESPI.

pressupõe aceitar sua diferença com vistas a garantir que sua singularidade seja contemplada dentro do processo educativo. O professor precisa conhecer o aluno considerando as suas necessidades, dificuldades ou limitações para poder fazer uso de conhecimentos e de instrumentos que favoreçam as práticas de ensino e a aprendizagem. Sendo assim o breve relato irá contar como o DUA entrou e se faz presente em nossa vida profissional, onde nós professores eternos aprendizes estamos em desconstrução para construir uma nova versão, uma nova realidade na educação inclusiva dos nossos alunos.

Procedimentos metodológicos

Durante a vida profissional sempre encontramos dificuldades sejam atitudinais, ambientais ou sócias..., mas podemos mudar os nossos conceitos, ações e olhares...

Diante da realidade em que nos encontramos no contexto escolar temos vários estudantes que apresentam fragilidades na vida escolar, e como educadores necessitamos do ponto de vista considerar todos os fatores que estão sendo levados para esta fragilidade, sejam biológicos, neurológicos ou social. Antes de julgar a situação precisamos conhecer o que levou a tal comportamento.

Sabemos que nos tempos atuais muitas famílias desestruturadas onde os nossos estudantes são criados por pessoas despreparadas e, muitas vezes, abusivas, que o amor, carinho, respeito e confiança são encontrados por terceiros onde o vínculo de afetividade se estabelece com um simples gesto.

O primeiro caderno de estudos conforme Costa et. al, [2023?] denomina-se de: CONCEPÇÕES QUE ATRAVESSAM AS PRÁTICAS DOS/AS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO, instiga a política pública ativa (colocar as leis em prática) não para com as pessoas com deficiência, mas para um todo. Um controle de natalidade para priorizar o sujeito com todos os seus direitos e deveres.

Em contra partida temos também muitas famílias que lutam pelos direitos e deveres dos seus filhos, que explica e realização de atitudes que são favoráveis a inclusão, que buscam mostrar a realidade para ele em todos os sentidos, para assim fortalecer a percepção de sociedade para com a sociedade.

Como professoras na área da educação especial dentro da AEE (Sala de Recurso Multifuncional), que acompanhamos o dia a dia dentro do contexto escola e relatos das famílias seja dos anseios, dificuldades, conquistas, dúvidas percebemos que a dificuldade encontrada sendo nada mais que o transcender a realidade do cotidiano do sujeito social perpassa pela escola.

O contexto familiar nos dias atuais, percebemos o luto, para muitos familiares é a quebra do cristal, o sonho que está sendo modificado. Cada sujeito transcende de uma forma alguns como autoritário para firmar o seu amor pelos filhos, muitas vezes o subestimando e superprotegendo. Outro não compreende o que e como fazer a diferença no educar, mas quebra paradigmas em pedir ajudar e se colocar contraria ao outro mesmo que de forma sutil, para garantir o direito de ir e vir.

Desenho Universal de Aprendizagem (DUA), está chegando para quebrar paradigmas do contexto escolar, onde o estudante era percebido como um receptor do conhecimento não como agente que está interligado no processo contribuindo para o mesmo. Hoje os estudantes precisam ter o conhecimento do porquê, o que e como se ocorre a aprendizagem. Onde o Professor necessita ter a visão do todo observando suas peculiaridades, respeitar a diferença de cada educando e trabalhar com a diversidade que encontramos dentro da escola. Que os estudantes aprendam com as diferenças, respeitando-as. Se tornando protagonistas do processo de aprender em ensinar que ocorre durante toda nossa vida.

Já o segundo caderno conforme relato de Kittel et. al, [2023?] HISTÓRICO, PRINCÍPIOS E DIRETRIZES DO DUA, (p. 13) e de acordo com Cavellucci:

Os estilos de aprendizagem são a maneira com que o aprendiz utiliza estratégias de aprendizagem na construção do conhecimento. Tais estratégias são ferramentas que o sujeito desenvolve para lidar com diferentes situações de aprendizagem incompatíveis com seu estilo (CAVULLUCI, 2006, p. 10-11).

Após as várias leituras das tertúlias percebemos que nós seres humanos temos estilos de aprendizagem diferenciados, sendo o auditivo que escuta, memoriza a sequência e o procedimento. Cenestésico que se expressa corporalmente, a prática é mais significativa precisando de uma abordagem vivencial. Multimodal que mistura as duas formas de aprendizagem e reconhece.

O terceiro caderno conforme Ferreira et. al, [2023?] refere-se ao PLANEJAMENTO, PRÁTICAS E RECURSOS PEDAGÓGICOS COM FOCO NO DUA. Estudamos os conceitos de planejamento enquanto uma escola inclusiva. Em nossa escola o planejamento perpassa pela coordenação para ser observado, analisado e se necessário intervisto. E a coordenação tem conhecimento do público de estudantes que a nossa escola tem, assim como suas potencialidades e dificuldades. Sendo que a sala de recurso é vista como uma ponte da educação especial, nós enquanto professoras do AEE estamos aqui para mediar, auxiliar e procurar realizar da melhor forma a inclusão de todos os nossos estudantes.

Sendo esta ponte sempre que chega um estudante com laudo ou a família comunica a demanda à nossa instituição, já no ato da matrícula cha-

ma a coordenação e a mesma realiza a conversar com a família e se possível conosco. Se não for o caso da educação especial, a conversa é realizada com a psicopedagoga para que possamos melhor atender nossos educandos.

Com esta organização escolar onde a coordenação (equipe gestora), conhece os estudantes nas suas potencialidades e dificuldades e repassa em forma de documentação toda e qualquer informação que possa contribuir no processo de ensino e aprendizagem do estudante para os professores.

Se o estudante tem um laudo médico e atende os cinco critérios (higiene, locomoção, socialização, alimentação e comunicação) é realizado toda uma avaliação para a contratação de um professor de apoio pedagógico para este estudante.

Se acontecer a necessidade de um professor de apoio, ele se encontra na sala por causa do estudante da educação especial, mas não quer dizer que ele só auxiliará este estudante, mas sim a turma toda.

Para que o planejamento, adequação do currículo se torne colaborativo entre professor de apoio e professor regente ou de área, que ambos possam realizar a intervenção com os estudantes da educação especial. Lembrando que toda adequação necessita respeitar o estudante na sua individualidade.

Se está é nossa compreensão sempre vamos procurar melhorar a nossa prática pedagógica, procurando o melhor para nosso estudante respeitando toda e qualquer diferença que nós nos deparamos enquanto professores.

Hoje estamos encontrando problemas na formação dos professores onde o reflexo está acontecendo dentro das instituições escolares com profissionais que não conseguem realizar um planejamento simples quem dera um planejamento pensando no grupo dentro de cada individualidade, que geralmente não aceitam as mediações e intervenções da equipe gestora, que quer o seu trabalho pronto para apenas executar que na primeira frustração saem da instituição.

Precisamos repensar em como ensino e aprendizagem ocorre nas faculdades e universidades que em muitos momentos estão pensando na quantidade e não na qualidade de seus serviços, que a cobrança ela existe principalmente para nós que trabalhamos com seres humanos e que uma simples atitude faz total diferença.

Ainda no segundo caderno de estudo de Kittel et. al, [2023?], percebemos as fragilidades das barreiras. Pensando neste contexto a barreira atitudinal está bastante presente no contexto escolar onde precisamos constantemente quebrar preconceitos e pensar no todo, mas em cada singularidade. Que se os estudantes não estão conseguindo realizar o processo de ensino e

aprendizagem precisamos abordar outros jeitos de ensinar. E que nós somos o exemplo social principalmente dentro do ambiente escolar.

Acessibilidade Comunicacional em muitos momentos precisa ser lembrada do porquê da forma como eu aprendo outro pode demonstrar dificuldades, por este motivo necessita a diversidade de comunicação. Que equipe educacional necessita ter o conhecimento básico da língua da língua de sinais, braile e comunicação alternativa e aumentativa para mediar com os estudantes no contexto de ensino e aprendizagem.

Acessibilidade Metodológica apesar das dificuldades em compreensão de alguns profissionais temos muitos que já pensam e realizam a aplicação de diversos materiais didáticos, pensando na individualidade de cada estudante sendo assim acreditamos no modelo social para os educadores.

Acessibilidade Instrumental, enquanto escola precisamos nos encontrar mais acessíveis sendo com instrumentos para auxiliar os estudantes em um todo. Enquanto sala de recurso multifuncional (AEE) equipada para a comunidade educacional em modo geral, assim contribuindo para adequação curricular de toda a comunidade escolar.

Acessibilidade Programática, com o estudo do DUA percebemos que alguns profissionais (professores regentes ou de sala, professores de apoio) realizam as adequações de conteúdo, atividades e avaliações, já se encontrando no DUA sem ao menos perceber que esse trabalho desenvolvido se chama Desenho Universal. Porém encontramos a fragilidade com as avaliações que vem do MEC e as do município, vem padronizada como se todos aprendessem igual. Única adequação nestas provas, se for comunicada que temos estudantes, são providenciadas provas com o aumento de fonte (letra ou imagem), braile ou vem um profissional intérprete, leitor ou um escriba.

Acessibilidade Arquitetônica: por fim encontramos de uma forma bastante visível onde pessoas com dificuldade de mobilidade física não tem acesso, devido a muitas instituições escolares serem antigas não tem acesso segundo piso não conseguindo estruturar está adequação devido ao espaço ambiental. Mesmo assim banheiros acessíveis, corrimões, piso tátil, placas em Braile...

Resultados e discussão

Hoje compreendemos sobre o processo DUA, onde em muitos momentos nós já realizávamos algumas ações que vem de encontro com ele sem saber o que ao certo estávamos realizando. No qual os estudantes precisam ter o conhecimento do porquê, o que e como se ocorre a aprendizagem. Onde o Professor necessita ter a visão do todo observando suas peculiaridades,

respeitar a diferença de cada educando e trabalhar com a diversidade que encontramos dentro da escola. Sendo que o estudante se torna protagonista do processo de aprender em ensinar que ocorre durante toda nossa vida. Acreditamos, assim, que a importância do Desenho Universal para Aprendizagem é estar na formação dos docentes que estão iniciando ou os que estão engajados no processo de ensino e, assim, quebrar paradigmas do contexto escolar.

Nós enquanto educadores somos, muitas vezes, os causadores da desordem organizacional, pelo qual acreditamos no potencial do estudante e instigamos, incentivamos, ensinamos e conduzimos a práticas em que os educandos são sujeitos ativos das ações realizadas.

Considerações finais

Durante o curso tivemos encontros semanais enriquecedores, em que eram geradas muitas questões e discussões sobre o tema DUA. Esses encontros síncronos, juntamente com a tutora, permitiram que os interessados trocassem experiências, tirassem dúvidas, com essa troca, conhecendo recursos específicos e mostraram novas ideias que possibilitaram dar um novo caminho para contribuir no o progresso da educação inclusiva no Brasil.

A partir daí, com a troca de experiência, fomos capazes de criar estratégias e relatar as experiências vividas para atender às necessidades pedagógicas dos alunos sem prejuízo, as discussões geradas no âmbito desta oficina permitiram que os interessados, tirassem dúvidas, conheçam recursos específicos e tendo novas ideias e técnicas. As novas técnicas permitem vislumbrarmos o cérebro humano em funcionamento e compreender melhor como aprendemos, que possibilitaram ver a abordagem mais eficiente no atendimento aos seus alunos. A proposta do DUA é uma visão real da inclusão a ser viajada em todos os estados brasileiros ver e discutir a realidade educacional inclusiva dentro da nossa realidade encontrada amparado legalmente em princípios teóricos fundamentados em ideias democráticas de igualdade, equidade e diversidades, mostrando que com as adaptações e planejamento não haverá as barreiras e obstáculos.

Referências

COSTA, L. M. L; KITTEL, R; FERREIRA, M, S. **Estudos da Deficiência na Educação:** refletindo o Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA) como uma Possibilidade de Ensino para Todas as Pessoas. Capítulo 1 - Concepções que atravessam as práticas das profissionais da Educação, [2023?] No prelo.

KITTEL, R; FERREIRA, M, S; COSTA, L. M. L. **Estudos da Deficiência na Educação:** refletindo o Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA) como uma Possibilidade de Ensino para Todas as Pessoas. Capítulo 2 - Saber como incluir é importante, mas saber por que incluir é fundamental, [2023?] No prelo.

FERREIRA, M, S; COSTA, L. M. L; KITTEL, R. **Estudos da Deficiência na Educação:** refletindo o Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA) como uma Possibilidade de Ensino para Todas as Pessoas. Capítulo 3 - Planejamento, Práticas e Recursos Pedagógicos com Foco no Desenho Universal para a Aprendizagem/DUA, [2023?] No prelo.

DUA

POSSIBILIDADES DE APRENDIZAGENS, TERTULIANDO SEM FRONTEIRAS

Mary Anny da Silva Machado Moraes³⁵

Carmelinda Message Brandalise³⁶

Fabiani Ortiz Portella³⁷

Roberta Fröh Vieira³⁸

Rosângela Nunes Fagundes Fioravanti Carpes³⁹

Introdução

O presente trabalho é um relato de experiências elaborado coletivamente entre quatro cursistas da turma 5, nomeada Potencialidades e nossa tutora do curso de Desenho Universal para a Aprendizagem – DUA, da Universi-

35 Tutora no curso Desenho Universal para a Aprendizagem. Graduada em Pedagogia(Urcamp/Campus Bagé) e Educação Especial(UFSM) Especialização em Educação e Diversidade Cultural(Unipampa/Campus Bagé) Professora de Educação Infantil e Anos Iniciais da rede pública de ensino de Bagé e Candiota.

36 Licenciatura em pedagogia pela Faculdade Uninter. Especialização em Atendimento Educacional Especializado pela Faculdade São Vicente. Especialização em Intervenção ABA para Autismo pela Faculdade Estude sem Fronteiras. Professora de Educação Especial AEE na rede pública de ensino.

37 Mestre em Educação PUCRS e Especialista em: Psicopedagogia Clínica e Institucional, Atendimento Clínico Psicopedagógico UFRGS, Neuropsicopedagogia do Desenvolvimento Humano IERGS e Atendimento Educacional Especializado FACCAT. Pedagoga – Orientação Educacional FAPA Experiência profissional: Orientadora Educacional – Escola Pública e Privada, atua, Psicopedagoga Clínica atuando em consultório desde 1997. Pales- trante em escolas, cursos e congressos sobre o tema Psicopedagogia e Inclusão escolar. Docente em cursos de graduação em Pedagogia e Pós-graduação em Psicopedagogia, Educação Inclusiva e Atendimento Educacional Especializado. Psicopedagoga no Curso Spartha Concursos Militares. Coordenadora de Grupo de Estudos sobre o Desenvolvimento Humano.

38 Graduação em Educação Especial-Habilitação Deficiência Mental, UFSM. Especialização em Informática Básica para professor, UFRGS. Especialização em Gestão Escolar, Uninter. Atualmente Coordenadora de Educação Espe- cial SMED São Sepé - RS.

39 Graduação em Pedagogia/Orientação Educacional, FAPA - Faculdade Porto Alegrense de Educação, Ciências e Letras. Especialização em: Psicopedagogia *Clínica e Institucional, LIBRAS, Educação Especial Inclusiva, AEE. Professora de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio em Escola Especial de Surdos. Psicopedagoga Clí- nica desde 2000 e Professora de SIR/AEE na rede municipal de Porto Alegre desde 2010.

dade Federal do Pampa, UNIPAMPA. Para falarmos em Desenho Universal da Aprendizagem (DUA) temos que primeiro pensar sobre a o acesso a aprendizagem e a oportunidades, todos tem o mesmo direito, mas todos se beneficiam da mesma forma? Todos aprendem igual? Uma mesma atividade é entendida por todos?

Para minimizar essas barreiras e permitir que todos tenham acesso a aprendizagem independente da sua condição física, intelectual ou social que o desenho universal sai da arquitetura e passa a fazer parte da educação. Para DINIZ (2003) contemplando um número maior de pessoas, esse conceito consegue se aproximar do modelo social da deficiência. A noção de barreira tem que ser colocada no ambiente, na metodologia, na comunicação e não na pessoa com deficiência.

O DUA permite deslocar o olhar da necessidade específica e passa a contemplar o todo, permitindo a participação integral independente da necessidade. Como muito bem descreve o Comitê Deficiência e Acessibilidade da Associação Brasileira de Antropologia (2005) não podemos pensar a rampa apenas para o cadeirante, a audiodescrição apenas para o cego, pois esses recursos somente são utilizados na presença da necessidade e isso comprova que os espaços não estão preparados para atender a diversidade, e recaímos no capacitismo.

Ter essa visão do DUA modifica a forma de olhar e pensar a aprendizagem e as adaptações realizadas até hoje nas escolas. Utilizar esses princípios não é facilitar a aprendizagem ou usar tecnologias que permitam a acessibilidade; é um olhar muito mais amplo e humano, pois são retiradas as barreiras necessárias para sua aprendizagem e ofertadas os desafios que lhe permitirão aprender dentro de suas possibilidades.

O DUA permite que o aluno incluído se torne protagonista de sua aprendizagem, vista que são ofertadas metodologias diversificadas e flexibilização de currículos pensado na individualidade e na capacidade do aluno, assim como toda turma se torna beneficiada também.

Procedimentos metodológicos

O curso ofertado pela UNIPAMPA une os princípios do DUA ao nosso cotidiano, no meu caso atuando desde 2014 no AEE da rede municipal de Porto Alegre. Proporcionar aos alunos um aprendizado significativo e oferecer recursos de acessibilidade a TODOS nos faz refletir sobre nossa prática e buscar a cada dia recursos que proporcionem a eles a construção de seu aprendizado, independentemente de sua condição. A cada ano percebo

o crescimento do número de alunos público alvo da educação especial no ensino regular. Com isso, precisamos dar conta de uma ampla gama de pessoas, com características e necessidades específicas, mas com possibilidades e condições para o aprendizado que devem ser contempladas. Encontro no DUA meios de ampliar as oportunidades de desenvolvimento dos estudantes individualmente, planejando e escolhendo materiais didáticos que conectem o conteúdo a ser trabalhado com o dia a dia dos estudantes. Sigo estudando e buscando estratégias de atender cada aluno em sua especificidade e todos os alunos na sala de aula inclusiva.

A minha aproximação com a temática do Desenho Universal para a Aprendizagem – DUA, ocorreu através da indicação da mãe de um adolescente autista que acompanho, iniciei com estudos de textos, grupo de estudos e a participação no curso de extensão com foco no DUA, foi fundamental para poder realizar as articulações necessárias para aplicação dessa metodologia com enfoque na Educação Inclusiva na abordagem institucional, como professora responsável pelo Atendimento Educacional Especializado, em escola da rede pública estadual, visando oportunizar ambientes nos quais todos os estudantes possam ter condições de avançar em seus processos de aprendizagem, utilizando tecnologias assistivas de diversas ordens que se fizerem necessárias para aplicação prática destes princípios educativos, ou seja, com a identificação de metodologias de ensino facilitadoras da inclusão, da participação e da aprendizagem de todos

Buscar inovação e atualização sempre foi uma das premissas do meu fazer e ser educadora, ao tomar conhecimento da possibilidade de formação para professores inclusivos oferecida pelo Tertúlias que tem como objetivo constituir um espaço para debate, reflexão e construção de conhecimento multidisciplinar sobre as relações homem-sociedade-tecnologia com ênfase na aprendizagem. Essa trajetória oportunizou abertura multidimensional das possibilidades de uso de tecnologia no processo de desenvolvimento de habilidades cognitivas até o momento não tangenciadas em minha *práxis*, mesmo com advento da pandemia e a incorporação de gamificação nos atendimentos através das plataformas disponíveis, até o momento não havia deslumbrado a possibilidade de criação, execução de jogos ou histórias tangíveis com envolvimento de tantas possibilidades, em especial, da coparticipação do aluno no processo de criação e execução das histórias. A experiência possibilita a aplicabilidade de conhecimentos teóricos sobre neurociências, psicologia e pedagogia na perspectiva da inclusão social e digital, como ferramenta acessível que auxilia o neuropsicopedagogo a oportunizar experiências positivas no desenvolvimento das habilidades cognitivas, atendendo as necessidades de aprendizagem e interação.

O experimento foi aplicado em um adolescente de 15 anos, aluno da rede pública federal, cursando o oitavo ano do Ensino Fundamental,

diagnóstico atualizado em 2021, incluindo no Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) – CID F84.0, no seu histórico foi diagnosticado aos 3 meses com ECNE – Encefalopatia Crônica não evolutiva, secundárias a eventos hipóxico-isquêmico ocorrido no sistema nervoso central e associado hoje a comprometimento cognitivo grau leve secundariamente (CID10 G80.8) e epilepsia parcial (CIDG 40.2) e também apresenta deficiência visual; frequentou a Pré-Escola e entrou na escola aos dois anos e meio, estudando somente no Ensino Regular, foi alfabetizado aos 11 anos de idade, estando ainda em processo de consolidação das habilidades e competências leitoras. Uma barreira na aprendizagem é o déficit operacional na memória de trabalho e afeta significativamente a retenção do aprendizado.

De acordo com Bossa et al., 2013 considera que as crianças e adolescentes com essa condição parecem apresentar prejuízos envolvendo vários componentes das FE, havendo ainda a necessidade de se investigar a relação desses prejuízos com aqueles observados nos três domínios que compõem a tríade diagnóstica do TEA: interação social, comunicação e comportamentos, interesses e atividades restritos e repetitivos.

Considerando que o desenvolvimento ocorre através da mediação do professor, Vygostky (2003), a criança com deficiência se desenvolve de forma distinta e tal afirmação implica que o educador conheça as especificidades da deficiência para poder construir o caminho pelo qual a criança será conduzida.

Um aspecto executivo a ser desenvolvido, na intervenção com o aluno é a questão da memória pois constantemente apresenta déficit operacional nessa função executiva, criando uma série de obstáculos de aprendizagem. A memória que pode ser descrita como um sistema de arquivamento, passa por três processos: codificação, armazenamento e recuperação. Pesquisas comprovam que o aumento da memória de trabalho permite o desenvolvimento da função executiva, o controle consciente dos pensamentos, emoções e ações para atingir metas ou solucionar problemas (MC CABE et al., 2010). A função executiva permite que as crianças planejem e executem uma atividade mental dirigida a um objetivo (ZELAZO & CARLSON, 2012). Ainda de acordo com Vygostsky, as crianças aprendem interiorizando os resultados das interações com adultos, a aprendizagem mediada ajuda-as a passar pela Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) espaço psicológico imaginário entre aquilo que elas sabem ou conseguem fazer por si e o que poderiam fazer ou saber com ajuda.

Segundo vários autores (cf. CAST, 2011; COUREY et al., 2012; ROSE & MEYER, 2002) as neurociências fornecem uma base sólida para compreensão de como o cérebro aprende e como se pode proporcionar um ensino eficaz. Esses conhecimentos evidenciam que a aprendizagem é um processo multifacetado, que envolve o uso de três sistemas básicos, a saber: as redes afetivas, as redes

de reconhecimento e as redes estratégicas, correspondendo cada uma a um local particular no cérebro e tendo funções específicas (MEYER et al., 2014) (cf. Figura 2). As redes afetivas relacionam-se com a motivação para aprendizagem e ajudam o sujeito a determinar o que é importante aprender; as redes do reconhecimento referem-se ao que aprendemos e, por último, as redes estratégicas relacionam-se com o como aprendemos e indicam-nos como fazer as coisas (COUREY et al., 2012; MEYER et al., 2014). Outro contributo importante é saber que cada princípio está conectado a diferentes redes cerebrais que se alinham com os respectivos princípios, são elas: redes afetivas - princípio do engajamento, redes de reconhecimento - princípio da representação e redes de estratégia - princípio da ação e expressão (CAST, 2018).

Figura 1: Princípios básicos do DUA.

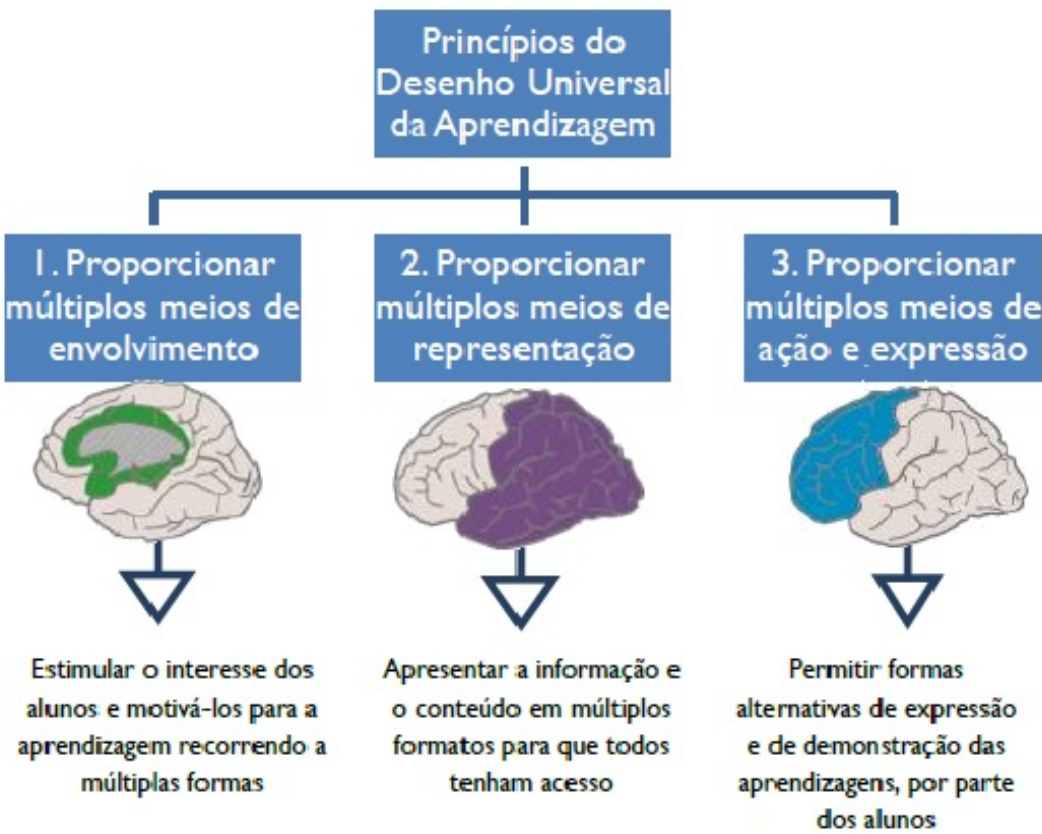


Figura 2. Princípios básicos do DUA (baseado em National Center On Universal Design for Learning, 2014. Consultado a 17 maio de 2015, em http://www.udlcenter.org/aboutudl/udlguidelines_theorypractice)

Fonte: Kittel et. al, [2023?]

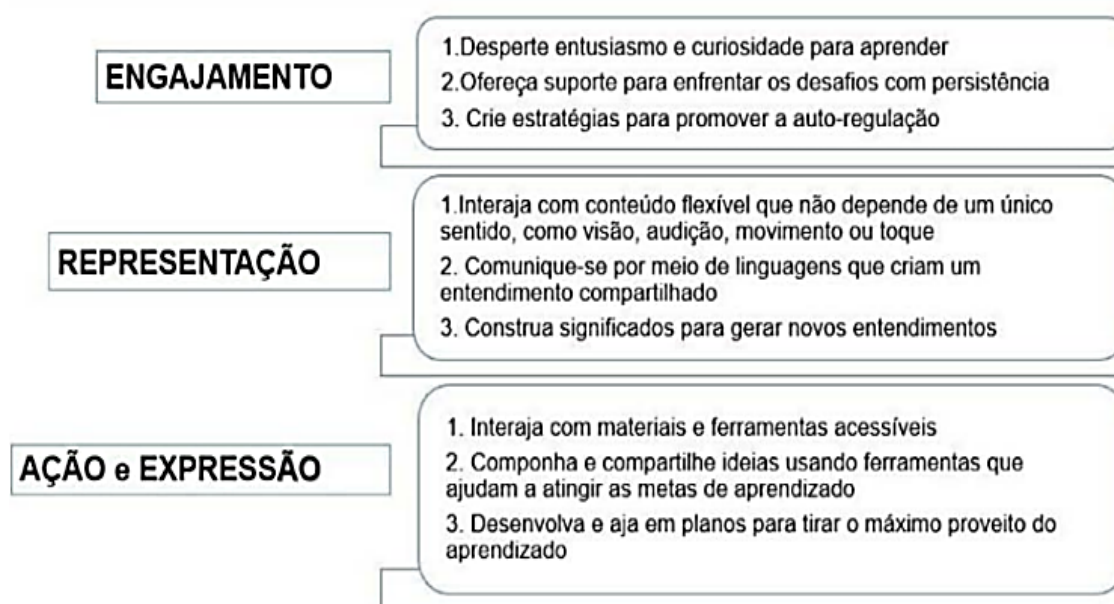
Audiodescrição: Fluxograma dividido em blocos com as informações em sequência: Princípios do Desenho Universal da Aprendizagem. 1 Proporcionar múltiplos meios de envolvimento. Estimular o interesse dos alunos e motivá-los para a aprendizagem recorrendo a múltiplas formas. 2 Proporcionar múltiplos meios de representação. Apresentar a informação e o conteúdo em múltiplos formatos para que todos tenham acesso. 3 Proporcionar múltiplos meios de ação e expressão. Figura 2.

Princípios básicos do DUA (baseado em National Center Or Universal Design for Learning, 2014. Consultado a 17 maio de 2015, em http://www.udlcenter.org/aboutudl/udlguidelines_theorypractice)
Fim da audiodescrição.

O DUA contempla a variabilidade das/os estudantes, sugerindo metas flexíveis, métodos diversificados, materiais e avaliações que capacitam as/os educadoras/es para atender às inúmeras necessidades. A estrutura do DUA incentiva a criação de designs de currículo flexíveis desde o começo, tendo opções personalizáveis, assim, permitem a todas/ os as/os estudantes progredirem de onde realmente estão e não onde teríamos imaginado que elas/es estivessem. As opções para realizar isso são variadas e fortes o suficiente para fornecer um ensino eficaz para todas/os as/os estudantes.

O Desenho Universal para Aprendizagem/DUA oferece essa possibilidade ao orientar a organização dos currículos a partir de princípios e diretrizes que promovem acessibilidade. Observe o quadro:

Quadro 1: Princípios de engajamento, representação e ação e expressão.



Fonte: Kittel et. al, [2023?]

Audiodescrição: fluxograma dividido em duas colunas de quadros com as informações: "ENGAJAMENTO: 1 Desperte entusiasmo e curiosidade para aprender. 2 Ofereça suporte para enfrentar os desafios com persistência 3. Crie estratégias para promover a auto-regulação". "REPRESENTAÇÃO: 1 Interaja com conteúdo flexível que não depende de um único sentido, como visão, audição, movimento e toque; 2 Comunique-se por meio de linguagens que criam um entendimento compartilhado; 3 Construa significados para gerar novos entendimentos". "AÇÃO E EXPRESSÃO: 1 Interaja com materiais e ferramentas acessíveis; 2 Componha e compartilhe ideias usando ferramentas que ajudam a atingir as metas de aprendizado; 3 Desenvolva e aja em planos para tirar o máximo proveito do aprendizado." Fim da audiodescrição.

Considerações finais

Não fazia ideia do que era o Desenho Universal de Aprendizagem, embora já tivesse lido em alguns documentos, mas de maneira vaga. Quando tive conhecimento da possibilidade de fazer esse curso, vi uma oportunidade única, de não só entender, mas, como professora de educação especial, poderia colocar na prática, não só com as crianças que trabalho diretamente, mas junto com a comunidade escolar, os princípios podem fazer diferença na inclusão de todos. Por meio do curso, entendi que a metodologia do DUA, é evitar a necessidade de ambientes e produtos especiais, como se tudo já fosse programado pensando só nas deficiências, porque vai muito além disso, a ideia é assegurar que todos, independentemente de suas habilidades ou características individuais, possam utilizar com segurança e autonomia os diversos espaços e objetos. Fez repensar práticas utilizadas e ver a diferença do DUA no contexto escolar, de uma forma mais inclusiva. Podemos usar em todas as atividades em relação ao ensino, na escolha do material didático, na definição das estratégias pedagógicas, no cotidiano dos estudantes, na construção de instrumentos de avaliação. A importância do DUA no currículo escolar como documento norteador de práticas mais inclusivas, tendo como objetivo a busca pela eliminação das barreiras arquitetônicas, atitudinais, urbanísticas

Referências

COMITÊ DEFICIÊNCIA E ACESSIBILIDADE DE ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA. **Contracartilha de acessibilidade**: reconfigurando o corpo e a sociedade. ABA; ANPOCS; UERJ; ANIS; CONATUS; NACI: Brasília; São Paulo; Rio de Janeiro, 2020.

CZERMAINSKI, F. R., Bosa, C. A., & Salles, J. F. Funções Executivas em Crianças e Adolescentes com Transtorno do Espectro do Autismo: Uma Revisão. **Psico**, v. 44, n.4, p.518-525, 2014.

DINIZ, D. **Modelo Social de Deficiência**: a crítica feminista. Brasília: Série Anis, v. 28, Letras Livres, n. 1-8, julho, 2003.

KITTEL, R; FERREIRA, M, S; COSTA, L. M. L. **Estudos da Deficiência na Educação**: refletindo o Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA) como uma Possibilidade de Ensino para Todas as Pessoas. Capítulo 2 - Saber como incluir é importante, mas saber por que incluir é fundamental, [2023?] No prelo.

PAPALIA, Diane E.; MARTORELL, Gabriela. **Desenvolvimento Humano**. 14ª ed. Porto Alegre: AMGH Editora, 2022.

NUNES, C., MADUREIRA, I. Desenho Universal para a Aprendizagem: Construindo práticas inclusivas, **Da investigação às práticas**, v.5, n.2, p.126-143, 2015.

VYGOTSKY, L. S. **A construção do Pensamento e da Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.